



# NO RASTRO DO COURO

UMA INVESTIGAÇÃO DO CAMPO LÉXICO DO COURO NA  
CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO JACUIPE-BA

GILMARA FREITAS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS**

**NO RASTRO DO COURO: UMA INVESTIGAÇÃO DO CAMPO  
LÉXICO DO COURO NA CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO  
JACUIPE-BAHIA**

Salvador, BA  
2025

**GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS**

**NO RASTRO DO COURO: UMA INVESTIGAÇÃO DO CAMPO  
LÉXICO DO COURO NA CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO  
JACUÍPE-BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Língua e Cultura.

Área de Concentração: Linguística Histórica  
Linha de Pesquisa: Dialetologia e Sociolinguística

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro

Salvador, BA  
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)  
Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC)

---

- F866n Freitas, Gilmar Carneiro da Silva  
No rastro do couro: [recurso eletrônico] uma investigação do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe - Bahia / Gilmar Carneiro da Silva Freitas. – dados eletrônicos. 2025.  
363 f. : il., color.
- Orientação: Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro.  
Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador, 2025.  
Disponível em formato digital, modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br>
1. Língua portuguesa - Lexicografia. 2. Vaqueiros - Couros - Lexicografia. 3. Vaqueiros - Riachão do Jacuípe (BA) - Usos e costumes. I. Ribeiro, Silvana Soares Costa. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. III. Título.

CDU: 81'374.8

---

Responsável pela Elaboração – Bibliotecária Renata Souza (CRB-5/1716 )  
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via correio eletrônico)


# GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS

## NO RASTRO DO COURO: UMA INVESTIGAÇÃO DO CAMPO LÉXICO DO COURO NA CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO JACUIPE-BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.


Aprovado em: Salvador-BA, 30 de setembro de 2025

### Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 **SILVANA SOARES COSTA RIBEIRO**  
Data: 01/10/2025 10:22:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Silvana Soares Costa Ribeiro – Orientadora  
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia – UFBA – PPGLinC

Documento assinado digitalmente  
 **TICIANE RODRIGUES NUNES**  
Data: 01/10/2025 13:29:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Ticiane Rodrigues Nunes – Docente externo à Instituição  
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará  
Universidade Regional do Cariri – URCA – PPGL

Documento assinado digitalmente  
 **NORMA LUCIA FERNANDES DE ALMEIDA**  
Data: 01/10/2025 16:27:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Norma Lúcia Fernandes de Almeida – Docente externo à Instituição  
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas  
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – PPGEL

Documento assinado digitalmente  
 **AMANDA CHOFARD**  
Data: 01/10/2025 10:34:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Amanda Chofard – Docente externo ao Programa  
Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Santa Catarina  
Universidade Federal da Bahia – UFBA – Instituto de Letras

Documento assinado digitalmente  
 **GREDSON DOS SANTOS**  
Data: 01/10/2025 16:10:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Gredson dos Santos – Docente interno  
Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia – UFBA – PPGLinC.

Aos seleiros, que costuraram no couro de minha pele a pessoa de que vou me fazendo, e aos vaqueiros, que galoparam à minha frente abrindo os caminhos por onde passo hoje: Meus avós, meus tios, meu pai, meu companheiro - homens que nesta sociedade patriarcal, ainda que inconscientemente, colocaram em minhas mãos de um lado uma soveia e do outro um punhal, permitindo-me rasgar os couros que limitam, para nós mulheres, a conquista de uma sociedade mais igualitária.

## AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é uma tarefa tão desafiadora quanto correr boi na Caatinga, é um texto que nunca estará completamente finalizado, sempre haverá pessoas a quem agradecer; mãos que apoiam e incentivam e até mesmo aquelas que tentam impulsionar para o fim do processo. E existe sempre o risco de deixar alguém nas sombras do esquecimento. Mas esse risco não será escudo para uma escrita omissa que se recusa nomear quem enaltece o caminho; por isso escrevo aqui alguns nomes, apesar da certeza de que não cabem todos nestas páginas.

Tomando a gratidão como um galope, ergo minha voz, como faz um vaqueiro campeador<sup>1</sup>, àqueles que com seus gestos e suas presenças trilham ao meu lado por estas pastagens, deixando a porteira aberta para incluir o fluxo de nomes que, certamente, irá surgir depois do manejo dessa escrita.

Como este é apenas um apear durante a jornada, uma etapa em meio a muitas, fica registrada a expressão da mais genuína gratidão por enriquecer minha trajetória aos professores da banca de Qualificação e à banca final, e um agradecimento especial a Silvana Ribeiro, minha orientadora, por me mostrar os arreios necessários e ensinar, com a paciência de uma mãe acadêmica, a utilizá-los para um galope seguro pela ciência e pela pesquisa. Então agradeço:

À minha família GMRV: Miguel, Rafaela e Vítor, ferroadada<sup>2</sup> em meu corpo e em minha vida. Agradeço a Miguel por suportar minhas longas ausências durante o processo de escrita e por ser tão bom companheiro de jornada em tantos momentos. A Vi, agradeço por cada vez que me abraçou pra me acalmar e por aceitar cada não que tive que dizer para concluir este estudo. À Finha agradeço por seu cuidado e ajuda em tantas etapas.

À minha rede de apoio, verdadeiros bate-esteiras<sup>3</sup>, pela parceria e pelo cuidado nesta pesquisa – aqui está a família mais ampla: mãe, irmãos, sobrinhos, Val, Meire, Rosa e alguns amigos. Celso, Kau e João pelo apoio em Salvador. Mile, Joba e Dani por ser meu apoio em Feira de Santana. Mainha e Jussa por estarem firmes comigo em tudo.

---

<sup>1</sup> Vaqueiro campeador é aquele que percorre os campos tocando o gado.

<sup>2</sup> Ferroar é marcar o animal com ferro quente, usado neste contexto como sinônimo de tatuagem.

<sup>3</sup> O bate-esteira é o vaqueiro auxiliar na vaquejada. Vai à frente, pega o rabo do boi e o entrega para o vaqueiro puxador.

A todos os Colaboradores e às pessoas que compartilharam saberes e histórias.

Ao meu grupo de escrita acadêmica, *As escrevientes*, por toda partilha, em especial a Naná, companheira de muitos momentos. Tantas vezes ouvi conselhos de quem não estava envolvido no processo de que eu precisava sair pra viver a vida, não sabiam as pessoas quanta coisa boa vivemos em nossa cumplicidade de grupo! Sozinha, seria impossível!

Ao meu povo do Colégio Dídimo pela parceria e incentivo.

Aos meus colegas de curso, de orientação e tantos outros.

Meu agradecimento atravessa o curral e a tenda e apeia na universidade.

## RESUMO

Esta pesquisa investigou o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe, Bahia, por meio do olhar de seleiros e de vaqueiros, dois importantes grupos profissionais dessa cultura. O objetivo foi o de seguir no rastro do couro e realizar um estudo descritivo interpretativo da cultura do vaqueiro, com foco no repertório do campo léxico do couro, para investigar as relações léxicas e culturais em itens da profissão dos seleiros e dos vaqueiros e compreender a importância do léxico como elemento de identidade cultural. Como metodologia de trabalho e de coleta de dados, adotou-se o pressuposto metodológico da Dialetoologia (Cardoso, 2010), para realizar pesquisa de campo com aplicação de questionário elaborado especificamente para a pesquisa, realização de entrevistas e observação participante. Foram alvo da pesquisa 05 seleiros e 12 vaqueiros estratificados por idade e escolaridade, todos nascidos na localidade pesquisada. Procedeu-se o levantamento do referencial teórico buscando entrelaçar estudos culturais e lexicais, considerando autores como Faria (1969) e Goulart (1965, 1966) que investigam aspectos relacionados ao couro e seus usos e Coseriu (1979, [1991]) que fundamenta o estudo dos campos lexicais. A análise dos dados se deu a partir de comparação entre o questionário desenvolvido nesta pesquisa e outros já validados; seguida de pesquisa lexicográfica realizada em cinco dicionários de diferentes épocas; análise em estudos geolinguísticos, como o de Mendes (1992) e análise autores que estudam a cultura do vaqueiro, a exemplo de Nunes (2018). Os dados levantados apontam a presença do couro em várias esferas da cultura do vaqueiro - desde a indumentária até as ferramentas de trabalho, evidenciando contribuições para a língua e a cultura. No aspecto linguístico há lexias que não haviam sido estudadas anteriormente, revelando-se inéditas nas investigações sobre a cultura do vaqueiro, como “estar em pano”, “tope” e “lato” e outras que indicam as escolhas lexicais de diferentes faixas etárias, a exemplo de “short” usado pelos vaqueiros mais jovens enquanto os mais velhos utilizam a lexia “calção”. No aspecto cultural, estão em curso mudanças relacionadas a costumes e comportamentos, como a substituição de itens tradicionais por novas referências, por exemplo, a troca do “pelego” pela “manta” e da “sela vaqueira” pela “vaqueirinha”, além de outras peças que estão entrando em desuso, como o “buçal” e o “xaréu” e como seu desaparecimento interfere na língua e na cultura imaterial. Os resultados obtidos contribuem para a compreensão da importância da relação entre língua e cultura e apontam para a necessidade de documentação das lexias e das tradições culturais em meio às mudanças que vêm ocorrendo na cultura do vaqueiro mediante as transformações sociais contemporâneas.

**Palavras-chave:** campos lexicais; cultura do vaqueiro; léxico do couro.

## ABSTRACT

This research investigated the lexical field of leather in cowboy's culture in Riachão do Jacuípe, Bahia, through the perspective of saddlers and cowboys, two important professional groups in this culture. The objective was to follow the trail of leather and to do a descriptive and interpretive study of cowboy's culture. The focus was on the repertoire of the lexical field of leather with the intention to investigate the lexical and cultural relations between work tools used by saddlers and cowboys. It also intended to understand the importance of the lexicon as an element of cultural identity. The methodological assumption of Dialectology (Cardoso, 2010) was adopted as the data collection and methodology work. There was a field research involved the application of a questionnaire, interviews and participant observation. The research included 5 saddlers and 12 cowboys, stratified by age and education. They were all born in Riachão do Jacuípe, Bahia. The theoretical framework was surveyed, seeking to intertwine cultural and lexical studies, considering authors such as Faria (1969) and Goulart (1965, 1966) who investigate aspects related to leather and its uses and Coseriu (1979, [1991]) who bases the study of lexical fields. Data analysis was based on a comparison between the questionnaire developed in this research and other ones already validated. A lexicographic research was carried out in five dictionaries from different periods; analysis in geolinguistic studies, such as Mendes' (1992) and analysis of authors who study cowboy's culture, such as Nunes (2018) were also done. The data collected show the presence of leather in several spheres of cowboy's culture - from clothing to work tools, highlighting contributions to language and culture. In the linguistic aspect, there are lexicons that had not been studied previously, revealing themselves to be new in investigations into cowboy's culture, such as "estar em pano", "tope" and "lato" and other ones that indicate the lexical choices of different age groups, like "short" used by younger cowboys while older ones use the lexicon "calção". In the cultural aspect, changes related to customs and behaviors are underway, such as the replacement to traditional items by new references. For example, the exchange of "pelego" for "manta" and "sela vaqueira" for "vaqueirinha". In addition, other pieces are falling into disuse, such as "buçal" and "xaréu" and their disappearance interferes with the language and intangible culture. The results contribute to understanding the importance of the relationship between language and culture and they point to the need to document the lexicons and cultural traditions in the middle of the changes that have been occurring in cowboy's culture through contemporary social transformations.

**Key-words:** lexical fields; cowboy's culture; leather lexicon.

## RESUMEN

Esta investigación analizó el campo léxico del cuero en la cultura del vaquero en Riachão do Jacuípe, Bahia, a partir de la perspectiva de silleros y vaqueros, dos grupos profesionales importantes de esta cultura. El objetivo fue seguir el rastro del cuero y realizar un estudio descriptivo e interpretativo de la cultura del vaquero, centrándose en el repertorio del campo léxico del cuero, para investigar las relaciones léxicas y culturales en los ítems de la profesión de los silleros y de los vaqueros y comprender la importancia del léxico como elemento de identidad cultural. Como metodología de trabajo y recolección de datos, se adoptó el supuesto metodológico de la Dialectología (Cardoso, 2010). Hubo investigación de campo con la aplicación de un cuestionario elaborado específicamente para la investigación, realización de entrevistas y observación participante. Fueron objeto de la investigación 05 silleros y 12 vaqueiros estratificados por edad y escolaridad, todos nacidos en la localidad investigada. Se procedió al levantamiento del referencial teórico buscando entrelazar estudios culturales y léxicos, considerando autores como Faria (1969) y Goulart (1965, 1966) que investigan aspectos relacionados con el cuero y sus usos, y Coseriu (1979, [1991]) que fundamenta el estudio de los campos léxicos. El análisis de los datos se realizó a partir de la comparación entre el cuestionario desarrollado en esta investigación y otros ya validados; seguido de una investigación lexicográfica realizada en cinco diccionarios de diferentes épocas; análisis en estudios geolingüísticos, como el de Mendes (1992) y análisis de autores que estudian la cultura del vaquero, como Nunes (2018). Los datos levantados apuntan a la presencia del cuero en varias esferas de la cultura del vaquero - desde la indumentaria hasta las herramientas de trabajo, evidenciando contribuciones para la lengua y la cultura. En el aspecto lingüístico, hay lexías que no habían sido estudiadas anteriormente, revelándose inéditas en las investigaciones sobre la cultura del vaquero, como "estar en pano", "tope" y "lato", y otras que indican las elecciones léxicas de diferentes grupos etarios, como "short" utilizado por los vaqueros más jóvenes mientras que los más viejos utilizan la lexía "calção". En el aspecto cultural, se están produciendo cambios relacionados con costumbres y comportamientos, como la sustitución de ítems tradicionales por nuevas referencias, por ejemplo, el cambio del "pelego" por la "manta" y de la "sela vaqueira" por la "vaqueirinha", además de otras piezas que están entrando en desuso, como el "buçal" y el "xaréu", y cómo su desaparición interfiere en la lengua y en la cultura inmaterial. Los resultados obtenidos contribuyen a la comprensión de la importancia de la relación entre lengua y cultura y apuntan a la necesidad de documentación de las lexías y de las tradiciones culturales en medio de los cambios que están ocurriendo en la cultura del vaquero ante las transformaciones sociales contemporáneas.

**Palabras clave:** campos léxicos; cultura del vaquero; léxico del cuero.

## RÉSUMÉ

Cette recherche a examiné le champ lexical du cuir dans la culture du vacher à Riachão do Jacuípe, dans l'État de Bahia, à travers le regard de selliers et de vachers, deux groupes professionnels importants de cette culture. L'objectif était de suivre la trace du cuir et de réaliser une étude descriptive et interprétative de la culture du vacher, en se concentrant sur le répertoire lexical lié au cuir, afin d'explorer les relations entre lexique et culture dans les éléments propres aux professions de selliers et de vachers, et de comprendre l'importance du lexique en tant qu'élément d'identité culturelle. La méthodologie adoptée pour le travail et la collecte des données s'appuie sur les principes de la dialectologie (Cardoso, 2010). Une recherche de terrain a été effectuée, comprenant l'application d'un questionnaire élaboré spécifiquement pour cette étude, la réalisation d'entretiens ainsi que l'observation participante. L'échantillon comprenait c selliers et douze vaqueiros, répartis selon l'âge et le niveau d'instruction, tous natifs de la localité étudiée. Un cadre théorique a été établi en croisant des études culturelles et lexicales, en s'appuyant sur des auteurs tels que Faria (1969) et Goulart (1965, 1966), qui analysent les usages du cuir, ainsi que Coseriu (1979, [1991]), référence majeure pour l'étude des champs lexicaux. L'analyse des données a été réalisée à partir de la comparaison entre le questionnaire élaboré dans cette recherche et d'autres déjà validés, suivie d'une recherche lexicographique dans cinq dictionnaires de différentes époques, d'une analyse d'études géolinguistiques, comme celle de Mendes (1992), et de travaux sur la culture du vacher, notamment ceux de Nunes (2018). Les données collectés révèlent la présence du cuir dans plusieurs dimensions de la culture du vacher – allant de l'habillement aux outils de travail – et mettent en évidence ses contributions à la langue et à la culture. Sur le plan linguistique, certaines lexies jusque-là inexplorées dans les études sur la culture du vacher ont été identifiées, telles que "*estar em pano*", "*tope*" et "*lato*". D'autres mettent en lumière les choix lexicaux selon les générations, comme "*short*", utilisé par les plus jeunes, tandis que les plus âgés préfèrent le terme "*calção*". Sur le plan culturel, des transformations sont en cours, avec la substitution d'objets traditionnels par de nouvelles références — par exemple, le remplacement du "*pelego*" par la "*manta*", et de la "*sela vaqueira*" par la "*vaqueirinha*". D'autres éléments, comme le "*buçal*" et le "*xaréu*", tendent à disparaître, ce qui affecte tant la langue que la culture immatérielle. Les résultats obtenus soulignent l'importance de la relation entre langue et culture et mettent en évidence la nécessité de documenter les lexies et les traditions culturelles face aux changements actuels qui affectent la culture du vacher dans un contexte de transformations sociales contemporaines.

**Mots-clés:** champs lexicaux; culture du vacher; lexique du cuir.

## LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1 - Trecho da entrevista 15 – material de trabalho do seleiro .....	62
Exemplo 2 - Trechos das entrevistas 16, 20 e 13 – o que faz um seleiro .....	64
Exemplo 3 - Trecho da entrevista 13 – fazedor de arção .....	68
Exemplo 4 - Trecho da entrevista 13 – a arte de trançar o couro .....	69
Exemplo 5 - Trecho da entrevista 11 – travessia do rio .....	82
Exemplo 6 - Trecho da entrevista 20 – lembrança ruim .....	158
Exemplo 7 - Trechos das entrevistas 02 e 20 – estar em couro .....	187
Exemplo 8 - Trechos das entrevistas 01 e 03 – chapéu de couro e chapéu .....	190
Exemplo 9 - Trecho da entrevista 10 – vestir gibão.....	192
Exemplo 10 - Trecho da entrevista 04 – função do gibão.....	193
Exemplo 11 - Trechos das entrevistas 02 e 05 – guarda-peito.....	195
Exemplo 12 - Trechos das entrevistas 05, 11 e 02 – calção .....	196
Exemplo 13 - Trecho da entrevista 11 – perneira.....	198
Exemplo 14 - Trecho da entrevista 14 – luva .....	199
Exemplo 15 - Trecho da entrevista 01 – sapato .....	201
Exemplo 16 - Trecho da entrevista 09 – estar em pano .....	202
Exemplo 17 - Trecho da entrevista 03 – vulnerabilidade sem os couros .....	203
Exemplo 18 - Trecho da entrevista 06 – chapéu/boné .....	205
Exemplo 19 - Trecho da entrevista 07 – cuinha .....	207
Exemplo 20 - Trecho da entrevista 03 – jaleco .....	208
Exemplo 21 - Trecho da entrevista 02 – ser vaqueiro/bota .....	210
Exemplo 22 - Trecho da entrevista 02 – desuso da cabeçada .....	214
Exemplo 23 - Trecho da entrevista 02 – testeira .....	215
Exemplo 24 - Trecho da entrevista 02 – cangoteira .....	215
Exemplo 25 - Trecho da entrevista 09 – correia de segurança.....	216
Exemplo 26 - Trecho da entrevista 20 – serigola .....	217
Exemplo 27 - Trecho da entrevista 09 – barbicacho .....	217
Exemplo 28 - Trecho da entrevista 09 – cinta do cabeção .....	218
Exemplo 29 - Trecho da entrevista 14 – correia de cabeção.....	218
Exemplo 30 - Trecho da entrevista 12 – focinheira .....	219
Exemplo 31 - Trechos das entrevistas 09 e 11 – cabeção .....	220
Exemplo 32 - Trecho da entrevista 09 – barbela.....	222

Exemplo 33 - Trecho da entrevista 09 – estrovo .....	224
Exemplo 34 - Trecho da entrevista 04 – rédea.....	225
Exemplo 35 - Trecho da entrevista 11 – traquejo da rédea .....	225
Exemplo 36 - Trecho da entrevista 08 – a sela é uma cadeira .....	227
Exemplo 37 - Trecho da entrevista 01 – capa e arção .....	228
Exemplo 38 - Trecho da entrevista 05 – carona.....	230
Exemplo 39 - Trecho da entrevista 11 – capa da sela.....	231
Exemplo 40 - Trecho da entrevista 09 – cabeçote .....	232
Exemplo 41 - Trecho da entrevista 11 – coxim .....	233
Exemplo 42 - Trecho da entrevista 13 – conserto do coxim .....	233
Exemplo 43 - Trechos das entrevistas 08, 11 e 14 – lua da sela .....	234
Exemplo 44 - Trechos das entrevistas 16 e 08 – função do guarda-cação.....	236
Exemplo 45 - Trecho da entrevista 16 – arção.....	238
Exemplo 46 - Trecho da entrevista 13 – acabaram os fazedores de arção .....	238
Exemplo 47 - Trechos das entrevistas 16 e 12 – a estabilidade do arção .....	239
Exemplo 48 - Trecho da entrevista 11 – partes do arção .....	241
Exemplo 49 - Trecho da entrevista 13 – prenda.....	241
Exemplo 50 - Trecho da entrevista 11 – arção de trás .....	243
Exemplo 51 - Trecho da entrevista 04 – loro.....	244
Exemplo 52 - Trecho da entrevista 05 – guarda-loro.....	245
Exemplo 53 - Trecho da entrevista 11 – cilha .....	246
Exemplo 54 - Trecho da entrevista 07 – ausência de nome para o tope .....	249
Exemplo 55 - Trecho da entrevista 01 – tope.....	249
Exemplo 56 - Trecho da entrevista 09 – suador.....	250
Exemplo 57 - Trecho da entrevista 09 – suador.....	251
Exemplo 58 - Trecho da entrevista 12 – cheio da sela.....	252
Exemplo 59 - Trechos das entrevistas 13, 15, 16 e 20 – declínio da sela vaqueira	257
Exemplo 60 - Trecho da entrevista 16 – fim da sela vaqueira .....	258
Exemplo 61 - Trecho da entrevista 13 – a vaqueirinha .....	259
Exemplo 62 - Trecho da Entrevista 20 – vantagens da vaqueirinha .....	259
Exemplo 63 - Trecho da entrevista 15 – da sela vaqueira para a vaqueirinha.....	262
Exemplo 64 - Trecho da entrevista 04 – o gancho da sela de pau .....	264
Exemplo 65 - Trecho da entrevista 15 – mesma lexia, diferentes modelos de sela	264
Exemplo 66 - Trecho da entrevista 05 – a sela mineira é antiga .....	267

Exemplo 67 - Trechos das entrevistas 09 e 03 – a sela mineira é para muares .....	267
Exemplo 68 - Trecho da entrevista 05 – sela de cigano .....	268
Exemplo 69 - Trecho da entrevista 09 – características da sela mineira .....	268
Exemplo 70 - Trecho da entrevista 11 – sela de pista .....	269
Exemplo 71 - Trecho da entrevista 02 – estribo da sela de pista .....	270
Exemplo 72 - Trecho da entrevista 02 – selim e selim de vaquejada .....	270
Exemplo 73 - Trechos das entrevistas 03, 12 e 16 – a sela australiana é para lazer.....	273
Exemplo 74 - Trechos das entrevistas 15 e 08 – a sela de banda é antiga .....	276
Exemplo 75 - Trecho da entrevista 15 – a selinha de corrida .....	278
Exemplo 76 - Trecho da entrevista 10 – o rabicho nos arreios.....	279
Exemplo 77 - Trecho da entrevista 13 – a variante chouriço .....	280
Exemplo 78 - Trecho da entrevista 11 – o rabicho é ajustável .....	280
Exemplo 79 - Trechos das entrevistas 05 e 13 – rabicho é da sela vaqueira .....	281
Exemplo 80 - Trecho da entrevista 14 – produção do rabicho.....	282
Exemplo 81 - Trecho da entrevista 01 – pelego e manta .....	283
Exemplo 82 - Trechos das entrevistas 03, 06 e 12 – pelego, manta e coxinilho .....	284
Exemplo 83 - Trecho da entrevista 03 – peiteira e peitoral.....	286
Exemplo 84 - Trecho da entrevista 06 – o xaréu não é comum.....	288
Exemplo 85 - Trecho da entrevista 09 – xaréu.....	289
Exemplo 86 - Trecho da entrevista 16 – arreio da carroça .....	290
Exemplo 87 - Trechos das entrevistas 14 e 16 – tapa-olho.....	291
Exemplo 88 - Trecho da entrevista 13 – tapa-olho é diferente de careta .....	291
Exemplo 89 - Trecho da entrevista 14 – pescocinho.....	292
Exemplo 90 - Trecho da entrevista 16 – funcionalidade do pescocinho .....	293
Exemplo 91 - Trechos das entrevistas 16 e 14 – selinha .....	294
Exemplo 92 - Trecho da entrevista 13 – retranca ou rabicho? .....	295
Exemplo 93 - Trechos das entrevistas 06 e 03 – alforje e aió .....	296
Exemplo 94 - Trecho da entrevista 10 – alforje e mochila .....	297
Exemplo 95 - Trechos das entrevistas 04, 05, 10 e 13 – facão .....	299
Exemplo 96 - Trechos das entrevistas 03, 15 e 16 – bainha .....	300
Exemplo 97 - Trecho da entrevista 07 – a mala é um dos itens do vaqueiro .....	301
Exemplo 98 - Trecho da entrevista 16 – produção da mala .....	302
Exemplo 99 - Trecho da entrevista 11 – piador e arriador.....	303

Exemplo 100 - Trecho da entrevista 11 – o arriador é uma técnica.....	304
Exemplo 101 - Trecho da entrevista 09 – descrição do arriador.....	304
Exemplo 102 - Trecho da entrevista 05 – buçal .....	305
Exemplo 103 - Trechos das entrevistas 01 e 09 – o buçal é parte dos arreios .....	306
Exemplo 104 - Trecho da entrevista 05 – descrição do buçal .....	306
Exemplo 105 - Trechos das entrevistas 02 e 03 – cabrana.....	308
Exemplo 106 - Trecho da entrevista 08 – verbo encabranar .....	309
Exemplo 107 - Trecho da entrevista 05 – cambão e tamanco.....	309
Exemplo 108 - Trechos das entrevistas 03, 09 e 20 – uso da careta .....	310
Exemplo 109 - Trecho da entrevista 01 – descrição da careta.....	312
Exemplo 110 - Trecho da entrevista 16 – a produção da careta .....	312
Exemplo 111 - Trecho da entrevista 03 – corda de laçar e corda chincha.....	313
Exemplo 112 - Trecho da entrevista 09 – explicação sobre a chincha .....	313
Exemplo 113 - Trecho da entrevista 03 – a ação de chincar .....	314
Exemplo 114 - Trecho da entrevista 04 – para que serve a peia.....	316
Exemplo 115 - Trecho da entrevista 09 – lato, lático.....	317
Exemplo 116 - Trechos das entrevistas 04 e 02 – esquecimento do nome do lato.....	319
Exemplo 117 - Trechos das entrevistas 04 e 07 e 13 – a taca vaqueira.....	320
Exemplo 118 - Trecho da entrevista 13 – descrição da taca .....	321
Exemplo 119 - Trecho da entrevista 13 – a taca entre os seleiros .....	322
Exemplo 120 - Trechos das entrevistas 04 e 02 – uso da pirata .....	323
Exemplo 121 - Trechos das entrevistas 01 e 13 – o manguá.....	324
Exemplo 122 - Trecho da entrevista 09 – explicação sobre a pirata.....	324

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vaqueiro Salomão, Bom Jesus da Lapa .....	55
Figura 2 - Tenda de seleiro .....	63
Figura 3 - Tentos de couro.....	70
Figura 4 - Escultura Projeto Terra, UEFS.....	70
Figura 5 - A arte de Espedito Seleiro .....	74
Figura 6 - Protetor de cauda .....	86
Figura 7 - Mapa de movimentação dos vaqueiros.....	89
Figura 8 - Curtume São José.....	100
Figura 9 - Rota dos couros .....	106
Figura 10 - Bloco de notas do Curtume Cilo Gordo.....	109
Figura 11 - Manejo do couro em salgadeira.....	111
Figura 12 - Carregamento de couro para exportação.....	112
Figura 13 - Localização de Riachão do Jacuípe na Brasil .....	150
Figura 14 - Riachão do Jacuípe na divisão territorial da Bahia.....	153
Figura 15 - Praça da Matriz em Riachão do Jacuípe-Bahia .....	155
Figura 16 - Seca no Rio Jacuípe.....	157
Figura 17 - Histórico de previsão do tempo em Riachão do Jacuípe .....	159
Figura 18 - Vista aérea do povoado Malhador .....	163
Figura 19 - Tradição seleira na família do Colaborador S20C .....	173
Figura 20 – Campos lexicais do couro na cultura do vaqueiro .....	189
Figura 21 - Vaqueiro encourado .....	189
Figura 22 - Chapéu de couro .....	190
Figura 23 - Gibão .....	192
Figura 24 - Guarda-peito .....	194
Figura 25 - Calção .....	195
Figura 26 - Perneira.....	197
Figura 27 - Luva .....	199
Figura 28 - Sapato.....	200
Figura 29 - Vaqueiro em pano .....	204
Figura 30 - Cuinha.....	206
Figura 31 - Chapéu de couro e cuinha.....	207
Figura 32 - Jaleco.....	208

Figura 33 - Bota.....	209
Figura 34 - Cabeçada da sela vaqueira .....	213
Figura 35 - Estrovo .....	223
Figura 36 - Detalhamento da capa da sela vaqueira .....	229
Figura 37 - Arção da sela vaqueira .....	240
Figura 38 - Loro .....	243
Figura 39 - Guarda-loro .....	245
Figura 40 - Tope do estribo .....	248
Figura 41 - Cheio da sela .....	252
Figura 42 - Sela vaqueira .....	256
Figura 43 - Vaqueirinha .....	260
Figura 44 - Produção do arção da vaqueirinha .....	261
Figura 45 - Sela de pau .....	263
Figura 46 - Sela mineira .....	266
Figura 47 - Sela de pista.....	270
Figura 48 - Sela australiana.....	272
Figura 49 - Sela de banda .....	276
Figura 50 - Selinha de corrida.....	277
Figura 51 - Rabicho .....	279
Figura 52 - Pelego.....	283
Figura 53 - Peiteira .....	287
Figura 54 - Xaréu .....	288
Figura 55 - Tapa-olho .....	291
Figura 56 - Pescocinho.....	293
Figura 57 - Selinha do arreio de carroça.....	294
Figura 58 - Bainha de facão.....	298
Figura 59 - Mala .....	301
Figura 60 - Boi de careta .....	310
Figura 61 - Lato .....	318
Figura 62 - Taca vaqueira.....	321
Figura 63 - Pirata.....	323

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Museus do vaqueiro no Brasil .....	56
Quadro 2 - Curtumes no Nordeste - dados da indústria pastoril pernambucana .....	99
Quadro 3 - Fases do couro em Riachão do Jacuípe .....	101
Quadro 4 - Panorama conceitual .....	118
Quadro 5 - Classificação das lexias .....	119
Quadro 6 - A formação do campo léxico em Saussure .....	137
Quadro 7 - Fonemática e Lexemática: similaridades e diferenças.....	142
Quadro 8 - Rede de pontos da pesquisa .....	162
Quadro 9 - Distribuição dos colaboradores por faixa etária .....	170
Quadro 10 - Faixa etária e idade dos colaboradores.....	170
Quadro 11 - Organização do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro.....	184
Quadro 12 - As denominações para sela e suas variantes .....	254
Quadro 13 - Análise comparativa das designações para sela vaqueira.....	255
Quadro 14 - Síntese dos resultados da análise lexical .....	326

## ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABVAQ	Associação Brasileira de Vaquejada
ADAB	Agência de Defesa Agropecuária da Bahia
ALCS	Atlas Linguístico do Cavalo em Sergipe
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALRT	Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
BA	Bahia
BRESPEL	Companhia Industrial Brasil Espanha
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CIUO	Classificação Internacional Uniforme de Ocupações
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
CV	Cultura do Vaqueiro
DLE	Diccionario de la Lengua Española
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Lexiss	Lexicografia Intercultural do Sertão do Semiárido
MinC	Ministério da Cultura
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NBR	Normas Brasileiras
ONU	Organização da Nações Unidas
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNR	Pergunta não realizada
PPGLinC	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
QSL	Questionário Semântico Lexical
RNO	Resposta não obtida
SECULT	Secretaria de Cultura da Bahia

SEPLAN	Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
SUS	Sistema Único de Saúde
TLPGP	Tesouro do Léxico Patrimonial Galego Português
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MANEJAR O TEXTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>2</b>	<b>NO TROTE DA CULTURA: ALGUMAS REFLEXÕES .....</b>	<b>36</b>
2.1	A CULTURA POPULAR.....	39
2.2	REVISÃO DE TEMÁTICAS AFINS AO UNIVERSO DA CULTURA DO VAQUEIRO .....	47
2.3	ASPECTOS DA CULTURA DO VAQUEIRO .....	49
<b>2.3.1</b>	<b>O seleiro .....</b>	<b>61</b>
<b>2.3.2</b>	<b>O vaqueiro .....</b>	<b>76</b>
<b>2.3.3</b>	<b>O couro: discussões e reflexões .....</b>	<b>87</b>
2.3.3.1	<i>O ciclo do gado.....</i>	87
2.3.3.2	<i>O ciclo do couro.....</i>	92
<b>3</b>	<b>CAMPEAR A TEORIA: O LÉXICO COM ENFOQUE DIALETOLÓGICO E SOCIO-ETNOLINGUÍSTICO.....</b>	<b>115</b>
3.1	BREVE PANORAMA DE CONCEITOS E DENOMINAÇÕES NO CONTEXTO DESTA PESQUISA.....	117
3.2	AS CIÊNCIAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS .....	121
<b>3.2.1</b>	<b>Os estudos dialetais .....</b>	<b>124</b>
<b>3.2.2</b>	<b>A Dialectologia no Brasil: fases.....</b>	<b>126</b>
<b>3.2.3</b>	<b>A Dialectologia no Brasil: áreas .....</b>	<b>130</b>
3.3	Lexicologia e campos lexicais .....	132
<b>3.3.1</b>	<b>Lexicologia.....</b>	<b>132</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Implementação dos estudos lexicais .....</b>	<b>134</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Campos lexicais.....</b>	<b>136</b>
<b>3.3.4</b>	<b>A proposta de Eugenio Coseriu.....</b>	<b>141</b>
<b>4</b>	<b>DA TENDA PARA O CURRAL: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>149</b>
4.1	A LOCALIDADE.....	150
<b>4.1.1</b>	<b>Visão panorâmica da localidade.....</b>	<b>152</b>
<b>4.1.2</b>	<b>No berço do rio: Riachão do Jacuípe .....</b>	<b>155</b>
<b>4.1.3</b>	<b>A rede de pontos da pesquisa .....</b>	<b>161</b>
4.2	OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA .....	164
<b>4.2.1</b>	<b>Entrevista e questionário: elaboração.....</b>	<b>165</b>
4.3	OS COLABORADORES .....	167
<b>4.3.1</b>	<b>O perfil dos seleiros .....</b>	<b>171</b>

4.3.2	<b>O perfil dos vaqueiros .....</b>	<b>174</b>
4.4	Tratamento e análise dos dados .....	176
4.4.1	<b>Pesquisa de campo, audições e transcrições.....</b>	<b>178</b>
5	<b>DOMA LEXICAL: CAMPO LÉXICO DO COURO NA CULTURA DO VAQUEIRO .....</b>	<b>183</b>
5.1	O MACROCAMPO INDUMENTÁRIA E SEUS MICROCAMPOS .....	186
5.1.1	<b>O microcampo ‘Estar em Couro’ .....</b>	<b>187</b>
5.1.1.1	<i>Chapéu de couro</i> .....	189
5.1.1.2	<i>Gibão</i> .....	192
5.1.1.3	<i>Guarda-peito</i> .....	194
5.1.1.4	<i>Calção</i> .. .....	195
5.1.1.5	<i>Perneira</i> .....	197
5.1.1.6	<i>Luva</i> .....	199
5.1.1.7	<i>Sapato</i> .....	200
5.1.2	<b>O microcampo ‘Estar em Pano’ .....</b>	<b>202</b>
5.1.2.1	<i>Chapéu</i> .....	205
5.1.2.2	<i>Jaleco</i> .....	208
5.1.2.3	<i>Bota</i> .....	209
5.2	O MACROCAMPO ARREIO, MICROCAMPOS E SUBCAMPOS.....	211
5.2.1	<b>O microcampo arreio da montaria .....</b>	<b>212</b>
5.2.1.1	<i>Subcampo: cabeçada</i> .....	213
5.2.1.1.1	Testeira.....	214
5.2.1.1.2	Cangoteira.....	215
5.2.1.1.3	Correia de segurança.....	216
5.2.1.1.4	Serigola.....	217
5.2.1.1.5	Correia de cabeção.....	218
5.2.1.1.6	Focinheira.....	219
5.2.1.1.7	Cabeção.....	220
5.2.1.1.8	Barbela.....	221
5.2.1.1.9	Estrovo.....	223
5.2.1.1.10	Rédea.....	224
5.2.1.2	<i>Subcampo: composição da sela</i> .....	226
5.2.1.2.1	Capa da sela.....	229
5.2.1.2.2	Cabeçote.....	231
5.2.1.2.3	Coxim.....	232
5.2.1.2.4	Lua da sela .....	234
5.2.1.2.5	Guarda-cação .....	235

5.2.1.2.6	Correias de garupeira .....	236
5.2.1.2.7	Arção.....	237
5.2.1.2.8	Arção da frente .....	241
5.2.1.2.9	Prenda.....	241
5.2.1.2.10	Arção de trás.....	243
5.2.1.2.11	Loro.....	243
5.2.1.2.12	Guarda-loro.....	245
5.2.1.2.13	Cilha.....	246
5.2.1.2.14	Tope do estribo .....	247
5.2.1.2.15	Suador.....	250
5.2.1.2.16	Cheio da sela .....	251
5.2.1.3	<i>Subcampo: tipos de sela</i> .....	253
5.2.1.3.1	Sela Vaqueira .....	254
5.2.1.3.2	Vaqueirinha.....	259
5.2.1.3.3	Sela de Pau .....	263
5.2.1.3.4	Sela mineira .....	266
5.2.1.3.5	Sela de pista .....	269
5.2.1.3.6	Sela australiana .....	271
5.2.1.3.7	Sela de banda.....	275
5.2.1.3.8	Selinha de corrida .....	277
5.2.1.4	<i>Subcampo: outros itens</i> .....	278
5.2.1.4.1	Rabicho.....	279
5.2.1.4.2	Pelego.....	282
5.2.1.4.3	Peiteira.....	285
5.2.1.4.4	Xaréu.....	287
<b>5.2.2</b>	<b>O microcampo arreio da carroça .....</b>	<b>290</b>
5.2.2.1	<i>Tapa-olho</i> .....	290
5.2.2.2	<i>Pescocinho</i> .....	292
5.2.2.3	<i>Selinha</i> .....	293
5.2.2.4	<i>Retranca</i> .....	294
5.3	O MACROCAMPO UTENSÍLIOS E SEUS MICROCAMPOS .....	295
<b>5.3.1</b>	<b>O microcampo para pransportar.....</b>	<b>295</b>
5.3.1.1	<i>Alforje</i> .....	296
5.3.1.2	<i>Bainha</i> .....	298
5.3.1.3	<i>Mala</i> .....	301
<b>5.3.2</b>	<b>O microcampo para manejar .....</b>	<b>303</b>
5.3.2.1	<i>Arriador</i> .....	303

5.3.2.2	<i>Buçal</i> .....	305
5.3.2.3	<i>Cabrana</i> .....	307
5.3.2.4	<i>Careta</i> .....	310
5.3.2.5	<i>Corda de laçar</i> .....	313
5.3.2.6	<i>Peia</i> .....	315
<b>5.3.3</b>	<b>O microcampo para localizar</b> .....	<b>317</b>
5.3.3.1	<i>Lato</i> .....	317
<b>5.3.4</b>	<b>O microcampo para açoitar</b> .....	<b>319</b>
5.3.4.1	<i>Taca</i> .....	320
5.3.4.2	<i>Pirata</i> .....	322
5.4	RESULTADOS E PERSPECTIVAS .....	324
<b>5.6.1</b>	<b>Resultados</b> .....	<b>325</b>
<b>5.4.1</b>	<b>Perspectivas</b> .....	<b>327</b>
<b>6</b>	<b>HORA DA APARTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>330</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>333</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>345</b>
	APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados - seleiros .....	345
	APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados - vaqueiros .....	347
	APÊNDICE C – Ficha para análise dos dados.....	352
	APÊNDICE D – Índice Remissivo .....	352
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>355</b>
	ANEXO A — Parecer consubstanciado do CEP .....	355
	ANEXO B — Decreto do registro de ofício de vaqueiro como patrimônio imaterial da Bahia.....	359
	ANEXO C — Cartão de identificação da Indústria de Couros Ferreira .....	360
	ANEXO D — Arreamento completo e identificação de cada parte .....	361



Vinham homens de todos os cantos [...] fugindo da seca perversa. Era um tempo de aflição. Mas a vida é cheia de estradas e cancelas. Precisamos, pois, abri-las e viajar (Gomes, 2018, p. 30).



## 1 MANEJAR O TEXTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Questões sobre o uso da língua ocupam o centro de tensões que definem o lugar social e identitário dos sujeitos porque a linguagem é um dos principais meios de expressão da cultura, sendo fundamental para a transmissão de conhecimentos, valores e tradições de um grupo social. O léxico desempenha um papel essencial nesse processo, representando o conjunto de expressões e termos que refletem a vivência, as práticas e as crenças de determinada comunidade. Desse modo, ações que valorizem o léxico usado por uma comunidade são formas de resistência na disputa das relações de poder e dominação entre grupos sociais.

Diante disso, esta pesquisa pretendeu contribuir para a valorização do léxico da cultura do vaqueiro, por meio do registro e da análise do campo léxico do couro e pela descrição de lexias relacionadas ao couro como matéria-prima. Mas antes de chegar ao ponto desse estudo, serão contadas duas breves narrativas, a fim de que se compreendam os caminhos que precederam esta pesquisa.

João Reis Carneiro foi um vaqueiro dedicado nas bandas da Lagoa do Retiro - zona rural de Riachão do Jacuípe - BA, sabia o nome de cada vaca e estabelecia com cada uma relação de cumplicidade. Labutou com o gado enquanto pôde lutar nas lidas da vida; fazia descorna, ferroada e apartação, sendo capaz de reconhecer um boi de caruara<sup>4</sup> a léguas de distância. As mãos ágeis, apesar de calejadas, ordenavam uma vaca extraindo tanto leite quanto ela pudesse ofertar. Para cada uma dessas lutas, seu cavalo “castanho” que, de tão manso e velho dispensava o cabresto, fora sempre seu grande companheiro, esperando atento e servil pelo comando do vaqueiro. O cachorro “Parrudo” também estava sempre a postos, desde a retirada do leite pela manhã até a apartação dos bezerros ao cair da tarde. Os filhos homens seguiram a sua profissão e as mulheres se casaram com vaqueiros ou homens ligados ao couro, constituindo famílias que foram cuidar das terras de outros donos, repetindo o ciclo típico dos processos de servidão que giram em torno da profissão dos vaqueiros.

Mais para perto do Rio Jacuípe estava a família dos Ferreira. Augusto, filho do conhecido “Gabrié”, liderava naquelas bandas o traquejo do couro, suas mãos de artesão habilidoso guiavam os filhos para seguirem tirando o sustento desse material tão importante para seu ofício. Ao nascer do sol, havia trabalho para todos: espichar

---

4 Tipo de paralisia que acomete as articulações em bovinos.

o couro, colocá-lo no rio para amolecer o pelo, deixá-lo de molho durante dias em uma mistura de casca de angico e soda cáustica, colocá-la novamente sob o sol, raspar para retirar o pelo e, enfim, o couro se transforma em sola para a produção dos arreios e indumentárias do vaqueiro. O processo de costurar os arreios e encher o “cheio da sela vaqueira” com folhas de monzê<sup>5</sup> iniciava na tenda, que é a oficina de criação e reparo do artesão, e terminava no oitão com a costura da “capa da sela” feita pelas mulheres da casa. Traçar os bordados decorativos ficava para os mais habilidosos com as sovelas<sup>6</sup>, fossem homens ou mulheres.

Essas narrativas mostram como a cultura do vaqueiro com suas tradições, arreamentos e lexias específicas para denominar itens da lida do vaqueiro sempre fizeram parte do meu mundo. Os personagens são meus familiares; o vaqueiro em questão retrata o avô materno, enquanto o avô paterno é retratado pelo seleiro. Antes deles outros iniciaram essa caminhada que teve continuação com seus filhos e alguns netos. E, como neta, mulher e pesquisadora da Língua a honra é de participar desta história através da palavra, porque é a palavra<sup>7</sup> que melhor nos representa. Através desta pesquisa, buscamos romper o silenciamento que invisibiliza tantos Joãos e tantos Augustos, vaqueiros e seleiros que nunca tiveram a validação da sua labuta e da sua forma de viver, nem o reconhecimento de como seus costumes e tradições são a representação da cultura de um grupo: a cultura do vaqueiro.

Os novos contextos geopolíticos e territoriais vêm mudando o modo como a cultura do vaqueiro sempre foi estruturada. Com isso, as formas de realizar as tarefas próprias dessa ocupação, como a produção e o uso das selas, vêm passando por transformações para se adequarem à atual conjuntura social e econômica. Essas mudanças provocam alterações não apenas nos costumes e tradições, mas também no léxico característico desse grupo. Diante dessa realidade, emerge uma indagação relevante: qual é a contribuição efetiva de um projeto de pesquisa que busca identificar e mapear o repertório do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe - Bahia? Para responder a essa questão, é necessário considerar alguns pontos.

---

<sup>5</sup> Nome vulgar da *Albizia polycephala*. Este tema será retomado em exemplo da seção 5.1, quando o colaborador V12D se refere à árvore em seu depoimento.

<sup>6</sup> Espécie de furador com ponta de ferro e cabo de madeira, usada pelos seleiros para furar o couro.

<sup>7</sup> Palavra está em uso aqui como elemento da linguagem para expressão de sentimentos e ideias. Entende-se que “não se utiliza o termo *palavra* para designar o objeto de estudo da Lexicologia, preferindo um termo de ressonância mais “técnica”: *lexia*. (Polguère, 2018. p. 49).

Em primeiro lugar, a identificação e o mapeamento do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro permitem o registro e a preservação desse patrimônio linguístico, que é fundamental para a compreensão da história e resgate da memória. Ao documentar e analisar as expressões específicas do campo léxico do couro é possível resgatar elementos linguísticos que são parte integrante da identidade cultural e simbólica.

Além disso, o estudo do campo léxico do couro da cultura do vaqueiro fornece uma maior compreensão da forma de vida, das práticas e dos saberes tradicionais dessa comunidade. Por meio da análise linguística e contextual, é possível identificar os termos técnicos, os conhecimentos específicos e os valores culturais presentes na vida desse grupo. Isso contribui para a valorização e o reconhecimento da cultura do vaqueiro como um patrimônio imaterial de grande valor, tanto com elementos da cultura material quanto com elementos da cultura imaterial.

Outro ponto a considerar é a relação do couro como produto e da cultura do vaqueiro como símbolo com a história do município de Riachão do Jacuípe, local da rede de pontos da pesquisa. Faz parte das origens da cidade a função de entreposto comercial para o transporte de gado e a fundação de uma sesmaria às margens do Rio Jacuípe que tem por marco uma fazenda que dava apoio a tropeiros e vaqueiros que precisavam pernoitar na região, bem como uma notável produção de sela vaqueira, durante um período de sua história.

Portanto, o projeto de pesquisa, concretizado nesta tese, que buscou identificar e mapear o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro contribuirá significativamente para a preservação e divulgação dessa cultura. Ao documentar e analisar o campo léxico do couro utilizado por seleiros e vaqueiros esta pesquisa oferece ganhos para a compreensão mais profunda dessa comunidade, fortalecendo sua identidade cultural e fomentando a valorização da diversidade linguística e cultural do município.

A escolha por entrevistar seleiros e vaqueiros justificou-se pela busca em conectar os saberes dessas profissões diretamente vinculadas à cultura do vaqueiro e com forte presença no contexto municipal. Os seleiros se inscrevem na conjuntura econômica do município com forte representação na produção e venda da sela vaqueira, que já chegou a ser reconhecida como a “sela de Riachão” marcando a identidade da cultura material do município. E os vaqueiros, presentes na história local desde os primórdios de sua formação como uma fazenda de criação de gado, reúnem

aspectos da cultura material como os instrumentos de trabalho e aspectos da cultura imaterial como o léxico usado para denominar ações e procedimentos.

Com base na proposta desta pesquisa, o objetivo principal foi seguir no rastro do couro e realizar um estudo descritivo interpretativo da cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe, com foco no repertório do campo léxico do couro. Por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário, buscando explorar a identidade cultural de seleiros e vaqueiros com o propósito de analisar o campo léxico do couro manifestado na cultura do vaqueiro, a partir do repertório trazido pelos colaboradores.

Como desdobramento do objetivo geral, delineado anteriormente, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- (i) Realizar levantamento do campo léxico do couro utilizado por seleiros e vaqueiros representantes da cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe - BA.
- (ii) Analisar as relações léxicas e culturais deste campo lexical em itens da profissão dos seleiros e dos vaqueiros, explorando como esse campo léxico reflete a cultura e as práticas das profissões.
- (iii) Problematizar a importância do léxico como elemento de identidade cultural, examinando o papel das lexias em estudo para a construção e preservação da cultura do vaqueiro.
- (iv) Estabelecer um diálogo entre os dados coletados durante as entrevistas, a literatura existente sobre a cultura do vaqueiro e os estudos linguísticos e culturais, buscando ampliar o entendimento sobre a relação entre léxico e cultura.

Com a intenção de alcançar os objetivos propostos, foi adotada uma metodologia centrada na pesquisa qualitativa, na qual foram aplicadas entrevistas semiestruturadas seguidas de questionário, como dito anteriormente. Na parte referente aos questionários, foram utilizados instrumentos distintos para cada grupo investigado, levando em consideração suas particularidades. Por outro lado, a etapa inicial das entrevistas semiestruturadas foi comum aos dois grupos, abrangendo questões gerais relacionadas a informações pessoais, discussões sobre a profissão e perguntas sobre as festividades da cultura do vaqueiro, buscando sempre uma conexão entre os grupos de seleiros e vaqueiros.

Nesse sentido, diante da necessidade de conexão entre saberes, foi imperativo trazer à baila discussões anteriores sobre o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais nos mais diversos contextos. De modo que foi possível criar um elo entre saberes desprezados socialmente e estratégias linguísticas, através da dissertação *De repente, o improviso: uma proposta de letramento ao som de aboios e toadas*, de Freitas (2018), que estabeleceu uma relação harmoniosa entre diferentes linguagens. Durante intervenção realizada como parte de nossa pesquisa de mestrado, pelo Programa PROFLETRAS, estudantes atuaram como protagonistas de sua aprendizagem, apropriando-se da linguagem do aboio e da toada e produziram um glossário, além de escreverem narrativas que foram publicadas no *blog* Tenda de pensar<sup>8</sup> e, posteriormente, compiladas no livro *De repente, escritores: narrativas e outras matutações* (Freitas, 2023).

Durante a pesquisa de mestrado realizada em 2018, constatou-se que os estudantes participantes revelaram desconhecimento em relação ao léxico que compõe o glossário do *blog* Tenda de Pensar. Surpreendentemente, muitos desses estudantes são filhos e netos de vaqueiros, o que ressalta a urgência de preservar esse léxico, uma vez que as gerações mais jovens desconhecem várias lexias que ainda são amplamente utilizadas e desempenham um papel importante na caracterização do universo cultural ao qual pertencem.

A análise desses dados, aliada aos resultados positivos obtidos durante a pesquisa de mestrado, foi motivação para seguir no rastro do couro com o objetivo de dar voz à linguagem de seleiros e vaqueiros, esse tipo de saber que tem sido desvalorizado e invisibilizado em todas as esferas sociais. Por isso, a peleja desta tese de doutorado é a de realizar um estudo descritivo interpretativo do campo léxico do couro, através de uma abordagem lexicológica do universo da cultura do vaqueiro. Baseado nisso, destaca-se a importância da realização desta pesquisa tanto para ciência quanto para sociedade, pois não se trata apenas de salvaguardar um repertório lexical, mas de trazê-lo também para o mundo acadêmico.

Durante o período de coleta dos dados, imergimos no contexto de estudo, participando ativamente de atividades festivas, como cavalgadas e vaquejadas, bem como de momentos cotidianos, como presenciar vaqueiros realizando tarefas de tirar leite, separar, pesar e ferrar o gado, e os seleiros, durante a produção da sela

---

<sup>8</sup> [www.tendadepensar.blogspot.com](http://www.tendadepensar.blogspot.com)

vaqueirinha e de arreios de carroça, além dos serviços de reparo e manutenção de itens dos arreios. Essa imersão profunda no contexto, permitiu uma compreensão mais ampla e genuína da cultura do vaqueiro, proporcionando uma análise mais precisa e significativa dos elementos lexicais. Com a intenção de cumprir os princípios metodológicos mencionados anteriormente, esta pesquisa seguiu um percurso teórico com abordagem referenciada em duas grandes áreas do conhecimento: os estudos culturais e os estudos linguísticos.

Em cada uma dessas áreas são exploradas teorias específicas que contribuem para o aprofundamento da análise. Na área da Linguística, englobam-se a Lexicologia, a Dialetoлогия e a Sociolinguística e na área da cultura traça-se um percurso que considera os conceitos de cultura e de identidade cultural. Essa combinação de perspectivas teóricas, permite uma análise abrangente, explorando tanto os aspectos culturais e sociais quanto os elementos linguísticos presentes nesse contexto.

Na discussão teórica, o panorama para os estudos culturais está alicerçado em bases compartilhadas por Hall (2015) e por Bauman (2013). Segundo Mattelart e Neveu (2004), Hall terá sido um dos acadêmicos mais comprometidos com a sistematização teórica no seio dos estudos culturais e que insiste na compreensão da experiência do colonizado para a constituição da identidade. Bauman (2011) chama a atenção para a ideia de cultura enquanto resistência e tentativa de ruptura de uma ordem marcada pelo capitalismo como sistema industrial.

Com base na fundamentação teórica que embasa os estudos linguísticos, a língua é analisada como um instrumento importante para a memória e a manifestação cultural de um povo, uma forma de expressão que define identidades e caracteriza processos históricos, cumprindo o duplo papel de comunicar e de marcar culturalmente seus falantes, uma discussão voltada para Silva (2004) e Saussure (1977). A partir da Lexicologia fundamentada em Polguère (2018), são percorridos os meandros dos estudos lexicais. Caminhos trilhados pelas autoras Basílio (2003, 2021), Biderman (1996,1998), Oliveira e Isquerdo (1998), Isquerdo e Krieger (2004) e Isquerdo e Alves (2007) serviram de rota para o estudo do “movediço alicerce que serve de base às variegadas gramáticas das línguas naturais: o léxico” (Machado Filho, 2010, p.49).

Ainda no panorama teórico, no contexto da Dialetoлогия, encontram-se referências em Aguilera (1998), Cardoso (2010) e Ribeiro (2012). Na Sociolinguística,

destaca-se a contribuição de Bortoni-Ricardo (2011). Por fim, no campo da Etnolinguística, encontram-se os princípios teóricos de Duranti (2000) e Mello (1990).

Após a conclusão do panorama teórico-metodológico desta pesquisa, com o objetivo de realizar uma organização eficiente, optamos por estruturar a tese em nove seções primárias. Dentre elas, destacam-se as seções de Considerações iniciais e de Considerações finais, bem como as seções de Referências, Apêndices e Anexos. A seguir, será apresentada uma abordagem detalhada de cada uma das seções, proporcionando uma compreensão ampla dos conteúdos abordados ao longo do trabalho.

A seção primária intitulada "Manejar o texto: Considerações iniciais" teve como objetivo apresentar a pesquisa, sendo a escolha do verbo "manejar" justificada pelo paralelismo semântico com o ato do vaqueiro de manejar o gado, ou seja, conduzi-lo. Assim como o vaqueiro conduz o gado, conduzimos a discussão, apresentando o contexto e a justificativa da pesquisa, definindo os objetivos e explicando a metodologia adotada.

A segunda seção primária, "No trote da cultura: algumas reflexões ", adota um título que estabelece uma analogia entre a discussão sobre cultura e a marcha das cavalgaduras, um ritmo que se situa entre o galope e a andadura normal. Dessa forma, a discussão busca manter um ritmo constante na abordagem sobre cultura, sem pretender esgotar um assunto tão amplo. Essa seção é faz uma defesa da ideia de que a cultura popular é um bem a ser preservado, traça um painel de estudos referentes a esse tema e contextualiza mudanças na cultura do vaqueiro, decorrentes das transformações impostas pelas novas formas de organização social; apresentando o seleiro e o vaqueiro e propondo uma reflexão sobre o couro.

A terceira seção primária, intitulada "Campear a teoria: o léxico com enfoque dialetológico e socio-etnolinguístico", composta por três subseções, se propõe a percorrer os campos teóricos dos estudos linguísticos, apresentando um breve panorama de conceitos e denominações no contexto desta pesquisa e perspectivas e abordagens da Lexicologia e dos Campos Lexicais.

Na quarta seção primária, "Da tenda para o curral: procedimentos metodológicos", apresentamos uma descrição detalhada da metodologia adotada, incluindo a coleta de dados, instrumentos utilizados e procedimentos de análise. O título desta seção faz uma alusão a espaços de trabalho simbólicos da cultura do vaqueiro, sendo a tenda e o curral os locais onde vaqueiros e seleiros concretizam

suas atividades. A seção está dividida em quatro subseções secundárias, que apresentam Riachão do Jacuípe em seu contexto territorial traçando a rota da zona rural que serviu de base para o estudo; delimitam os instrumentos da pesquisa e versam sobre os colaboradores.

“Doma lexical: o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro” é o título da quinta seção primária, a qual apresenta a análise dos dados e os resultados obtidos. A doma lexical é uma metáfora que remete ao contexto do universo do vaqueiro, fazendo uma associação entre a técnica de amansamento do animal e o trabalho com a análise linguística. As subseções apresentam a análise organizada em macrocampos e seus microcampos, seguidas dos resultados e das perspectivas.

A sexta seção primária, “Hora da apartação: Considerações finais”, traz no título um jogo semântico para estabelecer uma analogia entre a ação do vaqueiro de separar o gado e a ação da pesquisadora de separar os resultados, apartando as contribuições alcançadas de eventuais falhas e limitações.

E, por fim, seguem-se as referências em forma de uma listagem de todas as fontes bibliográficas que serviram de aporte teórico, metodológico e de análise. Além dos apêndices e anexos nos quais estão incluídos os materiais complementares à tese e que fornecem evidências adicionais aos resultados apresentados.

Ao abordar a importância do léxico como elemento central da identidade cultural, esta pesquisa se alinha aos princípios e propostas do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, vinculado à área História e funcionamento das línguas naturais, linha Dialetologia e Sociolinguística. Com uma abordagem interdisciplinar que contempla tanto a Lexicologia quanto a Cultura, buscam-se fornecer aos investigadores da área elementos fundamentais para reflexões e considerações acerca das relações entre léxico e cultura na perspectiva da cultura do vaqueiro.

Traçado esse panorama da pesquisa, na seção seguinte se discute a cultura. Reconhecendo a amplitude desse termo, a discussão não busca esgotar as possibilidades de pensar a cultura, mas sim analisá-la sob a perspectiva da cultura popular, referencial que se mostra mais adequado ao objeto dessa pesquisa. Adicionalmente, são abordadas as transformações ocorridas na cultura do vaqueiro, decorrentes das novas formas de organização social que impactam diretamente suas práticas e, conseqüentemente, seu léxico.



[...] o par de termos “linguagem” e “cultura” constitui uma dupla de gêmeos siameses – não há como pensar num sem que se invoque, ao mesmo tempo, a ideia do outro. (Rajagopalan, 2022, p. 9).

## 2 NO TROTE DA CULTURA: ALGUMAS REFLEXÕES

A definição de cultura é um ponto desafiador das ciências humanas, uma vez que se trata de um conceito amplo e de múltiplos desdobramentos epistemológicos. Por essa razão, qualquer definição de cultura deve estar aberta para acomodar diferentes perspectivas e significados, permitindo que novas interpretações e olhares sejam incorporados ao conceito à medida que as formas de ser e estar no mundo se diversificam.

Visvanathan (2009) chama atenção que a história dos encontros culturais não pode ser interpretada por meio de registros simplistas. Ele argumenta que todo autor deve se submeter ao que ele chama de dois rituais preliminares que são o planejamento de um mapa de possibilidades investigativas e a declaração de sua posição política e acadêmica. Isso sugere que, ao estudar culturas, é fundamental, além de descrever as práticas e tradições, considerar as relações de poder que moldam as interações culturais. Compreender a cultura a partir de um olhar ampliado é importante para que sua definição abarque toda complexidade e dinamicidade que lhe são inerentes, permitindo que sua concepção esteja calcada nas práticas, nos valores e nas representações que constituem a sociedade.

Diversos autores destacam a complexidade inerente à definição de cultura. Baumam (2013) reconhece que o conceito de cultura tem sofrido peregrinações históricas de uma base epistemológica para outra. Eagleton (2003) observa que cultura é uma das palavras mais complexas da língua inglesa, enquanto Bhabha (2013) aponta que, atualmente, a discussão sobre cultura se desloca para novas esferas de interpretação e significado com a afirmação de que “é o tropo dos nossos tempos colocar a questão da cultura na esfera do *além*” (Bhabha, 2013, p.19). Durante (2000), por sua vez, ressalta que estudar o conceito de cultura representa um desafio particular, especialmente porque o debate em torno desse termo nunca foi tão intenso e controverso quanto nos dias atuais, demonstrando que estamos diante de um conceito escorregadio, o que Rajagopalan (2021, p. 9) chamou de “amorfo e em transformação constante”.

Laraia (2001) explica que no final do século XVIII e início do século XIX, o termo germânico *Kultur* era empregado para representar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *civilization* se concentrava, principalmente, nas realizações materiais de um povo. E acrescenta que os dois

termos foram condensados por Eduard Tylor no vocábulo inglês ‘culture’, nascendo, dessa junção, o protótipo do conceito de cultura que vem sendo lapidado até os dias atuais.

A proposta de Tylor, em sua perspectiva mais abrangente definia cultura como um “todo complexo que inclui conhecimentos, crença, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor *apud* Laraia, 2001, p. 38). Seu objetivo ao apresentar essa definição era demonstrar que a cultura é um fenômeno natural, com causas e regularidades, que pode ser objeto de estudo sistemático e independe de uma transmissão genética. De acordo com Laraia (2001), ao classificar a cultura como fenômeno natural, Tylor estava mais preocupado em realçar a igualdade existente na humanidade do que discutir as muitas possibilidades de dizer o que é a cultura. Assim, Laraia (2001) explica que a partir da definição de cultura proposta por Tylor, surgiram muitas outras que acabaram por formar as bases para se teorizar cultura.

A própria etimologia da lexia cultura oferece margem para interpretações amplas, pois remete o conceito tanto às questões de ordem material quanto o vincula às questões de ordem simbólica. De acordo com Cunha (1994), cultura vem do latim medieval clássico *colère* na forma adjetivada “o que cultiva”, com o sentido de cultivar a terra, por isso remete à forma material no sentido de cultivo. Mas também está associada a interpretações simbólicas, devido ao radical *cult-* que tem origem relacionada à “adoração ou homenagem à divindade em qualquer de suas formas” (Cunha, 1994),

Para Eagleton (2003), é importante enfatizar a dimensão social da cultura, pois a restrição de seu significado ao cultivo limita sua capacidade de promover reflexões críticas sobre a sociedade. De modo que, torna-se fundamental considerar diferentes definições que possam enriquecer a compreensão do que seja cultura. Rajagopalan (2021) nos convida a refletir sobre as definições de cultura que aceitamos, uma vez que:

[...] muitas noções de cultura e de linguagem metaforizam o etnocentrismo da tradição ocidental e são utilizados como dispositivos para justificar uma visão excludente, bem como violência e a dominação do sistema mundo capitalista colonial moderno (Rajagopalan, 2021, p. 17).

O conceito de cultura não pode ser separado da linguagem, segundo Rajagopalan (2021). Esse autor faz um alerta que algumas definições de cultura

podem perpetuar desigualdades, uma vez que tendem a colocar a cultura ocidental como padrão. Essa perspectiva se alinha à concepção de cultura proposta por Debord (2003) que entende cultura como a esfera geral do conhecimento e das representações da vivência em uma sociedade historicamente dividida em classes, mostrando a cultura como um reflexo das relações de poder e da estrutura social que pode servir para reforçar as hierarquias classistas da sociedade. Na mesma linha de pensamento que discute a relação entre cultura e poder, Duranti (2000) acrescenta que a ideia que se tem de cultura está associada com um projeto colonizador de supremacia intelectual, militar e política por parte do ocidente sobre o resto do mundo.

Para Duranti, assim como para Rajagopalan, a cultura e a língua estão imbricadas, posto que a língua é parte fundamental da cultura. Sob essa perspectiva, Duranti (2000) apresenta seis teorias que destacam o papel decisivo da linguagem no contexto cultural, demonstrando como a língua não apenas expressa, mas molda as práticas culturais. As seis teorias propostas por Duranti (2000) compreendem a cultura como: (i) algo distinto da natureza; (ii) conhecimento; (iii) comunicação; (iv) sistema de mediação; (v) sistema de práticas; (vi) sistema de participação. Essa classificação evidencia a complexidade da cultura, ressaltando que se trata de um campo que envolve além da transmissão de saberes, a construção de identidades.

Krenak (2019) questiona as construções de identidade que promovem uma separação entre humanos e mundo natural. O autor critica a noção de progresso como ruptura com o passado, reforçando a importância de valorizar saberes locais e modos de vida em transformação sem folclorizar ou cristalizar identidades. O que ajuda a pensar o vaqueiro e o seleiro como sujeitos de uma cultura em contínua adaptação e diálogo com o ambiente e com a história.

Em relação a olhar as identidades construídas a partir da cultura, Hall observa que as identidades culturais “que por tanto tempo estabilizaram o mundo social” (Hall, 2015, p.09) estão desmoronando, dando espaço ao surgimento de novas identidades e ocasionando a fragmentação do indivíduo moderno. Essa situação é caracterizada por Hall (2015) como uma ‘crise de identidade’ que ocorre pela desintegração de um sujeito que antes era unificado e agora torna-se múltiplo, contraditório, em função das mudanças culturais da pós-modernidade.

De acordo com Hall (2015), a fragmentação do sujeito reflete a complexidade das relações contemporâneas, pelo deslocamento de antigas âncoras culturais, fazendo surgir três formas de identidades culturais: a) o sujeito do iluminismo,

centrado, autônomo, racional; b) o sujeito sociológico, cuja identidade é construída na relação com o outro e com o social; e c) o sujeito pós-moderno, que tem a identidade cultural fragmentada. Ao desafiar as concepções fixas de identidade, Hall (2015) apresenta a cultura como espaço de disputa e de reinvenção constante.

No contexto desta pesquisa, a cultura do vaqueiro, a partir da perspectiva de Hall (2015), é um universo simbólico que passou de um modelo tradicional, hegemonicamente rural para um espaço permeado por disputas, rupturas e reinvenções. O campo léxico do couro permite observar as negociações identitárias dos colaboradores, enquanto sujeitos, pois expressa tanto o lastro da tradição, quanto as perdas e recriações da cultura.

Os colaboradores desta pesquisa apresentam traços dos sujeitos propostos por Hall (2015). São sujeitos descentrados que vivem múltiplos pertencimentos e variadas experiências, em um desafio constante que exige a negociação entre a tradição e a inovação, com ênfase nas características de coletividade, tradição oral e transmissão de saberes, mas também com as dimensões sociológicas e interativas que ainda estruturam parte significativa da identidade cultural desses sujeitos.

## 2.1 A CULTURA POPULAR

A partir do ponto que o entendimento de cultura é encarado como uma problemática, é preciso considerar a perspectiva social hierarquizante das expressões culturais de acordo com uma lógica que potencializa determinadas culturas, enquanto subalterniza outras. Sobre este aspecto classificatório de cultura, surge o que se classifica como cultura popular e cultura erudita ou alta cultura. Bauman (2013) chama a atenção que não se pode mais aplicar os mesmos critérios de distinção que sempre foram estabelecidos entre a elite cultural e as preferências do homem comum. Haja vista que, na atualidade, os grupos que formam a elite cultural, embora ainda costumem olhar com esnobismo para a cultura popular, não se surpreendem mais com as diversas formas culturais, pois, segundo o autor, nenhum produto da cultura lhes é estranho, mas também com nenhum produto há uma identificação completa. Atualmente, há uma disposição da elite cultural para consumir todo e qualquer produto cultural, o que ele chama de “princípio onívoro do elitismo atual” (Bauman, 2013, p. 9) como uma prerrogativa da elite cultural em seguir os princípios da sociedade do consumo, em que o objetivo é sempre o de consumir desenfreadamente.

Bauman (2013) esclarece que esse comportamento da elite cultural não acaba com as hierarquias entre as culturas. Ele adverte que as fronteiras ainda persistem, mas, enquanto anteriormente os produtos culturais eram endereçados a grupos específicos para assinalar diferenças de classes, na sociedade contemporânea, marcada pela liquidez, a cultura se transforma em um “arsenal de artigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes (Bauman, 2013, p. 18)”. Nesse contexto de consumo, as desigualdades permanecem evidentes, uma vez que a elite tem maior capacidade de consumir.

Sob esse viés, é importante chamar a atenção que esta discussão não pretende colocar os produtos dos seleiros em um patamar de competitividade, que os nivele em condição de igualdade com outros produtos ofertados pela indústria de consumo. O que se busca neste interim é ampliar o diálogo, incluindo os seleiros e a cultura do vaqueiro que geralmente sequer participam do debate.

No Brasil, país em que a sociedade é profundamente marcada por hierarquias e desigualdades, a cultura também está vinculada a critérios de valores associados ao acesso a bens e equipamentos restritos a determinados grupos. Assim, a cultura é identificada de acordo com o contexto social, numa distinção que evidencia as hegemonias e as relações de poder vigentes: de um lado a alta cultura – tida como sofisticada- está vinculada a espaços institucionais como livros e museus, representando o capital dos grupos dominantes. Do outro lado, está a cultura popular, identificada com “o cultivo dos elementos, significados e valores comuns ao povo” (Silva, 2008, p. 09).

Nesta perspectiva, a afirmação de Eagleton (2003, p.37) de que o sentido de cultura “emerge quando a civilização começa a mostrar suas contradições internas” é fundamental. Isso porque a cultura popular pode ser compreendida não apenas como um conjunto de práticas, mas como um movimento de resistência, uma forma de afirmação e resiliência frente à imposição de valores hegemônicos. É no seio da cultura popular que grupos subalternizados criam, negociam e preservam seus próprios sistemas de significado, muitas vezes em oposição ou à margem da cultura dominante. A cultura do vaqueiro é um exemplo emblemático desse processo.

Um ponto importante sobre o sectarismo no Brasil relacionado às culturas, está direcionado à questão geopolítica que, historicamente, concentrou as expressões

culturais da alta cultura em estados do Sudeste, causando uma espécie de colonialismo cultural, conforme afirma Silva:

Este “colonialismo cultural”, se materializa no fato de que a maioria das manifestações identificadas como “populares” ocorre hegemonicamente em outros lugares, fora do eixo Rio-São Paulo, onde estão concentrados os principais meios de difusão. A relação entre cultura popular e poder no Brasil, portanto, passa quase sempre primeiro pela região, depois pelo Estado, pelo município e, na maior parte das vezes; somente lá no distrito, isolados em lugares extremos do território brasileiro estão os grupos artísticos de criação popular. Essa mesma estrutura desigual de poder se reproduz no interior das grandes cidades, geralmente habitadas nas suas periferias por migrantes que bravamente recriam as manifestações tradicionais de sua cultura. Nessas comunidades, lá, aonde quase não chegam recursos e apoios do Estado, a relação entre “cultura” e poder é, então, a mesma. Configura uma equação inequívoca – criação artística popular e pobreza material/fraqueza política (Silva, 2008, p. 8).

A fala de Silva (2008) revela uma crítica ao cenário brasileiro de desigualdade estrutural na cultura que é correlato a outros pontos problemáticos na própria sociedade, como as desigualdades raciais, classistas e econômicas – para citar algumas. Através deste panorama desigual, manifestações da cultura popular, como a cultura do vaqueiro, permanecem à margem dos principais centros de difusão; essa dinâmica é ainda mais evidente quando observamos isoladamente o percurso de determinados grupos sociais, a exemplo dos migrantes nordestinos em cidades como São Paulo, onde recriam e adaptam suas práticas culturais em contextos de exclusão, como a cantoria de moda de viola apresentada em locais públicos.

No Brasil, a cultura popular historicamente ocupou uma posição de marginalidade, sendo sistematicamente excluída dos centros de interesse e de difusão cultural. Essa exclusão não foi apenas resultado de descaso, mas pode-se afirmar que fez parte do pacote de dominação e silenciamento das manifestações culturais das classes populares, dos povos indígenas e dos africanos escravizados. Como observa Carvalho (2010):

O percurso das culturas populares no último século é, portanto, análogo à história de todos os biomas brasileiros, como no caso atual da floresta amazônica: um por um, nossos biomas foram sendo predados pela expansão do sistema econômico desigual e excludente que é a nossa marca de sociedade desde 1500” (Carvalho, 2010, p. 45).

Desde o início da colonização, grande parte das expressões artísticas e das práticas populares foi ignorada ou até mesmo exterminada, em nome de um projeto de dominação cultural eurocêntrico. Esse processo resultou em um apagamento sistemático das tradições populares, relegando-as a uma condição de invisibilidade e silenciamento diante da hegemonia cultural imposta pelas elites.

Essa discussão se aproxima do conceito de *O perigo de uma história única* (Adichie, 2019) por meio do qual é feito um alerta para as consequências sociais, intelectuais e afetivas de se contar e se ouvir apenas uma versão da história sobre lugares e grupos sociais. Entende-se nesse contexto, a história como a própria cultura, segundo a autora, a consequência da história única é esta: “[...] ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento de nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (Adichie, 2019, p. 28). O que vai ao contrário da busca de Tylor (*apud* Laraia 2001) por revelar através da cultura como somos iguais.

As manifestações culturais são ricas expressões que têm o poder de explicar a história de cada grupo. Na cultura do vaqueiro, a prática cultural da vaquejada, por exemplo, pode ser explicada por sua origem de determinada prática na lida do vaqueiro que consistia no ritual que ficou popularizado como “pega de boi no mato” e remonta à época da pecuária extensiva em que as áreas de criação de gado não eram demarcadas e os vaqueiros precisavam capturar um animal específico em meio à boiada.

Quando as culturas populares são silenciadas e a cultura nacional fica centralizada em um único local, como foi no Brasil por muito tempo em relação ao Sudeste, arrisca-se a perpetuação de uma narrativa homogênea, perpetuando-se a contação de uma única história, um único grupo social, invisibilizando a diversidade e as experiências de outras regiões e grupos, como a cultura do vaqueiro. Entretanto, quando se reconhece e se valoriza múltiplas histórias, se enriquece a prática cultural e não se legitima uma única narrativa.

Desta forma, é importante destacar que, apesar da persistência de desafios no cenário cultural brasileiro, está em curso um movimento crescente de implementação de políticas públicas voltadas ao incentivo e promoção de diversificadas atividades culturais que vem dando voz a diferentes manifestações, mas que apesar do avanço impulsionado por tais políticas, é necessário reconhecer que esse movimento não está isento de contradições e riscos para as culturas populares. Como observa Carvalho (2010), o recente interesse por expressões populares, que por muito tempo foram ignoradas, não ocorre de forma desinteressada ou isenta de intenções que podem, muitas vezes, resultar nem alterações da cultura.

As políticas de afirmação das culturas trazem uma visibilidade para as culturas populares que pode, de fato, contribuir para a valorização e o reconhecimento dessas

expressões culturais; mas por outro lado, pode também culminar em processos de apropriação e descaracterização em nome de interesses duvidosos, resultando em uma espécie de mercantilização das culturas populares, na América latina, local em que essas culturas representam uma riqueza de tradições originárias que não são características dos modelos culturais dos países europeus. Carvalho (2010) argumenta que o processo de mercantilização apresenta duas faces bastantes definidas, às quais ele se refere como espetacularização e canibalização, dinâmicas ocorridas em um contexto em que as culturas estão se tornando suscetíveis aos interesses da classe política e da indústria do entretenimento.

A espetacularização é um fenômeno que consiste na transformação de práticas e valores da cultura popular em produtos de consumo para públicos externos que impactam negativamente, causando descaracterização e esvaziamento simbólico dessas culturas. Carvalho (2010) define a espetacularização do seguinte modo:

a operação típica das sociedades de massas, em que um evento, em geral, de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem (Carvalho, 2010, p.47).

A definição apresentada por Carvalho (2010) ilustra a forma como a cultura é transformada em espetáculo, dissociando-se de sua autenticidade e excluindo a participação dos povos de onde ela se originou. No contexto da cultura do vaqueiro, o processo de espetacularização tem ocorrido de maneira incisiva em diversos campos ritualísticos. Voltemos a tomar a vaquejada como exemplo; essa prática, que surgiu das atividades laborais dos vaqueiros, hoje atrai um público bastante diverso. Durante as vaquejadas, a participação ativa de vaqueiros tem se tornado cada vez mais escassa, uma vez que esta prática foi totalmente esvaziada de seu sentido original, transformando-se em uma festa privativa, exclusiva a um grupo restrito, com um custo elevado de realização, na qual as pessoas pagam por ingressos com alto valor de mercado para assistir, transformando-se em consumidores de uma atividade cultural que, cada vez mais, se distancia de suas raízes e de sua história a fim de atender os padrões da indústria do entretenimento, cujo objetivo maior é a garantia dos lucros, em detrimento da autenticidade cultural.

Assim, podemos afirmar que a transformação da vaquejada em um produto da indústria do entretenimento, esvaziou-a de seu sentido original, impondo uma lógica de mercado que prioriza que o lucro em detrimento da autenticidade cultural. Essa

nova dinâmica gera um mercado de alto custo, o que elitiza a prática, resultando na exclusão do seu principal ator social: o vaqueiro, trabalhador pertencente às camadas menos abastadas que não tem como acessar o esporte da forma como está configurado. Paradoxalmente, aquele que confere legitimidade histórica e cultural ao evento é excluído do processo, transformado de protagonista a mero espectador de sua própria tradição – isso quando consegue assistir às apresentações.

A espetacularização das culturas populares, conforme a exemplificação apresentada daquilo que tem ocorrido com a vaquejada, abrange um fenômeno mais amplo, o qual tem afetado diretamente diversas práticas culturais da cultura do vaqueiro. Embora tenhamos tomado a vaquejada como exemplo, é importante ressaltar que esse processo de espetacularização já se encontra difundido por outras práticas culturais como as cavalgadas e as festas de vaqueiros - atividades, que originalmente possuem significados e funções que remetem a uma herança cultural e saberes transmitidos ancestralmente, mas estão sendo transformadas em eventos voltados para o consumo, sem nenhum contexto comunitário e totalmente desvinculados da tradição vaqueira. Um processo que resulta em apagamento da história cultural, pois, em contraposição ao enfraquecimento das tradições populares, observa-se a intensificação das práticas culturais como produtos de mercado.

Bauman (2013) aponta que hoje em dia a cultura, em conformidade com a grande massa de consumidores, está manifestada como um conjunto de produtos destinados ao consumo, que competem entre si pela atenção passageira dos potenciais clientes, que são os consumidores culturais. Em relação à cultura do vaqueiro, a oferta variada de produtos está manifestada nas práticas que estão acontecendo nas comunidades em forma de cavalgadas, festas de vaqueiros e vaquejadas. Essa última é um espetáculo em que se arremeda a prática cultural da derruba de boi, desvinculando-a totalmente da sua comunidade, e que serve apenas de pretexto para a indústria do entretenimento lucrar com shows. Nesse sentido, observamos que a preocupação dos organizadores desses eventos é com a lucratividade que o show artístico vai gerar e não com a manutenção de uma prática cultural que é a história de um grupo.

Outro ponto de reflexão que a análise da espetacularização propõe é sobre o lugar econômico ocupado por cada manifestação no cenário cultural. Os critérios utilizados para definir o valor de cada arte/artista não são transparentes nem definidos, causando discrepâncias enormes entre a verba destinada para as culturas populares

e os valores direcionados para a arte erudita ou para o que vamos chamar aqui de cultura comercial.

Assim, há um grande desafio na promoção de políticas que, de fato, estejam voltadas para a manutenção e a integridade das culturas populares, evitando que elas se convertam em mero objeto de exploração, com conseqüente perda de sentido, autenticidade e pertencimento para os próprios grupos que as produzem. Em termos de leis, a Constituição Federal de 1988 assegura o direito à cultura e o respeito à diversidade; princípios que, apesar do movimento de espetacularização, vêm sendo de alguma forma efetivados.

Organismos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Política Nacional Aldir Blanc de fomento à cultura, por intermédio do Ministério da Cultura (MinC), têm contribuído para essa efetivação. De modo que, em 2025, o MinC registra adesão de todos os estados brasileiros ao segundo ciclo de planos de ação para a execução, no quadriênio 2025-2029, de uma política pública de fomento cultural (Brasil, 2025), o que revela um movimento de descentralização cultural, pois os resultados da lei Adir Blanc refletem a atual política de nacionalização dos recursos, que antes ficavam polarizados entre Rio de Janeiro e São Paulo, historicamente vistos como os estados nacionais representantes da alta cultura no país. Essa descentralização amplia o acesso às diversas culturas populares espalhadas em todo o território nacional. Entretanto, com a implementação de políticas públicas e o fomento à cultura, corre-se o risco de que as culturas populares estejam sujeitas às práticas de espetacularização, convertidas a produtos por parte de agentes externos e de políticos populistas, pois, até que a elite tenha interesse, a população acessa determinadas culturas, depois tudo encarece e se transmuta.

Pensar a cultura associada à categoria de cultura popular implica reconhecê-la em sua diversidade de “elementos, significados e valores comuns ao povo, essencialmente diferentes dos meus – posto que são também, eles, diferentes de mim, se vestem e falam de outro modo, habitam outros lugares” (Silva, 2008). A definição ressalta a importância do respeito à diversidade cultural e sugere a cultura popular como um fenômeno coletivo, enraizado nas vivências e experiências de um povo.

A definição de cultura apresentada por Sodré (1996) ilustra a discussão que travamos aqui:

Cultura é aqui o conjunto de instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, ciências, artes, mitos) para permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real. Os instrumentos ditos culturais são “equipamentos” coletivos ou grupais, postos à disposição de todos (Sodré, 1996, p.85).

Ao considerar os instrumentos culturais como equipamentos coletivos, Sodré (1996) enfatiza o caráter compartilhado e socialmente construído da cultura, aspecto central também na categoria de cultura popular, cujo olhar está direcionado para práticas, saberes e símbolos desenvolvidos, transmitidos por grupos sociais; a exemplo da cultura do vaqueiro, através dos grupos de vaqueiros e de seleiros.

Sodré (1996) chama a atenção ao afirmar que é a memória coletiva que coloca o poder das diferenças no centro da experiência comum a todos, e adverte que a democracia atual tem convertido essa memória coletiva de experiência histórica em um fenômeno de senso comum, o que para ele é um processo de mutação da cultura. De acordo com Sodré (1996), a mutação cultural se caracteriza pela transformação de uma cultura cheia de memórias e de rituais para uma cultura do consumo, na qual as experiências e símbolos são transformados em produtos.

Na cultura do vaqueiro, o fenômeno da mutação, de que fala Sodré (1996), está presente e pode ser exemplificado pela descontextualização de elementos identitários como o chapéu de couro, que é parte da indumentária típica, e o aboio, que é uma expressão máxima de comunicação e têm sido utilizados por músicos de diversos gêneros e por marcas de moda, desvinculando-se do universo simbólico do vaqueiro, com o foco de lucrar com a cultura alheia, sendo essa uma das principais características da apropriação cultural.

A observação das transformações culturais ocorridas nessa cultura, revela uma interligação entre os processos de mutação cultural proposto do Sodré (1996) e a ideia de espetacularização apresentada por Carvalho (2010). Ambas são importantes para compreender como as práticas, os ritos e os símbolos dessa cultura têm sido ressignificados e consumidos em escala de massa na sociedade midiática e de consumo. Frente a este cenário, mais uma vez, a transformação da vaquejada de ritual de pertencimento comunitário para megaevento com perda de densidade simbólica serve de exemplo para ilustrar a convergência dos conceitos de mutação e espetacularização.

Assim, a análise da cultura desses grupos observa seus modos de vida, suas tradições e seu repertório lexical, a fim de compreender de que maneira esses

elementos constituem seus instrumentos culturais, reafirmando a cultura como um processo coletivo e dinâmico de mediação com o mundo.

## 2.2 REVISÃO DE TEMÁTICAS AFINS AO UNIVERSO DO VAQUEIRO

Uma busca no Google Acadêmico, nas páginas em português, pela palavra "vaqueiro" revela 19.000 resultados<sup>9</sup> entre artigos, dissertações e teses. O que demonstra o quanto o tema interessa à comunidade científica. Esse volume de dados se deve, entre outros aspectos, às muitas possibilidades de estudo para este eixo temático, pois se pode discutir o vaqueiro e sua relação com a natureza e/ou com os animais, investigar elementos da cultura material, como instrumentos e utensílios de trabalho, bem como representações da cultura imaterial, a exemplo dos aboios, toadas, práticas e costumes, para exemplificar algumas possibilidades.

Tão grande quanto o número de pesquisas é a variedade de temas nos quais o vaqueiro ocupa uma centralidade temática que permite explorar o assunto em diferentes esferas do conhecimento. Há estudos nas áreas de Crítica Cultural, como a dissertação de Madureira (2015), que discute a participação dos Encourados de Pedrão nas lutas da Independência da Bahia. Na Antropologia, há a dissertação de Pinheiro (2023), que investiga o uso de registros fotográficos da figura do vaqueiro no Rio Grande do Norte. Em História, a tese de doutoramento de Silva (2003) analisa a participação do vaqueiro e de outros grupamentos profissionais na formação do Médio São Francisco. Como também existem diversos estudos no campo das Letras, tanto em Literatura quanto em Linguística, como os que embasaram este trabalho.

Como referência desta pesquisa, nos apoiamos em alguns estudos linguísticos. Na perspectiva da análise do léxico de grupos profissionais, destacam-se dois trabalhos que organizaram os *corpora* em campos lexicais: a tese de Barreto (2015), que registra e analisa o léxico empregado na pesca artesanal da Ilha de Itaparica, fundamentada na Dialetologia e nas ciências do léxico; apesar de não pesquisar o vaqueiro ou o seleiro, é um trabalho que se debruça sobre o léxico a partir dos aspectos de um grupo profissional, algo semelhante ao que fizemos aqui. E a dissertação "O campo léxico do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao Barão de Jeremoabo" (Silva, 2011), que estrutura o campo léxico do trabalho

---

<sup>9</sup> Busca realizada em 04 de fevereiro de 2025.

organizando-o em sete microcampos, incluindo Instrumentos e qualificadores, totalizando 62 lexias. Destacamos ainda o artigo "A variação do léxico dos vaqueiros em Fátima-Bahia" (Reis; Marengo, 2010), que aborda lexias do campo semântico "Instrumentos" utilizados na lida com o gado.

Nunes (2018), em sua tese de doutoramento em Linguística Aplicada, realizou um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará, que foi fundamental para nosso estudo. O trabalho reuniu 641 lexias organizadas e distribuídas em 12 macrocampos, contendo o macrocampo instrumentos de trabalho – também validado por nós - que constitui o segundo maior macrocampo do seu estudo, com 133 lexias organizadas nos microcampos indumentárias, utensílios e recursos.

Outras referências que fazem análise semântico-lexical dessa temática são os trabalhos de Peixoto (2007) e de Chofard (2023). A dissertação de Peixoto (2007) utilizou um questionário organizado em campos semânticos para contemplar aspectos da vida do vaqueiro e sua lida com o gado no sertão<sup>10</sup> baiano, e Chofard (2023), em sua tese de doutoramento, coletou dados para elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT), investigando contatos intervaretales na rota dos tropeiros nos estados de São Paulo, Santa Catarina e Paraná. Apesar de o tema ser o tropeiro e não o vaqueiro, essa tese apresenta um Questionário Semântico Lexical com esferas semânticas que se aproximam bastante do campo lexical do vaqueiro nordestino, como as partes da montaria e a indumentária, e por nessa razão foi importante para esta pesquisa.

Além dos trabalhos acadêmicos, há registros em livros de épocas diversas. Andrade (1678) publica *Arte da cavalaria de gineta a estardiota*, importante perspectiva diacrônica, uma espécie de manual objetivando instruir os leitores tanto sobre a arte da cavalaria quanto sobre o processo de manuseio das selas e dos arreios. Posteriormente, já no século XX, são publicadas obras relevantes para a descrição da cultura do vaqueiro e do ciclo do couro. Goulart (1965, 1966) publica *Brasil do Boi e do couro* e *O ciclo do couro no Nordeste* dois marcos para entender a chamada civilização do couro. Em 1969, há a publicação de *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó*, de Oswaldo Lamartine de Faria que faz uma descrição

---

<sup>10</sup> Moreira (2018) esclarece que a primeira ideia de sertão chegou ao Brasil com a Carta de Pero Vaz de Caminha, sendo interpretada por relevantes obras como referência a lugares distantes da costa e uma abreviatura de 'desertão', terras sem comunicação. Neste trabalho, corresponde à sub-região do Nordeste, localizada entre o Agreste e o Meio Norte.

pormenorizada dos couros e arreios do vaqueiro, incluindo desenhos projetados pelo próprio autor. Vinte anos depois, em 1989, foi publicada a obra “*Fidalgos e vaqueiros*”, escrita por Eurico Alves Boaventura ao longo da década de 1950, trata-se de uma historiografia do sertão da Bahia, incluindo locais hoje pertencentes ao território de identidade da Bacia do Jacuípe, inclusive o município de Riachão do Jacuípe, onde o autor chegou a trabalhar como magistrado.

No campo dos estudos geolinguísticos, a dissertação *O cavalo em Sergipe: um estudo geolinguístico* de Mendes (1992) nos permitiu analisar o campo lexical pela perspectiva de cartas linguísticas, e o trabalho de Ferreira e Cardoso (2000) que facilitou a análise das obras cartografadas no Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (Rossi, 1963) e no Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (Ferreira et al, 1987).

Apesar da variedade de estudos disponíveis, muitos não contemplam toda a riqueza dos aspectos simbólicos, bem como pouco se fala sobre o couro relacionando-o à cultura do vaqueiro. Ainda há muito a ser dito sobre este campo cultural que sofre as imposições da vida moderna, transformando-se significativamente e perdendo muitos de seus elementos, símbolos e signos constitutivos. Por isso, este estudo se justificou como mais um registro dessas tradições. Neste estudo, dedicamo-nos a seguir pelo rastro do couro na cultura do vaqueiro, o que significou estudar no campo léxico materiais confeccionados em couro. Dessa forma, interessou-nos pesquisas que investigaram a relação entre léxico e vestimenta e materiais de trabalho, principalmente relacionados a vaqueiro/seleiro e ao couro.

### 2.3 ASPECTOS DA CULTURA DO VAQUEIRO

A cultura do vaqueiro é um universo rico e diversificado, permeado por tradições ancestrais e um vínculo profundo com o meio rural. Ao longo do tempo, no entanto, essa cultura tem passado por transformações, ocasionadas por práticas que entraram em desuso ou foram substituídas por alternativas mais modernas e eficientes, à medida que a indústria e a tecnologia avançam.

Optamos por utilizar a denominação cultura do vaqueiro, proposta por Nunes (2018) porque reconhecemos que, de fato, a figura do vaqueiro adquire evidência nesta cultura, uma vez que representa não apenas o profissional que cuida do gado, mas simboliza vivências e tradições englobando os costumes e os traços mais representativos dessa cultura.

O vaqueiro é uma figura histórica presente na cultura brasileira desde os primórdios da formação do país, desempenhando um papel fundamental na expansão territorial e no surgimento de muitas cidades no Brasil. De acordo com Boaventura (1989), o interior do país nasce com ele, o sertão deve sua existência ao vaqueiro: “Ao vaqueiro, sim. Deve [o sertão] a vida social que nele abrolhou intensamente. Deve a economia que sob a sua vista, à sua voz suja de poeira, se modelou, cresceu e auxiliou à combalida dos canaviais” (Boaventura, 1989, p.23). Segundo o autor, é a essa figura que está intrinsecamente ligado à vida social e econômica do sertão, sendo responsável por abastecer a atividade econômica, moldar a cultura e promover o crescimento das comunidades rurais.

Segundo Queiroz (2011), o gado foi introduzido no Brasil com a intenção de apoiar o crescimento da indústria açucareira, uma vez que a força dos animais era utilizada para movimentar os engenhos de cana de açúcar. No entanto, devido à necessidade de reprodução do gado, tornou-se imperativo levá-lo para regiões mais afastadas e interiores do país, deixando os campos livres para as lavouras, e começando a conquista das terras interioranas.

Nesse contexto, surge o vaqueiro, como o tropeiro do Nordeste, figura emblemática que era responsável pela condução do rebanho para as novas terras, distantes dos engenhos. Essa empreitada exigia abertura de caminhos, a ocupação de terras, a criação de pontos de paradas ao longo dos rios e até mesmo a organização de feiras. O vaqueiro desempenhava um papel estratégico na expansão territorial, sendo um agente importante na formação e participante mesmo da colonização de diversas regiões do país.

No curso desse movimento de expansão, todo o sertão foi sendo ocupado e cortado por estradas abertas pelas batidas das boiadas. Estas marchavam de pouso em pouso, assentados todos eles nos locais de água permanente e de boa pastagem, capaz de propiciar a recuperação do rebanho. Muitos desses pousos se transformariam em vilas e cidades, célebres como feiras de gado, vindo de imensas regiões circundantes. (Ribeiro, 2015, p.254).

A declaração de Ribeiro (2015 [1995]) evidencia o papel fundamental do pastoreio no período colonial do Brasil, que além de contribuir para a expansão territorial e povoamento do país, foi de grande importância para a economia, a sociedade e a formação da identidade cultural do nordestino e do brasileiro. No entanto, esse aspecto da história não costuma ser celebrado nem valorizado, “do pastoreio só se enxerga a figura escultural e primitiva do vaqueiro. Isto mesmo como

ornamento e não como alicerce da economia nacional”. (Boaventura, 1989, p.25). Na historiografia brasileira, o vaqueiro foi muitas vezes reduzido a uma figura folclórica, presa a estereótipos e representações simplificadas.

Essa imagem carregada de estereótipos tem sido cristalizada na literatura, onde muitas vezes a figura do vaqueiro se confunde com a do sertanejo. No entanto é importante destacar que embora todo vaqueiro seja um sertanejo, nem todo sertanejo é vaqueiro. O sertão<sup>11</sup> abriga uma diversidade de ocupações incluindo lavradores, pescadores dentre outros, e embora as representações do homem do sertão frequentemente o retratem como um ser essencialmente resistente, é necessário reconhecer que, mesmo na diversidade de vivências e perspectivas dentro dessa realidade, a cultura do vaqueiro reflete não apenas a resistência física, mas também a habilidade, o conhecimento e a sensibilidade presentes nessa trajetória. Mas é essencial evitar generalizações simplistas e buscar compreender as nuances e complexidades das pessoas e culturas que compõem o cenário do sertão brasileiro.

Diversos autores da literatura contribuíram para a criação de personagens que reforçam a imagem do sertanejo como um ser forte e resiliente, sendo retratados principalmente por vaqueiros. Essa representação está presente em *Os Sertões* de Euclides da Cunha; encontra-se igualmente em Chico Bento, personagem criado por Rachel de Queiroz, que retrata a coragem e a força no enfrentamento da seca. Outro exemplo é Fabiano, protagonista de “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos, um vaqueiro rude e calado que busca uma saída para sobreviver. Além de todo um universo criado por Guimarães Rosa cujas histórias evidenciam personagens, espaços e linguagens próprias da vaqueirice. Esses personagens literários reforçam o vaqueiro como uma figura que confronta os desafios e as adversidades do ambiente em que vive.

Queiroz (2010) defende o reconhecimento da cultura do vaqueiro como um patrimônio cultural imaterial da Bahia. Para o autor é imprescindível que a Bahia se reconheça para além da Baía de Todos os Santos, da região da Chapada Diamantina e do Recôncavo. Segundo Queiroz (2010), ainda não é o ideal, mas já existe uma evolução da política cultural da Bahia que está buscando ampliar seus horizontes e se estender para além das áreas convencionais:

[...] a política cultural da Bahia, no que concerne ao seu patrimônio, tenta ampliar seus horizontes e começa a se estender, para além do que se

---

11 Não incluiremos a definição de sertão. Este é um tema controverso sobre o qual há muita discussão na literatura. No contexto dessa pesquisa, o sertão é o mesmo que compreendem os vaqueiros e seleiros, é o lugar onde a vida do sertanejo acontece, o meio do mato, o meio da caatinga local.

convencionou chamar e entender como seu Centro Histórico (Pelourinho e adjacências e, quando muito, ações Pontuais em Cachoeira e Lençóis, com apenas pedra e cal) a todo o estado da Bahia com diretrizes, inclusive destinadas ao registro e salvaguarda de seu patrimônio imaterial. (Queiroz, 2010, p. 247).

Ao estender-se para além dos locais tradicionais, a política cultural pode promover a descentralização e o reconhecimento de diferentes expressões culturais presentes em todo o território, permitindo a valorização das tradições e dos saberes de todas as formas de expressões culturais na Bahia.

Queiroz (2010) argumenta que a territorialidade está intrinsecamente ligada à cultura e é impossível se pensar em patrimônio cultural sem considerar a questão do território. Embora existam ações pontuais de reconhecimento do patrimônio material e imaterial na Bahia, o registro e a salvaguarda de expressões culturais nos rincões do território têm sido negligenciados, evidenciando uma espécie de cegueira que apenas reconhece o passado colonial em torno de uma parcela mínima do território baiano, que abrange a Baía de Todos os Santos e o Recôncavo, mas não enxerga a magnitude da cultura do sertão que é, de fato, segundo o autor, o maior território cultural do estado.

Essa imagem estereotipada acabou contribuindo com a forma como os governantes negligenciaram a importância de implementar políticas públicas de atendimento ao homem do sertão. Como resultados, as comunidades rurais, onde vivem essas pessoas, pouco foram contempladas com serviços essenciais para uma vida digna tais como sistemas de captação de água, fossas sépticas, poços artesianos ou outros recursos apropriados para o contexto rural. Além disso, a carência de programas direcionados ao desenvolvimento dessas regiões contribuiu para perpetuar desigualdades e dificultar o progresso social e econômico dessas regiões rurais, acentuando o êxodo rural.

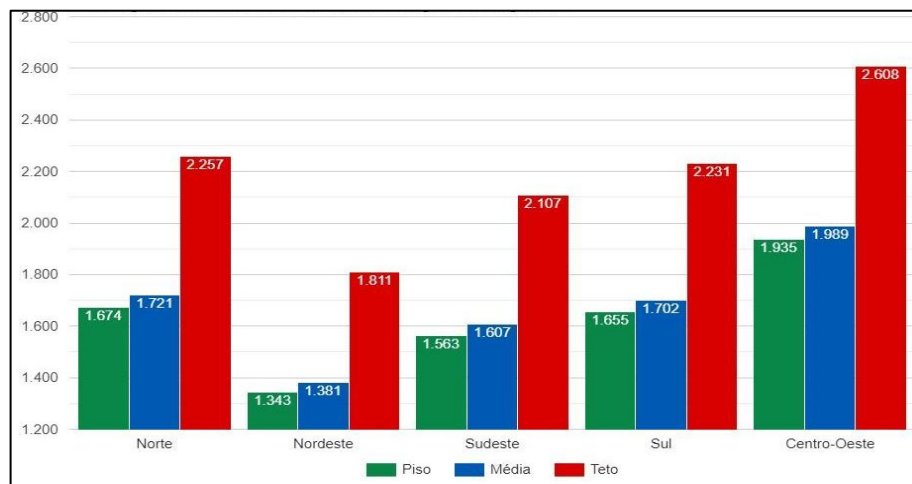
A luta de Queiroz (2010), antropólogo, poeta, que integrou o Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia pela valorização da cultura do vaqueiro e coordenou o Projeto “Histórias de Vaqueiros: vivências e mitologias” através do IPAC, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia realizou, entre 1985 e 1987, integra uma pesquisa em 36 municípios baianos, considerados referência para a cultura do vaqueiro, dentre os quais Riachão do Jacuípe. O recorte geográfico compreende regiões de caatinga usadas para criação extensiva de gado em fronteira aberta, o que significa dizer que o gado não ficava confinado e seu manejo dependia de um vaqueiro

encarregado de rotineiramente cuidar do rebanho, capturando-o e levando-o para o curral onde recebia cuidados de saúde, marcação com ferro e contagem.

O projeto coordenado por Queiroz (2010) teve como resultado o Registro do Ofício de Vaqueiro como Patrimônio Imaterial da Bahia, publicado em decreto governamental número 13.150, através do Diário Oficial de 10 de agosto de 2011 (Anexo B) que inscreve o Ofício de Vaqueiro no Livro de Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer do Estado da Bahia. O decreto representa uma vitória dos grupos que lutam pela preservação do patrimônio cultural e linguístico, uma vez que o vaqueiro é a figura mais expressiva na paisagem histórico cultural do Nordeste (Queiroz, 1987), sendo detentor de uma tradição oral e de um conjunto de símbolos materiais e um arcabouço lexical que representam uma parcela significativa da história da Bahia e do Brasil.

Não obstante esse reconhecimento, ainda existe uma desvalorização em relação à essa cultura, a qual vai se perdendo, ficando espalhada, fragmentada e enfraquecida. Observamos que a desvalorização não é apenas com a cultura, mas também com o vaqueiro enquanto profissional. Observemos o Gráfico 1 para compreender a falta de reconhecimento manifestada nos valores dos salários que esses homens recebem por sua atuação como vaqueiro, entretanto é importante entender que existem representações diferentes do vaqueiro nas diferentes regiões do país, e o gráfico é apenas uma delas:

Gráfico 1 - Salário de vaqueiro por região do Brasil



Fonte: Salário.com.br – CAGED – MTE12, 2023

<sup>12</sup> CAGED – MTE é a sigla para Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/vaqueiro-cbo-623110/> Acesso em: 12 de jun. 2023.

O salário destes homens é muito baixo. Mesmo quando têm os direitos trabalhistas respeitados os vencimentos são muito baixos, principalmente na região Nordeste que registra o menor valor pago a estes profissionais pelo Brasil. O Gráfico 1 mostra o valor do salário base registrado em CTPS (Carteira de Trabalho e Previdência Social) e contrato de trabalho sem adicionais pago aos vaqueiros nas diferentes regiões do país, considerando 85.262 salários de admitidos e desligados em regime de CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), no período de maio de 2022 a maio de 2023. O que chama ainda mais a atenção, pois no Nordeste o maior número de trabalhadores nesta área não está registrado e recebe um valor menor que o expresso no Gráfico 1.

Apesar da inegável relevância do vaqueiro para a história e a cultura, falta uma política pública dedicada a preservar a cultura do sertanejo e do vaqueiro ou mesmo fazer um reparo histórico necessário para resgatar e valorizar a importância do vaqueiro para a sociedade, a cultura e as tradições da oralidade. Iniciativas de reconhecimento e preservação histórica seriam fundamentais para destacar o papel desempenhado não somente pelos vaqueiros, como também pelos aboiadores e pelos seleiros na promoção e preservação dessa rica cultura, mas o que existem em termos de políticas públicas são apenas ações isoladas de alguns órgãos e pessoas vinculadas à cultura que lutam para proteger as tradições.

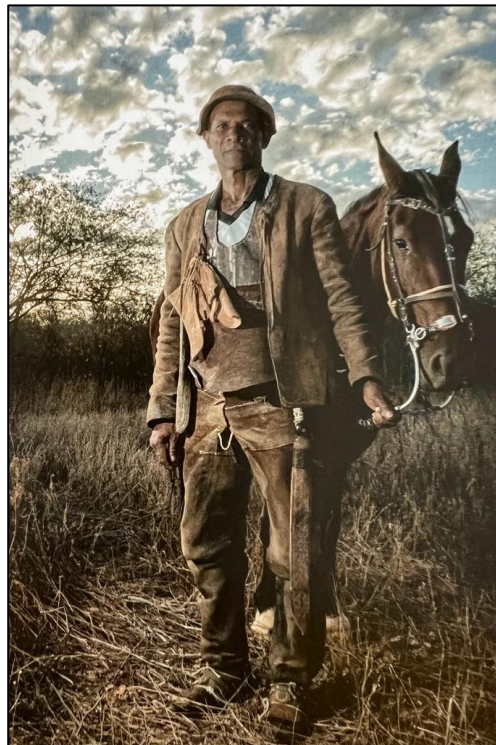
Um exemplo de iniciativas pontuais realizadas por órgãos e indivíduos do meio cultural é a exposição intitulada “Vaqueirama”, do fotógrafo Ricardo Prado. Essa exposição foi selecionada pelo Projeto “16 Ensaios Baianos” da Fundação Pierre Verger e esteve em exibição na própria Fundação Pierre Verger, em Salvador, Bahia. A visita a essa exposição foi realizada em março de 2023 e foi um momento de contemplar a força e o valor cultural que envolvem esse arquétipo emblemático do nordestino que é o vaqueiro. As imagens do fotógrafo Ricardo Prado capturam com sensibilidade e beleza momentos de contemplação e despertam admiração diante da força e vigor necessários para realização das tarefas do vaqueiro. O olhar apurado do fotógrafo contribui para a construção da identidade e para a valorização do vaqueiro como representação de um povo.

Além da mostra fotográfica, a experiência pode ser enriquecida com um catálogo individual que reúne as 30 imagens da exibição. As fotografias foram registradas entre 2016 e 2018 nos Estados de Pernambuco e Bahia, oferecendo um mergulho ainda mais completo no universo retratado por Ricardo Prado. O catálogo

permite apreciar e explorar cada imagem com detalhes, ampliando a imersão na jornada dos vaqueiros e na expressão artística do fotógrafo.

A Figura 1 apresenta a fotografia de um vaqueiro capturada pelas lentes de Ricardo Prado. Embora, à primeira vista, possa parecer uma representação que reforça o estereótipo comumente associado a esse indivíduo, sempre retratado como um guerreiro trajando uma armadura, neste caso o seu traje de couro, esta imagem vai além. Ela se configura como uma representação visual que, não apenas contribui para perpetuar a imagem do vaqueiro, mas também desempenha um papel significativo na promoção e divulgação da região da Caatinga.

Figura 1 - Vaqueiro Salomão, Bom Jesus da Lapa



Fonte: Catálogo de exposição do Projeto 16 Ensaios Baianos (2022).

A fotografia convida a uma análise mais profunda sobre o universo do vaqueiro e seus desafios, contribuindo para uma compreensão mais ampla dessa faceta da identidade brasileira. Na imagem, a solidão do homem do sertão espelha a condição de seu próprio legado; encontra-se solitário, assim como a própria cultura, dispersa e desprotegida devido à carência de iniciativas de preservação. Essa vulnerabilidade é acentuada pela falta de instituições que poderiam desempenhar um papel importante na preservação e no fortalecimento dessa herança cultural.

Um exemplo notável dessa dispersão reside na escassez de museus que se ocupam de resguardar a herança desses homens. Para este trabalho, fizemos uma busca pela internet por museus dedicados a essa temática, mas o resultado é desanimador e revelam a preocupante percepção de que essa tradição está gradualmente se perdendo, carente de uma preservação adequada.

A análise do Quadro 1 proporciona uma visão panorâmica das informações coletadas durante uma pesquisa na internet, específica sobre museus dedicados à cultura do vaqueiro.

Quadro 1 - Museus do vaqueiro no Brasil

Nome do museu	Local	Algumas notas	Link de acesso às informações
Museu do Vaqueiro <sup>13</sup>	Morada Nova, Ceará	Público, mantido pela prefeitura	<a href="https://www.moradanova.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=1">https://www.moradanova.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=1</a>
Museu da Cultura Cearense	Fortaleza, Ceará	Mantido pelo governo do Ceará, conserva a exposição Vaqueiros permanentemente	<a href="http://www.dragaodomar.org.br/institucional">http://www.dragaodomar.org.br/institucional</a>
Museu do Vaqueiro	São José do Mipibu, Rio Grande do Norte	Enfoque para vaquejada	<a href="https://memoria.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2013/01/museu-busca-preservar-a-cultura-e-a-historia-dos-vaqueiros">https://memoria.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2013/01/museu-busca-preservar-a-cultura-e-a-historia-dos-vaqueiros</a>
Museu do vaqueiro	São José do Mipibu, Rio Grande do Norte	Iniciativa privada	Instagram @museu.do.vaqueiro
Museu Homem do Curimataú	Cuité, Paraíba	Não retrata o vaqueiro, no entanto tem no acervo selas e arreios	<a href="https://encurtador.com.br/mCD45">https://encurtador.com.br/mCD45</a>
Casa Antônio Cabral	Alto Longá, Piauí	Privado	<a href="http://museus.cultura.gov.br/espaco/6226/">http://museus.cultura.gov.br/espaco/6226/</a> <a href="https://globoplay.globo.com/v/4379635/">https://globoplay.globo.com/v/4379635/</a>
Museu do vaqueiro de União	União, Piauí	Aparentemente está em ruínas	<a href="http://www.postuniao.com.br/Publicacao.aspx?id=339367">http://www.postuniao.com.br/Publicacao.aspx?id=339367</a>

<sup>13</sup> O Museu do vaqueiro de Morada Nova, Ceará, foi objeto de estudo em Nunes (2018), na tese intitulada Língua(gem) e cultura: um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará.

Museu Memorial do Couro	Salgueiro, Pernambuco	Público, mantido pela prefeitura	<a href="https://www.top-rated.online/cities/Salgueiro/place/p/4049182/Museu+Memorial+Do+Couro">https://www.top-rated.online/cities/Salgueiro/place/p/4049182/Museu+Memorial+Do+Couro</a>
Instituto Museu do Nordeste Barão de Jeremoabo	Itapicuru, Bahia	Pequena coleção com apenas 9 itens de utensílios em couro	<a href="https://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual-fotos-colecao-utensilios-em-couro-e-corda.php">https://museubaraodejeremoabo.com.br/museu-virtual-fotos-colecao-utensilios-em-couro-e-corda.php</a>
Museu Casa do Sertão	Feira de Santana, Bahia	Público, mantido pela UEFS	<a href="https://www.uefs.br/modules/contudo/contudo.php?contudo=119">https://www.uefs.br/modules/contudo/contudo.php?contudo=119</a>
Memorial Dr. Ivan Claret	Nanuque, Minas Gerais	Público	<a href="https://mapas.cultura.gov.br/espaco/14757/">https://mapas.cultura.gov.br/espaco/14757/</a>

Fonte: Elaborado pela autora

Há pouquíssimas instituições públicas que mantêm museus permanentes com a temática do vaqueiro, a maior parte do que existe está inserida em projetos que retratam o sertanejo e o ambiente rural como um todo, mas essa cultura é formada por elementos de ordem imaterial e material que carecem de preservação e de valorização e merecem uma atenção voltada especificamente para ela. São equipamentos, ferramentas, técnicas de trabalho, indumentárias, arreios, práticas laborais, para citar a cultura material. E em relação à cultura imaterial há os cantos de aboios, toadas, repentes e outras formas de cantoria próprias da oralidade, além do arcabouço lexical e das histórias de vidas que precisam de espaços, registros e ações que fomentem a preservação e a valorização dessa importante expressão popular.

Essa é uma dívida não apenas da Bahia, mas do Brasil para com a figura do vaqueiro, que apesar de ser uma das profissões mais antigas do país, apenas no século XXI foi reconhecida como um ofício, passando a constar no registro da Classificação Brasileira de Ocupações<sup>14</sup> (CBO) com o código 6231 que descreve como vaqueiros aqueles que:

Alimentam e manejam bovinos, bubalinos, eqüinos, asininos e muares, na pecuária de animais de grande porte; ordenham bovídeos. Sob orientação de veterinários e técnicos, cuidam da saúde dos animais e auxiliam na reprodução de animais. Treinam e preparam animais para eventos. Efetuam manutenção de instalações. Realizam tratamentos culturais em forrageiras, pasto e outras plantações para ração animal. (Ministério do Trabalho, CBO, 2023. Acesso em 28 jun. 2023)

<sup>14</sup> A CBO é o documento normativo que reconhece para fins classificatórios as atividades desempenhadas por uma pessoa com ou sem vínculo empregatício, considerando o contexto de trabalho como área de conhecimento, função, tipo de profissão ou ocupação. Esta classificação não tem fins de regulamentação profissional.

A CBO atua como uma classificação enumerativa e descritiva, sendo de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) sua elaboração, em 1977, e atualização pela portaria nº 397 de 2002, fundamentando-se na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO), da ONU, de 1968. A descrição da CBO para a atividade ocupacional do vaqueiro destaca atividades relacionadas ao manejo e cuidado de animais de grande porte; não apenas no cuidado e alimentação, mas também a ordenha e auxílio da reprodução, além do manejo e de tarefas relacionadas à manutenção das instalações. São atividades que exigem não somente conhecimentos práticos, mas versatilidade e um entendimento profundo com os animais.

Os animais estão muito presentes no universo de trabalho do vaqueiro. Essa relação vai além dos bovinos e caprinos, abrangendo também equinos, muares e até mesmo os caninos, que se tornam verdadeiros auxiliares na árdua tarefa do traquejo com o gado. O vaqueiro desenvolve uma comunicação única com seus companheiros animais, sendo capaz de compreender e interpretar seus gestos e movimentos, o que é essencial para a condução do gado de forma segura e eficiente. Essa conexão não apenas facilita o trabalho, mas também enriquece sua experiência no campo e fortalece os laços com a natureza ao seu redor. A cumplicidade e a confiança mútua entre o vaqueiro e seus animais, estabelece uma relação simbiótica essencial para a cultura do vaqueiro.

Tradicionalmente, quando se fala em cultura do vaqueiro pensa-se logo, de modo caricato, na emblemática figura de um homem velho com a pele castigada pelo sol, usando a indumentária tradicional de couro, montado em um cavalo, tendo como plano de fundo a paisagem da mais dura Caatinga, com chão seco rachado e árvores baixas e espinhosas, como se observa na Figura 01, anteriormente exposta, mas a esta cultura vai além. Está nas festas, nas competições, na preparação e no uso dos artefatos que compõem o típico cenário descrito precedentemente.

A indumentária do vaqueiro é confeccionada pelas mãos habilidosas dos seleiros que esculpem o couro e criam majestosas vestimentas e adereços. O trabalho cuidadoso do seleiro cria não só a vestimenta, como boa parte dos arreios utilizados para a montaria. A sela é uma das principais indumentárias produzidas pelos seleiros e utilizadas pelos vaqueiros, constituindo um ponto de intersecção entre esses dois ofícios.

A profissão de seleiro é tão antiga quanto a de vaqueiro e seu registro como ocupação na CBO está no grupo dos trabalhos artesanais, como “artífice de couro, arreeiro de couro, seleiro na fabricação” (CBO, 2023). Isso reflete a natureza artesanal e especializada do ofício de seleiro, envolvendo habilidades e conhecimentos específicos na produção dos arreios e de outros materiais necessários ao trabalho do vaqueiro, como as peças da indumentária. O registro na CBO destaca a importância dessa ocupação como uma atividade tradicional e significativa no contexto do trabalho com o couro.

Os elementos que constituem a cultura do vaqueiro são variados e pertencentes a segmentos diferentes. Para melhor compreensão de tais elementos vamos agrupá-los em cinco categorias: aboiadores, festas, seleiros, vaqueiros e vaquejada.

Os aboiadores são artistas que se apresentam em cavalgadas, missas de vaqueiros, argolinhas, vaquejadas e outras modalidades de festejos relacionados a esta cultura, entoando cantos de aboios, toadas, versos de repente, dentre outras formas da cantoria popular. A categoria festas comporta as pessoas que se envolvem na realização e participação em cavalgadas, argolinhas, pega de boi, missa de vaqueiro, corridas de cavalos, dentre outras. Nessa categoria existem muitos segmentos, são organizadores, integrantes de grupos de montaria, participantes de concursos, de premiações e de homenageados. Os seleiros integram a categoria de quem trabalha na produção, conserto e comercialização dos artefatos de couro e dos arreios usados pelas pessoas das outras categorias. Na esfera dos vaqueiros, estão os homens que trabalham em fazendas tomando conta dos animais. O grupo que forma a vaquejada compreende os participantes dessa competição esportiva, são bate-esteiras, vaqueiros puxadores, tratadores de animais, dentre outros.

No contexto das festas, como a missa ou a festa de vaqueiro, a cavalgada e a argolinha, é importante destacar que a realização desses eventos exige o envolvimento de diversas pessoas. As atividades relacionadas a essas festas são setorizadas e, em sua maioria, realizadas de forma voluntária. Algumas são formadas por comissões organizadoras com cargos fixos, mas o mais comum é que as comissões sejam montadas a cada edição da festa, sendo que ao final de cada evento, um membro é escolhido pelo presidente atual para assumir a presidência da próxima festa. Nesse sistema de sucessão de liderança, cada novo presidente forma

sua própria equipe, uma dinâmica que exige colaboração e engajamento dos membros da comunidade para a realização e perpetuação das tradições.

No entanto, é importante destacar que a organização e realização desses eventos dependem muito do trabalho voluntário das pessoas da comunidade. Os cargos envolvidos na organização das festas geralmente não são remunerados, o que pode dificultar a mobilização de voluntários e a continuidade das celebrações ao longo dos anos. A falta de apoio nas festas faz com que as mesmas pessoas sejam encarregadas da organização ano após ano. Com o passar do tempo, essa sobrecarga de responsabilidade pode levar ao cansaço e à perda de estímulo das pessoas envolvidas, tornando-se um desafio manter a tradição viva.

Além dos membros das comissões organizadoras das festas, é importante destacar a presença dos competidores que buscam premiações, seja em forma de dinheiro; animais (geralmente carneiros); troféus ou até mesmo bebidas. Essas competições envolvem vaqueiros que concorrem por diversas categorias, como a categoria de vaqueiro mais velho, mais jovens, mais bem trajado e mais mal trajado, de regiões distantes e de melhores aboiadores, entre outras. É válido mencionar também os grupos de montaria e os participantes dos concursos de marcha que inscrevem seus animais - tanto equinos quanto muare - para concorrer a categorias que julgam o andamento do animal, como a marcha picada e a marcha batida.

No contexto da vaquejada, prática que também se tornou atividade esportiva, há a presença de profissionais que desempenham papéis fundamentais. Além dos vaqueiros e aboiadores, há outros protagonistas que contribuem para o funcionamento e o sucesso da vaquejada. Entre eles estão bate-esteiras, vaqueiros puxadores, tratadores de cavalos e aqueles que oferecem suporte por trás do jequi<sup>15</sup>. Esses profissionais não apenas se relacionam de forma cultural e lúdica, mas, assim como o aboiador, o vaqueiro e o seleiro, têm nesta cultura uma fonte de sustento.

A partir dessa diversidade de profissionais e pessoas envolvidas, torna-se evidente como é variada e rica é a cultura do vaqueiro. Cada papel desempenhado contribui para a preservação e o enriquecimento dessa tradição, que vai além das festas e das competições, representando um modo de vida, uma forma de expressão e um elo entre as gerações. Por isso, é necessário que essa cultura se mantenha ativa e em constante evolução, pois através dela são transmitidos conhecimentos

---

<sup>15</sup> Compartimento onde o boi fica preso antes da partida nas vaquejadas.

ancestrais, valores éticos e morais, tradições e costumes que moldam a identidade do vaqueiro.

Nesta pesquisa são enfatizadas duas dessas categorias: seleiros e vaqueiros, investigando as relações intrínsecas entre elas e suas contribuições para a cultura do vaqueiro. O couro como elemento de conexão entre vaqueiros e seleiros é o que importa para este trabalho. Para fins de organização textual, iniciamos a discussão pelo seleiro, priorizando a distribuição desses elementos por ordem alfabética.

### **2.3.1 O seleiro**

Inicialmente, contextualizamos o papel do seleiro nessa cultura, começando pelo cavalo que é um animal que ocupa um lugar significativo na história social da humanidade, desempenhando ao longo dos anos papéis variados. Em diferentes momentos, ele serviu ao homem de muitas formas, uma das principais delas foi sua utilização como meio de transporte de uma época. Para atender às demandas humanas, o cavalo precisou de aparatos que o tornassem adequado a essas funções. E o ser humano, em sua habilidade de adaptar a natureza ao seu modo de vida, domesticou e moldou o animal para atender às suas demandas. Como parte do processo de adaptação, surgiram muitos instrumentos que foram desenvolvidos a partir dos materiais disponíveis em cada período, sendo o couro um dos mais importantes, atravessando vários séculos de utilidade na vida do homem. Dos diversos aparatos resultantes da domesticação do cavalo, a sela se destaca como uma peça da montaria que permanece relevante desde os tempos antigos até os dias atuais.

O artesão que se dedica à confecção de selas e de outros itens de couro é denominado seleiro, uma figura importante para a cultura vaqueira, já que a habilidade e o conhecimento na produção de peças para a lida do vaqueiro são fundamentais para a manutenção e preservação dessa cultura. O seleiro trabalha na tenda, que funciona como uma oficina artesanal, com práticas tradicionais e rudimentares, tendo o couro como material predominante em sua atividade, podendo ser tanto o couro cru, mais duro, quanto a sola, que é o couro curtido, mais mole e suave. Existem ferramentas básicas, indispensáveis para o ofício do seleiro. Faria (1969) destaca que:

poucos teréns servem à arte dos mestres fazedores de selas e encouramentos. Cavaletes para as selas, máquina de costura, serrotes, alicates, torqueses, compassos, réguas, uma tábua que mede pouco mais ou

menos 1x8 palmos onde se apoiam para cortar as peças menores e um sem número de agulhas, sovelas, alisadeiras, quicés bem amoladas, novelos de linhas e um bolão de cera de abelha (Faria, 1969, p.20).

A pesquisa de campo, realizada quase meio século depois da publicação de Faria (1969), confirma a simplicidade das oficinas dos seleiros, caracterizadas pelo uso de poucos materiais e ausência de tecnologias modernas, pois as ferramentas empregadas pelos seleiros, embora tradicionais, configuram formas legítimas de tecnologia de sua época. Esses recursos manuais representam um conhecimento técnico especializado e adaptado às condições locais. Durante nossas visitas às tendas, notamos que apenas uma delas possuía máquina de costura, revelando que o trabalho consiste em uma prática basicamente manual. O depoimento do colaborador S15J ilustra de forma descontraída essa realidade:

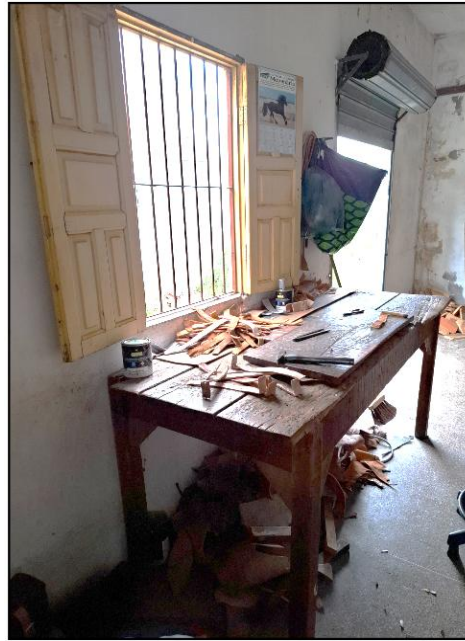
Exemplo 1 - Trecho da entrevista 15 – material de trabalho do seleiro

INF. – [...] o material é **faca, facão, escopo, sovela, vazador**, já foi... (risos).  
Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Pelo depoimento do colaborador, é possível inferir que a destreza e o conhecimento do seleiro são fundamentais no desenvolvimento da atividade, mais do que os materiais disponíveis.

A observação participante revelou que são parte ainda do variado instrumental dos seleiros e que não constam da lista de Faria (1969), os vazadores, uma tala de madeira para apoiar no colo nas situações em que precisam costurar à mão, martelo, pé de ferro, cola de sapateiro, caneta para riscar desenhos e fazer medidas, água para borrifar o couro, amolecendo-o e facilitando o manuseio. A imagem a seguir foi coletada durante a pesquisa de campo e exemplifica o quanto as tendas são locais de poucos instrumentos, de modo que o resultado do produto depende bastante da habilidade do seleiro.

Figura 2 - Tenda de seleiro



Fonte: Freitas (2025)

Os instrumentos de trabalho formam um rico arcabouço linguístico, mas são lexias que não estão diretamente relacionadas ao campo léxico do couro na cultura do vaqueiro e, portanto, não entraram no escopo da pesquisa. Estão relacionados a esse campo léxico os produtos resultantes do trabalho do seleiro, aquilo que eles produzem a partir do manuseio desses instrumentos.

É importante mencionar a forte relação do seleiro com a sela, pois há uma conexão entre esses dois elementos que é central para a profissão e para a cultura. A partir da função primordial de produzir selas, a profissão de seleiro ganha sua identidade e se estabelece como um ofício. A própria denominação da profissão “seleiro” deriva da unidade lexical “sela”. Aulete (2014) define seleiro como “fabricante ou vendedor de sela”, essa é uma definição já assentada desde o século XVIII com o registro de Silva (1789): “SELLEIRO, s. m. O que faz selas”. Demonstrando que a atividade de seleiro, cujo propósito principal é a fabricação das selas, remonta a tempos antigos e se constitui como um ofício consolidado ao longo dos anos, evidenciando a ligação estreita entre o ofício do seleiro e a fabricação das selas.

Os seleiros entrevistados nesta pesquisa demonstram essa percepção ao responderem sobre o significado de ser seleiro, associando-o à produção da sela. De acordo com suas respostas, ser seleiro implica dominar o conhecimento e as habilidades necessárias para produzir a sela e outros objetos utilizando o couro como

matéria-prima. A conexão entre o profissional e o processo de produção é destacada nas palavras dos colaboradores S16P, S20C e S13A que enumeram da seguinte maneira as ações para o trabalho com o couro em suas tendas:

Exemplo 2 - Trechos das entrevistas 16, 20 e 13 – o que faz um seleiro

(16)

INQ. – [...] O que é que faz um seleiro, qual é o seu trabalho, o senhor chega aqui todo dia e faz o quê?

INF. – **Eu pego a sola, eu corto**, tenho os modelo, tenho os modelo, **eu faço**, é assim, se a pessoa trazer uma mala, eu faço igual. Se a pessoa trazer um canivete, eu tiro a... a... **eu faço a bainha** dele e deixo certinha. Uma... um... uma faca, um facão. Tudo que ele trazer se ele coisar, **eu meço e trabalho e deixo bonitinho**. Uma malinha de couro pra botar ferramenta. Tudo isso.

INQ. – Hum. Então o trabalho do seleiro...

INF. – **É tudo que envolve o couro, com o couro.**

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, ensino médio.

(20)

INQ. – É. E assim o senhor é seleiro, né? O que é que um seleiro faz? Pra uma pessoa que não sabe o que é. O seleiro faz o quê mesmo?

INF. – O seleiro faz... **pega a sola, vai cortar pra fazer a sela**. Ai tem o... compra os otos material que... que precisa pra sela e vai juntando um com o outro até quando dá a sela pronta.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semianalfabeto.

(13)

INQ. – Conta aí o que um seleiro faz.

INF. – Hã?

INQ. – O seleiro faz o quê?

INF. – O quê? **Faz sela! Tudo, tudo, tudo que pensar de sela ele faz.**

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Ao observar esses depoimentos em que os seleiros falam de seu trabalho, é possível perceber diferenças significativas na forma como eles se relacionam com seus afazeres. O colaborador S16P, pertencente à faixa etária II, associa o fazer do seleiro a outras produções além da sela, como bainhas de facão e malas de couro. Por outro lado, os colaboradores da faixa etária III relacionam seu fazer diretamente à produção e manutenção da sela, de forma específica. O colaborador S13A é taxativo ao afirmar que o seleiro faz tudo o que diz respeito à sela, tudo que se pode pensar relacionado a ela. A diferença de idade entre os colaboradores é um indicador que, com a decadência da produção das selas, os seleiros mais jovens precisam aprender a se reinventar na profissão, explorando a produção de outros materiais e acessórios. No entanto, os mais velhos mantêm uma associação direta entre seu trabalho e a preparação das selas.

A sela como um dos frutos do trabalho do seleiro revela a sua importância no contexto da cultura do vaqueiro, pois a sela se constitui além de um acessório de montaria, representa um símbolo cultural e histórico fundamental na tradição do vaqueiro. No entanto, com o avanço da indústria e da produção em série de selas vai se tornando mais comum encontrar peças industrializadas, e a função do seleiro tradicional vai sendo gradualmente ameaçada. As selas confeccionadas em larga escala podem oferecer padronização e eficiência em termos de produção, mas perdem a autenticidade e o cuidado artesanal que os seleiros imprimem em cada peça. Essa transição para a produção industrializada representa um desafio para a preservação da profissão de seleiro e para a manutenção da cultura do vaqueiro em sua forma tradicional.

Além dos instrumentos de trabalho e da relação com a produção da sela, é importante pontuar sobre a clientela dos seleiros. Os vaqueiros sempre foram os principais consumidores, mas cangaceiros e ciganos também costumavam procurar pelos serviços e produtos desses artesãos, que não eram muitos, muitas vezes era preciso percorrer léguas para encontrar um especialista na arte do couro. O ofício de seleiro não era fácil e nem todos conseguiam se tornar um; era necessário ter habilidade e encontrar um mestre que transmitisse os ensinamentos da profissão. Além disso, podia haver outras exigências que dificultassem o livre exercício da atividade. A respeito dessa dificuldade, Goulart (1966) esclarece que não era qualquer pessoa que podia abrir uma tenda de seleiro e exemplifica com a norma para o estado de São Paulo, onde era preciso que o interessado se submetesse a um exame com o propósito de obter um atestado de capacidade, emitido à época pelo Senado da Câmara, certificando-o como apto a trabalhar como seleiro.

Podemos afirmar que profissão do seleiro é tão antiga quanto a do vaqueiro, refletindo que se trata de uma profissão relevante e de longa tradição na vida rural, que remonta a tempos históricos. Goulart (1966) destaca essa relevância ao se basear no Livro IV de Posturas do Senado da Câmara da Bahia, datado de 1785, para registrar um regimento específico para os Seleiros:

Que o seleiro levará por uma sela ordinária, que é a que não tem ferragem dourada com sírio de latão, 6\$000." "Por uma sela pespontada, e assento de camurça, sua pregaria e ferragem dourada à húngara, capa de moscovia, e arreios pespontados, 16\$000, e levando coxim de veludo à convenção das partes; por uma sela rica com capas de marroquim, arreios do mesmo pespontados com forragem à húngara, lavrada, dourada, assento e veludo e capa de carneira, levarão 35\$000. Os arreios de sege serão pagos à

convenção das partes. E levando mais dos preços taxados, pagará cada um dos ditos seleiros, 6\$, de cadeia onde estará 30 dias (Goulart, 1966, p.53).

A existência do regimento indica que a profissão era regulamentada, sinalizando sua importância econômica e social. No entanto, o trecho destacado pelo autor não estabelece direitos ou garantias a esses profissionais. O que fica claro é um foco na taxação e a necessidade de estabelecer normas punitivas com multas e possibilidade de encarceramento no descumprimento da lei. Na atualidade, a profissão de seleiro foi requalificada na CBO, em 22 de outubro de 2002, passando a constar na categoria dos ‘Trabalhadores Artesanais da Confecção de Calçados e Artefatos de Couro e Peles’. A descrição dessa ocupação na CBO (2025) inclui ações como cortar, montar e costurar calçados de couro à mão, confeccionar bolsas, carteiras, cintos, selas e arreios de couro, além de realizar acabamentos em calçados e artefatos de couro.

Observamos que as primeiras menções nos registros dos trabalhos relacionados com o couro referem-se à confecção de calçados, bolsas e outros itens, enquanto as selas e os arreios são mencionados apenas no final. Uma ordem de apresentação que pode ser reflexo das demandas do mercado e da relevância atribuída a cada uma das profissões associadas ao couro. O fato de a sela e os arreios aparecerem somente no final da descrição, pode ser uma forma de refletir o declínio da profissão do seleiro, sugerindo a perda de espaço da vida rural em um contexto de industrialização e massificação dos produtos com couro.

Apesar desse cenário atual de desvalorização do papel do seleiro, a importância dessa profissão para a sociedade pode ser percebida em relatos históricos em que a presença do seleiro era notada e registrada em situações cotidianas, evidenciando uma participação ativa desse profissional na vida das comunidades. Um exemplo é o episódio em que Koster (1942), em sua viagem ao Nordeste, por volta de 1809, descreve um encontro casual com um seleiro que o ajudou a atravessar um rio: “Nossos amigos, o seleiro e o dono da casa que tínhamos habitado na ida, receberam-nos muito cordialmente e se ofereceram para ajudar nossa passagem pelo rio” (Koster, 1948, p. 196). A menção especificamente ao seleiro, contrasta com a omissão da profissão do dono da casa, indicando que o trabalho do seleiro possuía algum tipo de relevância que merecia ser registrado, enquanto a outra pessoa que o ajudou não teve sua ocupação especificada.

Nunes e Ximenes (2018) afirmam que “a atividade de seleiro é um prolongamento e um complemento da atividade de vaqueiro”. Essas duas funções estão ligadas, uma à outra, pelo couro, que é o material fundamental que une ambas as atividades. O vaqueiro lida essencialmente com o boi, que fornece o couro utilizado como matéria-prima pelo seleiro na produção de aparatos e instrumentos essenciais para o trabalho do vaqueiro, como a sela, o chapéu e os arreios. Dessa forma, a existência do seleiro depende diretamente do couro e da profissão do vaqueiro.

A relação entre as duas profissões não gera uma fusão entre elas, cada uma preserva o seu saber fazer. O seleiro é o responsável por confeccionar a vestimenta, os apetrechos para os animais e de produzir os instrumentos de trabalho empregados nas atividades cotidianas; a profissão do vaqueiro depende diretamente dos materiais produzidos pelos seleiros, os quais são originados a partir do couro.

Embora o couro e os elementos produzidos a partir dele estabeleçam essa forte relação entre as duas profissões, cada uma tem o seu campo de atuação e exige saberes próprios. Andrade (1678), estribeiro do Rey D. João IV, publica um livro que discute especificidades da arte da cavalaria, descrevendo detalhes técnicos que os cavaleiros devem conhecer sobre os equipamentos, como a aparelhagem das selas e dos arreios e o manejo desses itens. Essa referência permite observar a cultura do vaqueiro através das lentes do passado, delineando com clareza o panorama do ontem e do hoje, pois em diversas passagens o autor enfatiza que muitos dos nomes e funções referentes ao campo léxico descrito em sua obra podem não ser familiares aos cavaleiros, e recomenda que eles consultem os seleiros para buscar esclarecimentos. O que indica que esses artesãos é que são os especialistas e possuem um conhecimento técnico sobre as selas e arreios.

Goulart (1965) diz que o couro mais do que um criador de profissões, foi um revelador de artistas. O que pode ser notado ao se examinar o trabalho relacionado ao couro, pois apresenta algumas especializações, evidenciando uma setorização das atividades exercidas pelos profissionais dessa área. Nem todos são seleiros ou apenas seleiros. Goulart (1965) aponta que, além da função de seleiro há as funções de curtidor, corrieiro e trançador<sup>16</sup>. Durante a pesquisa de campo, foi identificada ainda uma função não destacada por Goulart (1965), a de “fazedor de arçõo”. Embora a informação não tenha sido registrada por Goulart (1965), foi unânime entre os

---

<sup>16</sup> Curtidor, corrieiro e trançador, classificações de segmentos funcionais na categoria da profissão de seleiro, serão abordados a seguir.

entrevistados que a parte do arção não era executada por qualquer seleiro, era preciso uma certa habilidade e conhecimento específico para fazer o arção. O trabalho do “fazedor de arção”, talvez seja a parte mais complicada na produção da sela e a mais difícil de encontrar profissionais aptos a executá-la: Quanto à produção de arção em Riachão do Jacuípe, S13A alerta:

Exemplo 3 - Trecho da entrevista 13 – fazedor de arção

INF. - Num tem quem faça ação, os seleiros velhos morreram tudo, largô de fazer. Só tinha quatro **fazedô de ação**. Morrero todos quato e num ensinaro a ninguém.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Outra função importante na cadeia produtiva do couro é a do “curtidor”. Essa pode ser considerada uma das funções mais antigas desse campo profissional. Na classificação setorial dos trabalhadores com o couro, o curtidor pode ser visto como uma espécie de operário, em que sua atividade apesar de ser considerada a mais básica e primária dentro do processo de transformação do couro, é também de grande relevância, visto que é o profissional que prepara a matéria-prima, dando início ao ciclo de produção. Seu trabalho acontece nos curtumes e não nas tendas, que é onde se desenvolve a função do corrieiro e do trançador. Goulart (1965) destaca que Dom João VI incluiu um curador e um curtidor de peles entre os profissionais mecânicos de sua comitiva ao Brasil. Isso revela que desde o início do processo de nossa colonização a estratégia do colonizador era de maximizar os ganhos, apropriando-se de tudo que pudesse ser aproveitado.

O corrieiros trabalhavam com as correias e outros objetos de couro, como encostos e assentos de cadeiras e tamboretas (Goulart, 1966). Sua atuação assim como a do seleiro, recebeu um regimento do Senado da Câmara da Bahia, definindo valores para as mercadorias.

Os trançadores, basicamente fazem tranças de couro, de acordo com Faria (1965, p.48) “um trabalho de ciência, privilégio dos melhores mestres” que são fitas de couro cortadas em padrões específicos, dependendo do que se pretende confeccionar, podendo ser trançadas de várias formas, variando no número de tentos – as mais simples são de 3 ou 5 tentos, mas pode chegar até a 21 tentos – tranças elaboradas a partir de tiras de couro que se utilizam de enredamento simultâneo, conforme Benincasa [2008?]. De acordo com esse autor, o trançador ficava encarregado na confecção e no conserto de itens dos arreios, como correias, relhos

e cilhas (Benincasa [2008?]). O colaborador S13A revelou com certa satisfação que é um dos poucos seleiros da região que domina a arte de trançar, no entanto não se define como um trançador, e sim como seleiro. Pelo tom confessional da informação, aparentemente, a habilidade o deixa orgulhoso e confere algum destaque no grupo, conforme se pode observar em seu relato:

Exemplo 4 - Trecho da entrevista 13 – a arte de trançar o couro

INQ. – Agora eu reparei que o senhor tava fazendo uma trança no couro....

Me diz aí... como é isso?

INF. – Oh dizê o quê?

INQ. – O que é isso? Qualquer seleiro faz?

INF. – Não aqui é **seleiro que sabe trançar**. Tem seleiro ni Ipirá<sup>17</sup> que num faz. Tem vindo cia [cilha] aqui pra eu consertar que é lascado de fora a fora... aí ó.... o difícil dele é isso [mostra a ponta do couro fechada]. Trançar todo mundo intrança. Mas dislinhar e fechar ela pra ficar como cumeçô lá. Oi ó.... do modo como começô lá, terminô aqui.

INQ. – Sim. E embaixo não é aberto, né?

INF. – Num é aberto. E ni Ipirá tem muito seleiro, aqui também tem, já teve até aqueles mais velhos que lascava de fora a fora pra trançar, por que num sabia trançar assim. Que ela **vai inlinhano**, repare que ela **num sai de fora a fora**. Quem num sabe lasca pra sair de fora a fora. Tem seleiro que lasca pra sair de fora a fora.

INQ. – E essa trança aí é pra quê?

INF. – Aqui é barriguera. Barriguera de sela vaquera.

INQ. – Aí é coro de que?

INF. – Boi. Aqui é coro de boi. É sola.

INQ. – E ta molhado?

INF. – Tá. Só presta molhado. **seco num trança não**. Molhei onti, já deixê enroladinho pra trançar hoje. Aí ó.... Até isso aqui tem que ter ciência, óh como ele inlinhó [o couro enrolou] agora tem que pegar essa parte aqui, vem com essa ponta passa por aqui, já ficou três desse lado, torno passar por aqui... Tô seguro lá em cima [segurando na parte superior] ó.... pega essa duas aqui, passo por aqui [por baixo], vorto passo por aqui.... Pronto, já disimbaraçô. Pois aqui tinha seleiro aqui que num sabia fazê isso.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Ao fazer a trança para a cilha da sela vaqueira, o seleiro foi deixando evidente que a ciência consistia em saber trançar a partir de cortes paralelos internos na tira de couro, feitos sem abrir as extremidades. Segundo ele, uma destreza para poucos; pois, mesmo habilidosos seleiros da cidade de Ipirá, que é um polo referencial para a cultura do couro no Estado da Bahia, não conseguem trançar mantendo as extremidades inteiriças, como ele o faz. O colaborador exibia os tentos trançados para a confecção das peças que estava produzindo e que ilustram na Figura 3 o trabalho artesanal de traçar a sola de couro.

<sup>17</sup> Cidade vizinha a Riachão do Jacuípe que é referência no estado da Bahia no artesanato com o couro.

Figura 3 - Tentos de couro



Fonte: Freitas (2025).

Goulart (1965) adverte que há uma competição informal entre os artesãos do couro, impulsionada pela importância do arreamento. Ao que podemos afirmar que o trabalho do seleiro é, em certa medida, parte da identidade da cultura do vaqueiro, atuando como uma peça chave que já gozou de lugar de destaque nesse cenário. Retomamos brevemente a discussão sobre a época em que o cavalo era o principal meio de transporte, com o propósito de pontuar o quanto a atividade de seleiro se destacava no mercado no período em questão. Havia, por um lado aqueles que faziam os arreios básicos e, por outro, os mais habilidosos e experientes em produzir verdadeiras obras de arte. Já nesse contexto, as selas e os arreios não eram apenas utilitários como ainda hoje não o são, eram também símbolos, servindo para distinguir o poderio e a classe econômica dos indivíduos. Havia selas que eram verdadeiras obras de arte com arremates e enfeites de prata, forradas de veludo, tornando o seleiro um verdadeiro artista desse tempo. Goulart (1966) destaca essa questão ao afirmar:

No tempo do 'cavalo-rei', do 'caálo de stada', do 'cavalo trono', complementação indispensável à autoridade, ao poderio, à riqueza, à personalidade da aristocracia rural, o trançador e o seleiro chegaram a ser figuras apontadas e gabadas conforme a excelência das peças que produziam para alimentar o orgulho e a vaidade dos potentados rurais (Goulart, 1966, p.52).

Na citação, os símbolos de poder estão presentes na representação do cavalo que aparece como uma demarcação de prestígio e de poder, e na habilidade dos artesãos em criar peças em que a qualidade e a estética eram associadas aos *status* social de seus proprietários, funcionando como niveladores de classe e de poder

econômico. Uma situação que, muitas vezes, despertava em indivíduos de classes sociais mais baixas a necessidade de possuir uma boa sela como uma maneira de se sentirem parte da elite social. Os relatos da viagem de Koster (1948) ao Nordeste do Brasil, em 1809, levanta a questão das dinâmicas de classe, revelando um aspecto da sela como elemento nivelador da condição social:

Ouvi um plantador de cana de açúcar queixar-se amargurado de sua pobreza, e da falta de braços no trabalho de seu engenho que o obrigava a deixar inculta a melhor parte das terras. Depois dessas lamurias sua conversação se fixou sobre sélas e arreios e nos disse ter comprado recentemente uma séla nova e uma brida, que desejava mostrar-nos. Eram, verdadeiramente, soberbos arreios. A séla era feita de marroquim, bordada a veludo verde, e 'os cravos para ornamento da cabeça do animal eram de prata, assim como placas desse metal estavam profusamente semeadas em todos os lugares, tanto na séla como na brida. Disse-nos que tudo lhe custara quatrocentos mil reis, cerca de 110 £. Com essa soma de dinheiro teria ele adquirido quatro escravos. Mas o melhor é que, abrindo uma gavêta onde apareceram várias colheres, esporas quebradas e outros objetos de prata, informou-nos que reunira suficiente quantidade desse metal com o propósito de comprar enfeites para o cavalo de seu pagem, da mesma forma que o seu (Koster, 1948, p. 277).

O caso desse plantador é um exemplo ilustrativo para revelar o valor que a sela, e por conseguinte o trabalho do seleiro, tinha na sociedade da época. A contradição registrada por Koster (1948) revela complexas relações entre riqueza e poder que não discutiremos aqui, pois nosso foco não está nas hierarquizações sociais, e sim em analisar a importância da profissão do seleiro ao longo da história. A qual adquiriu um valor que foi se dissolvendo à medida que a profissão entrava em declínio; ao que sua matéria-prima, o couro, acabou por migrar da arte laboral para o domínio da indústria.

Nunes e Ximenes (2018) fazem considerações acertadas sobre a recategorização do couro no contexto contemporâneo, pontuando o uso dessa matéria-prima como uma peça de arte quando trabalhado pelo artesão e outros artistas. Ocorre-nos lembrar das mãos habilidosas de Espedito Seleiro e Juraci Dórea, que souberam conferir ao couro *status* de obra de arte fundadora de toda uma cultura.

Juraci Dórea é um artista visual de Feira de Santana/Bahia, sua obra envolve desenho, pintura e escultura e vem se destacando desde os anos 60, revelando um olhar estético para o Sertão. De acordo com Guérois (2008), no início da década de 80, o artista iniciou o *Projeto Terra*, percorrendo o interior da Bahia com esculturas, murais e telas, usando o couro e a madeira em peças esculturais e espalhando por

onde passava o estilo de xilogravura, comum na literatura de cordel, nos desenhos e pinturas.

O Terra é um projeto que vem se renovando e se mantendo ativo; em 2014, na ocasião da 3ª Bienal da Bahia, chegou a sua 50ª edição com um percurso percorrido por Dórea levando as esculturas de couro e madeira para várias cidades do interior do Estado, o itinerário percorrido pelo artista foi documentado pela TVE Bahia com o filme Expedição Terra (2014). Em uma ação do projeto, o artista montou a escultura representativa do *Projeto Terra* no *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A ação foi registrada pela TV Olhos d'Água e deu origem ao documentário “Sertão: paisagem Universal (2013)”<sup>18</sup>, um recurso audiovisual que exhibe cenas do artista em seu momento criativo, sobrepostas por reflexões em áudio de diversas figuras importantes para a memória e a história de Feira de Santana.

A instalação da obra registrada durante o documentário é feita em madeira e solas de couro, materiais que carregam consigo histórias e tradições de um sertão que vai deixando de existir. Nas palavras do próprio artista, o couro curtido é o material com que os sertanejos se identificavam (Dórea, 2008, *apud* Guérois, 2008). Uma identificação que está relacionada às memórias e a história da civilização do couro no sertão baiano. A Figura 4 ilustra esta obra emblemática sobre a influência do couro na região:

Figura 4 - Escultura Projeto Terra, UEFS



Fonte: Freitas (2025).

---

<sup>18</sup> Documentário pode ser acessado pelo link: [https://youtu.be/LYjTE\\_72XBU?si=5SLWcvh30nPgA7rM](https://youtu.be/LYjTE_72XBU?si=5SLWcvh30nPgA7rM)  
Acesso em: 13 mar. 2025.

Ao fazer reviver os tempos do couro, Juraci Dórea percorre o caminho inverso do percorrido pela civilização, o artista vai em busca de um outro caminho, aquele foi transformando o sertão baiano em um imenso Museu ao ar livre (Guérois, 2008). O Projeto Terra revela-se como uma forma de usar o couro para materializar, nos dias atuais, um sertão que já foi essencialmente de couro, tanto em ordem material quanto estética. A relevância desse Projeto, portanto, é imprescindível para o reconhecimento da importância da civilização do couro para a história do sertão baiano.

Outro artista de mão habilidosa que usa o couro como forma de expressão da cultura vaqueira é o cearense Espedito Seleiro. Embora este estudo se concentre no sertão da Bahia, especificamente Riachão do Jacuípe, é importante mencionar o mestre Espedito Seleiro, devido à sua expressiva representatividade para a arte do couro e à sua importância para a cultura do vaqueiro, uma vez que é um seleiro que se destaca na trajetória dos seleiros no Brasil.

Espedito Seleiro carrega em seu nome o ofício que marcou pelo menos quatro gerações de sua família — bisneto, neto e filho de seleiro; seu pai, além de seleiro, também era vaqueiro. Espedito representa a geração que precisou reinventar o ofício para garantir sua continuidade. De acordo com Dodt (2015), com a decadência da atividade de seleiro decorrente das transformações na cultura do vaqueiro, Espedito precisou decidir entre desistir da profissão ou criar novas peças voltadas para outro tipo de público.

De acordo com Dodt (2015), as mudanças na cultura vaqueira se transformaram em motivação para Espedito experimentar novas possibilidades estéticas, levando-o, pouco a pouco a migrar de peças voltadas para a lida do vaqueiro para o mercado da moda, que acabou se tornando a mais potente forma de expressão. Além de dialogar com a cultura do vaqueiro, sua arte também se conecta à estética do cangaço. Essa relação surge quando Lampião, o rei do cangaço, encomenda uma sandália ao pai de Espedito. Anos mais tarde, chega a vez de Espedito também receber a encomenda de uma de sandália, feita por um agitador cultural cearense, que mudou a história do seleiro. A partir desse momento, inicia a conexão de Espedito com elementos que vão além dos produtos à cultura vaqueira e além das formas utilizadas até então.

Para entender a relação entre a cultura do vaqueiro e o cangaço, presente na arte de Espedito Seleiro, analisamos suas criações relacionadas às peças da

indumentária do Vaqueiro. Com uma tradição que se estende por mais de mais de quatro séculos, as peças que compõem a indumentária são confeccionadas em couro, utilizando recortes e costuras básicas, recebendo apenas alguns adornos, como rebaxamentos feitos com rebite ou costuras decorativas. Características que fazem com que as peças se apresentem como básicas, com poucos desenhos ou detalhes. No entanto, Espedito Seleiro revolucionou trazendo para essas peças elementos do cangaço como estrelas, moedas e medalhas religiosas (Dodt, 2016), em suas criações. Além da incorporação desses elementos, inovou a antiga arte dos seleiros, quebrando a monocromia do couro ao tingi-lo em tons vibrantes e adicionando a sobreposição de desenhos geométricos decorativos em cada peça.

Figura 5 - A arte de Espedito Seleiro



Fonte: Flickr (2025).

Os curtumes da época não entregavam o couro tingido, então o próprio Espedito Seleiro usou a criatividade, apoiando-se em técnicas ancestrais no tratamento com o couro para pintá-lo. Valdevino, Brandão, Santos e Carneiro (2019) explicam que a técnica usada pelo artesão envolvia a casca de angico, uma planta característica da Caatinga e amplamente utilizada nos curtumes, conferindo o tom marrom; o uso do urucum resultando na cor vermelha, enquanto o preto surgiu da mistura de querosene com rapadura. O processo de tingimento, segundo Goulart (1966), é uma herança dos povos originários, em especial os Mbayá ou Índios Cavaleiros, que, conforme o autor, eram excelentes artesãos do couro e contavam com as mulheres na arte de pintar couros em variadas colorações.

Com tais inovações, Espedito Seleiro ampliou sua produção para muito além do universo da cultura vaqueira. Dodt (2015) demarca o São Paulo *Fashion Week* (2006) como o evento que apresentou o seleiro para o mundo. Após esse marco, suas produções integraram o figurino de filmes nacionais e viraram peças de arte em exposições em várias capitais do país. Em 2016, foi homenageado com a publicação

do livro *Meu coração colorado: mestre Espedito Seleiro*, pelo Senac do Governo do Ceará. Seu nome figura em museus e casas culturais em seu Estado, além de ser tema de diversas pesquisas na área acadêmica.

Esses eventos dão uma amostra da representatividade e importância de Espedito Seleiro para a memória do ofício de seleiro. Assentado no lastro secular da cultura do Vaqueiro, Espedito criou uma linguagem própria para sua arte que não apenas resgata tradições, mas atualiza a estética do couro, consolidando seu legado como um dos principais representantes dessa herança cultural.

Espedito Seleiro representa uma exceção no destino reservado aos seleiros na contemporaneidade, seu sucesso não livra a profissão da ameaça de extinção. Os seleiros estão desaparecendo, pois não há nova gerações aprendendo o ofício. Além disso, os produtos tradicionalmente confeccionados como as selas e os arreios, estão sendo produzidos em larga escala, por pequenas e grandes indústrias que oferecem mercadorias mais baratas, utilizando materiais mais práticos e econômicos, como o couro sintético. Outro fator que contribui para a crise da profissão é a dificuldade que os seleiros têm encontrado para obter a matéria prima, o couro legítimo está se tornando cada vez mais escasso. Atualmente os bois não são mais abatidos nas vilas e fazendas, mas sim em frigoríficos, com os couros sendo direcionados para empresas grandes. Além disso, a própria cultura do vaqueiro vem sofrendo transformações que ocasionam o enfraquecimento de antigos costumes e tradições.

Nessa seção vimos que o seleiro desempenha um papel importante na cultura vaqueira, sendo responsável pela confecção de peças fundamentais e por uma memória dessa cultura. Seu local de trabalho e os instrumentos utilizados contribuem de forma significativa para o campo léxico do couro na cultura vaqueira. Além disso, a setorização das atividades, com funções como fazedor de arção, corrieiro, curtidor e trançador, revela que há necessidade de habilidades específicas para o ofício, o que o torna sua preservação ainda mais importante. Durante essa seção ficou evidente que, por um período, essa profissão se destacou no contexto dessa cultura e, na atualidade, vimos o realce de Espedito Seleiro, elevando a arte com o couro a altos patamares. Entretanto, o declínio da profissão segue avançando, impulsionado pela industrialização e pelas transformações ocorridas na cultura. Para dar segmento à discussão, a próxima seção traça um panorama sobre o vaqueiro.

### 2.3.2 O vaqueiro

Há muitos e variados olhares para o vaqueiro. Para Medrado (2012), a literatura o romantiza como um tipo social com alto grau de idealização, já Dau Queiroz (2021) destaca a sua função dentre outras atividades desempenhadas no campo. Segundo o autor a relação que o vaqueiro estabelece com os animais, com seus trajes, com sua rotina diária, o diferencia dos outros trabalhadores. Assim, mediante a fantasia de herói e o prestígio que o caracteriza, o vaqueiro é visto de forma quase poética.

Do ponto de vista do prestígio desfrutado pelo vaqueiro, tomemos como exemplo um aspecto do trabalho de Silva (2011), que analisa correspondências do final do século XIX, escritas por vaqueiros e enviadas ao Barão de Jeremoabo, o Dr. Cícero Dantas Martins, figura política de destaque e grande proprietário de terras nas regiões do Sertão e Recôncavo baiano. Os escritos eram uma marca característica do Barão que escrevia em média 1.432 cartas por ano e tomava notas das correspondências que recebia, dentre as quais encontram-se as cartas escritas pelos vaqueiros com a prestação de contas referentes a transações de compra e venda de boiadas.

A possibilidade de se comunicar diretamente com o patrão, tomando conhecimento das negociações evidenciam a posição que esses trabalhadores desfrutavam em relação aos outros empregados, pois contavam com a confiança do patrão para resolver questões que envolviam finanças e bens; um ponto curioso em tais cartas é o acesso ao sistema de alfabetização que permitia a esses homens se expressarem por escrito em uma região em que a grande maioria era de analfabetos. O que nos induz a levantar a hipótese de que os vaqueiros que assinavam essas cartas talvez fossem mais do que vaqueiros, visto que ainda hoje os vaqueiros quase não têm acesso à educação formal ou ainda que tais cartas fossem escritas por algum escrevente profissionista. Almeida (2005), ao estudar o português falado em três comunidades no interior da Bahia, esclarece que a maioria da classe média rural só teve contato mais direto com a escolarização nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, as cartas são atribuídas a vaqueiros, o que nos leva a refletir sobre uma outra questão: o fato de que a moral adquirida por esses homens diante do patrão, considerando-se que fossem vaqueiros, não impedia a exploração de sua força de trabalho, pois ao mesmo tempo que se destacavam em relação a outros trabalhadores, permaneciam em uma posição de subserviência, a qual é evidente no

tratamento dispensado ao patrão nas cartas, por meio das quais eles comumente se referiam ao Barão como “meu amo”, uma forma de tratamento altamente serviçal.

Apesar dessa subserviência, prevalece sobre o vaqueiro a imagem emblemática e até mitológica de herói representante do sertão. Medrado (2012) demarca o surgimento do que chamou de “mito de origem” da idealização da figura do vaqueiro durante a fase de colonização dos sertões, perpassando diversos períodos da história do Brasil e se mantendo nos dias atuais, como um ofício que se destaca das outras atividades realizadas pelo homem rural. Segundo esta autora, ao longo do tempo, há três principais formas de difusão da imagem idealizada do vaqueiro: através da transmissão oral, com as narrativas de feitos heroicos que são contadas em versos de cordéis e de toadas; através da produção literária, inicialmente pelos folhetos de cordel e depois por nomes consagrados da literatura que imortalizam o vaqueiro através de personagens como Fabiano (Ramos, 1973) e Chico Bento (Queiroz, 2018); e também através de narrativas históricas contadas e cantadas pelos próprios vaqueiros. Observe-se o que Medrado (2012) afirma sobre esta questão:

Esse crivo inicial fixou o vaqueiro no imaginário das elites como um tipo digno, honrado e correto, além de corajoso. Concorreu para a confirmação dessa imagem o próprio cotidiano aventuroso desse trabalhador, a relação de intimidade e cumplicidade estabelecida com o patrão e a reiteração social constante desses atributos (Medrado, 2012, 127).

Dau Queiroz (2021) ao estudar o vaqueiro em sua lida diária, observa que ele se destaca na profissão como um especialista, alguém com conhecimento aprofundado no que faz, estando acima do agregado e dos outros trabalhadores rurais por sua coragem, habilidade e destemor. No entanto, questiona a utilidade desta especialidade que o coloca em uma posição de destaque em seu setor de serviço, dado que as condições de vida e de trabalho do vaqueiro são tão precárias quanto as dos demais trabalhadores:

A vivência sertaneja rural, me permite perceber o vaqueiro como um trabalhador destacado em seu contexto. É um especialista (ou era). Estava acima do trabalhador agregado, recebia um prestígio e respeito por sua expertise e por seu destemor. Ser vaqueiro significava valentia. Mas, suas condições de vida e de trabalho eram tão precárias quanto as dos demais trabalhadores rurais, com raras exceções. Por que, então, ser vaqueiro? Por que arriscar cotidianamente a vida? Que gozo retirava desse sofrimento? O entendimento desse sujeito me levou a considerar a possibilidade de um ganho que outros trabalhadores não vaqueiros não teriam. Esse ganho seria a representação simbólica (Dau Queiroz, 2021, p. 39).

As respostas aos questionamentos levantados por Dau Queiroz (2021) podem estar na representatividade do que é ser vaqueiro e no reconhecimento que ele adquire entre os pares. Já que ser vaqueiro oferece um prestígio e respeito dentro da comunidade que justifica os riscos e sacrifícios da profissão. Os fatores distintivos da profissão conferem um sentido aos riscos aos quais esses homens se submetem, pois o vaqueiro é um personagem que assume uma centralidade nesta cultura (Pinheiro, 2023), cuja identidade está ligada não apenas à habilidade no manejo do gado, mas a uma coragem e determinação que o colocam em uma posição central no imaginário não apenas do homem nordestino, mas povoa também a imaginação de escritores e artistas.

Em meio às agruras da vida difícil, ser vaqueiro é símbolo de virilidade e de destemor; com isso, a função do vaqueiro foi se ampliando para além da lida profissional e adquiriu esta simbologia que, na atualidade, alimenta toda uma cultura que se mantém através da espetacularização de atividades próprias da lida do vaqueiro como a pega de boi no mato, a vaquejada e a cavalgada que eram parte das atividades laborais da rotina do vaqueiro até a primeira metade do século XX, constituindo apenas o seu trabalho, mas atualmente se transformaram em atividades culturais que reproduzem, uma forma de espetáculo, muitas vezes midiático, das quais os vaqueiros não participam.

Ao descrever a lida do vaqueiro, Dau Queiroz (2021) inclui o manejo como atividade rotineira:

Por razões históricas e geográficas, a atividade do vaqueiro até meados do século XX, se voltava para o manejo do gado pé-duro e selvagem, criado em fronteira aberta, necessitando que rotineiramente fosse capturado e trazido para o curral, para os cuidados com a saúde, marcação e contagem. (Dau Queiroz, 2021, p.38).

Assim, a atividade diária do vaqueiro durante muito tempo se manteve no mesmo formato do início da colonização. Abreu (1976) traz o destaque desta atividade frente às outras ao descrever a rotina de trabalho no período colonial, como uma prática bem próxima da forma com que atuavam até meados do século passado:

Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia analisar e ferrar os bezerras, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Para cumprir bem seu ofício vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem atender às maiores chuvas e trovoadas,

porque nesta ocasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia. [...] Depois de quatro ou cinco anos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias, cabia-lhe uma [...] A gente dos sertões da Bahia, Pernambuco, Ceará tem pelo exercício nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenhos ser nela ocupada, consistindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro (Abreu, 1976, p. 127).

A descrição de Abreu (1976) coloca o vaqueiro como figura indispensável na fazenda, realizando tarefas que exigem habilidade de manejo, de cuidados e de conhecimentos sobre o ambiente e sobre o comportamento animal. Um labor que se destaca pela quantidade de tarefas e pela responsabilidade atribuída diante do gado, um bem muito valioso ao patrão e que, por isso, exigia constantes provas de lealdade, uma vez que boa parte dos proprietários eram absentistas, cabendo ao vaqueiro toda a responsabilidade pela propriedade.

Conforme já mencionado, os vaqueiros não eram reconhecidos ou recompensados por seus patrões. Mas mesmo diante das difíceis condições de trabalho, atuar como vaqueiro era uma idealização desejada por muitos que ansiavam ocupar essa posição marcada culturalmente e respeitada pelos colegas de profissão.

O vaqueiro que gozava do privilégio de se destacar dos outros trabalhadores assumia a função de administrador da fazenda, “era ele quem se reportava diretamente ao proprietário para prestar contas, articulava a venda de gado, organizava a contratação de empregados e controlava seus serviços” (Medrado, 2012). O vaqueiro que não ascendia, não passava de um cuidador do gado, eram tipos comuns que lidavam diretamente com os animais, faziam conserto de cercas, limpeza de cochos, vacina e ferra, obedecendo ao vaqueiro administrador. Tais distinções não eram demarcadas, em algumas situações essas funções se acumulavam e o termo usado para ambas as ocupações era sempre vaqueiro, o que pode justificar as cartas enviadas ao Barão de Jeremoabo.

As mudanças ocorridas a partir da segunda metade do século XX são decorrentes da entrada de capitais com políticas de incentivo dos governos estaduais, como a lei nº 1626, de 22 de fevereiro de 1962, decretada por Juracy Magalhães, então governador da Bahia, que isenta as associações rurais de impostos e taxas na aquisição de maquinário, instrumentos e ferramentas de uso agropecuário<sup>19</sup>. Outro fator de mudança é a abertura de bancos com maior facilidade de empréstimos o que

---

<sup>19</sup> A referida lei está disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-1626-1962-bahia-isenta-de-imposto-e-taxas-as-associacoes-rurais-e-estabelece-outras-providencias>. Acesso em: 25 ago. 2024.

levou à substituição do gado pé duro por animais de raças próprias para o abate, como o gado nelore. O que incentivou a produção de leite, e com isso o sistema de confinamento ganhou mais lugar que a criação em campo aberto, provocando uma mudança na atividade do vaqueiro que pouco a pouco vai deixando de ir para o trabalho em campo e se dedicando mais a atividades em patos isolados.

Além dos fatores citados, a abertura de rodovias está entre os pontos que marcam mudança nas atividades rurais do Nordeste, permitindo o transporte do gado em caminhão boiadeiro, o que levou à dispensa do trabalho dos vaqueiros tropeiros, responsáveis pelas comitivas de condução de gado. No entanto, apesar de todas essas alterações na atividade cotidiana do vaqueiro, ele continuou tendo destaque dentre os trabalhadores da fazenda, porque ser vaqueiro ainda é uma atividade que sobressai dentre as funções desempenhadas pelos trabalhadores da atividade rural, uma vez que essa função confere certa liberdade ao vaqueiro de transitar da realidade dos trabalhadores para o universo do patrão, o que acaba se tornando um traço distintivo da profissão, tornando-a uma peça fundamental para conectar o universo do empregado ao do empregador.

Há, ainda, uma singularidade no vaqueiro que é a capacidade de conectar o passado ao presente. Cunha (2010) destaca a complexidade da identidade cultural do vaqueiro, mostrando que esse sujeito se caracteriza como resultado da fusão entre etnias:

Caldeadas a índole aventureira do colono e a impulsividade do indígena, tiveram, ulteriormente, o cultivo do próprio meio que lhes propiciou, pelo insulamento, a conservação dos atributos e hábitos avoengos, ligeiramente modificados apenas consoante as novas exigências da vida. (Cunha, 2010, p.66).

Um argumento também defendido por Silva (2003) que diz que o vaqueiro vem do contato direto do branco colonizador com o índio, fazendo com que a mestiçagem desenvolvesse um papel importante na conquista da terra:

A mestiçagem com o indígena foi a estratégia de maior eficiência que o colonizador poderia utilizar para conhecer realmente a terra e o que nela existia, inclusive os habitantes naturais. O parente mameluco mediou essa apropriação com uma rapidez só perceptível no número de componentes mameucos de uma expedição, conforme documentos oficiais da época,[...] Barbalho se refere a esses 800 indígenas como potiguares e tabajaras e explica que a participação maior de mameucos nas expedições devia-se ao fato de nascerem livres e procurar acompanhar o pai branco, enquanto o mulato nascia escravo e, nesta condição, procurava aquilombar-se; aquilombado, aproximava-se facilmente do tapuia-cariri. No engenho ou na fazenda, o mulato continuava escravo e como tal permanecia na senzala, enquanto o mameluco era livre, aproximava-se do pai e tornava-se predador

de sua gente; este desconhecia a mãe, aquele não conhecia o pai (Silva, J., 2003, p. 99).

O vaqueiro transita nessa figura do mameluco livre, atuando muitas vezes como predador de sua própria gente, sendo usado como mediador entre o seu povo e o colonizador, o que, de um modo ou de outro, contribui para sua imagem enquanto um elo vivo entre as gerações que mantêm preservadas práticas e tradições dessa fusão identitária entre a cultura do branco colonizador e as práticas culturais originárias que juntas formam a cultura do vaqueiro.

Desse modo, fica latente a combinação de elementos que marcam a identidade do vaqueiro nordestino, que muitas vezes sob o isolamento geográfico, cultivou e manteve suas marcas culturais, conservando o que traz do lado materno, e ao mesmo tempo, adaptando-se às novas formas de vida imposta pelo colonizador. Enraizando-se como uma profissão antiga que se mantém ainda atual. De origem ancestral, percebe-se no fazer do vaqueiro, ainda no século XXI, a conservação de práticas, instrumentos de trabalho e costumes que remontam costumes do século XV, o que conferem à lida vaqueira uma atualização dessa cultura com a contemporaneidade. Embora mudanças decorrentes de fatores sociais e políticos, a partir de meados do século XX, tenham provocado muitas alterações nas práticas dos trabalhadores, principalmente como novas formas de manejo e de condução, o vaqueiro ainda resiste.

De acordo com Queiroz (2021), algumas das transformações que ocorrem ocorreram têm relação com a extinção do sistema de criação em fronteira aberta, inviabilizando a aplicação de métodos tradicionais de manejo e condução das boiadas a cavalo. Ademais, há outros fatores como: (i) a entrada de capital novo; (ii) ampliação do número de criatório de gado confinado; (iii) a abertura de rodovias incentivando a condução de gado em caminhões boiadeiros; (iv) a facilidade de acesso, para o produtor rural, à abertura de créditos e a incentivos governamentais e bancários; todos esses são fatores que marcam as mudanças ocorridas no sertão e que impactaram grandes transformações no modo de ser e de existir da cultura do vaqueiro.

Outra situação que ilustra as modificações na cultura do vaqueiro diz respeito ao que, antigamente, o vaqueiro encarava a dura realidade de trabalhar encourado como uma forma de proteção contra galhos e espinhos da Caatinga. Essa vestimenta tornava-se indispensável para enfrentar os desafios da vegetação árida e espinhenta,

a qual representava um perigo constante durante a busca pelo gado. Na atualidade, essa necessidade não existe mais, em muitas regiões.

Além disso, a luta para encontrar o gado na vastidão da Caatinga era uma tarefa desafiadora que exigia grande habilidade e conhecimento do território. O vaqueiro, quando saía em busca do rebanho, se embrenhava na mata fechada, enfrentando a vegetação densa, as trilhas estreitas e os obstáculos naturais. Essa busca era sempre árdua e, muitas vezes, bastante demorada. Necessitando de paciência e de perspicácia do vaqueiro para rastrear os animais em meio à vastidão da Caatinga.

Os riscos e obstáculos do ambiente natural estavam constantemente colocando em perigo a integridade física do vaqueiro. Durante as longas viagens a cavalo para transportar o gado, o vaqueiro se deparava com situações adversas, precisando se abrigar sob árvores e dormir ao relento. Além disso, a travessia de rios cheios com grandes boiadas exigia habilidade e coragem para garantir a segurança dos animais e do próprio vaqueiro. O colaborador V11R chega a se emocionar ao relatar um episódio que marcou sua atividade como vaqueiro quando precisou atravessar um rio com a boiada:

Exemplo 5 - Trecho da entrevista 11 – travessia do rio

INQ. – Agora eu queria que o senhor puxasse pela memória aí e pensasse em uma lembrança boa ou ou mesmo ruim que marcou sua vida, alguma coisa que aconteceu.

INF. – Rapaz, que marcou minha vida. Então... eu tou assim...

INQ. – Um dia que foi buscar um... um... um boi e deu trabalho ou uma...

INF. – Sabe o que foi?

INQ. – É? Assim... conte um caso aí

INF. – Foi... foi o dia que eu... que eu passei, eu acho que sim, eu passei no rio estava bem espalhada [a água] já fora da cava e eu passei com o animal nadando. Foi o dia pior.

INQ. – Tava sozinho?

INF. – Não. Tava eu e G. Lembra de G. do Riachão?

INQ. – G. de Z. chamado?

INF. – Que corria vaquejada. Pois foi ele. Que ia eu e ele na frente com o gado.

INQ. – Ele era primo de meu pai.

INF. – Ah... pois foi eu e G. Ele falou assim: “O que é que faz? O rio tá espalhado já. Vamo cuidar, o povo que vai pra Chapada com o gado tem que cuidar que o rio na Terra Branca já tá cheio.” Aí nós puxou o gado..., quando chegou na passagem, naquela barragem de C. que tem né? Ali, ali tem uns morro de pedra que a água ficava parada, um poço, mas assim os animais passavam dano na capa da sela assim, né? E quando a gente chegou tava aqueles morro de pedra tudo coberto. Eu falei: “Tem muita água mesmo. E o pior que não dá pra passar que os cavalos vai se bater nos morro de pedra”. Não. Aí G. “se tiver um que tenha coragem de passar na frente do gado mais eu, nós vai passar ali embaixo que a passagem é bem mais larga, mas não tem pedra não tem nada, os cavalo nada”. Eu falei: “eu topo”. “Topa mesmo?” “eu topo”. Aí quando chegou lá, era aquela terra preta. Os animá atolando

assim um pouco. E o gado foi rodando assim o rebentão do rio. Aí eu botei o animal, quando eu botei o animal, o animal cheirou água assim e deu um assopro aí se jogou assim. Aquilo me deu... sabe? Aquela coisa assim eu falei: “É..” aí G: “não solta a rédea e nem prende a rédea demais que... deixa o animal se fazer, segure na crina, na rédea assim um pouco folgada, destá que o animal se faz. E se vim... se vim algum pau, algum arame, alguma coisa a gente tem que soltar o animal e pular fora nadano. Senão a gente morre”. Aí mesmo assim a gente fez. E aqueles corrupio na água assim acho que jogando água. Aí eu lembro que quando chegemo no meio do rio G. falou assim: “ R. boia o gado, dá um grito pro gado...” que o gado quando viu a gente entrar na... na água ficou tudo querendo acompanhar, mas rodando assim sem disposição de entrar. Eu falei: “não, não vou gritar não agora, se gritar a água vai tirar os animal [os cavalos] porque esse tanto de gado vai... a água vai dar aquele tombo né? Os animais vai perder o controle. Eu vou aproveitar quando os animal tiver saindo, né?” Quando os animais [os cavalos] tava saindo da água eu gritei o gado, dei um aboio e aí o gado se jogou tudo, foi... [choro de emoção].

INQ. – Fica marcado. Oh... o senhor se emocionou. E conseguiu todo mundo sair? os animal tudo, não perdeu nada? [voz embargada].

INF. – Foi. [silêncio/ suspiro].

INQ. – É. Só Deus mesmo, não é? Ah... seu R. o senhor se emocionou e eu também agora.

INF. – Foi muito difícil. [choro/ silêncio]. Foi o momento que marcou minha vida. Aí eu falo assim: “nunca mais eu faço isso”. Botar um animal pra nadar dentro d'água. É... isso foi... pra mim teve muito momento difícil, mas tem uns pior, né?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado

O relato do vaqueiro sobre o episódio de atravessar o gado pelo rio cheio revela uma tríplice conexão entre homem, natureza e animais. Nessa narrativa, é possível perceber a sintonia existente entre os três elementos, em que o vaqueiro, o cavalo e o gado compartilham sentimentos e confiança mútua durante a travessia no rio. Ao descrever a reação do cavalo, que ao assoprar diante da água mostrou sua percepção do perigo iminente, mas, ainda assim, confiou na orientação do vaqueiro, fica evidente a cumplicidade que existe nessa relação. De forma semelhante, o gado inicialmente relutou em entrar na água, mas ao som do aboio do vaqueiro, entregou-se ao comando e se lançou rio adentro. Esta situação mostra uma conexão especial, baseada em confiança e respeito, que transcende as barreiras entre o ser humano e os animais. O vaqueiro não se coloca como dominador, mas como um parceiro na jornada com os animais, compreendendo suas reações e necessidades.

Atividades como esta, de realizar transporte do gado cortando estradas montado a cavalo, eram parte essencial da rotina do vaqueiro no passado, mas que vem se tornando cada vez mais raras nos dias atuais, em que o transporte fica a cargo dos caminhões boiadeiros pelas rodovias do país. No entanto, é preciso compreender que a mudança é um processo natural, todas as esferas da vida estão em constante

transformação. E a cultura do vaqueiro não escapa às modificações impostas pela vida moderna. Alguns desses costumes têm se adaptado ou mesmo sido abandonados por não fazerem mais sentido nos dias atuais, ferramentas de trabalho estão sendo substituídas por outros recursos oferecidos pelo progresso e algumas práticas simplificadas por avanços científicos e tecnológicos.

Outro exemplo das transformações vivenciadas pela cultura do vaqueiro é o uso da careta<sup>20</sup>, uma máscara de couro que costumava ser colocada no gado para facilitar sua condução. A careta cobre parte da cara do animal, envolvendo seus olhos e proporcionando ao vaqueiro maior controle e direcionamento durante a atividade de condução. A prática de colocar careta nos animais era comum em épocas em que o transporte do gado era feito por tropas vaqueiras, como mencionado anteriormente. Devido à modernização dos meios de transporte e à diminuição da atuação dessas tropas, a careta tem entrado em desuso e praticamente não é mais utilizada. Como atualmente o transporte de gado é realizado pelos veículos e os animais têm contato frequente com pessoas, carros e motos, isso os torna menos agressivos e não exige mais o uso da careta para controlá-los. Essa mudança evidencia como tem sido necessário para a cultura do vaqueiro adaptar-se às transformações do tempo e às novas realidades, ajustando suas práticas e instrumentos de trabalho para se adequar ao contexto contemporâneo.

Mais um aspecto importante nas mudanças que vêm marcando a cultura do vaqueiro, está afetando diretamente um de seus maiores símbolos: a extinção da sela vaqueira<sup>21</sup> que praticamente não está mais sendo fabricada. A sela vaqueira é apropriada para o uso na Caatinga e tem sido substituída por outros tipos de sela. Uma das razões dessa mudança é a extinção das áreas de Caatinga.

Um outro fator importante nesta questão das transformações ocorridas na cultura vaqueira é a degradação das áreas de Caatinga que, além de impactar diretamente na biodiversidade, acarreta em prejuízos para a cultura, estabelecendo novas formas de agir e novos costumes. O fim da Caatinga leva ao declínio a tradicional pega de boi no mato<sup>22</sup>, dispensa o uso da indumentária do vaqueiro que

---

<sup>20</sup> A discussão sobre a careta aqui apenas ilustra aspectos culturais. A lexia careta consta na seção de análise dos dados – no macrocampo utensílios, microcampo para manejar.

<sup>21</sup> A discussão sobre a sela vaqueira nesta seção serve para ilustrar a mudança na cultura, uma discussão ampla sobre as lexias que designam as tipologias das selas foi realizada na seção 5.

<sup>22</sup> Prática em que os vaqueiros são desafiados a capturar um boi bravo no meio da mata.

não precisa estar em couro<sup>23</sup> para realizar suas atividades cotidianas e, muitas vezes, acaba abrindo mão até mesmo da boa e velha parceria do cavalo, substituindo-o, na atualidade, pela moto. Esse fenômeno da transição do cavalo como o meio transporte tradicional para um transporte automotivo foi observado por Goulart (1966), que, em sua análise do couro nos arreios, chamou a atenção para a tendência de substituição do cavalo por veículos motorizados. Ao descrever a montaria, ele observou que “o homem do campo, possuindo estribos amplos, introduz neles toda a ponta do pé. Isso aqueles que ainda não substituíram o cavalo pelo ‘jipe’” (Goulart, 1966, p. 71). Esse comentário é um indicativo das transformações culturais em curso desde a década de 60 do século XX que, além de redefinir a mobilidade, altera significativamente os modos de vida no contexto rural.

Na vaquejada como atividade desportiva, também vêm acontecendo mudanças. Recentemente, as regras do esporte passaram por modificações, com a implementação de medidas protetivas para garantir o bem-estar dos animais envolvidos. Essas transições visam conciliar a preservação das tradições culturais com a preocupação crescente com o respeito aos animais e o cumprimento das normas éticas. De acordo com a regulamentação desse esporte, marca pontuação o famoso valeu boi<sup>24</sup>, o competidor que derrubar o boi em uma faixa desenhada no chão. Antigamente a pontuação era proporcional à distância da faixa com que o vaqueiro conseguisse derrubar o boi, mas hoje em dia só é computado para pontuação se o animal cair na faixa de cal projetada no chão.

Além disso, a vaquejada passou a adotar práticas para minimizar o risco de lesões aos bovinos. Na era das transformações, a exigência de protetor de calda para reduzir o risco de lesões no rabo do boi, tornou-se uma medida essencial para garantir a proteção dos animais, conforme a Figura 6:

---

<sup>23</sup> Quando o vaqueiro está usando seu uniforme. (Freitas, 2023, p.85).

<sup>24</sup> Expressão da vaquejada usada quando o vaqueiro cumpre o desafio de derrubar o boi na faixa, local indicado na pista de vaquejada e os pontos são computados. (Freitas, 2023, p.90).

Figura 6 - Protetor de cauda



Fonte: Leonardo Feitosa Horsemanship (2016).

O acessório é um dos principais mecanismos para evitar maus tratos aos animais durante a prática da vaquejada. A proibição de esporas cortantes nos cavalos é outra importante medida protetiva. No passado, era comum estimular o cavalo a correr mais através de esporas pontiagudas, que feriam a barriga do animal, causando sangramento. Contudo, os avanços nas práticas e na consciência do bem-estar do animal levaram à utilização de esporas que apenas roçam o pelo, evitando qualquer dano físico aos cavalos durante as atividades. Essa mudança representa uma abordagem mais consciente e compassiva em relação aos animais envolvidos na cultura do vaqueiro.

Essas e outras resoluções atuam em forma de emendas e leis parlamentares que norteiam as diretrizes do Manual de Bem-estar animal da Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ)<sup>25</sup> em que ações protetivas regulamentam o esporte procurando garantir a integridade física dos animais.

É importante se observar que o preço que se paga por uma senha para a corrida de vaquejada impõe uma nova ordem no esporte, que cada dia mais deixa de ser uma brincadeira do vaqueiro para se tornar um comércio de grande rotatividade

---

<sup>25</sup> O regulamento da ABVAQ pode ser consultado na página da Associação. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/regulamento>. Acesso em: 2 maio 2023.

financeira em que os vaqueiros pouco a pouco vão perdendo o poder de compra de uma senha e deixando de participar devido ao alto custo do evento. Dessa forma, empresários do ramo bancam as corridas pagando um ínfimo valor para o vaqueiro corredor. O aspecto da elitização está presente aqui, pois os cavalos que competem nessas corridas são animais que custam muito dinheiro e demandam cuidados e tratamentos caros que envolvem grandes investimentos, tornando a vaquejada um esporte seletivo, restrito a quem tem poder aquisitivo para competir.

Essas transformações evidenciam a natureza dinâmica da cultura do vaqueiro, adaptando-se às demandas e contextos do capitalismo, quando há uma necessidade de conciliar tradição e progresso; pois, apesar das extinções de práticas e das alterações nas regras, é importante manter a essência e o valor da cultura, que deve ser transmitindo de geração em geração e luta para se manter viva no dia a dia da vida no campo. A cultura do vaqueiro é um legado que deve ser preservado, mantendo vivos os valores, conhecimentos e senso de identidade dessa comunidade tradicional, que desempenham um papel importante na história e na cultura do Brasil.

### **2.3.3 O couro**

A cultura do couro envolve duas importantes fases de desenvolvimento na história do Brasil: o ciclo do gado e o ciclo do couro. Estas duas etapas estão interrelacionadas uma vez que o ciclo do couro é decorrente do ciclo do gado. Para falar sobre estes dois períodos na cultura do vaqueiro é preciso pensar a pecuária como fator econômico e de ocupação territorial e pensar o couro como uma importante e versátil matéria-prima, com diversas utilidades em diferentes épocas e lugares. Tratamos primeiramente do ciclo do gado e na sequência fizemos uma breve análise do ciclo do couro.

#### **2.3.3.1 O ciclo do gado**

De acordo com Neves (2011), as primeiras cabeças de gado que chegaram à América vieram na segunda viagem de Colombo, em 1493. Um lote de 32 cabeças de gado *vacum*, oriundos da região de Castela, noroeste da Espanha. Neves (2011) esclarece ainda que na América Lusitana, “o gado foi introduzido durante o governo de Tomé de Souza (1549-1552), através das capitânicas da Bahia, de Pernambuco e

de São Vicente” (Neves, 2011, p. 253) e Faria (1969) acrescenta que aqueles que trouxeram o boi, provavelmente também trouxeram o cavalo e os arreios. No Brasil, os primeiros lotes aportaram na Bahia e em Pernambuco e daí foram adentrando o território.

Os rebanhos inicialmente tiveram função no canavial, como força motriz para ajudar na obtenção dos lucros com a cana-de-açúcar, mas logo foram conduzidos para a zona interiorana. Pela Carta Regia de 1701, a Coroa Portuguesa proibiu a criação de gado a menos de dez léguas do litoral, assim os rebanhos foram se espalhando pelo sertão onde a pecuária extensiva solidificou-se como uma das principais formas de ocupação de grandes áreas do semiárido. Tavares (2008) explica que na conquista do território da Bahia, mais precisamente do sertão baiano, que é a área de interesse para este estudo, à medida que os vaqueiros tangiam o gado iam surgindo fazendas e povoados que evoluíram em condições diferentes dos engenhos e das lavouras do Recôncavo, formando as cidades rurais, que seriam, de acordo com a definição de Almeida (2005), localidades onde a vida cotidiana estava intimamente ligada ao ambiente rural.

A formação de muitas dessas cidades rurais surge em decorrência do trânsito dos vaqueiros durante o processo de afastar o gado das lavouras. O mapa que segue, ilustrado na Figura 7, disponível no Instituto do Patrimônio Cultural (IPAC), busca representar o deslocamento dos vaqueiros na abertura de caminhos, a partir da Bahia, que foram a origem de muitas cidades interioranas. Concentrado na região Nordeste, o mapa traz a Bahia em destaque, em um tom de vermelho, marcado por seta brancas indicando as direções de movimentação e entrada dos vaqueiros na condução do gado, sugerindo quais seriam as rotas traçadas por eles no movimento de expansão territorial.

Figura 7 - Mapa de movimentação dos vaqueiros



Fonte: IPAC, 2010.

As setas indicam uma área que foi de domínio da Casa da Torre, de posse da família Garcia D'Ávila, uma influência que se estendia para além da vastidão territorial. Pessoa (2003) observa que a área que compunha o domínio dos d'Ávila eram extensões que ultrapassavam o território de muitos reinos europeus, inclusive de Portugal. Tratava-se de um projeto colonizador que não se limitava à ocupação de terras e 'civilização' dos índios, fazia-se necessário criar vilas, povoados, freguesias (Silva, 2003, p.117) e que contava com homens nativos como capatazes, um papel desempenhado sobretudo por vaqueiros.

A Casa da Torre, ou Castelo Garcia d'Ávila, um marco do processo de expansão territorial da colonização, foi uma das maiores responsáveis pela conquista e integração das terras dos sertões nordestinos porque dispunha de mecanismos de poder e controle do território, como influencia religiosa e política junto às autoridades coloniais (Pessoa, 2003).

Ainda de acordo com Tavares (2008), a ocupação do território da Bahia se deu seguindo o curso dos rios Paraguaçu, São Francisco e Itapicuru. Na região do Rio Itapicuru, avançaram com o gado e alcançaram as duas margens do Rio São Francisco, deixando muitos currais às suas margens. No entanto, segundo Boaventura (1989), o Vale do Jacuípe é que se destaca na criação do gado: “O São Francisco vai suportando as dezenas de currais, que lhe vão ficando às margens. O vale do Jacuípe, entretanto, teve função de mais realce, dada a sua situação geográfica de relação ao recôncavo e à Capital” (Boaventura, 1989, p.37). Na opinião deste autor, o Vale do Jacuípe se caracterizaria como essencial para a sustentação e a subsistência, destinado aos currais e preparado para as fazendas de criação.

Como já mencionado, o gado chegou com a intenção e utilidade de servir nos engenhos. Ao serem afastados das lavouras começou a surgir uma nova realidade, com a construção de currais e o início do trabalho de manejo, como a ferra e a apartação; além da utilização do boi, do couro à carne, para diversos fins. Assim o gado foi ganhando destaque, de modo que o “prestígio social do título de fazendeiro, nascia da fortuna no criatório; era o gado que dava importância ao dono da fazenda” (Boaventura, 1989, p.33). O gado não era apenas uma fonte de riqueza material, mas também um indicativo de poder e prestígio, os quais dependiam da posse do rebanho e da extensão das terras de criação, “o gado devia ser comprado, mas as terras, pertencendo nominalmente à Coroa, eram concedidas gratuitamente em sesmarias aos que se fizessem merecedores do favor real” (Ribeiro, 2015). De acordo com este sistema, primeiro se dava a apropriação da terra para depois a ocupação com o gado.

Logo, os rebanhos cresceram. Abreu (1976) registra que as cabeças de gado da Bahia ultrapassavam meio milhão, levando a uma cultura de criação bastante difundida. Medrado (2012) observa que 57% da riqueza inventariada em Jeremoabo no ano de 1888 era composta principalmente de patrimônio de gado vacum, algo que se repetia nos outros municípios da redondeza. De acordo com Freire (2007), a região de Feira de Santana desenvolveu-se em estreita relação com o comércio de gado que tinha um papel econômico e social importante. Por volta de meados do século XIX, tanto o comércio do gado e seus derivados, como a produção de selas e arreios, eram fundamentais para a economia local.

Essa importância econômica é evidenciada pela investigação de inventários realizada por Freire (2007), que examina registros de gado entre os anos de 1850 e 1888, documentando a quantidade de cabeças de gado bovino por região. A análise

realizada por Freire (2007) apresenta um total de 6.635 cabeças em dados coletados para o município de Riachão do Jacuípe: o tenente-coronel Joaquim Alves Godinho possuía 1090 cabeças de gado vacum; o capitão José Ribeiro Lima criava 1.638 cabeças de gado em suas fazendas; o tenente coronel Manoel Ferreira da Silva registrou 1650 cabeças espalhadas nas imediações de Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité; e o coronel José Batista Carneiro, proprietário de terras em Feira de Santana e Riachão do Jacuípe, possuía um rebanho de 2.257 cabeças de gado em suas fazendas.

O registro realizado por Freire (2007) revela o quanto o poder e o prestígio no sertão do século XIX estavam fortemente relacionados à posse de grandes rebanhos de gado, evidenciando a ligação entre posse de bovinos e aspecto social. Observamos que todos os indivíduos mencionados são homens com títulos militares. Essa observação evidencia os privilégios do patriarcado e da classe militar enraizados na sociedade brasileira, cuja estrutura social sempre esteve assentada em profundas desigualdades. Além disso, é importante lembrar que esses grandes criadores de gado estavam cercados por uma população majoritariamente pobre, incluindo vaqueiros e outros empregados das fazendas, disparidades que forjaram as bases históricas de desigualdades sociais que persistem até os dias atuais.

Tal situação fica ainda mais evidente quando se observa o papel desempenhado pelos vaqueiros no sistema econômico da época. Abreu (1976) explica que após a aquisição da terra, vinha a difícil tarefa de aclimatar o gado ao novo pasto, uma responsabilidade assumida pelos vaqueiros. Atividade que exigia cuidado diário com o gado e pela qual a vida era posta em risco cotidianamente, mas só começavam a receber pelos serviços prestados depois de quatro ou cinco anos de trabalho, sendo remunerados com uma cria de cada quatro que nascesse na fazenda. Assim, o vaqueiro ia juntando as peças de seu próprio rebanho, que levaria para as zonas mais ermas, ainda não conhecidas nem alcançadas pelas sesmarias. O regime de trabalho do pastoreio se funda num sistema peculiar em que o soldo se pagava em gêneros de manutenção e em crias do rebanho (Ribeiro, 2015).

A criação dos rebanhos foi se adaptando às características de cada região, de acordo com o clima, a vegetação e o relevo. O boi passou de suporte na lavoura da cana para o centro da atividade pecuária e da cultura vaqueira; sendo fonte de carne para o consumo, de couro para manufatura e atuando como força motriz nos carros de boi, a serviço do transporte e da lida cotidiana. O couro, em particular, adquiriu

destaque por ser peça primordial que atendia a diferentes necessidades no cotidiano das populações rurais, desempenhando um papel cultural, tanto pela produção artesanal quanto por ser empregado em itens associados à simbologia da cultura vaqueira.

### 2.3.3.2 O ciclo do couro

A obtenção de couros e peles dos animais é uma das ocupações decorrentes da atividade pecuarista. Desde os primórdios, o homem retira o couro dos animais para se proteger de intempéries e enfrentar as condições adversas da natureza, de modo que a relação da humanidade com o couro remonta à pré-história, quando o homem retirava da natureza os elementos básicos para sobreviver, posteriormente fixando-se em um local, domesticando animais, formando grupos de convivência. Vasconcelos *et al* (2018) observam que, juntamente com as caçadas e a domesticação dos animais, foram estabelecidos locais específicos para guarda e beneficiamento, bem como foram desenvolvidas técnicas para tratar dos couros. Faria (1969), por sua vez, apresenta uma perspectiva histórica sobre o desenvolvimento das técnicas de curtimento:

Adonde se principiou o b-a bá da artimanha de se curtir couros, não o sabemos com certeza. Ora é de se imaginar que os primitivos processos de preservação do couro tenham surgido entre os povos pastores e melhorados com o tempo, pouco a pouco, ali ou acolá, entre essa ou aquela civilização. Dizem os estudiosos que os Sidonianos, sob Nemramus, há 3.000 anos antes de Cristo, já se vestiam com o couro dos bichos que matavam para comer. E registraram os cronistas chineses que por volta de 1770 a. C., Tchín Fung, fundador da dinastia dos Chang, descobriu como fazer-se a tanagem das peles, dando com isso enorme passo para a evolução do incipiente processo de curtimento. Muito tempo depois é que os árabes – mouros transportaram as industrias do papel e do couro para a Península Ibérica. Assim é que o ensino foi esbarrar em Portugal e de lá veio velejando para cá. (Faria, 1969, p. 15).

Faria (1969) contextualiza a atividade evolutiva do curtimento do couro, evidenciando a conexão cultural no desenvolvimento desse processo e a contribuição de diferentes povos para o avanço e a disseminação das técnicas no Oriente, na Europa, na América e no Brasil. Já Goulart (1965), observa a longa trajetória do couro como uma matéria-prima valiosa nas redes de comércio, destacando a relevância desse produto nos primórdios das sociedades humanas:

A produção de tal matéria prima e a sua introdução no mercado de trocas, são fatos que datam de centenas e centenas de anos. Haja visto que

cinco séculos antes de Abraão, no comércio de importação e exportação que florescia nas costas de Canaã, a terra do Nilo já permutava ouro e especiarias da Núbia [...] artefatos de couro de Biblos e vasos vidrados de Creta (Goulart, 1965, p.12).

Cabe acrescentar ainda o quanto o couro prestou grande serviço ao homem nas necessidades militares, servindo aos uniformes da cavalaria, para escudos e bainhas de facas e punhais; mostrando-se bastante útil também em outras áreas, sendo utilizado “ora na confecção de objetos de usos vulgares, ora empregado nos adornos suntuosos dos templos e dos palácios, o que veio a dar um incremento à indústria da preparação de peles, a qual, sem nenhum favor, é a mais antiga de todas” (Goulart, p. 12, 1966).

No Brasil, o couro teve grande importância na história, sendo a geografia do couro, segundo Goulart (1965), responsável por unificar toda a área rural do território brasileiro no Período Colonial. Ele explica que as áreas formadoras da geografia do couro no Brasil são as duas em que essa matéria-prima teve extrema importância para as suas populações: o extremo sul do país e o sertão nordestino, uma vez que essas foram as áreas brasileiras em que a exploração econômica se firmava no criatório de gado. Goulart (1965) destaca um fato importante para compreender a cultura do vaqueiro, que era a utilização social do couro no sertão nordestino; enquanto no extremo sul do Brasil a ênfase estava no valor econômico.

Apesar de seu valor econômico no extremo sul do país, “o couro nunca foi artigo que pesasse no balanço comercial do Brasil colônia, época em que o interesse da metrópole convergiu para o açúcar, o ouro e os diamantes” (Goulart, p. 2, 1965) o que indica baixa relevância do couro para a economia durante o cenário colonial, apesar de ser um recurso valioso e amplamente utilizado no cotidiano. Goulart (1965) chama a atenção para o fato de que no sertão nordestino, o uso social do couro para diversos fins se consolidava não apenas pela abundância desse recurso, mas também pelas condições de isolamento geográfico e pela ausência de um fluxo comercial mais intenso com as regiões mais desenvolvidas, reforçando a necessidade de aproveitar os materiais disponíveis localmente, o que tornava o couro uma matéria-prima essencial na vida da população sertaneja:

De couro, eram os assentos dos tamboretos das moradias pobres, como os assentos e encostos das cadeiras de espaldar das vivendas dos proprietários de rebanhos mais aquinhoados. De couro, ou desse material forrados, eram os malões, ora chamados canastra, ora baús, onde se costumava guardar roupas de vestuário, de usos domésticos e outros objetos [...]. Feitos da matéria-prima em tela, eram ainda os catres para doentes ou para mulheres paridas, como salientou Gustavo Barroso. Não raro um couro esticado, livre

das partes relativas aos membros, servia de mesa-de-refeição aos mais humildes. De couro eram as cordas esticadas para secagem de roupa, como também as argolas nos cabos dos côcos para apanhar água nos potes. Era com esse material, de pisar, que se reduzia o tabaco a rapé; e, com o de curtir, que se apurava o sal (Goulart, p.22, 1966).

O trecho anterior, extraído de Goulart (1966), realça a onipresença do couro no cotidiano das populações do sertão nordestino, demonstrando a versatilidade desse produto, presente em diferentes camadas sociais, tanto nas moradias mais humildes quanto nas propriedades dos grandes criadores de gado e dos donos de engenhos. Fica evidente que o couro era utilizado para diversos propósitos, revelando-se um material fundamental para a execução das tarefas mais rotineiras, incluindo até mesmo ações de apanhar água e armazenar líquidos como vinhos e azeites.

Por volta do século XVII, o couro já era utilizado para uma variedade de fins. Em seu diário de viagem ao Brasil, no ano de 1815, o inglês Henry Koster (1942), durante sua passagem pelo Nordeste, registra várias vezes o uso do couro, mencionando que esse material servia como abrigo durante temporais, como cobertura para cargas e até mesmo como um toldo improvisado, para a fabricação de diversos itens e roupas. A intensa utilização do couro marcou a história do país como um período que se destacou pelo uso extensivo do couro em praticamente todos os aspectos da vida cotidiana.

De acordo com Boaventura (1989), a fase do couro marca também a fase do pastoreio, uma vez que há uma relação direta entre a utilização do couro e a criação de gado. Segundo Ribeiro (2015), a economia pastoril era importante fornecedora de carne, de couros, de bois e de serviço para a produção açucareira. O pastoreio proporcionou não apenas carne, mas também couro amplamente utilizado para confeccionar uma variedade de itens, conforme assinala Abreu (1976):

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterros era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (Abreu, 1976, p. 127).

O relato de Abreu (1976) junta-se ao de Goulart (1966) para ilustrar a forte presença do couro como um elemento fundamental da vida cotidiana durante a fase do pastoreio. Para esses autores é possível extrair muitos aspectos da vida dos

sertanejos observando a época do couro. De fato, o couro permeava diversos aspectos do cotidiano, sendo utilizado não somente para necessidades básicas de abrigo, transporte e vestuário, mas também facilitava muitas atividades diárias como a utilização de cordas e bolsas para carregar água e comida, a confecção de equipamentos para a pecuária, como a careta, a peia e o traje do vaqueiro, apenas para citar alguns. Boaventura (1989), em meados do século XX, chamou a atenção que os apetrechos de couro da época do pastoreio ainda eram encontrados nas fazendas do sertão. E torna-se imperativo destacar que muitos desses elementos compõem o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro e continuam presentes nas fazendas até hoje, sendo utilizados nas rotinas de trabalho e conservando muitas das características que marcavam seu uso no período ilustrado por Boaventura.

Benevides (2006) destaca essa ampla utilização do couro como fator determinante para o atendimento de necessidades básicas de sobrevivência: “desde as primeiras casas de fazenda, aos currais de gado, o couro era matéria-prima para as mais variadas atividades do campo, especialmente para a vestimenta do vaqueiro”. (Benevides, 2006, p. 38). Como já discutido anteriormente, a versatilidade e a abundância do couro à época foram essenciais para consolidar o que Capistrano de Abreu (1976) havia denominado de civilização do couro. Esse período histórico foi marcado por uma cultura estética que destacava a forte presença dos artefatos de couros no cotidiano do homem nordestino como já mencionado em exemplos anteriores.

A civilização do couro no Nordeste marca o período histórico do Brasil do século XVII, quando se formaram muitas das cidades rurais que tinham no couro a sua maior fonte de renda. Atualmente, a utilização do couro nas pequenas cidades resume-se ao aspecto artesanal, com o couro em destaque como uma característica importante da região do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe, situada no semiárido baiano, principalmente em municípios como Ipirá, Baixa Grande e Riachão do Jacuípe. Desse modo, é possível afirmar que a civilização do couro ainda resiste em algumas localidades. Sobre a presença em Ipirá, o maior polo do setor coureiro no Território de Identidade da Bacia do Jacuípe, Souza (2016) esclarece que o couro curtido no município, atualmente, mantém características artesanais com mínima ou nenhuma aplicação de técnicas modernas e com a produção concentrada na confecção de itens artesanais como sela, sandálias e a vestimenta do vaqueiro, evidenciando que a influência do couro ainda persiste de algum modo.

Ainda que a civilização do couro teve como auge o século XVII, a relação da humanidade com o couro remonta à pré-história, conforme citado no início dessa seção, quando o homem retirava da natureza os elementos básicos de sua sobrevivência, posteriormente fixando-se em um local e domesticando animais. Vasconcelos (2018) observa que juntamente com as caçadas e a domesticação dos animais, foram estabelecidos locais específicos e desenvolvidas técnicas para tratar dos couros. Nesse sentido, faz-se necessário traçar uma perspectiva histórica sobre o desenvolvimento das técnicas de curtimento.

O local onde são realizadas as ações de processamento e curtimento do couro é o curtume. A indústria de curtumes em pequena escala e por processos simplificados espalhou-se no Nordeste desde a beira mar, onde se curtia utilizando o mangue, até os mais remotos rincões onde se utilizava a técnica da casca de angico e de outras madeiras no processo de curtimento.

O couro é um material estável e imputrescível, produto final de um encadeamento de processos envolvendo etapas sequenciadas em uma pele de animal que passou por uma série de métodos de limpeza e de curtimento, tornando-a apta a ser utilizada na fabricação de artefatos para uso humano, a exemplo do revestimento de superfície e objetos e da produção de diversos itens como calçados, peças de vestuário, artesanatos e instrumentos de trabalho, como são os instrumentos utilizados pelo vaqueiro.

A qualidade do couro, enquanto produto resultante de uma matéria-prima, depende de uma sucessão de questões envolvendo mecanismos antecessores ao abate do animal. A atenção deve começar pelo criador, com o animal ainda em vida, por meio de controle de parasitas, como os carrapatos; de cuidado com a marcação de identificação; evitar a instalação de arame farpado nas áreas de pastagem; depois da morte do animal, é preciso cautela no momento da esfolagem, quando realizada manualmente, e um cuidado ainda maior com a conservação da pele até o curtimento.

De acordo com Pacheco (2015), a transformação da pele em couro ocorre em três fases principais denominadas ribeira, curtimento e acabamento. Antes do processo iniciar, ocorre a etapa de conservação e armazenamento das peles. Depois do abate do animal, deve-se realizar imediatamente a esfolagem, que é o processo de retirada da pele e, na sequência, iniciar os procedimentos para a conservação. Pacheco (2015) esclarece que ao precisarem ser estocadas e/ou transportadas por um tempo maior que 3 horas, as peles devem passar pela cura, um pré-tratamento de

conservação das peles empilhadas umas sobre a outra, em camadas intercaladas com sal. Atualmente, esse processo geralmente é realizado por empresas que atuam como salgadoras de peles ou pelos próprios curtumes.

Goulart (1965) explica que a técnica de salgar a pele era o método de conservação utilizada no Nordeste, enquanto no sul os couros eram postos para secar. Ainda hoje se utiliza no Nordeste o recurso de salgar a pele até o curtimento<sup>26</sup>. Autores como Goulart (1965) e Faria (1969) abordam esse processo contribuindo com as informações coletadas na pesquisa de campo. Uma vez que se trata de uma pesquisa de resgate cultural, e, diante da dificuldade de obter fontes históricas registradas, apresentamos as informações com base em relato de colaboradores, seguindo criteriosamente os dados apresentados por eles com a intenção de compreender e registrar o fazer local, ou seja, como o processo de curtimento acontecia em Riachão do Jacuípe, de acordo as técnicas, os recursos disponíveis na época e na localidade e com a utilização de mão de obra local.

O curtimento de couros é uma atividade que se iniciou no Brasil há mais três séculos. No entanto, apesar da existência dos vários curtumes espalhados pela colônia, a literatura mostra que os produtores enfrentavam muitos desafios na produção. Publicação de *La Platière* em Paris, no ano de 1790, criticava a qualidade da matéria-prima brasileira alegando que se usavam meios retrógrados no preparo das solas e peles (Simonsen, 1957, *apud* Goulart, 1965, p.115).

Eram muitas as dificuldades enfrentadas pela colônia brasileira no processo de curtimento de couros, resultando em má qualidade dos produtos. Entre os fatores que contribuíam para a baixa qualidade da produção estavam o uso de equipamentos rudimentares e a falta de técnicas adequadas. Goulart (1965) ilustra essa situação apresentando uma carta datada de 3 de outubro de 1758, assinada pelo Marquês de Pombal e pelo governador da Capitania de Pernambuco, que enfatiza a abundância de couro como matéria-prima, excedendo em muito o consumo interno, o que gerava prejuízos ao comércio e sugere ao rei medidas para solucionar o problema. Dentre as propostas estavam a implementação de uma inspeção para verificar a qualidade do couro e a imposição de uma obrigatoriedade aos fornecedores da colônia de garantir a entrega de peles em bom estado. Caso isso não fosse possível, as peles defeituosas deveriam ser queimadas para evitar danos à reputação do setor.

---

<sup>26</sup> Na seção 2.3.2.4.1, O couro em Riachão do Jacuípe, descrevemos como ocorria o processo de curtimento na localidade pesquisada.

Outra sugestão era que o rei enviasse um mestre curtidor europeu, especializado nas diferentes técnicas de curtimento, para melhorar o processo. A carta também ressaltava a necessidade de ampliar as fábricas de couro na colônia, sugerindo inclusive a instalação de uma fábrica de sola na Paraíba e a diversificação dos produtos para atender à demanda crescente de couro do tipo vaqueta, que seria usado em arreios e carruagens.

O relato da carta além de mostrar as dificuldades técnicas no processo de curtimento de couros durante o período colonial, mostra a demanda por produtos utilizados na produção de arreios e equipamentos para carruagens, itens essenciais para o manejo do gado e que refletem como a economia da época estava profundamente enraizada nas atividades pecuárias.

Conforme a discussão anterior, o processo de curtimento no Brasil começou de maneira rudimentar, mas lentamente foi se aperfeiçoando através de tecnologias, equipamentos e incentivos dos governos estaduais e hoje configura-se como um segmento da cadeia agroindustrial de bovino de corte, colocando o país, de acordo com a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (2023), SUDENE <sup>27</sup>, como o quinto maior produtor mundial de couros, responsável por cerca de 12% da produção de couros no mundo, tendo o segundo maior rebanho mundial, ocupando o terceiro lugar como exportador e movimentando US\$4 bilhões por ano.

Os dados da SUDENE (2023) apontam que a indústria de curtumes está distribuída pelas cinco macrorregiões do país, com uma concentração significativa nos estados do Sul e Sudeste, onde se encontram 149 das 310 unidades registradas. Na Bahia, apenas o município de Ipirá se destaca pelo maior número de estabelecimentos e registro de atividade informal no setor coureiro – no ano de 2022 foram registrados no município 553 MEI (Microempreendedor individual) relacionados ao couro. No entanto, essa estatística não reflete a totalidade do setor, há curtumes não registrados, muitos operando de maneira informal e precária. Grande parte desses curtumes são microempresas não regulamentadas, o que as exclui dos levantamentos institucionais e das estatísticas formais. Conforme Vasconcelos (2018), os curtumes artesanais carecem de uma estrutura física adequada para o tratamento e o descarte correto dos resíduos, resultando em operações que não atendem às exigências de

---

<sup>27</sup> A SUDENE disponibilizou um relatório que faz um diagnóstico completo do setor do couro e calçados em sua área de atuação. Disponível em: [https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/3\\_\\_v\\_produto\\_3\\_couros\\_calçados.pdf](https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/3__v_produto_3_couros_calçados.pdf). Acesso em: 26 Ago 2024.

regulamentação ambiental ou trabalhista. Uma realidade que compromete a sustentabilidade do setor e as condições de trabalho, além de prejudicar o fornecimento dos dados oficiais.

Ainda de acordo com a SUDENE (2023), do total de couro produzido no Brasil, apenas 3,4% é para consumo próprio, todo o restante é destinado ao comércio exterior. A Região Sul é a principal exportadora, seguida pelo Sudeste e pelo Centro-Oeste. Na Região Nordeste, os estados que possuem maior participação no setor coureiro são Bahia e Ceará.

Faria (1969) enfatiza o fluxo produtivo do Nordeste ao tratar da exploração do couro na região, citando a atividade coureira em Pernambuco, 1891, com a fundação do curtume Didiá na cidade de Olinda e em 1917 e pontuando que o Rio Grande do Norte teve seu primeiro grande curtume, instalado na cidade de Natal por Antônio Campos & Nóbrega. Complementando o percurso dos curtumes no Nordeste, Goulart (1965) apresenta um estudo da indústria pastoril pernambucana com dados que colocavam, à época, a região em primeiro plano no setor, em nível nacional, e com os quais montamos o Quadro 2<sup>28</sup>:

Quadro 2 - Curtumes no Nordeste - dados da indústria pastoril pernambucana

Curtume	Município pernambucano	Ano de Fundação	Volume de produção
São José	Gravatá	1894	(diária) 200 courinhos 50 meios de sola 150 vaquetas
A. S. Santos e Cia	Olinda	1902	(anual) 48 mil entre sola vaqueta
Moreira e Simonek	Campo Grande	1912	(mensal) 8 a 10 mil peles
Fábrica São Sebastião	Igarassú	1913	(diária) 200 courinhos 50 mil solas 300 vaquetas

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de <https://cicb.org.br/>. Acesso em 03/06/2025

O Quadro 2 demonstra a importância desse setor na economia pastoril da região Nordeste. Fundados entre 1894 e 1913, esses curtumes mantinham uma

<sup>28</sup> Atualmente, não foram localizadas informações claras sobre o funcionamento dos curtumes mencionados no quadro. Foram encontradas informações apenas sobre o curtume São José (Gravatá) que funcionou até 1983. Os curtumes A. S. Santos e Cia (Olinda), Moreira e Simonek (Campo Grande), e Fábrica São Sebastião (Igarassu) não estão listados em fontes recentes, o que pode indicar que essas unidades ou foram desativadas ou mudaram de nome e operação ao longo dos anos.

produção alta, operando em bases diárias, mensais e anuais. A alta produção de couro, especialmente de vaquetas e solas, essenciais para a lida com o gado, reflete a estreita relação entre a indústria do couro e as atividades pastoris da região, reforçando a demanda por produtos derivados do couro para o setor pecuário. Esses dados sublinham o papel dos curtumes no abastecimento do mercado de artigos ligados ao manejo animal, como os arreios e a indumentária do vaqueiro.

Figura 8 - Curtume São José



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com> (2023).

A Imagem é um registro do Curtume São José, que operou entre os anos de 1924 até a segunda metade do século XX, em Campina Grande, atuando como uma grande fonte de emprego e renda para o Estado da Paraíba que ilustra um período em que os curtumes atuavam no cenário econômico sem grandes preocupações com questões ambientais ou trabalhistas.

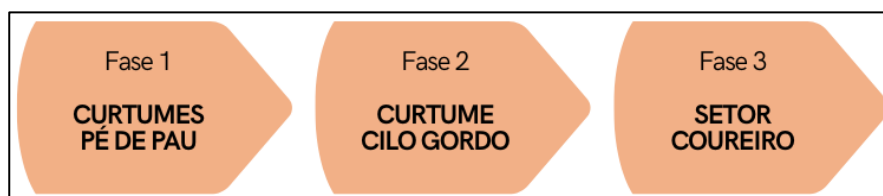
A resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente nº 001 de 1986, foi um marco regulatório para a indústria dos curtumes, pois regulamentou a Avaliação do Impacto Ambiental no Brasil, atingindo diretamente a indústria de couros e curtumes que passaram a ter suas operações sujeitas a avaliações regulares, com necessidade de controle de resíduos e implementação de práticas sustentáveis, trazendo a possibilidade de melhorias, mas também atingindo diretamente os curtumes que não se adequaram às novas regras.

No estado da Bahia, de acordo com dados da SUDENE (2023), o início do setor coureiro se deu em 1840, no entanto foi um processo artesanal, sem alcançar níveis industriais significativos. Apesar dessa pouca expressividade inicial, o setor coureiro baiano teve um crescimento exponencial a partir da década de 1990, com a expansão da área calçadista. Ao longo da história, em diferentes épocas, diversos municípios se destacaram no comércio de couros na Bahia, entre eles Alagoinhas, Juazeiro e Ipirá que mantinha intenso comércio com o setor coureiro de Riachão do Jacuípe<sup>29</sup>.

É importante demarcar o quanto o estudo realizado sobre o couro em Riachão do Jacuípe é superficial, pois a falta de fontes registradas para coleta de dados<sup>30</sup> restringe os resultados alcançados, tornando a pesquisa limitada, necessitando de complementação por outras abordagens. De fato, a busca por informações registradas sobre o couro em Riachão do Jacuípe foi bastante desafiadora. Contudo, há fortes evidências de que o setor coureiro desempenhou um papel significativo na história do município, a ponto de torná-lo uma referência na produção de selas. As peças confeccionadas localmente eram identificadas como “Sela de Riachão”, o que as distinguia das produções de outros locais, como Ipirá e Curaçá, ambas na Bahia.

Do pouco que conseguimos identificar ao seguir o rastro do couro em Riachão do Jacuípe, sistematizamos as informações classificando-as em três fases, conforme o Quadro 3:

Quadro 3 - Fases do couro em Riachão do Jacuípe



Fonte: elaborado pela autora

<sup>29</sup> Para tratar do couro em perspectiva local, os dados levantados foram organizados e descritos, majoritariamente, com base em informações coletadas de modo empírico, por meio de conversas com pessoas envolvidas na cadeia produtiva do ciclo do couro em Riachão do Jacuípe/BA, por falta de fontes históricas registradas. Essas pessoas, por suas vivências, preservam na memória os fatos e as informações relatadas - que são apresentadas aqui como a maior fonte de pesquisa, até o momento.

<sup>30</sup> Buscamos informações, dentre outras fontes, com um memorialista local, conhecido por seu rico acervo e por realizar um trabalho de reconstituição de fontes históricas no município, mas não foi possível encontrar registros ou documentos que abordassem a temática do couro em Riachão do Jacuípe. Buscamos também no acervo da TV Cardeal, arquivo local, onde conseguimos algumas fotografias, infelizmente com baixa qualidade da resolução, as quais não utilizamos por não estarem aptas ao reuso. Essa lacuna evidencia a necessidade de um maior reconhecimento e documentação das práticas culturais e econômicas do município.

A primeira fase é caracterizada pela existência de pequenos curtumes artesanais, cuja produção atendia apenas à demanda local dos seleiros. A segunda fase corresponde ao período de operação do Curtume Cilo Gordo, época da produção da sela vaqueira no município. Estima-se o final da década de 1980 até os anos iniciais do segundo milênio do século XX como o período de atuação desse curtume, considerando-se início, meio e fim das operações, que projetaram Riachão do Jacuípe no cenário do ciclo de couros ao estabelecer atividade comercial com curtumes de grande porte, a exemplo da Companhia Industrial Brasil/Espanha (Brespel), do Curtume Campelo e de outros curtumes. A terceira fase, após o encerramento do Curtume Cilo Gordo, situa-se até a contemporaneidade e caracteriza-se não mais pela produção de couro em curtumes, e sim, pelo comércio de couros frescos, destacando-se pelo volume de comercialização das empresas Frijacuípe e CF couros.

Os chamados “curtumes pé de pau”<sup>31</sup>, com uma pequena produção de solas para atender às demandas dos seleiros da própria localidade, em suas necessidades de material para reparo de itens dos arreios, produção de pequenas peças e para a revenda de sola, marcaram a atividade do setor coureiro nesta primeira fase. Tais curtumes costumavam ser identificados pelo nome do proprietário e pela localização. Entre os citados pelos colaboradores estão: Curtume de Zé do Sul, próximo à Ponte Nova onde hoje situa-se o bairro Bela Vista; Curtume dos irmãos Gonzaga e Daniel, localizado em uma área pertencente hoje ao município de Pé de Serra; Curtume de Dodô; Curtume de Dega e Curtume Cilo Gordo, no bairro Ranchinho. Podemos incluir nesta fase os pequenos curtumes localizados na zona rural, ao longo do Rio Jacuípe, que não chegaram a ser denominados. Desses pequenos curtumes artesanais, apenas o curtume Cilo Gordo se projetou para o que classificamos como a segunda fase de desenvolvimento do setor em Riachão do Jacuípe.

Estabelecemos o início da segunda fase do ciclo do couro no município tomando por base a atuação do Curtume Cilo Gordo, definindo como marco a data 29 de abril 1987, de acordo com o registro de abertura do estabelecimento de nome fantasia Indústria de Couros Ferreira, na Secretaria da Receita Federal através do cartão de identificação da empresa (Anexo C), a qual estava registrada como firma mercantil individual, cuja atividade econômica principal era ‘Curtimento e outras

---

<sup>31</sup> A era desses curtumes chegou ao fim, por conta das transformações tecnológicas e ambientais, no entanto, relatos dos colaboradores, evidenciam que este tipo de curtume ainda é uma realidade no município de Queimadas (BA), local que realizou intenso comércio com o Curtume Cilo Gordo em Riachão do Jacuípe (BA).

preparações com o couro'. Para situar essa fase, descrevemos o comércio de couros e o processo de funcionamento da empresa, segundo informações de colaboradores.

A localização do curtume ficava onde hoje é o Bairro do Ranchinho, em uma área próxima ao Rio Jacuípe. Nessa época, o local ficava bastante afastado do centro da cidade, sem dispor nem mesmo de serviços básicos como energia elétrica, água encanada e rede de esgoto. A escolha da localidade próximo a um rio se deu pela necessidade de grandes volumes de água para o processo de curtimento, o que impactava negativamente no leito do rio devido ao despejo de resíduos químicos usados no tratamento do couro, prejudicando o meio ambiente de forma descontrolada.

O curtume operava com 4 tanques de 'muada'<sup>32</sup> e, aproximadamente, 20 tanques de 'gorda'<sup>33</sup>. Eram parte das instalações: armazéns de depósitos, onde se estocava materiais de curtimento, a exemplo de soda cáustica, sal e casca de angico (*anadenanthera colubrina*) – árvore nativa da caatinga; havia uma salgadeira, local de conservação dos produtos antes do início do processo; uma tenda para confecção de itens dos arreios e tratamento da sola e um pequeno escritório de atendimento a clientes e para comercialização dos produtos; além dessa estrutura, havia na área do curtume algumas casas onde residiam funcionários que vieram de outras cidades para trabalhar no local. Os colaboradores esclareceram que foi preciso buscar mão de obra qualificada fora de Riachão do Jacuípe, de modo que homens do município de Queimadas-Bahia foram contratados para atuar nos tanques de 'muada' e de 'gorda'.

A primeira etapa do curtimento era a salgadeira<sup>34</sup>, onde os couros ficavam marinando no sal por cerca de uma semana, ao saírem daí eram colocados nos tanques de 'muada', que representam a segunda etapa do processo de curtimento. Esses tanques ficavam localizados bem próximos ao rio, pois, após essa fase, o couro era arrastado até o leito, onde ficava de molho na água, submerso no rio por mais uma semana. Em cada tanque eram colocados, em média 50 couros, que ficavam imersos em uma solução de água com soda cáustica a fim de desprender os pelos. Faria (1965) chama a atenção para o quanto tais instalações costumavam ser rústicas

---

<sup>32</sup> Mantivemos a denominação como foi validada pelos colaboradores, pois não encontramos registro nos dicionários nem na literatura consultada.

<sup>33</sup> Goulart (1969) registra 'golda', no entanto optamos por manter a forma utilizada pelos colaboradores, que, inconscientemente, lançam mão do processo fonológico do rotacismo também presente em situações linguísticas como 'folga–força' e em 'salto–sarto'.

<sup>34</sup> Optamos por descrever o processo utilizando tempo verbal no passado, por se tratar da descrição das operações de um curtume que não existe mais.

e as descreve como “um tanque de alvenaria bem acimentado com uma braça de comprido por metro e meio de largura e uns três a quatro palmos de fundura, que dá pra curtir uns dez couros de cada vez” (Faria, 1965, p. 18). A descrição de Faria transmite uma ideia da forma estrutural dos tanques de ‘muada’, mas percebemos que estamos descrevendo estruturas maiores, pois, a quantidade de couro relatada pelos colaboradores chega a ser cinco vezes mais do que a quantidade descrita por Faria.

Essa etapa envolvia a ação de virar diariamente o couro de um lado para outro, retirando-os e recolocando-os na imersão de soda cáustica e água. Uma atividade que representava riscos para a saúde dos trabalhadores, porque era realizada sem equipamento de proteção, e a soda cáustica é uma substância corrosiva que pode provocar reações adversas em contato com a pele. Ao fim de sete dias, os couros eram arrastados até o rio, onde ficavam submersos e amarrados em árvores próximas, permanecendo ali por três dias para retirar o excesso de produtos químicos. No próprio rio, os curtidores iniciavam o processo de curtimento, grosando<sup>35</sup> o couro para deixá-lo mais fino e liso, pois nessa etapa o couro ainda apresentava camadas de gordura, restos de carne presas e bastante pelos, então precisava ser limado na grosa. O grosamento no rio funcionava como uma preparação para afinar o couro antes de seguir para a próxima etapa, conhecida como ‘gorda’.

Os tanques de ‘gorda’ eram estruturalmente semelhantes aos tanques de ‘muada’, diferenciando-se pelos produtos e técnicas utilizadas. Costumavam ser preparados alguns dias antes para receber as peles que se transformariam em couros, através de um processo artesanal, no qual o couro ficava imerso em uma mistura de água e casca de angico. O angico é um tanino natural que era utilizado desde os primeiros registros de trabalhos do homem com o couro. Faria (1965) chamava a atenção para o uso desenfreado do angico e a falta de cuidado com a árvore que acabaram levando-a a um patamar de risco de extinção. Para realizar essa operação, eram colocadas camadas alternadas de casca de angico moída, em um processo que chegava a durar cerca de 45 dias.

Após esse tempo, os couros eram encaminhados para a raspagem, etapa em que se utilizava dendê para conferir cor à sola. Em seguida eram estendidos em varais para secar ao sol. Faria (1965) complementa que a secagem deveria ser em lugar ventilado, durante mais ou menos quatro dias.

---

<sup>35</sup> Grosar, segundo Aulete digital (2025), em 2ª aceção: “v. 1. Desbastar, limar com grosa”. A grosa é um tipo de lima.

Depois, iniciava-se o processo de 'bate-sola' em que o couro era batido com porretes, semelhante ao método utilizado nas batatas de feijão, a fim de amolecê-lo e prepará-lo para ser trabalhado pelo seleiro. Pode-se encontrar a descrição de todo o processo também no documentário *A mão do homem*<sup>36</sup>, produzido em 1969 por Thomaz Farkas; o vídeo explora o couro na cultura do vaqueiro, descrevendo as técnicas tradicionais de curtimento que, observa-se, são as mesmas descritas pelos colaboradores ao relatarem as atividades realizadas em Riachão do Jacuípe.

A pele, que equivale ao couro fresco, como era retirado do animal, era comprada em torno de R\$1,00 e depois do processo de curtimento, quando se transformava em sola chegava a custar cerca de R\$14,00<sup>37</sup>. Por esse dado que revela uma grande diferença entre o valor da pele e o valor da sola e pelas informações coletadas por antigos funcionários, ficou evidente que o ponto alto do curtume era o comércio de couros e peles. Embora houvesse grande lucratividade depois do processo de curtimento, o que garantia os lucros do curtume era o comércio que se fazia com a pele depois de curtida. Esse ponto também é apresentado no documentário de Farkas (1969) ao sublinhar que no comércio de couro, o curtidor e o seleiro não levam vantagens, apenas o negociante tem lucros.

Goulart (1966), ao discutir a comercialização de couros, destaca a importância dessa atividade na vida econômica do país. De modo que os dados coletados sobre Riachão do Jacuípe dialogam com o processo do curtimento de couros Brasil a fora, revelando que os fatos investigados no município não formam um caso isolado, faziam parte do funcionamento da economia brasileira, marcado por um período histórico.

Desse modo, o ciclo produtivo iniciava com a recolha da mercadoria nos pontos de coleta, antes do processo de curtimento descrito anteriormente. O curtume adquiria couros e peles de diversos pequenos fornecedores, os quais armazenavam as peles conservadas em sal até o dia da coleta pelos funcionários do curtume, quando as peles eram encaminhadas para a salgadeira. Durante essa etapa o sal era reaplicado diariamente para manter a conservação. A coleta das peles nos pontos de venda ocorria uma vez por semana, geralmente aos domingos<sup>38</sup> pela manhã nos

---

<sup>36</sup> Link do documentário: *A Mão do Homem* 1969.

<sup>37</sup> Valores de referência no início dos anos 2000.

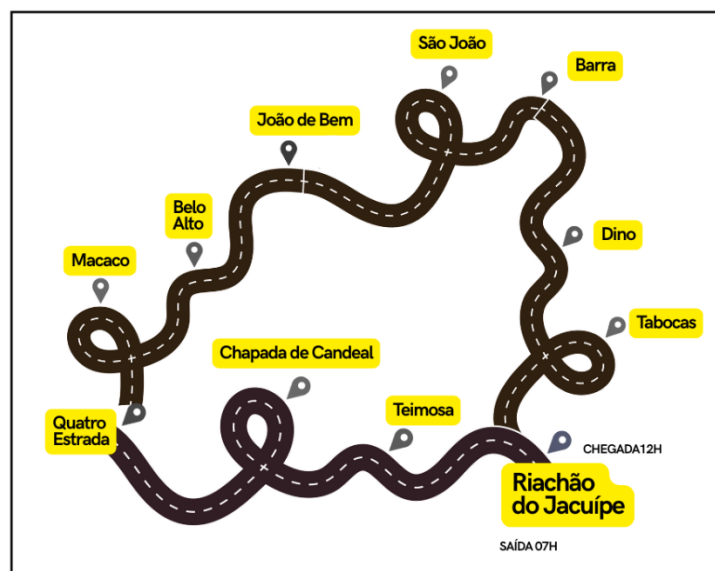
<sup>38</sup> A coleta dos couros aos domingos está diretamente associada à dinâmica comercial de Riachão do Jacuípe. A feira livre do município ocorria aos sábados, enquanto aos domingos acontecia o comércio de carnes frescas destinado aos moradores das localidades rurais. Para garantir o abastecimento das carnes os magarefes realizavam o abate dos bois na madrugada do sábado para o domingo. Consequentemente os couros ficavam disponíveis para a coleta no domingo pela manhã.

pontos mais próximos, e mensalmente nos locais mais distantes do município. Do Curtume Silo Gordo, saiam grupos de dois a três homens, em camionetes, para recolher as peles nos pontos de coleta, seguindo uma rota definida de acordo ao fornecimento da mercadoria. A seguir apresentamos uma lista dos principais pontos de coleta de couro realizada pelo Curtume Cilo Gordo:

- (a) Em Riachão: Chapada de Riachão, Salgado, Campo Alegre, Vila Aparecida, Vila Guimarães, Santana, São Francisco e Barreiros.
- (b) Em Candeal: Chapada de Candeal, Quatro estrada, Macaco, Belo Alto, São João, Barra e João de Bem.
- (c) Em cidades circunvizinhas: Nova Fátima, Pé de Serra, Conceição do Coité Ichu e Serra Preta.
- (d) Cidades mais distantes: Morro do Chapéu, Irecê, Cruz da Almas, Ipirá e Jacobina.

A Figura 9 representa uma das rotas realizadas para coleta de peles frescas. O ponto de saída e chegada é a cidade de Riachão do Jacuípe e o percurso são localidades pertencentes ao próprio município de Riachão do Jacuípe e a outros municípios vizinhos como Ichu e Candeal. Essa rota funcionou por mais de 20 anos, variando em relação à quantidade de couro coletada em cada período.

Figura 9 - Rota dos couros



Fonte: Freitas (2025).

O couro curtido no próprio curtume correspondia a uma média de 30% de todo o material comercializado, referente ao produto classificado como mercadoria de segunda, ou seja, aquele que apresentava cortes ou perfurações no momento da

esfola. Esse couro permanecia no curtume, sendo transformado em sola e tendo dois possíveis destinos: a comercialização ou a produção interna. A comercialização se dava com curtumes bate-pau ou no Campo do Gado em Feira de Santana, importante entreposto comercial da região. O segundo destino, como dito, era a produção interna que se concentrava na fabricação de arreios e da 'sela de Riachão', como ficou conhecida a sela vaqueira confeccionada localmente.

O couro fresco, conhecido como pele, era separado, preliminarmente, pelos próprios funcionários do curtume no momento da salga. Aquelas classificadas como material de primeira iam para determinado tanque de 'muada', enquanto as peles que se transformariam em couro de segunda, eram colocadas em outro tanque para não se misturarem. Posteriormente, as empresas que adquiriam os couros enviavam um curador para realizar uma segunda seleção do material classificado como couro de primeira qualidade, um trabalho que costumava durar mais de um dia, dada a análise minuciosa que era realizada. O couro classificado como material de primeira linha devia apresentar apenas o corte da sangria, sem outras perfurações, o que dependia bastante da habilidade do profissional que fazia a esfola, além de outros fatores como já explicitado anteriormente.

A unidade de medida para revenda dos couros de boi era o quilo, enquanto as peles de carneiro eram vendidas por unidade. O colaborador S14R destaca que havia uma intensa concorrência entre as empresas e, geralmente, uma acabava por cobrir a proposta de pagamento da outra. Quanto ao volume de mercadorias, nos foi informado que, por mês, o curtume chegava a uma média de 12 a 15 mil quilos de couro de boi e de 2 a 3 mil unidades de peles comercializadas. Esse volume corresponde à mercadoria de primeira, que era vendida com nota fiscal. Não era todo produto comercializado no curtume que recebia emissão de nota fiscal. O colaborador chama a atenção para o alto custo dessas notas, que eram vendidas por funcionários da Secretaria de Fiscalização do Estado da Bahia, representando um encargo significativo para as empresas compradoras do couro, que ficavam encarregadas de adquirir as notas para conseguirem transitar com a mercadoria pelas rodovias.

Toda essa quantidade de couro precisava de muito sal. Em média eram utilizados cerca de mil quilos por semana no Curtume Silo Gordo. Para suprir a demanda, o curtume costumava adquirir o produto na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, uma referência na produção de sal no país. Assim, a cada 3 meses, caminhões de sal eram descarregados no curtume para serem utilizados na

salgadeira, a fim de conservar o couro até o momento da revenda ou do curtimento pelo próprio curtume.

Os couros que permaneciam no curtume passavam pelo processo de curtimento, transformando-se em solas em um ciclo de três meses, período que dura o processo de curtimento, de acordo com o colaborador S14R que trabalhou diretamente no local e hoje tem sua tenda funcionando em uma parte da área onde operava o curtume. Todo o processo de curtimento seguia métodos tradicionais, com as etapas realizadas manualmente e sem o uso de equipamentos tecnológicos.

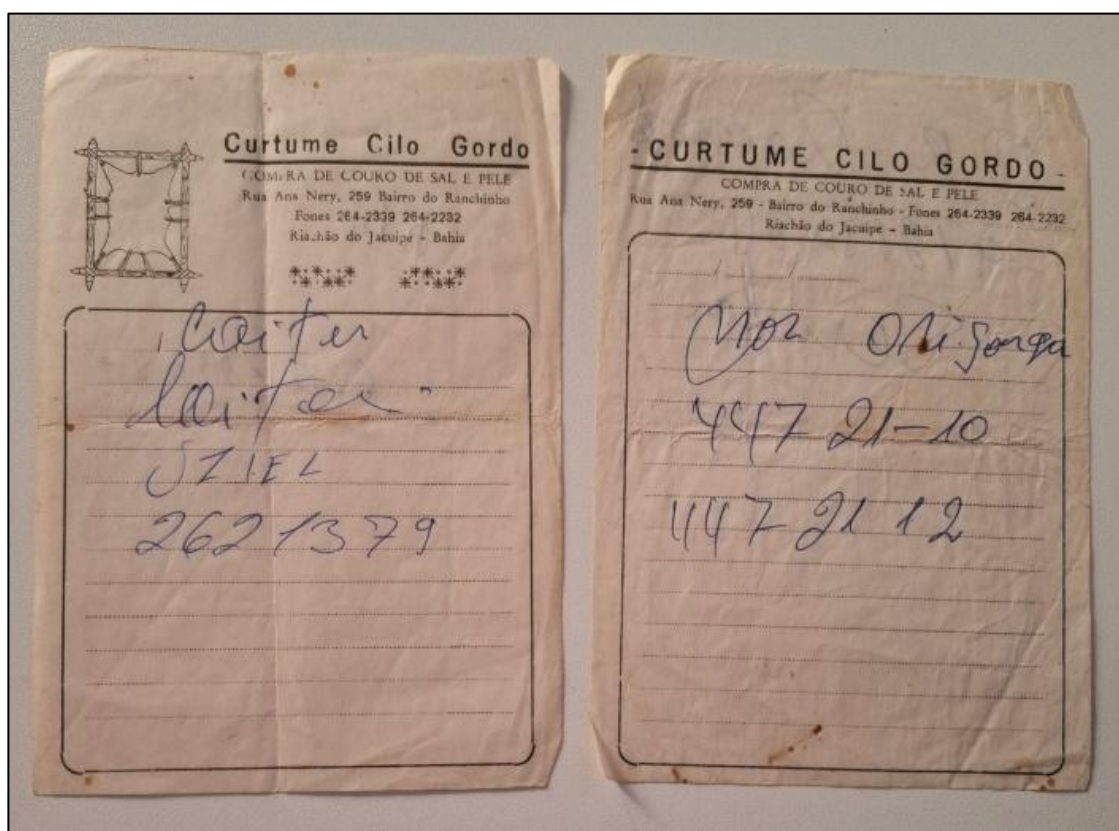
A matéria-prima utilizada no curtimento era a casca de angico, conforme já mencionado, a qual era proveniente dos municípios baianos de Queimadas Nova e Morro do Chapéu. É válido mencionar que, para garantir o fornecimento da mercadoria, era necessário pagar pelo produto no ato da encomenda, já que a casca era retirada através de processos manuais que duravam dias e os trabalhadores que realizavam a mão de obra recebiam pelo serviço diário. Uma boa parte do angico adquirido pelo Curtume Cilo Gordo era comercializado com unidades menores que não tinham condições de adquirir a matéria-prima diretamente dos fornecedores. Os curtumes bate-pau chegavam a pagar pelo angico com as próprias solas curtidas em suas unidades, estabelecendo um sistema de troca de mercadorias em vez de circulação de dinheiro.

No funcionamento do Curtume Cilo Gordo, devido à demanda com a casca de angico, havia um funcionário designado exclusivamente para trabalhar com a preparação da casca, a qual era processado em máquina de moer antes de ser utilizada nos tanques de curtimento ou revendida para os curtumes bate-pau. É importante mencionar que o angico era uma espécie encontrada em abundância na natureza, sobretudo em algumas regiões, e, à época, pouco havia de conscientização ambiental, os proprietários de curtumes exploravam os recursos sem preocupação com o problema que causavam, buscando apenas se beneficiarem do que a natureza tinha para oferecer.

Como já mencionado, o período de funcionamento do Curtume Cilo Gordo foi uma época em que a produção de couros se destacou no contexto da economia local, entretanto não há dados oficiais sobre seu funcionamento. Encontramos indícios do fechamento de uma firma em nome de Cecílio Ferreira da Silva, o Cilo Gordo do curtume, no setor de Tributos Municipal, mas, infelizmente, não tivemos acesso ao documento. Procuramos o contador responsável pelos dados financeiros da empresa,

embora ele tenha reconhecido ter executado esta tarefa, não dispunha de nenhuma documentação, segundo ele, o que havia se perdeu com o tempo. Encontrar fontes oficiais se torna quase impossível pelo fato de que o curtume operou de forma clandestina a maior parte do tempo, sem registros formais que forneçam a obtenção de informações fidedignas, os registros existentes são parcos e inconsistentes, como rabiscos em cadernos pessoais e blocos de notas, conforme a Figura 10 que ilustra dois blocos de notas diferentes, ambos do Curtume Cilo Gordo, evidenciando fases distintas de operação do curtume:

Figura 10 - Bloco de notas do Curtume Cilo Gordo



Fonte: Família de Cilo Gordo, capturada pela autora em 22/06/2025.

O curtume iniciou suas atividades na década de 1980 e atingiu o auge de produtividade nos anos 90. Com o declínio das atividades e o encerramento total das operações, ocasionado por fatores como as novas configurações da vida moderna, as leis de controle ambiental, a inserção de novas técnicas no abate de animais, dentre outros fatores, o couro passa a ser comercializado pela própria empresa de abate. Assim, em novembro de 2010 com a instalação da Empresa frigorífica Frijacuípe, inicia-se a terceira fase do ciclo do couro em Riachão do Jacuípe, momento em que se observa uma significativa transformação no perfil produtivo e comercial do setor,

apesar de serem empresas em atividade e regulamentadas os dados se restringem também a fontes orais.

A empresa frigorífica Frijacuípe, localizada às margens da BR 324, distante 3,8 km do centro da cidade, integra há 15 anos a dinâmica do setor coureiro local, atuando na etapa inicial da cadeia produtiva, como fornecedor da matéria-prima. Especializado no abate de bovinos, o frigorífico gera mensalmente um volume aproximado de 4 mil couros, os quais são destinados à empresa de salga CF couros.

A trajetória do Frijacuípe reflete uma mudança no paradigma do ciclo do couro em Riachão do Jacuípe, que deixa de ser um produtor, perdendo o valor agregado localmente ao se transformar em elo da cadeia exportadora. Os efeitos desse contexto implicam em alterações na dinâmica da cadeia produtiva no município.

Nos primeiros anos de funcionamento do Frigorífico Frijacuípe, a comercialização do couro era caracterizada por uma logística fragmentada e pouco estruturada, envolvendo acordos comerciais e destinos incertos. Essa dispersão representava uma dificuldade operacional para a empresa, sobretudo devido à falta de um receptor de grande porte e da expressiva diminuição do consumo local de couros com o enfraquecimento cada vez mais acentuado da produção de selas e arreios. Nessa conjuntura, o couro tornou-se um passivo para o frigorífico: sem mercado consumidor estável e precisando atender aos requisitos ambientais de encaminhamento do couro, a empresa chegou a arcar com custos de transporte apenas para se desfazer do produto que era vendido por valores irrisórios ou até mesmo doado a curtumes de outras regiões.

Atualmente, toda a produção de couros do Frijacuípe está destinada à empresa de couro salgado CF couros, que se consolidou no setor coureiro de Riachão do Jacuípe. Instalada no município desde o ano de 2022, a empresa vem desempenhando um papel importante no escoamento do couro bovino, não apenas absorvendo a produção local, como também recebendo matéria-prima de frigoríficos de cidades baianas vizinhas como Inhambupe, Santa Bárbara e Feira de Santana.

Figura 11 - Manejo do couro em salgadeira



Fonte: Freitas (2025).

A Figura 11 ilustra uma etapa fundamental desse processo, evidenciando a rotina de manipulação dos couros pelos trabalhadores da CF Couros durante o recebimento e triagem da matéria-prima. A imagem expõe o operacional da empresa que impacta a terceira fase do ciclo do couro em Riachão do Jacuípe, com um fluxo médio de 10 a 11 mil couros por mês. A CF Couros realiza o processo de conservação do couro exclusivamente por salga, seguindo protocolos bem próximos do que foi descrito na segunda fase no Curtume Cilo Gordo, sem a utilização de compostos químicos. Entretanto, percebe-se uma evolução na questão ambiental, especialmente no rigoroso controle ambiental sobre o descarte de resíduos.

Anteriormente, na segunda fase do ciclo do couro em Riachão do Jacuípe, por exemplo, era comum o descarte direto no Rio Jacuípe. A CF couros esclarece que, hoje em dia, todo o resíduo líquido, incluindo a salmoura resultante da salga dos couros, é coletado e direcionado para um tanque cimentado, sendo posteriormente transportados por carros pipas para o lixão municipal - alternativa encontrada devido à ausência de aterro sanitário apropriado. Segundo o gestor da empresa, esse procedimento minimiza potenciais impactos ambientais, pois o principal resíduo é o sal e a matéria orgânica do couro, que se decompõe naturalmente.

Além disso, a empresa atua sob fiscalização de órgãos competentes, como a Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB), e, portanto, necessita operar em conformidade com as exigências de licenciamento ambiental, procedimentos que marcam uma ruptura importante com práticas antigas, que antes não tinham controle adequado sobre os resíduos. Essa postura de responsabilidade socioambiental, além

de permitir a sustentabilidade do negócio, significou um avanço do setor coureiro local, projetando Riachão do Jacuípe no cenário internacional do couro.

Com processos ambientalmente regulados, a empresa CF couros consolidou-se como fornecedora em mercados globais, e parte significativa de sua produção é exportada para países como China e diversos países africanos, a exemplo da Nigéria que receberia a carga preparada justamente durante a visita de campo, conforme ilustrado pela Figura 12:

Figura 12 - Carregamento de couro para exportação



Fonte: Acervo pessoal da autora, capturada em 09/05/2025.

A imagem registra couros espalhados pelo piso no início do processo de acondicionamento de couros salgados no interior de um *contêiner*, em que o espaço foi adaptado para garantir a preservação da matéria-prima durante transporte internacional. Observa-se o uso de vedação plástica nas paredes e pisos, medida necessária para evitar vazamentos de salmoura, uma exigência cautelosa do mercado externo. Vale ressaltar que, conforme relatado pelo responsável técnico da empresa, caso ocorra vazamento de salmoura durante o trajeto, a penalidade pode chegar a um valor estimado de duzentos mil reais em multa. Esse rigor demonstra os elevados padrões sanitários e ambientais que regulam o comércio internacional de couros, diferente da época em que não havia no setor um controle ambiental.

Por fim, podemos dizer que o panorama atual do ciclo do couro em Riachão do Jacuípe está marcado por uma reconfiguração dos padrões produtivos e comerciais, em que as empresas Frijacuípe e CF couros se situam como eixo central dessa terceira fase. O Frigorífico Frijacuípe atuando na geração do couro como matéria-prima e a empresa de salga, CF couros, absorvendo o couro do frigorífico e projetando o comércio do município em cadeia global.

Essa nova configuração está marcada por avanços, mas também desafia a economia local e a manutenção de práticas tradicionais. Ao fechar a análise desses três ciclos que marcam a história de Riachão do Jacuípe, fica evidente que o couro antes era um símbolo de identidade artesanal, com grande dimensão simbólica e cultural da localidade e passou a ser elemento de uma cadeia produtiva explorada globalmente.



[...] trabalhar com as histórias de vaqueiros é, antes de tudo parcial, apaixonada. E esse nos parece ser o melhor primeiro passo: trabalhar com aquilo que o coração alcança e abarca. Isto posto, faz-se necessária a apresentação de outros elementos que orientaram a escolha (Queiroz, 1987, p.14).

### **3 CAMPEAR A TEORIA: O LÉXICO COM ENFOQUE DIALETOLÓGICO E SOCIO-ETNOLINGUÍSTICO**

Os estudos linguísticos permitem investigar a língua e, conseqüentemente, a sociedade a partir de muitos caminhos. Um desses caminhos é o estudo do léxico, o conjunto das palavras da língua (Polguère, 2018, p. 28) na forma de um compêndio vocabular presente na mente dos falantes que possibilita a livre expressão de forma a descrever eventos históricos e culturais.

Ao aplicar a abordagem Dialetoológica e sócio-etnolinguística ao léxico da cultura do vaqueiro, é possível explorar como as palavras e expressões utilizadas por essa comunidade, a exemplo do campo léxico do couro, refletem suas práticas, tradições e valores culturais específicos, destacando que as variações linguísticas presentes na fala desse grupo específico e nessa comunidade sociocultural são refletidas no léxico da Língua Portuguesa.

A perspectiva dialetoológica busca compreender as variações regionais, geográficas e sociais da língua, incluindo o léxico utilizado em diferentes regiões ou grupos específicos. Nesta pesquisa, essas variações envolvem expressões e mesmo a presença de lexias únicas da linguagem da cultura do vaqueiro. Através da análise dialetoológica do léxico, podem-se identificar como as palavras se adaptam às peculiaridades regionais e sociais, revelando a riqueza e a diversidade linguística presentes nessa comunidade.

Já o viés sócio-etnolinguístico, uma junção da sociolinguística e da etnolinguística, enfoca as relações entre língua, sociedade e identidade cultural. Nesse sentido, o léxico é levado em consideração como práticas e valores culturais de diferentes grupos étnicos, comunidades tradicionais e minorias linguísticas. O léxico pode refletir conceitos, tradições, crenças e modos de vida específicos das comunidades, revelando a conexão profunda entre identidade linguística e cultural. Por meio dessa abordagem sócio-etnolinguística, é possível compreender como o léxico reflete e representa aspectos importantes da diversidade cultural e do patrimônio linguístico da cultura do vaqueiro.

Ambas as perspectivas, dialetoológica e sócio-etnolinguística, enfatizam a importância de considerar o contexto sociocultural na análise do léxico. Eles nos permitem compreender como as palavras são moldadas e utilizadas de acordo com as características regionais, sociais, étnicas e culturais das comunidades falantes de

uma língua. Essa perspectiva enriquece o conhecimento sobre léxico, ampliando a compreensão da linguagem e valorizando a diversidade linguística e cultural presente em nossa sociedade.

O estudo do léxico está assentado sobre quatro bases epistêmicas, que formam as chamadas Ciências do Léxico: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Fraseologia. Cada uma com suas próprias metodologias e enfoques teóricos que permitem estudos de forma independente, embora estejam integradas no mesmo ramo das ciências da linguagem e todas se ocupem do léxico como o objeto de estudo que as fundamenta. A Lexicologia se ocupa dos estudos do Léxico sob várias perspectivas de análise, de forma ampla, incluindo a formação da palavra e a semântica. A Lexicografia estuda a organização do léxico em obras que registram o acervo lexical da língua com teor dicionarístico e a Terminologia é a disciplina que tem como objeto de estudo o termo, ou seja, a palavra especializada e, por fim, a Fraseologia que se ocupa dos fenômenos linguísticos fraseológicos<sup>39</sup>.

O objeto desta pesquisa está embasado pela Lexicologia, cuja proposta nas ciências do léxico é a descrição, a categorização e a análise do léxico. Os estudos de base lexicológica podem ser sistematizados de acordo com os objetivos e com o método aplicado, podendo apresentar sete níveis pelos quais o estudo do léxico pode enveredar: (i) pelo tipo de investigação, que pode ser Onomasiológica ou Semasiológica; (ii) pela perspectiva temporal, que pode ser estudo sincrônico, diacrônico ou pancrônico; (iii) pelo tratamento dos dados, que pode ser descritivo ou aplicado; (iv) pelo *corpus*, que pode ser formado com textos escritos ou orais; (v) pela variante linguística, que pode ser a norma culta ou a variante popular; (vi) pelos procedimentos de análise dos dados, que podem envolver técnicas manuais ou *softwares*; (vii) e pela base teórica, que pode ser, dentre tantas outras, a Dialetoлогия, a Linguística Aplicada, a Sociolinguística, a Linguística Histórica, etc.

Nesse contexto, este estudo adotou a seguinte perspectiva no panorama da Lexicologia: a investigação fundamentou-se na Onomasiologia, partindo do conceito para encontrar o item lexical representativo, embora tenha havido algumas situações pontuais em que se recorreu à Semasiologia; a base temporal é sincrônica, mas houve situações em que se recorreu à diacronia para entender o uso de determinado item

---

<sup>39</sup> Há uma variedade de discussões aprofundadas sobre tais ciências tanto com origem em estudos clássicos quanto de pesquisadores contemporâneos. Aqui apenas mencionamos as ciências do léxico a título de apresentação e coerência textual, com a intenção de direcionar o olhar para a Lexicologia.

lexical na atualidade; adotou-se a descrição no tratamento dos dados, cuja base foi um *corpus* oral; a variante linguística prevalente foi mais próxima do padrão, considerando-se algumas particularidades dos falantes; os dados foram tratados manualmente e a base teórica tem raízes Dialetológicas e Sociolinguísticas.

Face a isto, interessa o ponto da Lexicologia que estabelece contato com outras áreas de investigação da língua e da sociedade, a exemplo do contato com a Dialetologia e a Etnolinguística. De acordo com Biderman (1998):

Tradicionalmente os estudiosos da Lexicologia tem-se ocupado da problemática da formação de palavras, província em que essa ciência confina com a Morfologia, dita lexical. Os lexicólogos vêm-se dedicando também ao estudo da criação lexical, ou seja, dos neologismos. A partir da década de cinquenta muitas pesquisas foram realizadas em Estatística Léxica, ou Léxico-estatística, visando a obter resultados aplicáveis ao ensino/aprendizagem do vocabulário [...] Ademais, a Lexicologia faz fronteira com ciências tais como a Dialetologia e a Etnolinguística; nessas áreas interdisciplinares fizeram-se estudos sobre Palavras e Coisas, isto é, sobre as relações entre a língua e a cultura. (Biderman, 1998, p. 14).

A estreita relação entre a Lexicologia e disciplinas como a Dialetologia e a Etnolinguística possibilita que os estudos lexicológicos investiguem a interação entre língua e cultura, examinando como o léxico reflete e representa conceitos, objetos, práticas e fenômenos culturais.

### 3.1 BREVE PANORAMA DE CONCEITOS E DENOMINAÇÕES NO CONTEXTO DESTA PESQUISA

Esta seção objetiva esclarecer as principais denominações utilizadas nesta pesquisa, pois, na Linguística, é fundamental ter cautela com as nuances terminológicas, uma vez que pequenas variações podem resultar em diferenças semânticas que situam conceitualmente diferentes perspectivas teóricas. Nesse contexto, conforme Saussure (2012) a forma como um objeto linguístico é abordado influencia a sua análise. De modo que entendemos que uma análise exaustiva da nomenclatura linguística pertinente poderia tornar a presente abordagem disfuncional e repetitiva, considerando que já existe uma base consolidada da fundamentação teórica na literatura.

Assim, a partir de uma perspectiva lexicológica, situamos de forma breve os objetos linguísticos que julgamos mais representativos para análise e compreensão do léxico do couro na cultura do vaqueiro. Tomando como referência autores como Pottier (1978), Biderman (1996,1998 e 2001), Dubois (2014) e Polguère (2018)

buscamos as distinções nas definições entre palavra, léxico, lexia, vocábulo e vocabulário. Como esses conceitos estão bastante relacionados entre si, o entendimento de cada um deles é importante para compreensão da proposta deste trabalho<sup>40</sup>.

O Quadro 4 apresenta uma articulação sistematizada entre diferentes conceitos fundamentais para o estudo do léxico:

Quadro 4 - Panorama conceitual

Autor \ Conceito	Pottier (1978)	Biderman (1996)	Dubois (2014)	Polguère (2018)
<b>palavra</b>	unidade mínima construída	sequência significativa no plano das realizações discursivas	unidade de texto	signo linguístico dotado de autonomia e coesão interna
<b>léxico</b>		conjunto abstrato das unidades lexicais	conjunto das unidades da língua	conjunto das lexias da língua
<b>lexia</b>	unidade lexical memorizada	manifestação discursiva da unidade abstrata do léxico	unidade de comportamento léxico	unidades lexicais da língua
<b>vocabulário</b>		conjunto das realizações discursivas	lista das unidades da fala	sistematiza vocabulário de um texto e vocabulário de um indivíduo
<b>vocábulo</b>		o mesmo que palavra	unidade de léxico	junção de lexias associadas ao mesmo significado

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 4 revela que os conceitos podem ser colocados em oposição através da análise de palavras-chave para o estudo do léxico, demonstrando a importância de se ter definições claras para a compreensão do estudo linguístico voltado para a análise lexical.

Em relação à definição de palavra, esse tópico tem se constituído um complexo desafio do ponto de vista teórico. Biderman (1996) descreve a palavra como uma

<sup>40</sup> Mais uma vez reafirmamos reconhecer a densidade e a complexidade desses conceitos e justificamos a apresentação pontual por fins didáticos, já que uma análise aprofundada não está dentre os objetivos deste estudo.

sequência significativa que se realiza no plano do discurso, enquanto Pottier (1978) a apresenta como a menor unidade construída no plano da língua. Para Dubois (2014), palavra é unidade de texto e para Polguère (2018) palavra é como um signo linguístico.

No que se refere ao léxico, Biderman (1996), Dubois (2014) e Polguère (2018) concordam que ele consiste em um conjunto das unidades lexicais de uma língua, o que implica uma visão abrangente que inclui todas as ‘palavras’ e expressões de um idioma, tanto aquelas já reconhecidas e registradas quanto as que ainda estão em processo de lexicalização. Em uma perspectiva mais abrangente, o léxico costuma ser compreendido como sinônimo de vocabulário. Entretanto, os dois conceitos podem ser colocados em oposição, conforme vimos no Quadro 4. Ribeiro (2012) esclarece que a estatística léxica, por exemplo, distingue os dois pontos, designando o léxico para o plano da língua, enquanto o vocabulário está associado ao plano do discurso.

De acordo com Peralta (1979), o vocabulário é o conjunto de palavras efetivamente empregadas pelo locutor num determinado ato de fala, está sempre relacionado a um texto falado ou escrito e, sempre, pressupõe a existência de um léxico. A definição de Biderman (1996) se aproxima da de Peralta (1979), ao compreender o vocabulário como o grupamento das manifestações discursivas da língua. Polguère (2018) complementa essa visão sistematizando que o vocabulário tanto pode ser analisado tanto a partir da perspectiva de um texto quanto da perspectiva do vocabulário de um indivíduo.

Quanto ao vocábulo, pode ser considerado sinônimo de palavra, conforme Biderman (1996), mas também pode ser visto como uma junção de lexias associadas ao mesmo significado, de acordo com Polguère (2018).

A designação da unidade lexical é outro ponto que merece atenção. Pottier (1978) sugeriu o termo lexia para denominá-la, categorizando-a por parâmetros formais e semânticos, conforme o Quadro 5:

Quadro 5 - Classificação das lexias

<b>Tipo de lexia</b>	<b>Definição</b>	<b>Apresentação na língua</b>	<b>Exemplo na CV</b>
simples	menor unidade de comportamento linguístico	é uma palavra	sela, couro, luva

composta	resultado da integração entre duas lexias simples	é uma palavra formada por composição ou derivação	encourado, perneira, guarda-peito
complexa	um bloco de lexias que corresponde a um único referente na língua	é uma sequência padronizada	estar em couro, correias de garupeira
textual	tipo de lexia complexa que pode chegar ao nível de um texto	charada, provérbio, tirada, frase feita	valeu boi

Fonte: Elaborado pela autora - Baseado em Pottier (1978)

Os quatro tipos de lexias propostas por Pottier (1978): lexia simples, lexia composta, lexia complexa e lexia textual nascem de longos processos de lexicalização, formadas por meio de um hábito associativo de combinações realizadas no discurso, tendo um paradigma como referente das combinações, as quais estão intimamente relacionadas ao contexto de produção do falante<sup>41</sup>.

A lexia simples se refere à palavra em sua forma mais genérica, como “boi”, “sela” e “couro”. Pottier (1978) explica que entre as lexias pode haver uma integração semântica, manifestada formalmente na junção de duas lexias simples, que se combinam para formar uma nova unidade lexical, a qual ele denomina lexia composta. Um exemplo disso é a lexicalização resultante da junção das lexias simples “sela” e “vaqueira” que juntas originaram a lexia composta “sela vaqueira”. Palavras derivadas ou compostas por afixos, como “boiadeiro” e “encourado”, também pertencem a este grupo. Por sua vez, a lexia complexa é formada por uma sequência de palavras, que podem ser lexicalizadas ou estar em processo de lexicalização, como “capa da sela” e “arção da frente”. A lexia complexa que alcança o nível discursivo de um enunciado é denominada por Pottier (1978) como lexia textual, exemplificada pela expressão “valeu boi”, usada no contexto da vaquejada quando o vaqueiro pontua durante a competição.

Assim, esta seção apresenta as expressões fundamentais para a compreensão do contexto da pesquisa, oferecendo definições breves e pontuais que situam os conceitos de palavra, lexia, léxico, vocabulário e vocábulo, sem esgotar seus sentidos, de modo a observar como tais conceitos são importantes para a análise do léxico. Além disso, a classificação das lexias permite uma observação mais aprofundada das interações linguísticas que formam o léxico do couro na cultura do vaqueiro. E ao reconhecer seus processos de formação, é importante considerar as variações que

<sup>41</sup> As combinações lexicais são também conhecidas como unidades fraseológicas, mas a temática da Fraseologia não foi abordada nesta tese.

atravessam tais processos de lexicalização, o que nos leva a explorar as ciências da variação linguísticas e suas diferentes perspectivas e abordagens.

### 3.2 AS CIÊNCIAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

É importante iniciar esta seção esclarecendo que foco deste estudo não foi a busca por variação, embora tenham sido observados casos de variação semântica e fonética; o objetivo foi registrar o campo léxico do couro na cultura vaqueira, em dimensão diatópica. Os casos de variação semântica, quando contribuíam para o aspecto lexical, foram considerados; e em relação às variações de ordem fonética, foram, em sua maioria, neutralizadas, optando-se por sistematizar as lexias segundo a entrada das obras lexicográficas; no caso de lexias não registradas, optou-se por manter a forma mais comum na comunidade, a exemplo de tanque de 'gorda', visto na seção 2.3.2.4.1.

No entanto, esta discussão é relevante para este estudo, mesmo que o foco não tenha sido a variação em si, pois as ciências da variação são fundamentais para uma perspectiva de língua que considera fatores extralinguísticos, como a cultura e os contextos sociais e históricos que influenciam a linguagem e permitem valorizar as experiências linguísticas dos falantes, enriquecendo a compreensão do léxico ao reconhecer a diversidade da comunicação humana.

Dentre as ciências da variação, optamos por discutir aspectos da Dialectologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística. Sendo que a Dialectologia será a principal área de interesse, pois fornece os instrumentos necessários para realização deste estudo que se concentra em um local específico (variação diatópica), com um grupo de falantes (seleiros e vaqueiros) e um arcabouço lexical próprio (o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro). A Sociolinguística contribuirá para a análise das interações sociais, enquanto a Etnolinguística permitirá uma análise das relações entre linguagem e cultura. As três disciplinas juntas disponibilizam os meios para concretização deste estudo.

A língua está sempre passando por transformações que ocorrem de maneira contínua e ininterrupta, porque ela é viva e seu movimento é constante. Essas mudanças se manifestam em diversos níveis, exigindo uma variedade de abordagens epistemológicas para serem compreendidas. No campo da Linguística, a Dialectologia,

a Sociolinguística e a Etnolinguística são disciplinas que evoluem constantemente para acompanhar essas transformações. Destacamos essas áreas, pois seus objetos de estudo estão diretamente relacionados ao objetivo deste trabalho: a investigação do léxico de um grupo específico de falantes, em uma determinada área geográfica.

Podemos dizer que a Dialectologia e a Sociolinguística são disciplinas que andam de mãos dadas, uma vez que compartilham o mesmo objeto de investigação, de modo que a Dialectologia, por ser uma disciplina mais antiga contribuiu para o surgimento da Sociolinguística, como também recebeu contribuições desta, como atesta Silva-Corvalán (1988) ao afirmar a existência de uma ponte de união entre metodologias e interesses dialectológicos e sociolinguísticos:

Es indudable que la dialectologia ha hecho aportes de importancia a la sociolingüística y a la lingüística en general. En el mundo hispánico, por ejemplo, los estudios de Alvar, González Ollé, Granda, Rona y muchos otros son citados con frecuencia en publicaciones sociolingüísticas recientes. Además, sin abandonar su erudición y larga experiencia, algunos de estos y otros dialectólogos ha incorporado en su trabajo sobre geografía dialectal ciertos aspectos de la sociolingüística moderna (Silva-Corvalán, 1988, p. 8).<sup>42</sup>

A integração entre as duas disciplinas é fundamental para consolidar a importância de suas ciências no campo da variação linguística. O perfil colaborativo entre seus autores, como destacado por Silva-Corvalán, facilita a incorporação de metodologias, favorecendo o desenvolvimento de ambas as teorias.

Cardoso (2010) explica que apesar da Dialectologia e da Sociolinguística se ocuparem da diversidade de usos da língua, cada uma mantém um traço particular e individualizante quanto ao tratamento dos fenômenos:

A Dialectologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta de tratamento dos dados, tem como base de sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A Sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas (Cardoso, 2010, p. 26).

Fica evidente, portanto, que apesar de ambas considerarem fatores sociais em suas análises há diferenças fundamentais entre elas. A Dialectologia tem uma abordagem essencialmente diatópica, o que significa que seu interesse maior é como

---

<sup>42</sup> Não resta dúvida que a Dialectologia tem feito contribuições importantes para a Sociolinguística e para a Linguística em geral. No mundo hispânico, por exemplo, os estudos de Alvar, González Ollé, Granda, Rona e muitos outros são frequentemente citados em publicações sociolinguísticas recentes. Além disso, sem abandonar sua erudição e longa experiência, alguns desses e outros dialectólogos incorporaram em seu trabalho sobre geografia dialectal certos aspectos da sociolinguística moderna. (Tradução autoral).

a língua varia de acordo com a área geográfica. Enquanto a Sociolinguística foca, principalmente, nas relações sociais que moldam o uso da língua, buscando explicar a variação e a mudança linguísticas.

Não é apenas com a Sociolinguística que a Dialetoлогия dialoga. Santos e Ribeiro (2021) caracterizam essa última com uma natureza multidisciplinar, estabelecendo interseções com outras áreas, tanto com disciplinas internas à Linguística quanto com campos externos, como a Etnografia. A Dialetoлогия e a Etnografia compartilham um interesse comum em compreender práticas culturais e sociais em comunidades específicas, uma interseção que se expande naturalmente para a Etnolinguística ou Antropologia Linguística.

A Etnolinguística é uma disciplina relativamente nova, e por essa razão, enfrenta uma certa alternância terminológica em suas referências. É um campo interdisciplinar que, segundo Duranti (2000), se desenvolve com base em métodos de outras disciplinas, principalmente da Antropologia e da Linguística. Jucá Acácio (2020) reafirma que a Etnolinguística se configura como uma área que atua na interseção entre a Linguística e a Antropologia. Enquanto os linguistas se referem a esta interseção como a Etnolinguística, os antropólogos a denominam Antropologia Linguística, uma distinção que reflete as diferentes abordagens que cada disciplina adota em relação ao estudo da língua. Duranti (2000) esclarece que ao longo da história os estudiosos usaram os termos etnolinguística e antropologia linguística de forma intercambiável, considerando-os como termos afins e faz a opção por 'antropologia linguística' como "*parte de um intento deliberado de consolidar y redefinir el estudio del lenguaje y la cultura como uno de los subcampos principales de la antropologia*<sup>43</sup>".

Mas antes de avançar, é importante trazer a distinção entre a Sociolinguística e a Etnolinguística, proposta por Dias (2010):

Enquanto a primeira (uma disciplina linguística e não sociológica) se ocupa do estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades de falantes, a segunda (uma disciplina linguística e não etnológica ou etnográfica) se dedica ao estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura (Dias, 2010, p. 67).

A citação de Dias (2010) revela que a abordagem Sociolinguística investiga as variações e variedades da língua influenciadas por dinâmicas sociais, enquanto a

---

<sup>43</sup> Parte de uma tentativa de consolidar e redefinir o estudo da linguagem e a cultura como um dos subcampos principais da Antropologia (tradução autoral).

Etnolinguística analisa como os contextos culturais influenciam a forma como a língua é utilizada e como se comportam os falantes em determinado contexto. Uma discussão que requer o entendimento de como a civilização e a cultura interferem no uso da língua, tema amplamente discutido anteriormente na seção 2, sobre cultura.

Dias (2010) pontua que para o estudo da vinculação entre linguagem e cultura, faz-se necessário definir se o ponto de partida é a linguagem ou a cultura. Deste modo, cabe sustentar que este estudo objetiva registrar o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro considerando tanto seu aspecto cultural quanto linguístico, por isso optamos pelo registro conforme a entrada nas obras lexicográficas- para o léxico registrado-, em lugar de privilegiar as nuances fonéticas e fonológicas, já que o objetivo não é a variação linguística e, sim, o registro do léxico considerando seus aspectos culturais.

### **3.2.1 Os estudos dialetais**

A Dialetoлогия é uma ciência que pode estudar os dialetos a partir de duas abordagens principais: a cartografia, utilizando mapas linguísticos, conhecida como método da geolinguística e a catalogação dos falares característicos de um ou mais grupos em determinado local, empregando modelos distintos de análise. Esta última abordagem é a que se aplica à presente pesquisa, que analisa a fala de dois grupos, em perspectiva diatópica.

O enfoque deste estudo pode ser considerado dialetológico porque envolve a análise da fala de um grupo específico em um contexto geográfico definido, elementos essenciais para um enfoque dialetológico. Ainda nesse aspecto, Ribeiro (2012) acrescenta que em uma mesma região, caracterizada por um só dialeto, também existem variações. Isso significa que ao considerar diferentes registros linguísticos, percebem-se distinções entre as escolhas dos falantes de uma mesma região. Tais escolhas, muitas vezes, se refletem por meio da variação diageracional, como se verá na seção 5.

As variações no modo de falar sempre existiram resultantes dos contatos entre diferentes grupos. Essas diferenças linguísticas são percebidas, em maior ou menor grau, pelos próprios falantes, refletindo certa consciência das variações presentes na língua. Um fenômeno que não passou despercebido por filólogos, historiadores e estudiosos de modo geral. No entanto, somente a partir da Dialetoлогия os linguistas

começaram a se dedicar sistematicamente ao estudo das variedades de uma língua, validando-as como um dos ramos da ciência da linguagem (Chofard, 2023, p.46).

Desse modo, a Dialectologia pode ser considerada uma das áreas mais antigas da Linguística, visto que os primeiros estudos dialetológicos surgiram no âmbito da romanística, consistindo, tradicionalmente, no estudo das formas linguísticas em áreas predominantemente rurais (Chambers, Trudgill, 1994) e concentrando-se na diferenciação espacial da língua. Ao final do século XIX, na Europa, desenvolve-se o interesse pelas falas populares, em virtude do “movimento de defesa e valorização das formas linguísticas tradicionais e de menor prestígio como resposta à ameaça de uniformização da integração sócio-política no mundo europeu” (Mendes, 1992, p. 15). Foi um período em que os neogramáticos se dedicaram a dados obtidos a partir dos falares locais, por acreditarem que essas informações seriam importantes para compreensão da linguística romana.

Em 1876, o alemão George Wenker realizou uma investigação de fenômenos fonéticos com base em um questionário enviado por correspondência, a fim de observar usos da língua alemã falada em diferentes regiões; esperava que os participantes, professores primários, fizessem a “tradução” de determinadas frases para seus respectivos dialetos - um estudo pioneiro que representou um grande avanço para a área. Posteriormente (1902-1910), a publicação do *Atlas linguistique de la France*, por Jules Gilliéron marca uma nova etapa dessa ciência. Para Cardoso (2010, p.43), “Gilliéron tem o mérito maior de definir um rumo para os estudos dialetais”, seu trabalho firmou um marco por consolidar a Geolinguística como o método da Dialectologia. De acordo com Ribeiro (2012), esta publicação além de implementar a cartografia linguística, abriu caminhos para a realização de outros trabalhos, a priori na Europa e depois em outras partes do mundo. O objeto do trabalho de Gilliéron era o vocabulário dos camponeses, com foco em lexias restritas a uma determinada região. Barreto (2015) esclarece que por meio da pesquisa de Gilliéron a Dialectologia passou a considerar que os falares de uma língua não são isolados e, portanto, as dimensões históricas e socioeconômicas contribuem tanto quanto as geográficas para o processo de dialeção.

De acordo com Rossi (1980), o trabalho de Gilliéron foi fundamental para uma marcação das tendências mais significativas na transição do século XIX para o século XX, no âmbito dos estudos linguísticos que é a mudança do foco do som fônico para a palavra, passando da fonética histórica para a lexicologia histórica, embora os

primeiros atlas linguísticos apresentem alguns aspectos lexicais. Por esse prisma, o interesse pela variedade da língua se amplia além do aspecto fonético-fonológico, passando a incluir também o nível lexical.

Sob essa perspectiva, Santos e Ribeiro (2022) afirmam que o léxico serve como instrumento para evidenciar transformações linguístico-culturais experimentadas pela população. Além disso, destacam que, ao longo da trajetória dos estudos dialetais, os aspectos lexicais estão sempre presentes, delineando uma relação versátil e complexa entre as duas ciências, de modo que:

ainda, no nível lexical, possuidor de um caráter dinâmico e multifacetado, é possível retratar os percursos - linguístico, cultural e histórico - dos homens, haja vista que os itens lexicais vão revelar aspectos intra e extralinguísticos decorrente das itinerâncias do homem pelo espaço geográfico. Nesse sentido, acredita-se que esse nível se constitui como um elemento indispensável para investigação e delimitação de áreas dialetais. Logo, os processos de mudança pelos quais passam a sociedade afetam, de certo modo, a maneira de nomear, por isso a importância dos estudos que buscam registrar, catalogar e divulgar os aspectos da língua nos diversos espaços geográficos (Santos; Ribeiro, 2022, p.230).

Como observado pelos autores, a análise lexical enriquece o estudo dialetológico, pois os itens lexicais também são indicadores de mudanças, influenciando diretamente na forma como as comunidades nomeiam o universo ao seu redor. Abandona-se, portanto, a ideia de que somente os fenômenos fonético-fonológicos se prestam para a descrição da variação diatópica, de modo que estudos lexicais são importantes para catalogar e registrar as variações em diferentes regiões, contribuindo de modo sistemático para a Dialectologia.

Entendida a Dialectologia como uma ciência que se encaixa em diferentes níveis da língua, como o fonético e o lexical. Passemos à Dialectologia no Brasil, suas fases e divisões dialetais.

### **3.2.2 A Dialectologia no Brasil: fases**

Os estudos dialetais no Brasil tiveram seu início marcado pela contribuição de Domingos Borges de Barros em uma obra organizada pelo geógrafo Balbi, que abordava as línguas do Novo Mundo. No capítulo elaborado por Borges de Barros, que também era conhecido como Visconde de Pedra Branca e, na época, ocupava o cargo de Ministro Plenipotenciário do Brasil na França, o português falado no território brasileiro foi descrito como um idioma aprimorado por empréstimos provenientes das

línguas indígenas, que enriqueciam a língua com expressões novas e inexistentes no português Continental (Ferreira; Cardoso, 1994, p.37).

Ribeiro (2012) registra que após o estabelecimento do marco inicial, os estudos dialetais no Brasil podem ser organizados em cinco distintas fases, cada uma caracterizada por uma delimitação temporal específica. Dentro de cada fase, destacam-se autores e obras que contribuem para o desenvolvimento da Dialectologia no país. Cada fase é um período que reflete a evolução dos estudos linguísticos, ressaltando as particularidades e avanços teóricos e metodológicos promovidos pelos estudiosos em seus respectivos períodos. Tais circunstâncias “[...] fazem do estudo da **língua portuguesa no Brasil**<sup>44</sup> uma tarefa ingente, capaz de absorver por si só os esforços e os recursos de várias gerações” (Rossi, 1976, p. 104).

A seguir, serão discutidos os pontos mais relevantes dessas fases, evidenciando suas contribuições para o campo teórico. Tendo-se em conta que a periodização dos estudos dialetais no Brasil foi sendo estabelecida ao longo da história pelos próprios dialetólogos, cada um acrescentando uma proposta que complementa e acrescenta dados e/ou fatos linguísticos à proposta vigente de modo que Nascentes (1955) estabeleceu as duas fases preliminares; Ferreira e Cardoso (1994) acrescentaram a terceira e, em 2006, Mota e Cardoso reformularam a divisão estabelecendo a quarta fase. Teles (2018) apresenta a proposta de início da quinta fase.

A primeira fase compreende o período de 1826 a 1920, sendo marcada por uma intensa produção no campo léxico, com a elaboração de muitas obras lexicográficas de caráter regional. Ferreira e Cardoso (1994, p.38) elencam 14 obras de dicionários, glossários e vocabulários produzidos nesse período. Entre as obras mencionadas, Castilho (2020) destaca seis autores que realizaram levantamento de vocabulários regionais. Dentre essas, sobressaem duas: a mais antiga, o *Dicionário da língua brasileira*, de Luís Maria Silva Pinto, publicado em 1832, e uma das últimas dessa fase, o *Dicionário de brasileirismos*, de Rodolfo Garcia, publicado em 1912.

É importante salientar o quanto as pesquisas regionais realizadas nas duas primeiras fases foram particularmente trabalhosas, pois os pesquisadores daquela época não dispunham dos recursos tecnológicos que temos hoje, como mídias gravadas e ferramentas avançadas de armazenamento e processamento de dados.

---

<sup>44</sup> Grifo do autor.

Eles dependiam fortemente da memória, das anotações pessoais e da organização individual para catalogar e armazenar informações.

A segunda fase dos estudos dialetológicos no Brasil foi inaugurada pelo paulista Amadeu Amaral com a publicação de "O Dialeto Caipira" em 1920, e encerrou-se com o Decreto 30.643 de 1952. Este período se estendeu por aproximadamente 32 anos, e, em 2020, ao completar um século da primeira edição, a obra de Amaral é republicada, comprovando a previsão de Antenor Nascentes, que, no prefácio de seu próprio trabalho, publicado após o de Amaral, projetou que, em cem anos, estudiosos encontrariam nessas obras uma representação fiel da língua da época. De fato, "O Dialeto Caipira", que descreve pronúncia, questões gramaticais e vocabulário em seis localidades do Estado de São Paulo, abriu a porta para muitos estudos dialetais, pois "o tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil" (Ferreira; Cardoso 1994, p. 41).

Da mesma forma, a obra de Nascentes, *O linguajar carioca* em 1922, "chamou a atenção para a importância da Dialectologia como um programa de pesquisas" (Castilho, 2020, p. 17), pois desta obra resulta a primeira proposta de divisão dialetal dos falares do Brasil. Na obra está demonstrado um cuidadoso estudo monográfico de descrição da língua falada pelos cariocas, recobrando aspectos da morfologia, da fonética, da sintaxe e do léxico da área descrita.

Seguindo os passos pioneiros de Amaral e Nascentes, Mario Marroquim, em 1934, publica *A língua do Nordeste*, um estudo sobre o português falado em Pernambuco e Alagoas. Obra que também se destaca na segunda fase dos estudos dialetais no Brasil, por partir da observação para o registro de variações regionais. Sobre este trabalho, Gilberto Freire, que prefacia a segunda edição em 1945 destaca:

O sr. Mário Marroquim de tal modo põe em relevo nos problemas linguísticos os aspectos psicológicos e culturais que suas páginas nos tornam simpáticas e atraentes as próprias minúsculas da gramática. [...] É uma filologia da qual se pode dizer que não é um fim, mas um meio. Um meio de procurarmos conhecer o homem, os homens, os problemas humanos mais íntimos, os brasileiros, o Brasil, o Nordeste. Um dos meios de expandirmos cientificamente a curiosidade pelo passado humano, pelas relações interurbanas, pelas lutas de adaptação do homem a diferentes regiões. Pois de tudo isso o homem deixa as marcas nas palavras. Não só nas palavras ditas ou escritas conscientemente como nas ditas e escritas subconscientemente. (Freire, 1943 *apud* Marroquim, 2008, p.16)

A citação de Freire revela reconhecimento pelo trabalho de Marroquim e sua habilidade de explorar por meio da língua questões sobre a experiência humana,

através de uma abordagem filológica que examina a identidade e a cultura dos falantes. Naquela época, primeira metade do século XX, o filólogo Marroquim já reconhecia que “esses trabalhos serão o material de que lançará mão o estudioso de amanhã para uma obra de conjunto, completa e definitiva do dialeto brasileiro” (Marroquim, 2008, p. 17). Sua previsão revelou-se precisa, uma vez que, esses estudos serviram de base para que futuros pesquisadores pudessem, posteriormente, desenvolver o Atlas Linguístico do Brasil.

Essa segunda fase se encerra com a publicação do Decreto 30.543, de 20 de março de 1952, quando o Governo do Brasil estabelece, como a principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, em seu artigo 3º, a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. No entanto, “a Casa de Rui Barbosa se limitou a publicar material de interesse metodológico, sem ingressar propriamente no trabalho de campo” (Castilho, 2020, p. 18).

A terceira fase é oficialmente iniciada em 1952, conforme descrito por Cardoso e Ferreira na obra *A dialetologia no Brasil*, de 1994. Essa etapa está marcada, sobretudo, pela implementação do método da geografia linguística. De acordo com Ribeiro (2012), durante essa fase, a geografia linguística, estimulada pelo decreto ganha forma e é essencial reconhecer os pesquisadores que se destacaram e as suas contribuições para o período.

Os autores Antenor Nascentes, Serafim da Silva, Celso Cunha e Nelson Rossi destacam-se pelo empenho no trabalho realizado em defesa da questão dialetal, sendo importantes incentivadores da realização do Atlas Linguístico do Brasil. Dentre esses nomes, se sobressai o linguista carioca Nelson Rossi, que ao chegar à Bahia em 1955, implanta na Universidade Federal da Bahia uma equipe estável e inicia um trabalho dialetal, tornando-se pioneiro na aplicação da geografia linguística no país, publicando o primeiro atlas linguístico estadual do Brasil, sendo assim publicado o Atlas Prévio dos Falares Baianos. Ainda sob a coordenação de Rossi, a equipe baiana preparou nos anos seguintes os originais para a publicação do Atlas Linguístico de Sergipe, o qual só foi publicado 20 anos após a coleta dos dados (Ferreira *et al*, 1987).

A quarta fase, que começou em 1996, se estendeu até 2014, ano da publicação dos volumes 1 e 2 do ALiB. Essa fase é descrita por Ribeiro (2012) como um período marcado pelo aumento na quantidade de atlas linguísticos, elaborados e publicados e pela inclusão de novas abordagens e dimensões na pesquisa dialetológica. De acordo com Sanches (2022), esta fase não é tão diferente das divisões que foram sugeridas

anteriormente, e em todas elas não há distinção entre os trabalhos de natureza dialetal e os trabalhos de natureza geolinguística.

Sobre a quarta fase Mota e Cardoso (2006) afirmam que:

A nova fase da Geolinguística se faz notar, ainda: a) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos, como em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmáticos-discursivos, metalinguísticos, etc, [...] b) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos de 2ª e 3ª gerações, se fazem acompanhar de comentários linguísticos e de CDs [...]. (Mota e Cardoso, 2006, p.23 *apud* Ribeiro, 2012, p. 61).

A citação de Mota e Cardoso, referenciada por Ribeiro, 2012, põe em destaque as transformações na metodologia da ciência dialetológica. As autoras apontam que a partir da Geolinguística, os estudos dialetais incorporam um leque maior de dados e maiores possibilidades de apresentação desses dados, com comentários e materiais adicionais.

Por fim, Ana Regina Torre Ferreira Teles, em sua tese de doutorado na UFBA, propõe o encerramento da quarta fase. Teles (2018) considera que a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, em 2014, é um marco histórico.

A Geolinguística se apresenta como um método essencial para a Dialetologia, caracterizado por sua abordagem multidisciplinar, uma vez que se relaciona com a Geografia, através da ciência da cartografia, permitindo uma análise espacial das variações linguísticas em um contexto geográfico.

### **3.2.3 A Dialetologia no Brasil: áreas**

A primeira tentativa de divisão dialetal do Brasil ocorreu no final do século XIX. Em 1891, Julio Ribeiro elaborou uma proposta inicial, baseada apenas em critérios geográficos, desconsiderando qualquer fato linguístico, o que resultou na sua não consolidação, conforme Cardoso (1996/2021). Historicamente foi a proposta de Antenor Nascentes que foi reconhecida como a primeira divisão dialetal do país.

Cardoso (1996/2021) afirma que, em 1922, Antenor Nascentes apresentou seu primeiro delineamento de divisão dialetal do Brasil. Embora o próprio Nascentes o tenha reconhecido como limitado, devido ao fato de ter percorrido apenas uma pequena parte do território brasileiro, esse delineamento já incluía a observação de fatos linguísticos. Uma década depois, Nascentes apresentou uma nova estrutura, “já

enriquecida com as críticas que recebeu de 1922 e que foram motivadoras da reelaboração proposta em 1933” (Ribeiro, 2012, p.86).

De modo que, no contexto da divisão das áreas dialetais do Brasil, Antenor Nascentes emerge como figura central, sendo reconhecido por sua proposta clássica de divisão dialetal. Segundo Chofard (2023), as bases estabelecidas por Nascentes (1953) permanecem relevantes até os dias atuais, sendo utilizadas tanto para confirmar quanto para questionar sua validade.

Nascentes (1953) propôs uma divisão dos falares brasileiros em dois grandes grupos: Os falares do Norte e os falares do Sul. Esses grupos englobam seis subfalares, além de uma área definida pelo autor como território incharacterístico. O grupo do Norte inclui os subfalares amazônico e nordestino, enquanto o grupo do Sul abrange os subfalares baiano, fluminense, mineiro e sulista. A região considerada incharacterística compreende a área da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

Fica evidente o quanto as áreas dialetais são um traço importante para a compreensão da diversidade linguística no Brasil, bem como contribuem para a categorização dos falares em grupos distintos, relacionados a diferentes contextos geográficos. Além disso, a continuidade dos estudos de Nascentes até os dias atuais revela o quanto suas divisões dialetais enriquecem o campo da Dialectologia promovendo maiores possibilidades de sistematizar os estudos de variação nas diversas regiões do país.

Para encerrar a seção sobre a dialectologia no Brasil, é fundamental reconhecer que este campo de estudo foi construído a muitas mãos, constituindo-se em grande parte sobre os pilares da colaboração do trabalho em grupo e envolvendo diversos pesquisadores ao longo do tempo. Cada fase dos estudos dialectológicos se beneficiou dos avanços e descobertas das fases anteriores, criando uma base para o desenvolvimento da área. As pesquisas regionais realizadas nas duas primeiras fases, são fruto de um trabalho pioneiro que forneceu subsídios para a grande tarefa de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Além disso, essas pesquisas continuam a servir de referência para estudos dialetais regionais, como a presente investigação sobre a cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe, Bahia, que se valeu do conteúdo de atlas já consolidados como o ALS e o APFB, de projetos em andamento como ALRT e de estudos geolinguísticos como a pesquisa de Mendes (1992). Essa continuidade e colaboração destacam a

importância da Dialetologia como uma disciplina dinâmica e em constante evolução no contexto brasileiro.

### 3.3 LEXICOLOGIA E CAMPOS LEXICAIS

Esta subseção tem por finalidade delinear o quadro teórico que fundamenta a análise lexical desenvolvida nesta pesquisa, situando o estudo do léxico do couro no aporte mais amplo da Lexicologia, voltado à sua descrição, organização e interpretação. A seção também discute a implementação dos estudos sobre os campos lexicais, dedicando atenção especial às contribuições de Eugênio Coseriu, cujos estudos oferecem base teórico-metodológica para a compreensão do léxico enquanto atividade linguística e cultural.

#### 3.3.1 Lexicologia

A Lexicologia juntamente com a Lexicografia, a Fraseologia e a Terminologia formam o que a ciência linguística denomina de áreas do saber encarregadas do estudo e da descrição do léxico. A Lexicografia se ocupa da elaboração de dicionários; a Fraseologia se ocupa da descrição das unidades complexas e fixas da língua; a Terminologia está relacionada aos processos de normatização de conceitos e termos e a Lexicologia, área que nos interessa nesta pesquisa, se encarrega do léxico em diversos aspectos, sobretudo os de processos de formação, ampliação e redução do léxico.

O foco principal da Lexicologia é a análise e o entendimento do modo como o acervo lexical é categorizado e estruturado dentro da língua. Conforme destacado por Biderman (1998) a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”.

A categorização envolve classificar o léxico em grupos ou categorias como substantivos, adjetivos, verbos, dentre outros, para identificar padrões e regularidades e com isso compreender como o léxico se relaciona entre si. A estruturação lexical por sua vez, refere-se à análise da formação e da composição das unidades lexicais, é a investigação dos processos morfológicos pelos quais as palavras são criadas como a derivação e a composição.

O estudo da categorização e da estruturação lexical permite compreender como o léxico está organizado, bem como contribui para a preservação do patrimônio

linguístico e cultural de diferentes grupos humanos, um patrimônio que nem sempre está documentado em obras lexicográficas. Nesse aspecto, a Lexicologia se ocupa do Léxico extensivamente e por isso, considera a língua em uso pelas comunidades linguísticas, com suas peculiaridades, variedades e especificidades. De modo que a escolha de um léxico:

[...]obedece a condicionamentos socioculturais, históricos, econômicos e ainda variáveis sociais como sexo, idade, nível de instrução e região [...] A escolha de um código entre as diversas probabilidades ofertadas pelo repositório da língua como possibilidade de realização pode ser/é fruto das variações dominadas pelo falante ou, no seu extremo oposto, da sua exata ausência, e por isso lhe atrela a escolha a um daqueles condicionantes, sejam eles mais genéricos da comunidade (cultura, história, economia), sejam mais específicos do indivíduo (sexo, idade, escolaridade, poder aquisitivo, regionalismo (Silva, 2023, p. 172).

Como se vê, “o léxico é a parte de uma língua que reflete a cultura da sociedade” (Ribeiro, 2012, p. 98), de modo que a escolha de um código linguístico pode refletir tanto as variações dominadas pelo falante, como seu repertório linguístico e pessoal, quanto a influência de fatores externos que moldam seu comportamento linguístico. Por um lado, o falante pode fazer escolhas linguísticas com base em sua identidade, grupo social de pertencimento ou contexto comunicativo específico. Por outro lado, essas escolhas também podem ser influenciadas por fatores mais amplos, como normas culturais, eventos históricos e realidades que o cercam.

Uma característica que distingue a Lexicologia da Lexicografia é a construção de obras de referências linguísticas, de modo que esta última atua como “a vertente aplicada da lexicologia” (Lorente, 2004, p.29) uma vez que é responsável por compilar, descrever, explicar fornecer informações sobre o léxico de uma língua de forma organizada e acessível. Isquierdo e Alves (2007) atestam que enquanto a Lexicologia estuda os aspectos formais e significativos do léxico, a Lexicografia se ocupa da organização das palavras em obras didáticas. De acordo com as palavras de Krieger (2010):

A Lexicografia, tal como a temos desenvolvido, cobre diversos aspectos de registros lexicais. Problematiza a constituição de unidades simples e complexas, além de outras faces do léxico geral, quando registrado em dicionários de língua. Em paralelo, têm sido discutidos importantes aspectos metodológicos da produção dicionarística [...]. De igual modo, questões que envolvem desde a definição até aspectos constitutivos da organização macro e microestrutural dos dicionários tem composto o panorama das seções de Lexicografia (Krieger, 2010, p. 170).

As palavras de Krieger (2010) revelam que a Lexicografia engloba uma ampla gama de aspectos relacionados aos registros lexicais, desde a constituição das unidades até questões metodológicas e de organização na produção de dicionários.

Sobre as especificidades da Lexicologia, Krieger (2010) destaca que essa ciência tem sido responsável por estabelecer os fundamentos teóricos e metodológicos para investigações especializadas no campo do léxico. Nesse sentido fica evidente a importância da Lexicologia ao fornecer as bases para os investigadores explorarem o Léxico de uma língua de forma abrangente e sistemática.

A Lexicologia como uma ciência de muitas possibilidades, conecta-se também com a Semântica. Biderman (1998) destaca como estas duas ciências estão interconectadas: “Embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa” (Biderman, 1998, p. 14). Embora seja comumente associada à Semântica o estudo dos significados linguísticos, a Lexicologia desempenha um papel fundamental ao explorar a dimensão significativa do léxico.

Enquanto a Semântica se concentra na investigação dos significados e na análise dos processos semânticos, a Lexicologia examina o Léxico como um todo, incluindo a estrutura, a formação e a organização das palavras. Não apenas descreve e classifica as palavras, mas também explora como elas adquirem e expressam significados, investiga as relações de sinonímia, antonímia, polissemia e hiponímia entre as palavras, além de examinar os processos de mudança semântica ao longo do tempo.

### **3.3.2 Implementação dos estudos lexicais**

Durante muito tempo, os estudos linguísticos concentraram-se principalmente nos aspectos da língua relacionados à morfologia, de um ponto de vista estrutural, à sintaxe, à fonética e à fonologia, relegando a palavra a um papel secundário. No entanto, os estudos da Geografia Linguística abriram novas perspectivas para a análise da língua, indo além da gramática e dos sons; esse movimento permitiu que as Ciências do Léxico conquistassem seu próprio espaço dentro da Linguística. Assim, o interesse dos linguistas começou a se expandir, ultrapassando a

investigação fonética e dando ao léxico uma maior visibilidade como objeto de estudo científico.

À primeira impressão, o léxico parece ser um conjunto desorganizado de palavras e expressões, formado por uma estrutura em constante mobilidade, que reúne uma infinidade de elementos difíceis de controlar e sem uma organização clara. Com base nesta perspectiva sobre o léxico, Martinet (*apud* Peralta, 1979, p.4) observou que, os linguistas estruturalistas insistiam no caráter sistemático das línguas e muitos dentre eles recusavam inteiramente o léxico. Para Bloomfield (*apud* Geckeler, 1976, p.23) a Linguística só poderia ser uma disciplina mecanicista, não mentalista e, portanto, a investigação sobre a Semântica deveria ficar fora do domínio da Linguística.

Com o estudo da Semântica, foi superada a dificuldade de implementação dos estudos lexicais, a teoria linguística ultrapassou a sensação de desordem e, hoje, aceita plenamente o léxico como um todo orgânico, passível de ser estudado a partir das estruturas que o articulam. A Semântica representa um avanço nos estudos linguísticos, pois organiza a aparente desordem do léxico e possibilita um estudo baseado em estruturas coesas e interligadas. De acordo com Geckeler (1976) a Semântica é a disciplina científica global dos conteúdos linguísticos. Este autor traça um panorama dos estudos semânticos, chamando a atenção para a importância que a disciplina adquire em meados do século passado, 1951, a partir da Conferência de Semântica, na França, organizada por Emile Benveniste.

É importante destacar que no início do século XX, havia uma forte influência das ideias de Ferdinand Saussure, com sua proposta de análise, fundamentada na dicotomia 'langue' e 'parole' o que se constituiu as bases para a Linguística Estrutural. A conferência de 1951 se deu em um momento em que a comunidade linguística começava a questionar e buscar expandir as ideias de Saussure (2012), explorando novos métodos e técnicas de estudos linguísticos e principalmente semânticos. Portanto, foi um momento de convergência das teorias e metodologias que estavam em desenvolvimento nas décadas anteriores e a partir daí, surgem vários congressos de semântica.

Conforme argumenta Geckeler (1976), o verdadeiro avanço desse período consiste na transição para a Semântica descritiva e estrutural:

Esta idea del "renouveau de la sémantique", exige, sin embargo, una precisión para no dar lugar a malos entendidos. Lo que debe considerarse como auténticamente nuevo es el viraje hacia la semántica descriptiva y

estructural que ha realizado la lingüística moderna [...]. Las investigaciones sobre semántica histórica, especialmente como investigaciones semasiológicas y onomasiológicas, nunca ha sufrido una interrupción. (Geckeler, 1976, p. 19).<sup>45</sup>

A citação de Geckler (1976) demonstra que a verdadeira inovação promovida pelos estudos linguísticos está na transição das abordagens semânticas tradicionais para a Semântica Descritiva e Estrutural. Não houve uma ruptura radical, pois áreas da Linguística focadas no estudo da evolução dos significados das palavras e na análise das designações mantiveram sua continuidade ao longo do tempo, de modo que, a partir do enfoque da Semântica Estrutural, também conhecida como Lexemática, a língua pode ser organizada pelo léxico.

De acordo com Geckeler (1976), o modo de organizar o léxico proposto por Trier foi sendo desenvolvido na linguística por vários autores e recebendo denominações diferentes ao longo do tempo, conforme o ponto de vista teórico de cada autor.

### 3.3.3 Campos lexicais

A definição dos campos lexicais foi sendo construída ao longo de vários estudos, através das visões de muitos autores. Primeiro temos a proposta de Saussure (*apud* Geckeler 1976) em que o campo léxico se forma a partir de relações associativas, segundo a qual há uma série de relações que podem servir de paradigma para aproximar termos com algo em comum, em que cada vocábulo se aproxima ou se afasta de outro de acordo com o tipo de associação estabelecida. Sobre as associações, temos o exemplo de como Saussure (*apud* Geckler 1976) estabeleceu quatro tipos de associações léxicas a partir da lexia 'ensinamento', conforme o Quadro 6 ilustra:

---

<sup>45</sup> Esta ideia do "renascimento da semântica, exige, no entanto, uma precisão para evitar mal entendidos. O que deve ser considerado como novidade é a mudança para a semântica descritiva e estrutural realizada pela linguística moderna [...]. As investigações sobre semântica histórica, especialmente como semasiológicas e onomasiológicas, nunca sofreram uma interrupção. (Tradução autoral).

Quadro 6 - A formação dos campos associativos em Saussure

TERMO	EDUCAÇÃO			
Associação por	RADICAL	SUFIXO	SOM	SENTIDO
Exemplo de associação	Educar educador	Geração oposição	Expressão extensão	formação instrução

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Geckeler, 1976.

Geckeler (1976) observa algumas fragilidades nessa proposta de Saussure. A primeira delas é sobre os quatro tipos de associação, pois, segundo Geckeler, apenas a associação pelo sentido entra na análise do campo aplicado ao conteúdo, as outras três não se aplicam; outra observação de Geckeler (1976) é que não se pode estabelecer onde termina cada família associativa, uma vez que sempre é possível criar uma nova associação. E, portanto, o tipo de associação sugerido por Saussure não se constitui, em princípio, como um campo semântico.

Geckeler (1976) explica que, posteriormente, essa teoria é renovada com a proposta de Jost Trier<sup>46</sup> para os campos lexicais. De acordo Geckeler (1976), do ponto de vista assumido por Trier, a língua pode ser analisada por meio de uma abordagem estrutural que organiza as lexias em um sistema hierárquico. Essa hierarquia envolve a distinção entre níveis agrupados em campos maiores e menores, os chamados macros e microcampos, englobando as relações de oposição e complementaridade que ocorre entre as lexias dentro do campo semântico. Para Geckeler (1976), é Trier quem chama a atenção para o campo como uma unidade formada a partir de macrocampos, os quais podem variar em complexidade e ser hierarquizados. A aplicação desse enfoque permitiu uma compreensão mais profunda da organização e das relações semânticas dentro do léxico, destacando a importância das palavras como unidades significativas na estrutura linguística. Segundo Geckeler (1976), quando a teoria dos campos lexicais foi introduzida por volta de 1930, adotava uma perspectiva de análise linguística focada no conteúdo. Nesse período, a teoria enfrentava duras críticas devido à ausência de um método definido, o que obrigava os linguistas a tomarem como base apenas a própria intuição.

Anos mais tarde, Eugenio Coseriu (1979) desenvolveu um método com procedimentos linguísticos precisos, superando essas limitações iniciais e fortalecendo a aplicabilidade da teoria. Assim, Trier inicialmente concebeu a teoria,

<sup>46</sup> A discussão teórica desenvolvida nesta seção apoia-se fundamentalmente na análise de Geckeler (1976). As concepções de autores, como Trier, Ipsen e Weisgerber, são aqui apresentadas a partir da interpretação e citação encontradas na referida obra, não tendo sido consultados seus textos originais.

enquanto Coseriu a sistematizou, proporcionando um método mais estruturado. Desse modo, a proposta desenvolvida por Coseriu (1979) atende os critérios para investigações lexicais de uma língua, uma vez que “o estudo do léxico, nessa perspectiva, não se restringe às questões da língua, mas vai além, ao se interessar por aspectos extralinguísticos, como a história e a cultura, que são reveladas por meio do léxico” (Silva; Almeida, 2016, p.37).

Há ainda a ideia de campo semântico enquanto um mosaico. Por volta de 1924, G. Ipsen em uma tentativa de superar o conceito de associação léxica de Saussure, apresenta a ideia de mosaico:

Las palabras autóctonas no están nunca solas en una lengua, sino que se encuentran reunidas en grupos semánticos; con ello no hacemos referencia a un grupo etimológico, aún menos a palabras reunidas en torno a supuestas “raíces”, sino a aquellas cuyo contenido semántico objetivo se relaciona con otros contenidos semánticos. Pero esta relación no está pensada como si las palabras estuviesen alienadas en una serie asociativa, sino de tal suerte que todo el grupo forme un “campo semántico” estructurado en sí mismo; como em un mosaico, una palabra si une aquí a la otra, cada una limitada de diferente manera, pero de modo que los contornos queden acoplados y todas juntas queden englobadas en una unidad semántica de orden superior (Ipsen, *apud* Geckeler, 1976, p. 103).<sup>47</sup>

A analogia dos campos lexicais com um mosaico, frequentemente é atribuída a Trier, o linguista considerado o fundador da teoria dos campos. No entanto, Geckeler (1976) esclarece que a referência ao mosaico parte de Ipsen, mas foi difundida largamente a partir de Trier. Geckeler observa ainda que essa imagem é um dos principais alvos de crítica à teoria dos campos, já que não se configura uma comparação perfeita, pois o léxico não se organiza de maneira tão estruturada como um mosaico. Mesmo assim a comparação serviu como ponto de partida para se observar que as relações entre os campos se dão de forma inclusiva, de modo que uns campos parecem caber dentro de outros:

Si hubiera que emplear alguna imagen puede acudirse a la de los núcleos estrellados, en los que los puntos de unos pueden engarzar con los de otros,

---

<sup>47</sup> As palavras autóctones nunca estão sozinhas em uma língua, mas se encontram reunidas em grupos semânticos; com isso, não fazemos referência a um grupo etimológico, muito menos a palavras reunidas em torno de supostas “raízes”, mas àquelas cujo conteúdo semântico objetivo se relaciona com outros conteúdos semânticos. Mas essa relação não deve ser entendida como se as palavras estivessem alinhadas em uma série associativa, mas sim de tal forma que todo o grupo forme um “campo semântico” estruturado em si mesmo; como em um mosaico, uma palavra se une a outra, cada uma limitada de maneira diferente, mas de modo que os contornos fiquem ajustados e todas juntas formem uma unidade semântica de ordem superior. (Tradução autoral).

con lo que se representarían las fuertes interferencias existentes entre los distintos campos (Martínez Hernández, 1997, p.195).<sup>48</sup>

Martínez Hernández (1997) sugere para os campos a imagem de núcleos estelares, nos quais os pontos de um podem se ligar aos de outros, com os quais representariam as fortes interferências existentes entre os distintos campos. Essa representação põe em evidência a natureza dinâmica dos campos lexicais, em que os significados e usos das palavras em um campo podem influenciar e ser influenciado pelos de outros.

A definição de campo apresentada por Trier (1931 *apud* Geckeler 1976) considera que os conceitos cobrem todo o âmbito do real, formando realidades entre as palavras isoladas e a totalidade do vocabulário:

El campo de signos léxicos debe estar presente como conjunto, si se quiere entender el signo léxico individual, y éste se entiende en la medida de la presencia mental del campo [...] A esta esencia pertenece el hecho de que el contenido designativo y la extensión de un signo dependen de la posición que el signo ocupa dentro del conjunto de los demás signos, que están próximos a él semánticamente. (Trier, 1931 *apud* Geckeler, 1976, p. 119).<sup>49</sup>

Com isso, fica evidente que para entender o significado de uma lexia individual, é preciso considerar o campo lexical como um todo. A definição de campo apresentada por Trier está assentada nos fundamentos do conceito proposto por Weisgerber a qual situa a ideia de campo na análise linguística aplicada ao conteúdo, comportando tanto os campos léxicos quanto os campos sintáticos. Tal conceito dos campos é bem aceito pelos estudiosos da Semântica, influenciando posteriormente Coseriu (1976) que amplia a definição de Trier introduzindo uma terminologia coerente com os procedimentos linguísticos:

Un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que se origina por la distribución de un continuo de contenido léxico en diferentes unidades, dadas en la lengua como palabras, que están recíprocamente en oposición inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples. (Coseriu *apud* Geckeler, 1976, p.232).<sup>50</sup>

<sup>48</sup> Se for necessário usar alguma imagem, pode-se recorrer à dos núcleos estrelados, nos quais os pontos de uns podem se encaixar com os de outros, representando as fortes interferências existentes entre os diferentes campos. (Tradução autoral).

<sup>49</sup> O campo dos signos léxicos deve estar presente como conjunto, se se quer entender o signo léxico individual, e este se entende na medida da presença mental do campo [...] A esta essência pertence o fato de que o conteúdo designativo e a extensão de um signo dependem da posição que o signo ocupa dentro do conjunto dos outros signos, que estão próximos a ele semanticamente. (Tradução nossa).

<sup>50</sup> Um campo léxico é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que se origina pela distribuição de um contínuo de conteúdo léxico em diferentes unidades, dadas na língua como palavras, que estão reciprocamente em oposição imediata por meio de traços distintivos de conteúdo simples. (Tradução nossa).

Coseriu (1991) também está em consonância com Pottier (1968) ao afirmar que o conceito de campo léxico coincide essencialmente com o conceito da estrutura léxica elaborada de maneira independente por Pottier (1968), para quem:

Estudar um campo léxico não é fazer um inventário exaustivo de tudo o que poderiam dizer todos (os falantes de uma língua): cada um deles tem um conjunto de conhecimentos que funciona. Por conseguinte, deve-se pesquisar em nível de grupo reduzido. A homogeneidade do corpus é uma garantia indispensável (Pottier, 1968, p. 123 *apud* Peralta, 1979, p.38).

Sendo assim, pode-se caracterizar o campo léxico como uma estrutura Lexemática, de caráter paradigmático primário, cujas estruturas de conteúdo são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam. As oposições servem como parâmetro para distinguir subtipos de campos. Abbade (2009) chama atenção que “a estrutura e funcionamento dos campos não dependem unicamente dos tipos formais de oposições, mas também do tipo de sua relação com a ‘realidade’ extralinguística” (Abbade, 2009, p. 47). Fica evidente, portanto, que as relações internas de um campo consideram as oposições a partir do ponto de vista semântico.

A estrutura léxica está formada por uma base teórica, apresentada por Geckeler (1979) tendo como pilares: lexema, arquilexema e sema. De acordo com Oliveira (2008), lexema é uma palavra que mantém seu significado lexical mesmo quando isolada; o arquilexema é o termo mais geral de todo um campo lexical e o sema é o traço semântico distintivo na análise do conteúdo de uma palavra. Vamos tomar como exemplo, no campo léxico do couro na cultura do vaqueiro, a principal fonte de couro para a matéria prima, que é gado bovino. O termo "bovino" funciona como arquilexema que abrange várias subclasses de lexemas. “Boi”, “vaca”, “bezerro” são alguns exemplos de lexemas que se encaixam sob o arquilexema "bovino". Já os semas são as características distintivas que definem cada lexema. Neste caso, os semas servem para diferenciar cada tipo de bovino; ao lexema “vaca’ podem ser atribuídos os semas “de leite”, “de corte”, “parida”.

Dessa forma, a teoria dos campos se mostra apropriada para a análise lexical, pois possibilita a explicação e descrição de agrupamentos lexicais como objetos de estudo, organizando-os em estruturas semânticas consistentes. Ao propor um estudo sincrônico e estrutural do léxico relacionado ao couro na cultura do vaqueiro com base em um *corpus* coletado por meio de entrevistas, buscou-se estabelecer, analisar e, na medida do possível, explicar as oposições lexicais distintivas. O *corpus* é estruturado

em macrocampos, a partir dos quais são definidos os microcampos, seguindo um critério hierárquico que começa dos campos mais amplos para os mais específicos.

### 3.3.4 A proposta de Eugenio Coseriu

O linguista romeno Eugenio Coseriu (1979) avança na teoria dos campos ao criar um método científico para o seu estudo. Geckeler (1976) esclarece que, tomando por base as pesquisas de Trier e Weisgerber, Coseriu desenvolveu uma metodologia que permite organizar as palavras em grupos ou campos com significados relacionados.

Para Coseriu (1979), os falantes são sujeitos ativos que atribuem significado ao que expressam, indo além das definições presentes nas obras lexicográficas. A proposta de Coseriu (1979) entende a língua como uma estrutura tripartida em sistema, norma e fala, diferenciando-se, neste aspecto, da teoria de Saussure (2006[1919]) que propôs uma visão dicotômica da língua, dividindo-a em "langue" (a língua como um sistema de signos) e "parole" (o uso individual da língua). Coseriu (1979) defende uma hierarquia na organização semântica das palavras, concretizada pela oposição entre elas.

Os principais pontos da teoria de Coseriu (1979) são: A) estrutura tripartida da língua; B) hierarquia e relações entre as lexias; C) Oposição e complementaridade e D) Flexibilidade e interferência entre os termos. Em *Teoria da linguagem e linguística geral*, Coseriu (1979) revela suas restrições ao sistema de oposição dicotômica de Saussure (2006), apresentando sua perspectiva tripartida:

Esse conceito do falar “não coletivo, individual, acidental e momentâneo” resulta, à luz da própria doutrina de Saussure unilateral e insuficiente [...] Esses três conceitos, correspondentes a três oposições (realidade psicofísica/ realidade psíquica, aspecto individual/aspecto social, concreto/ abstrato ou realização/sistema) coincidem, indubitavelmente, em grande parte, mas de maneira alguma são idênticos e, ademais, não se estabelecem no mesmo plano, mas em três planos distintos, isto é, manifestam a interferência de três pontos-de-vista. Na doutrina de Saussure, eles aparecem entremisturados, seus contornos não aparecem definidos nem se estabelecem as necessárias diferenças entre eles; entretanto, não se trata, a nosso ver, de verdadeira incoerência, mas sim de insuficiente desenvolvimento (Coseriu, 1979, p. 39).

Apesar de apresentar uma nova proposta, Coseriu reconhece a importância teórica e metodológica da proposta dicotômica de Saussure, e esclarece que o ele propõe é uma ampliação, incluindo a norma enquanto sistema regulador das

possibilidades linguísticas. Pelo princípio da estrutura tripartida, só se pode observar a estrutura da língua dentro de uma técnica unitária, funcional (Geckeler, 1976) para a qual propôs e estabeleceu a distinção de quatro planos da estruturação da língua: tipo, sistema, norma e fala. Dando maior importância às três últimas.

Outro ponto importante da teoria de Coseriu (1979) é sua defesa de que o estudo do léxico pode ser sistematizado do mesmo modo que o estudo fonético. Nessa perspectiva, o autor traça um paralelo entre a Lexemática e a Fonemática, apresentando semelhanças e diferenças entre as duas ciências que ajudam a entender as unidades lexicais de maneira similar às unidades fonéticas. Geckeler (1976) sistematizou a estrutura e a natureza comparativa proposta por Coseriu (1979), que resultam na elaboração do seguinte quadro demonstrativo (Quadro 7) das similaridades e diferenças, em que de um lado temos os aspectos fundamentais de analogia entre as duas ciências e do outro, uma explicação de cada aspecto:

Quadro 7 - Fonemática e Lexemática: similaridades e diferenças

<b>Aspectos de analogia</b>	<b>Explicação para cada aspecto</b>
Unidade de análise	Fonemas são as unidades básicas da fonologia, lexemas são a unidade básica da lexemática.
Oposição	Fonemas podem formar distinções significativas entre as palavras, assim como as oposições lexicais podem diferenciar significados.
Relações paradigmáticas	Os fonemas formam possibilidades fonológicas, os lexemas, possibilidades semânticas.
Relações sintagmáticas	Nos fonemas as relações se dão entre palavra e frase, nos lexemas são entre estruturas lexicais e campos semânticos.
Neutralização	Tanto as oposições fonológicas quanto as semânticas podem ser neutralizadas.
Padrões de distribuição	Fonemas e lexemas podem apresentar padrões de distribuição semelhantes.
Marca e não-marca	Em ambos os sistemas existem unidades marcadas e não marcadas.
Variantes	Os fonemas têm os alofones como variantes fonológicas; as variantes lexicais tem palavras com nuances de significados em determinados contextos.
Hierarquia	Na Fonologia há hierarquia de traços distintivos para os fonemas, na Lexemática há uma hierarquização dos lexemas em macrocampos e microcampos.

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 7 apresenta uma comparação sistemática entre os aspectos que sustentam as ciências da Fonemática e da Lexemática e revela que, apesar de operarem em níveis distintos – fonológico e lexical – apresentam uma estrutura teórica que favorece uma compreensão integrada do sistema linguístico.

As estruturas lexemáticas podem estabelecer no léxico de uma língua dois tipos de relação, as quais estão organizadas em dois grandes grupos: as relações sintagmáticas<sup>51</sup> e as paradigmáticas, também chamadas de opositivas, estas se dividem em estruturas primárias – composta por campo léxico e por classe léxica; e estruturas secundárias – composta por modificação, composição e desenvolvimento<sup>52</sup>. Coseriu (1979), portanto, determina o campo léxico como uma estrutura primária paradigmática que se refere ao vocabulário e diz respeito ao sistema de oposições.

De acordo com Coseriu (1991), as estruturas paradigmáticas são constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição ao eixo da seleção. Ou seja, referem-se às relações de substituição entre palavras que pertencem ao mesmo campo lexical e podem ocupar a mesma posição em uma estrutura linguística. Por exemplo, no campo “animais da lida do vaqueiro”, “boi” e “cavalo” são paradigmaticamente relacionados, pois pertencem ao mesmo grupo; já “boi” e “papagaio” não podem se agrupar no campo “animais da lida do vaqueiro”, embora estejam no mesmo grupamento em “animais”. Polguère (2018) explica que “as relações paradigmáticas interligam as lexias no interior do léxico através de relações semânticas.

De acordo com Abbade (2009), Coseriu (1991) divide a significação em diferentes tipos: A) categorial – refere-se à classe gramatical das palavras; B) instrumental – abrange o sentido dos instrumentos gramaticais; C) sintática – considera as construções gramaticais; D) ôntica – trata do valor existencial na intuição significativa e E) lexical – diz respeito ao sentido da palavra. A significação lexical é a que interessa aos objetivos a que se propõe este estudo, principalmente pelas estruturas paradigmáticas primárias, de modo especial o campo léxico.

A teoria coseriana postula princípios para analisar o campo léxico, dentre os quais o princípio da Oposição e Complementaridade e o princípio da Flexibilidade e Interferência que são fundamentais para a compreensão do campo léxico aqui estudado.

---

<sup>51</sup> As estruturas sintagmáticas não serão retratadas neste estudo. De acordo com Geckeler (1976) elas também são chamadas combinatórias e são constituídas por afinidade, seleção e implicação e estabelecem relação entre lexemas de campos distintos, em que um campo está compreendido no outro.

<sup>52</sup> Geckeler (1976, p.230) apresenta um esquema destas estruturas que torna bastante claro o modo como estão estruturadas, mas que aqui não cabe detalhar.

Geckeler (1976) explica que o princípio da Oposição e Complementaridade postula que as palavras dentro de um campo se definem e se diferenciam por meio de oposições e semelhanças. A oposição ocorre quando termos dentro do mesmo campo se distinguem por características contrastantes; por exemplo, no campo lexical da cultura do vaqueiro, "cavalo" e "mula" são opostos em termos de características e usos específicos, embora ambos sejam animais de trabalho. Já a complementaridade se manifesta quando esses termos se relacionam de maneira que um completa o entendimento do outro dentro do campo; por exemplo, "sela" e "arreio" são complementares, pois a sela faz parte do conjunto de equipamentos do arreio.

Ainda de acordo com Geckeler (1976), por meio do princípio da Flexibilidade e Interferência é possível reconhecer que os campos lexicais de Coseriu não são rígidos e isolados. A flexibilidade permite que os termos de um campo lexical se adaptem a diferentes contextos e funções. O que fica evidente na cultura do vaqueiro, por meio da lexia "cabeçada" que pode ser uma referência tanto a uma composição do arreio, quanto a um movimento da cabeça do animal. A interferência ocorre quando termos de um campo lexical influenciam ou são influenciados por termos de outro campo. Por exemplo, a lexia "arreio", embora pertença primariamente ao campo da montaria, pode interferir no campo da indumentária quando são considerados os acessórios de couro usados pelos vaqueiros.

Coseriu (1979) ainda sistematiza o estudo do léxico a partir de uma organização hierárquica nas relações linguísticas, obedecendo à ordem: fala – norma – sistema. Quanto a esse aspecto, Abbade (2009) chama a atenção que a estruturação do sistema proposta por Coseriu (1979), não pode ser feita de forma arbitrária, pois não seria lógico incluir elementos distintos em uma esquematização abrangente: “não faria sentido querer organizar elementos de sistemas diferentes, em um sistema mais amplo” (Abbate, 2009, p. 46). Desse modo, fica evidente, que há oposições que se tornam impossíveis pela ausência de sentido lógico para agrupar determinadas lexias em um único sistema. Um exemplo pertinente são as oposições do tipo “chapéu” e “boi” que não estariam em um campo único. Porém “chapéu”, “bota” e “gibão” podem ser agrupadas no mesmo campo, que seria o “campo da indumentária do vaqueiro”; enquanto “boi”, poderia formar o “campo dos animais” juntamente com as oposições “cavalo”, “cachorro”, “cabra”. Desta forma, fica evidente que no estudo do campo léxico as palavras só têm sentido como parte de um todo, pois apenas no campo terão significação.

Devido à amplitude de possibilidades de formação de um campo léxico, Coseriu (1991) precisou superar a questão do número elevado de unidades lexicais. Para isso, tratou do problema adotando a análise por traços distintivos, a partir de relações dos planos da expressão e do conteúdo, ao que chamou a atenção para a dificuldade de tal paradigma:

Los problemas de la fonología son relativamente más simples, comparados con los del léxico, porque conciernen a un solo plano: al plano de la expresión [...] el estudio sistemático y estructural del léxico es, por el contrario, en el plano de la expresión, y entre significados, en el plano del contenido (Coseriu, 1991, p.52).<sup>53</sup>

Reconhecendo a complexidade das relações léxicas, Coseriu (1991) propõe a divisão entre diferentes tipos de relações, estabelecendo sete distinções fundamentais para todo estudo estrutural da língua. Geckeler (1976) organizou as distinções coserianas, elucidando os pares de termos priorizados por Coseriu (1991) em sua proposta estrutural. Neste texto está destacado o último termo de cada distinção, correspondendo às escolhas de Coseriu (1991) em sua análise comparativa, ao mesmo tempo, buscamos exemplificar de forma concreta, quando possível, com um exemplo relacionado à cultura do vaqueiro o par distintivo que se relaciona de alguma forma com este estudo:

- (a) Distinção entre as coisas e a linguagem: uma distinção que frequentemente é bastante difícil no domínio da lexicologia, devido à proximidade entre a função léxica e a realidade (Coseriu, 1991). Esta dificuldade se estabelece porque as palavras não apenas designam objetos ou conceitos, mas estão intimamente ligadas às experiências e contextos concretos que representam. Silva (2011) exemplifica mencionando a dificuldade em se desassociar o lexema “vaqueiro” da atividade por ele desenvolvida. De fato, o “vaqueiro” representa mais do que a função de cuidar do gado, ele está associado às práticas específicas, ao uso da vestimenta de couro, evocando elementos culturais, geográficos e históricos.
- (b) Distinção entre metalinguagem e linguagem primária: A linguagem primária é a linguagem usada para falar sobre o mundo, e a metalinguagem é a linguagem usada para falar da própria linguagem.

---

<sup>53</sup> Os problemas da fonologia são relativamente mais simples, comparados com o do léxico, porque dizem respeito a apenas um plano: ao plano da expressão [...] o estudo sistemático e estrutural do léxico é, ao contrário no nível da expressão, e entre significados, no nível do conteúdo. (Tradução autoral).

- (c) Distinção entre diacronia e sincronia: Dentro da sincronia é preciso fazer a diferenciação entre a sincronia da língua e a sincronia da estrutura da língua, sendo que a sincronia da língua se refere a um estado da língua, podendo englobar fatos diacrônicos. A diacronia pode estar presente na sincronia quando os falantes utilizam fenômenos linguísticos diferentes de seu próprio uso linguístico (Geckeler, 1976). Um exemplo de como a diacronia pode estar presente na sincronia é o uso recorrente da variante lexical “calção” entre vaqueiros mais velhos, enquanto os mais jovens utilizam a lexia “short” quando se referem à peça utilizada por baixo da perneira.
- (d) Distinção entre discurso repetido e técnica do discurso: Trata-se da distinção entre o uso da língua de modo livre daquilo que se considera a tradição linguística. No caso da cultura do vaqueiro, pode-se pensar no modo como o vaqueiro fala e o modo como está a forma fixa. Uma ilustração desse aspecto é a forma como se denomina o colete de couro usado pelos vaqueiros; a forma fixa é “jaleco”, entretanto entre seleiros e vaqueiros, no uso da língua de modo livre, figura a forma “jaleque”.
- (e) Distinção entre língua histórica e língua funcional: Esta distinção envolve o que Coseriu (1991) denomina a arquitetura da língua. Em que a língua histórica se refere ao processo evolutivo, enquanto a língua funcional foca em contextos específicos de comunicação. Uma forma de exemplificar a língua funcional é observar o uso atual da palavra “vaqueiro” para designar não apenas ao trabalhador que cuida do gado, mas extensivo à representação de toda uma forma de cultura.
- (f) Distinção entre sistema/norma e fala: O sistema para Coseriu é o lugar das oposições funcionais e o plano da fala é onde encontra-se o domínio do vocabulário. De acordo com Coseriu (1979), “o sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos”. (Coseriu, 1979, p.74).
- (g) Distinção entre designação e significação: A designação trata da relação dos signos linguísticos com os objetos da realidade extralinguística. Já a significação de uma palavra se equipara à soma dos diferentes contextos em que aparece.

Em suma, a hierarquia das sete distinções coserianas, destacadas anteriormente, revelam que as estruturas lexemáticas não impactam a realidade extralinguística, e sim o aspecto linguístico; dizem respeito à linguagem primária e não à metalinguagem; abordam a sincronia em vez da diacronia; são observáveis na técnica do discurso, não no discurso repetido; afetam uma língua funcional e não uma língua histórica; referem-se ao sistema da língua, não à norma e nem à fala, por fim, tratam das relações de significação e não das relações de designação.

Ao fim desta seção sobre o campo léxico, é válido destacar o quanto a abordagem proposta por Coseriu (1979) possibilitou analisar as relações lexicais, permitindo uma compreensão aprofundada das interações entre as palavras em um mesmo campo semântico. A distinção elaborada por esse autor para as diferentes relações que as palavras podem exercer entre si, como é o caso das paradigmáticas e das sintagmáticas, colocam em evidência a complexidade do estudo lexical e sua ampla conexão com a cultura e a sociedade.



Métodos geralmente são mais bem escritos na medida em que forem sendo usados (Gustavii, 2017, p.133).

#### 4 DA TENDA PARA O CURRAL: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um estudo com base dialetal busca embasar-se em uma metodologia sólida e abrangente. Como afirma Cardoso (2010): “A pesquisa dialetal se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos também variados”. (Cardoso, 2010, p.89). Essa abordagem permite uma investigação aprofundada e diversificada dos fenômenos linguísticos, proporcionando uma ampla compreensão das ocorrências dialetais presentes em determinada comunidade linguística.

É válido ressaltar que ainda que a Dialetologia seja a ciência da variação espacial, nesta pesquisa não se trata de buscar um dialeto em uma comunidade, nem de analisar variações na fala de um grupo, embora as variações lexicais não tenham sido desprezadas, visto que é um trabalho de cunho lexicológico. O aporte desta pesquisa foi a Dialetologia na medida em que foi usado o método do tripé dialetológico proposto por Cardoso (2010): informante, questionário e localidade.

A fim de contemplar o objetivo específico de levantar e mapear o repertório do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro, foi aplicado o método qualitativo, com a técnica de coleta de dados por entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário elaborado especificamente para a pesquisa, em que a seleção dos colaboradores<sup>54</sup> aconteceu através de indicação. Para os demais objetivos específicos, optamos pela metodologia da revisão sistemática, que incluiu análise documental e triangulação de dados.

Seguindo uma sequência cadenciada, esta seção de metodologia apresenta um panorama sobre a localidade de Riachão do Jacuípe, que serve como contexto da pesquisa. Em seguida, foi discutida a rede de pontos formada a partir dessa localidade e os instrumentos de pesquisa utilizados para coleta e análise dos dados. A seção finaliza com apresentação do perfil dos colaboradores.

---

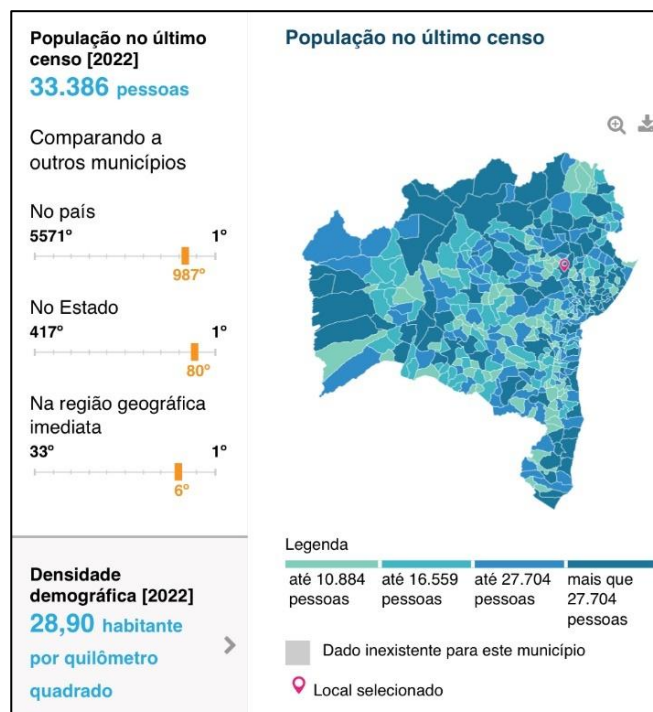
<sup>54</sup> Nesta tese, optamos por designar os informantes por “colaboradores”, uma vez que utilizamos além de questionários, a entrevista semidirigida e que encontramos os entrevistados mais de uma vez para esclarecimentos sobre as lexias analisadas.

#### 4.1 A LOCALIDADE

Na presente seção, será feita uma abordagem sobre Riachão do Jacuípe, município localizado a 180 km de Salvador e *locus* desta pesquisa, com ênfase em questões geográficas, históricas, sociais e culturais. O objetivo de apresentar esses aspectos foi traçar um perfil do lugar, pois esses pontos são importantes para a compreensão do tema e interpretação dos dados obtidos, uma vez que este estudo considera as vertentes da cultura, da língua e da comunidade, pilares de uma mesma estrutura.

Desse modo, com o objetivo de tornar o panorama mais claro, a discussão foi iniciada com uma visão macro (denominada neste estudo de Visão Panorâmica) e, posteriormente, foi direcionada para uma perspectiva micro do local, intitulada No Berço do Rio: Riachão do Jacuípe. Primeiramente, a cidade será localizada considerando-se a divisão territorial do Estado da Bahia, para em seguida apresentar-se uma visão geral do município. Logo após, foi feita uma breve abordagem das nove localidades da área rural de Riachão do Jacuípe – Bahia que compõem a rede de pontos deste estudo: Baixa da Areia, Baixa Nova, Beira Rio, Chapada, Malhador, Mocambo, Pindobas, Traz da Roça e Vila Guimarães.

Figura 13 - Localização de Riachão do Jacuípe no Brasil



Fonte: IBGE (estimativa para 2022).

A localização geográfica de Riachão do Jacuípe, como se pode observar por meio da Figura 13, revela sua posição na Região Nordeste do Estado da Bahia, em área próxima à Feira de Santana, uma cidade de grande porte na região. A presença de uma cidade maior nas proximidades, como Feira de Santana, pode ter proporcionado vantagens e desafios para o município de Riachão do Jacuípe. Por um lado, a cidade vizinha pode ter oportunizado fluxos migratórios e intercâmbios comerciais, mas por outro lado pode ter gerado dependência em certos setores como o comércio, saúde e educação. Essa relação entre as duas cidades, delineada pela antiga divisão do IBGE que as colocava na mesma região geográfica imediata, é relevante para compreender a influência de Feira de Santana na trajetória histórica e no desenvolvimento econômico de Riachão do Jacuípe.

Com base nos dados que constam na Figura 13, é possível verificar que o município tem população de 33.386 habitantes (Censo 2022). Além disso, a figura permite estabelecer comparações de Riachão do Jacuípe com outras localidades em relação à densidade demográfica. O município ocupa o 987º lugar no Brasil, o 80º lugar na Bahia e 6º lugar na região geográfica imediata. Os dados apontam uma densidade populacional relativamente baixa, com uma média de 28,9 habitantes por quilometro quadrado o que revela um maior domínio das áreas rurais.

O município está situado às margens da Rodovia BR 324, desempenhando um papel de conexão entre Feira de Santana e outros locais da Bahia, como Juazeiro e Senhor do Bonfim. Desde os primórdios, Riachão do Jacuípe se estabeleceu como um ponto de parada para muitos grupos de homens que conduziam gado até Feira de Santana. Esses tropeiros encontravam nas proximidades do Rio Jacuípe um local propício para descansar e arrancar antes de seguir viagem.

O movimento dos vaqueiros conduzindo as boiadas foi responsável pelo surgimento não apenas de muitas cidades, mas também por desenhar a rota de muitas das principais estradas que ligam o interior à capital baiana. De acordo com Queiroz (2011):

As estradas seguiram a rota que o gado ia abrindo. Os caminhos do gado, as chamadas estradas de aboiadas, como quem morou em Feira de Santana, nos bairros dos Olhos d'Água, na rua Araújo Pinho, até a década de sessenta cansou de ver, foram as origens de muitas de nossas principais estradas de hoje, a exemplo das estradas que ligam Salvador a Feira, e esta a Ipirá, Mundo Novo a Riachão do Jacuípe, Jacobina, Juazeiro, para citar apenas estas. (Queiroz, W. 2011, p. 4).

A fala de Queiroz (2011) evidencia a relação histórica entre Riachão do Jacuípe e Feira de Santana através das antigas estradas da pecuária, permitindo o trânsito constante de gado, vaqueiros e comerciantes. O reconhecimento dessas origens é essencial para a compreensão da identidade cultural e das raízes que unem Riachão do Jacuípe a Feira de Santana.

#### 4.1.1 Visão panorâmica da localidade

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divide as Unidades Federativas do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias<sup>55</sup> que substituem a antiga divisão por mesorregião e microrregião que agrupava Riachão do Jacuípe na mesorregião do Nordeste baiano e na microrregião de Serrinha.

De acordo com o IBGE, nesta elaboração da Divisão Regional do Brasil por regiões Geográficas foi utilizado um recurso metodológico que se baseia em modelos territoriais provenientes de estudos anteriores. Esses modelos foram articulados e interpretados para compreender a diversidade brasileira e buscam a combinação e interpretação de diferentes modelos territoriais de estudos passados. As Regiões Geográficas Intermediárias estruturam o espaço geográfico, conectando as Regiões Geográficas Imediatas por meio de um centro de comando com nível superior de autoridade e impulsionado pela presença de atividades urbanas. (BRASIL, 2017, p. 19).

O território baiano, entre os cinco maiores em extensão no país, está dividido em 34 Regiões Geográficas Imediatas<sup>56</sup> e 10 Regiões Geográficas Intermediárias<sup>57</sup>. Segundo esta classificação, Riachão do Jacuípe pertence à Região Intermediária de Feira de Santana, composta por 83 municípios.

Diferentemente do que se observa ao estudar a organização territorial nacional predefinida e estabelecida pelo IBGE, a Secretaria do Planejamento do Estado da

---

<sup>55</sup> Informações disponibilizadas pelo IBGE, atualizadas em 2017. Link para visualização de mapa: Acesso em: 13 abr. 2023 [enquadrador.com.br/sDFSW](http://enquadrador.com.br/sDFSW).

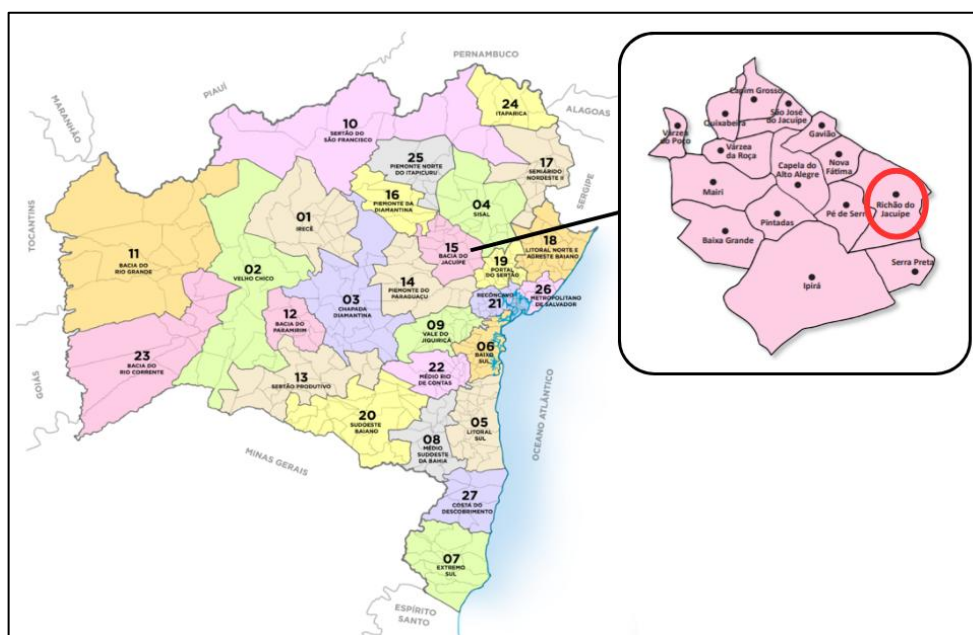
<sup>56</sup> Salvador, Alagoinhas, Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas, Valença, Nazaré - Maragogipe, Ilhéus - Itabuna, Teixeira de Freitas, Eunápolis - Porto Seguro, Camacan, Vitória da Conquista, Jequié, Brumado, Ipiaú, Itapetinga, Guanambi, Bom Jesus da Lapa, Barreiras, Santa Maria da Vitória, Irecê, Xique-Xique - Barra, Juazeiro, Senhor do Bonfim, Paulo Afonso, Ribeira do Pombal, Euclides da Cunha, Cícero Dantas, Jeremoabo, Feira de Santana, Jacobina, Itaberaba, Conceição do Coité, Serrinha e Seabra.

<sup>57</sup> Salvador, Santo Antônio de Jesus, Ilhéus — Itabuna, Vitória da Conquista, Guanambi, Barreiras, Irecê, Juazeiro, Paulo Afonso, Feira de Santana.

Bahia (SEPLAN) reconhece a divisão espacial do Estado em Territórios de Identidade<sup>58</sup>. A Política de Desenvolvimento Territorial do Estado da Bahia, através da Lei nº 12.354/2010, institui 27 Territórios de Identidade como a unidade de planejamento de políticas públicas do Estado, regulamentados através de princípios, diretrizes e objetivos declarados e regidos por instâncias Colegiadas e Executivas.

O município de Riachão do Jacuípe fica localizado no Território de número 15 - Território de Identidade Bacia do Jacuípe, que está inserido no Bioma da Caatinga, região do semiárido baiano e faz fronteira com outros cinco territórios de identidade: 1) Território 04, do Sisal; 2) Território 19, Portal do Sertão; 3) Território 14, Piemonte do Paraguaçu; 4) Território 16, Piemonte da Diamantina e 5) Território 25, Piemonte Norte do Itapicuru. O território ocupa uma área de 11 mil km<sup>2</sup> e é formado por 15 municípios, sendo eles: Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Capim Grosso, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, São José do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça e Várzea do Poço.

Figura 14 - Riachão do Jacuípe na divisão territorial da Bahia



Fonte: Elaborado pela autora a partir de mapas no site da SECULT, 2023.

<sup>58</sup> São eles, pela ordem numérica da divisão da SECULT: Irecê, Velho Chico, Chapada Diamantina, Sisal, Litoral Sul, Baixo Sul, Extremo Sul, Médio Sudoeste da Bahia, Vale do Jiquiriçá, Sertão do São Francisco, Bacia do Rio Grande, Bacia do Paramirim, Sertão Produtivo, Piemonte do Paraguaçu, Bacia do Jacuípe, Piemonte da Diamantina, Semiárido do Nordeste II, Litoral Norte e Agreste Baiano, Portal do Sertão, Sudoeste Baiano, Recôncavo, Médio Rio de Contas, Bacia do Rio Corrente, Itaparica, Piemonte Norte do Itapicuru, Metropolitano de Salvador e Costa do Descobrimento.

O município de Riachão do Jacuípe faz fronteira com nove municípios, conforme é possível observar na Figura 14. Três municípios do Território de Identidade da Bacia do Jacuípe: Serra Preta, Pé de Serra e Nova Fátima. Cinco municípios do Território do Sisal: São Domingos, Retirolândia, Conceição do Coité, Ichu e Candeal e com Feira de Santana, pertencente ao Território de Identidade Portal do Sertão.

De acordo com dados descritivos da página da Secretaria de Cultura da Bahia, o trabalho com o couro é uma característica distintiva de regiões pertencentes ao Território de Identidade da Bacia do Jacuípe:

no território destacam-se elementos e expressões da cultura sertaneja. Os povoados de Rio do Peixe, Umburana e Distrito do Malhador, no município de Ipirá, são reconhecidos produtores de artesanato com o couro. A atividade contribui para o desenvolvimento da economia da cultura, dando ao território destaque na produção de artigos em couro (Secretaria de Cultura da Bahia, 2024).

Ainda de acordo com a Secretaria de Cultura da Bahia (SECULT-BA), o Território de Identidade Bacia do Jacuípe possui uma significativa população rural, representando 48,42% da população dos municípios do Território vivendo no campo. O setor econômico preponderante no Território é a agropecuária. Além do destaque na produção de artigos de couro, há uma expressiva atividade cultural sertaneja, que é valorizada por meio de projetos e pontos de cultura selecionados a partir de edital público, realizado pela SECULT-BA.

No entanto, dentro do Território de Identidade Bacia do Jacuípe, apenas dois pontos de cultura foram selecionados: o Ponto de Cultura Gibão de Couro, localizado em Várzea da Roça, e o Ponto Sons da Vida, localizado na cidade de Pé de Serra. O município de Riachão não dispõe ainda de uma organização específica que desenvolva atividades culturais, caso viesse a existir, seria de grande importância para receber apoio financeiro e ações articuladas em prol da cultura na região.

Este estudo considerou as duas formas de divisão territorial, tanto os Territórios de Identidade do Estado da Bahia, quanto as Regiões Geográficas propostas pelo IBGE porque a pesquisa mostra que o município de Riachão do Jacuípe, em suas origens históricas, estabelece uma relação importante com os municípios que estão em seu entorno. A divisão por Territórios de Identidade dialoga com os propósitos humanísticos e culturais pretendidos aqui e serviu para entender o contexto atual de Riachão do Jacuípe, enquanto a proposta de divisão territorial do IBGE por Regiões

Geográficas, ajuda na compreensão da formação histórica da localidade. O que será discutido na próxima seção terciária.

#### 4.1.2 No berço do rio: Riachão do Jacuípe

Riachão do Jacuípe nasce às margens do Rio Jacuípe. O português João Peixoto Viegas recebeu três sesmarias<sup>59</sup>, a área onde ele fundou Riachão do Jacuípe era a maior delas, foi separada e convertida em uma propriedade rural, especializada em criar gado e conhecida como Fazenda Riachão. A sede da fazenda estava localizada na área que hoje é a Praça da Matriz, e o local onde era a casa do vaqueiro se transformou mais tarde na rua JJ Seabra<sup>60</sup>. Entre as fazendas contemporâneas à fazenda Riachão estavam Umbuzeiro, Boqueirão, Poços, São Bartolomeu, Cajazeiras, Bonsucesso, Lajes, Angico e muitas outras<sup>61</sup>. Essas fazendas eram extensões de terras com currais e criação de gado que deram origem a muitos municípios, inclusive Riachão do Jacuípe.

Figura 15 - Praça da Matriz em Riachão do Jacuípe-Bahia



Fonte: Site Bacia do Jacuípe (<https://encurtador.com.br/quHPZ>).

<sup>59</sup>Eram terras que o rei de Portugal doava aos novos colonizadores. Medida agrária equivalente a 6.600m. Fonte: Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/sesmaria>. Acesso em: 15 abr. 2023.

<sup>60</sup>Informações retiradas do Portal Cidades/ IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/historico>. Acesso em 17 abr. 2023.

<sup>61</sup>Os dados estão disponíveis na página Portal cidades/ IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/historico> Acesso em: 16 abr. 2023.

O povoamento da região ocorreu em virtude de sua localização na margem esquerda do Rio Jacuípe, um lugar propício para a criação de gado e fornecimento de alimento aos moradores e viajantes que passavam pela região<sup>62</sup>. O primeiro trabalhador a surgir na região é o vaqueiro, e depois o lavrador. De acordo com Boaventura (1998), “os vaqueiros usavam seus aboios para conduzir a boiada enquanto marcavam o gado com ferro quente” como forma de delimitar o poder conquistado. Muitos dos pousos improvisados para pernoites se limitaram a ser apenas feiras de gado, mas outros se transformaram em cidades e vilas ao longo do tempo, “só no vale do Jacuípe, já se plantavam trezentas e dezessete fazendas de gado, do século XVII para o século XVIII, foram construídas” (Boaventura, 1998, p.38).

O registro histórico convencional da cidade não oferece dados ou elementos precisos. Por meio da tradição oral é que é possível obter informações que depositam algumas hipóteses mais verossímeis. Nos estudos feitos sobre Riachão do Jacuípe, encontraram-se informações diferentes, por exemplo, em Silva (2010) foi no ano de 1887 que o lugar se tornou uma Vila, enquanto Benevides (2006) registra: “O arraial de Riachão foi elevado à categoria de vila, pela Lei provincial n.º 1823, de 1º de agosto de 1878” (Benevides, 2006, p.43).

Do ponto de vista das informações coletadas, percebe-se uma diferença de nove anos entre os dados encontrados pelas duas pesquisadoras, o que faz ecoar uma fala dos jacuipenses em relação à historicidade do município: “Riachão é uma terra sem passado, que não valoriza as suas tradições<sup>63</sup>”. Um exemplo disso é a data exata da emancipação, até bem pouco tempo o aniversário da cidade era comemorado em 14 de agosto, apenas recentemente e mais de cem anos depois, já no século XXI, passou-se a comemorar o aniversário da cidade no dia 1º de agosto, o que comprova a inexatidão dos registros históricos.

No entanto, para além das visões anteriormente expostas, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE<sup>64</sup>, Riachão do Jacuípe inicialmente era uma freguesia pertencente ao município de Jacobina, em 1838. Posteriormente, no ano de 1847, foi criada a paróquia de Nossa Senhora do Riachão do Jacuípe, fortalecendo sua identidade e importância na região. Finalmente, em 1878, Riachão do Jacuípe alcançou a categoria de Vila e foi desmembrada do município de Jacobina, passando

---

<sup>62</sup> Informações disponíveis na página do IBGE (IBGE, Cidades). Acesso em: 17 abr. 2023.

<sup>63</sup> Não há um autor específico, é uma fala generalizada que as pessoas da cidade costumam repetir.

<sup>64</sup> Informações retiradas do Portal Cidades/ IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/historico> Acesso em 17 abr. 2023.

a pertencer à Comarca de Feira de Santana. Essa mudança foi um importante marco na história, representando sua autonomia na região uma vez que por esta mesma lei foi criado o município, sendo anexadas as freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Coité e Nossa Senhora da Conceição do Gavião que hoje correspondem às cidades de Conceição do Coité e Gavião, respectivamente.

Com área territorial de 1.155, 418 km<sup>2</sup>, a cidade de Riachão do Jacuípe localiza-se no bioma da Caatinga, caracterizado por um clima semiárido, altas temperaturas, poucas chuvas e longos períodos de estiagem durante o ano. Como resultado, Riachão do Jacuípe está incluída no grupo de municípios que compõem a zona do Polígono das Secas<sup>65</sup> na Bahia. As condições climáticas adversas têm impacto direto nas condições de vida das comunidades rurais, que dependem da agricultura e da pecuária como principal fonte de subsistência. A falta de chuva e a escassez de recursos hídricos dificultam o plantio e a criação de animais. Entre as atividades mais afetadas pela falta de chuva está a pecuária, e o vaqueiro é um profissional diretamente afetado por este problema. Além disso, a falta de chuva afeta a população local de maneira mais ampla, tanto os moradores da zona rural, quanto quem vive na cidade sente as dificuldades diante da estiagem. No passado a situação era bem pior, pois a população enfrentava dificuldade no contexto econômico, com a escassez de alimentos e diretamente com o abastecimento de água, conforme pode ser evidenciado na Figura 16.

Figura 16 - Seca no Rio Jacuípe



Fonte: Acervo pessoal de Amarílio Soares -Tio Lio [196-?].

<sup>65</sup> O Polígono das Secas compreende a área do Nordeste brasileiro reconhecida pela legislação brasileira como sujeita às repetidas crises de prolongamento das estiagens e, conseqüentemente, objeto de especiais providências do setor público. Para maiores dados, disponível em: [https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2603&Itemid=697](https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2603&Itemid=697). Acesso em 15.abr. 2023.

A imagem em preto e branco, em que um homem pode ser observado puxando um animal carregando corotes presos em cangalhas, presumivelmente para transportar água, retrata uma paisagem símbolo do município, a famosa Ponte Velha, situada sobre o Rio Jacuípe, que conecta o bairro da Bela Vista com o centro da cidade. Essa imagem também traduz uma cena impactante que é a transformação, temporária, do leito do rio em grande areal, consequente da escassez de água por causa da seca. Fontes orais acreditam que a imagem tenha sido capturada na década de 60 do século passado, um período marcado por várias secas na região. Em meio aos relatos coletados, os colaboradores mencionam esse período difícil de estiagem. Ao ser perguntado sobre uma lembrança ruim que tem da profissão de seleiro, o colaborador S20C faz a seguinte colocação:

Exemplo 6 - Trecho da entrevista 20 – lembrança ruim

INF — Eu tenho uma lembrança muito ruim mesmo. De uma seca que teve em sessenta e um... sessenta e um, sessenta e dois que foi obrigado a gente parar, ficar de braço encruzado porque não tinha a quem vender a mercadoria. A gente fazia, mas teve uma grande crise que parou tudo mesmo. Minha lembrança mais ruim que eu já tive.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semianalfabeto.

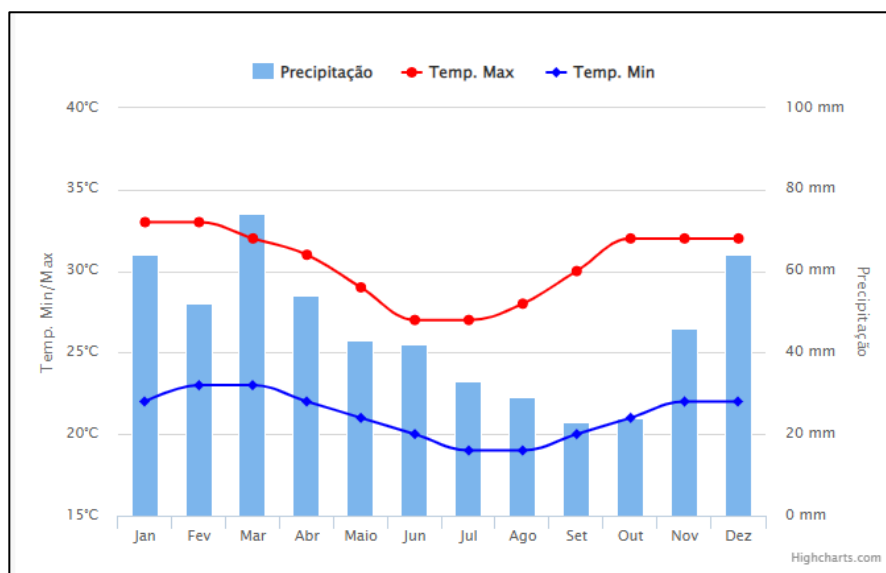
O relato do colaborador oferece uma perspectiva reflexiva, ao descrever negativamente o momento como um tempo de grande sofrimento e perdas econômicas, ressaltando a gravidade da situação e colocando em destaque como tudo foi paralisado durante esse período. A fala proporciona uma compreensão mais ampla das dificuldades enfrentadas pelos jacuipenses durante os períodos de estiagem que não são poucos, nem isolados.

A Figura 17, apresentada a seguir, retrata o padrão comportamental da chuva e da temperatura ao longo do ano. Os dados apresentam a média climatológica obtida a partir de um período de observação de 30 anos<sup>66</sup> e pode-se concluir que o mês de março registra o maior índice de chuvas, mas não chega a atingir nem 80mm em média, o que comprova a baixa pluviosidade da região.

---

<sup>66</sup> Informações obtidas no site: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/3404/riachaodojacuipeba>  
Acesso em 18 maio 2023.

Figura 17 - Histórico de previsão do tempo em Riachão do Jacuípe



Fonte: CLIMATEMPO (2023).

Os traços das grandes fazendas que marcaram a origem de Riachão do Jacuípe ainda são evidentes, mesmo que a cidade seja considerada uma localidade de baixa renda. Um indício disso é a discrepância entre o número de habitantes e o número de cabeças de gado registrados no município. São mais de 45 mil animais para pouco mais de 33 mil pessoas, o que coloca o município em 77º lugar na Bahia em termos de efetivo de rebanho. Além disso, a maior parte do território jacuipense é ocupado por estabelecimentos agropecuários, totalizando uma área de 86.942 hectares<sup>67</sup>. Esses dados apontam para a predominância do setor agropecuário na economia local e reforçam a influência histórica das fazendas na região.

Por volta do ano 2000, Silva (SD) já chama a atenção para a desigualdade existente em Riachão do Jacuípe, segundo ele “nosso município é desigual na cidade e no campo”, já que na zona rural há uma predominância de propriedades de médio e grande porte que tem como principal atividade a criação de gado bovino. Considerando a perspectiva de que Riachão do Jacuípe já naquela época era uma região marcada por profundas desigualdades sociais, Silva [2003?] coloca em evidência questões importantes, como a produção de sisal, que costumava ser uma fonte de renda para os pequenos produtores durante o período da entressafra, já havia sido, em grande parte, banida. Além disso, observou uma substituição gradativa do gado leiteiro pelo gado de corte, o que, segundo ele, acabava acarretando em um

<sup>67</sup>Os dados são do Censo Agropecuário/IBGE para o ano de 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 17 abr.2023.

aumento significativo no número de desempregados na zona rural, visto que o criatório de gado de corte se concentra nas mãos de grandes produtores.

Embora a pecuária desenvolva um papel fundamental na economia do município de Riachão do Jacuípe, desde seus primórdios até a atualidade, é importante destacar que não foi a única atividade econômica relevante. A cidade experimentou um apogeu no ciclo do sisal, que contribuiu significativamente para alavancar o comércio, através da exportação da fibra. Além disso, a cultura do couro também teve impacto significativo na economia do município durante um período de sua história.

Assim como Ipirá, referência na produção de produtos e artefatos de couro, Riachão do Jacuípe também se destacou na atividade relacionada ao couro, embora não se encontre fontes documentadas. O município já teve vários curtumes, um desses, inclusive, fazia conexões com o conhecido Curtume Campelo de Juazeiro, uma empresa referência na área. A produção de itens como a sela vaqueira e arreios de carroça marcaram um período da história do município que, ao longo dos anos 80 e 90, ganhou destaque na região como um centro produtivo nesse ramo, com artesãos e comerciantes que contribuíam para a economia local, evidenciando a importância do setor do couro para Riachão do Jacuípe.

Atualmente, a cidade enfrenta desafios significativos no que diz respeito à geração de emprego e renda. Apresenta uma limitada oferta de oportunidades de trabalho, o que acarreta em uma parcela considerável de jovens deixando o município em busca de melhores perspectivas. Em grande parte, a oferta de trabalho provém do setor do comércio varejista e do emprego público, como contratações periódicas na Prefeitura Municipal. Essa situação evidencia a necessidade de impulsionar o desenvolvimento econômico da região, com vista à criação de mais postos de trabalho e o aumento da renda disponível para a população.

Quanto ao setor educacional, o município conta com uma sólida estrutura, abrangendo tanto instituições públicas quanto privadas, que atendem à demanda da educação básica. Além disso, abriga algumas pequenas faculdades que oferecem cursos de Licenciatura e Bacharelado. A cidade de Riachão do Jacuípe tem se destacado pelos índices de aprovação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e em vestibulares e atua como cidade polo para realização dessas avaliações educacionais importantes. No entanto, é necessário abordar uma questão específica: a dificuldade de acesso à educação enfrentada pelos seleiros e vaqueiros, cujo estilo

de vida e atividades não permitem uma participação regular nas aulas. Além disso, a exaustão física ao final do dia e a falta de motivação também são fatores que impactam na participação desses homens nas atividades educacionais.

Em relação à saúde, o município conta com um sistema composto por unidades básicas, pronto atendimento e um hospital municipal que desempenham atendimento à população através do Sistema Único de Saúde (SUS). Assim como outras cidades interioranas, Riachão do Jacuípe enfrenta desafios na área da saúde com a falta de infraestrutura e a falta de serviços especializados, fazendo com que a população se desloque para a cidade de Feira de Santana, distante 75 quilômetros, em busca desses serviços.

Quanto à esfera geográfica, Riachão do Jacuípe possui uma localização bastante privilegiada, situada às margens do Rio Jacuípe e atravessada pela Rodovia Lomanto Júnior que a conecta a diversas outras cidades. No entanto, apesar de tão rico potencial, não se desenvolveu como poderia, além disso o município carece de uma valorização adequada a seu passado histórico que enalteça sua ligação com a pecuária e o legado cultural de sua formação histórica. Para alcançar um desenvolvimento pleno, é essencial que o município aproveite de sua localização geográfica, invista na geração de emprego e renda e honre seu patrimônio histórico e cultural.

#### **4.1.3 A rede de pontos da pesquisa**

Segundo os preceitos da Dialetoлогия, para a questão do espaço geográfico, “pode estabelecer-se como *locus* da pesquisa uma única localidade, um estado, uma região” (Cardoso, 2010, p.89). Para esta pesquisa, a rede de pontos é definida pelo espaço geográfico de Riachão do Jacuípe. Nesse espaço serão consideradas as localidades representativas de cada colaborador envolvido no estudo, levando em conta a representatividade do local a que cada um deles pertence.

A realização do mapeamento nesta seção, enfrentou consideráveis desafios devido à escassez de dados precisos. Encontrar informações detalhadas das localidades<sup>68</sup> de zona rural do município foi uma tarefa complexa que exigiu esforço adicional. Apesar do empenho dos funcionários e da boa vontade no atendimento, a

---

<sup>68</sup> Os lugares que compõem a rede de pontos da pesquisa serão tratados como localidades sempre que for necessário fazer referência ao conjunto ou de forma genérica.

consulta a órgãos como a Câmara de Vereadores, a Secretaria de Ação Social e o Setor de Tributos da Prefeitura Municipal a transmissão de informações precisas mostrou-se limitada. Tal dificuldade impulsionou a busca de fontes alternativas e colaborativas para suprir as lacunas de informações. Nesse contexto, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Riachão do Jacuípe desempenhou um papel significativo ao fornecer contatos dos delegados setoriais de cada localidade, uma colaboração fundamental para a caracterização das localidades, conforme se apresentam a seguir.

De acordo com a estrutura administrativa local, o município de Riachão do Jacuípe está dividido em zona urbana e zona rural, a qual é composta três distritos, Barreiros, Chapada e Vila Aparecida, além de contar com povoados e comunidades. Os distritos funcionam como polos de alguns povoados e, as localidades menores, com menos de 20 casas, são consideradas comunidades, a classificação é do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Riachão do Jacuípe. Este estudo abrangeu o Distrito Chapada; os povoados Baixa Nova, Malhador, Traz da Roça e Vila Guimarães e as comunidades Baixa da Areia, Beira Rio, Mucambo e Pindobas. O Quadro 8 apresenta um painel dessas localidades consideradas a rede de pontos da pesquisa.

Quadro 8 - Rede de pontos da pesquisa

<b>LOCALIDADE</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>Nº DE COLABORADORES</b>
Baixa da Areia	Comunidade	1
Baixa Nova	Povoado	2
Beira Rio	Comunidade	1
Chapada	Distrito	3
Malhador	Povoado	1
Mucambo	Comunidade	1
Pindobas	Comunidade	1
Traz da Roça	Povoado	1
Vila Guimarães	Povoado	1

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 8 apresenta um panorama das áreas rurais abordadas neste estudo, destacando as nove localidades onde residem os moradores que não vivem na cidade. Vale ressaltar que as áreas se limitam aos 12 vaqueiros residentes da zona rural, os demais colaboradores são moradores da zona urbana e, portanto, não são incluídos nesse quadro.

A abordagem adotada, embora informal e sem um roteiro preestabelecido, ao promover um diálogo com os dirigentes sindicais das localidades, desempenhou um papel de relevância permitindo obter uma compreensão geral sobre as localidades.

No entanto, não foi possível traçar um perfil detalhado pois faltam dados registrados nos órgãos e setores da administração pública.

O que pode ser alcançado de informações a partir das conversas com os dirigentes sindicais é que as comunidades, geralmente, possuem poucas residências e menos recursos que os povoados, não têm escolas, nem postos de saúde, apenas transporte para levar as crianças até a instituição escolar mais próxima, bem como agentes responsáveis por acompanhar a saúde dos moradores. Em termos de densidade demográfica, os povoados são maiores que as comunidades e menores que os distritos; nos povoados costumam ter posto de saúde com atendimento médico uma vez por semana e escolas que ofertam o Ensino Fundamental.

A Figura 18 é uma fotografia aérea do povoado do Malhador. A imagem tem o propósito de exemplificar como são os povoados, localidades situadas na zona rural e dependentes dos serviços municipais. Conforme o dicionário Novíssimo Aulete, povoado é sinônimo de vilarejo, lugar com poucas casas (Aulete, 2011). A Figura 18 comprova isso porque representa um local com poucas residências, situado em uma área rural, com um número mínimo de serviços, basicamente, tem uma escola e um posto de saúde e o comércio é bastante limitado. Pela imagem vê-se também uma igreja e um campo de futebol no centro do povoado, que podem ser interpretados como espaços de interação social e símbolos da identidade local.

Figura 18 - Vista aérea do povoado Malhador



Fonte: Jodson Oliveira Santana (2023), arquivo pessoal do membro do sindicato.

Os distritos são lugares maiores que os povoados e ocupam uma posição hierárquica abaixo apenas da sede municipal. No distrito de Chapada, o maior dos pontos da pesquisa dentre as localidades rurais, existem alguns serviços e representações como um vereador que representa a localidade na Câmara Municipal,

além de duas escolas de Ensino Fundamental, em nível municipal, e uma escola de Ensino Médio, na esfera estadual. Há um pequeno comércio com farmácia, padarias, loja de produtos agropecuários, de materiais de construção e serviços de saúde, dentre os quais um Posto de saúde da família, mantido pela prefeitura e na rede particular, consultório odontológico e laboratório para coleta de análises clínicas, dentre outros serviços.

A tradição da cultura do vaqueiro é um elemento comum a todas essas localidades. Em cada uma delas a cultura é celebrada e vivenciada por meio de eventos como a argolinha, a festa de vaqueiros, a cavalgada ou a vaquejada. Algumas festas se destacam e se tornam tradicionais, a exemplo da comunidade de Pindobas que realiza pequenos bolões de vaquejada, Baixa Nova que realiza anualmente a festa de vaqueiros e a comunidade de Beira Rio que tem a festa da Argolinha como uma tradição enraizada, em que os vaqueiros são desafiados a recolher com uma lança uma argola presa em um fio de arame enquanto cavalgam a galope. São momentos que celebram a cultura e contribuem para manter viva a tradição de cada lugar.

Conforme mencionado anteriormente esses locais, sejam eles uma comunidade, um povoado ou um distrito, desempenham um papel fundamental na forma de vida dos colaboradores desta pesquisa. Pois possuem características próprias de organização, típicas de áreas rurais, que favorecem a manutenção de características da cultura do vaqueiro, apesar das transformações que vem ocorrendo.

#### 4.2 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para obter os dados de pesquisa, adotou-se uma abordagem combinada, utilizando três técnicas de coleta de dados: observação participante, entrevista semiestruturada e aplicação de questionário. Essa triangulação de métodos permitiu uma análise abrangente do léxico utilizado pelos seleiros e vaqueiros, representantes nesta pesquisa da cultura do vaqueiro, abordando-a a partir de diferentes perspectivas. O questionário e as entrevistas foram integrados em um único documento, no qual a primeira parte consistiu nas questões da entrevista semiestruturada, promovendo um diálogo mais profundo com os participantes. Em seguida, a conversa foi conduzida por perguntas mais diretas e específicas do questionário, visando uma abordagem mais objetiva.

Desse modo, a combinação da entrevista com o questionário propicia uma abordagem complementar, na qual a entrevista vai além das respostas diretas. Enquanto o questionário fornece uma estrutura padronizada para a coleta de dados, a entrevista revela-se como uma oportunidade de explorar em maior profundidade as perspectivas e experiências dos participantes, permitindo esclarecer dúvidas, obter exemplos concretos e explorar nuances que não podem ser capturadas somente com o questionário. Essa combinação enriquece a análise dos dados, proporcionando uma compreensão mais profunda do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro.

É fundamental ressaltar o papel significativo da observação participante nesta pesquisa, uma vez que a nossa relação direta com o tema em estudo, permitiu uma abordagem em que a conversa fosse guiada de forma mais flexível, contornando situações em que aplicação do questionário, tendenciava se tornar um mecanismo rígido, assim optávamos por não realizar a pergunta, a fim de permitir que a conversa fluísse de maneira mais natural.

#### **4.2.1 Entrevista e questionário: elaboração**

A elaboração do questionário de pesquisa foi uma etapa fundamental no sentido de obter informações relevantes. Para concretizar tal tarefa, utilizaram-se como base outros estudos sobre a cultura do vaqueiro como os questionários aplicados por Nunes (2018), o questionário elaborado por Peixoto (2007) e o glossário produzido por Freitas (2018). Além desses trabalhos, a elaboração do instrumento final também se apoiou no Questionário Semântico-lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) e no Questionário: Léxico do Gado Bovino do Município de Camapuã (MS) elaborado por Aguilera e Figueiredo (2004).

Desse modo, é válido afirmar que a estratégia de se utilizar como base de seleção diferentes tipos de questionário para o estudo proporcionou uma abordagem abrangente sobre o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro. Além disso, trouxe rigor metodológico à pesquisa, pois cada um dos questionários utilizados como referência contribuiu para a ampliação das possibilidades investigativas. No entanto, é importante reconhecer que a utilização de experimentações prontas também apresentou algumas limitações que podem ter afetado em alguma medida a coleta dos dados.

De modo que, em certos momentos, quando o questionário restringia a espontaneidade da conversa durante a entrevista, a pesquisadora optava por não fazer certas perguntas, percebendo que elas poderiam interromper o fluxo natural da conversa, uma vez que o objetivo da pesquisa visava promover um diálogo mais informal em que o léxico investigado surgisse de forma espontânea, revelando aspectos da cultura do vaqueiro. Essa flexibilidade, permitiu que as entrevistas fluíssem de forma mais livre e possibilitou uma maior captura de aspectos linguísticos e culturais do colaborador.

Os documentos que formam os questionários de cada um dos grupos entrevistados, podem ser analisados na seção de apêndices, sendo Apêndice A - entrevista com seleiros e Apêndice B - entrevista com vaqueiros, os quais estão organizados da seguinte forma:

i) Grupo dos seleiros:

Parte I — Entrevista semiestruturada, organizada em blocos identificados de A a D nos quais aborda-se a vida do colaborador em relação aos dados pessoais e à profissão, bem como uma breve discussão sobre suas memórias na profissão de seleiro e as festividades da cultura do vaqueiro.

Parte II — Entrevista guiada por questionário, organizada por blocos identificados como E e F, cada um deles recebendo a identificação de acordo com a temática abordada. O bloco E, vestuário, é composto por três perguntas, sendo uma delas, a pergunta 20 do Questionário dos Vaqueiros. O bloco F, instrumentos, é formado pelas questões de 4 a 15, totalizando 11 perguntas, das quais sete são retiradas do Questionário dos Vaqueiros (21, 24, 28, 30, 31, 34 e 35)<sup>69</sup>.

ii) Grupo dos vaqueiros<sup>70</sup>:

Parte I — Entrevista semiestruturada, organizada em blocos identificados de A a D nos quais aborda-se a vida do vaqueiro em relação

---

<sup>69</sup> A escolha destas perguntas justifica-se pela temática apresentada, uma vez que elas tratam de temas comuns a vaqueiros e a seleiros. São sobre os instrumentos e acessórios utilizados pelo vaqueiro e produzidos pelos seleiros.

<sup>70</sup> Ao longo do trabalho adotaram-se o sistema de ordem alfabética cada vez que se mencionaram os grupos de entrevistados: aboiadores, seleiros e vaqueiros. Entretanto aqui apresentaram-se os instrumentos na ordem em que foram construídos, sendo que um serviu de base para elaboração do outro.

aos dados pessoais e à profissão, bem como uma breve discussão sobre as memórias e as festividades da cultura do vaqueiro.

Parte II — Entrevista guiada por questionário, organizada por blocos identificados de E a J, cada um deles recebendo a identificação do conteúdo de acordo com a temática abordada (blocos: E. Festas e celebrações, F. Vestuário, G. Instrumentos, H. Profissão, I. Locais/lugares, J. Animais – bois e cavalos/ cachorros) totalizando 70 perguntas, muitas delas contendo questões embutidas, que podem ser desmembradas em outras perguntas.

#### 4.3 OS COLABORADORES

O perfil dos colaboradores foi determinado tendo como influência tanto o aspecto linguístico, quanto a dimensão cultural. Seleiros e vaqueiros compuseram o grupo oficial de colaboradores desta pesquisa, mas diante da necessidade de investigações adicionais, foram consideradas informações fornecidas por outras pessoas que contribuíram com dados relevantes, principalmente, sobre o ciclo do couro na comunidade pesquisada. Dos dois grupos oficiais, foram entrevistadas 17 pessoas, sendo 12 vaqueiros e cinco seleiros, todas são residentes no Município de Riachão do Jacuípe, dividindo-se entre zona urbana e rural.

Seguindo os preceitos da análise de conteúdo de Bardin (1977), para identificação dos colaboradores foi criado um código que possibilita a devida identificação, preservando ao mesmo tempo suas identidades. O código consiste em uma combinação alfanumérica, no qual a letra inicial representa a profissão do entrevistado (S para seleiro e V para vaqueiro). Em seguida, é utilizado um número para indicar a ordem de realização das entrevistas. Por fim, é adicionada uma letra que identifica o entrevistado, seja pelo nome de registro ou pelo nome social. A título de exemplo, segue o código de identificação: S13A, em que S representa a profissão de seleiro, 13 identifica a ordem sequencial da entrevista e A é identificação da pessoa. Essa estratégia de codificação garante a confidencialidade dos colaboradores, enquanto permite uma organização sistemática dos dados e facilita a identificação de cada colaborador durante a análise.

As conversas mencionadas anteriormente, que ocorreram com outras pessoas além dos colaboradores, buscavam uma compreensão mais aprofundada do campo

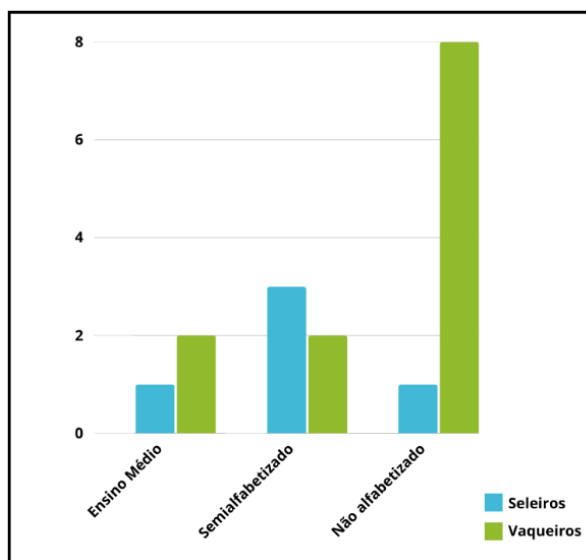
léxico do couro na cultura do vaqueiro, ampliando assim o escopo de informações coletadas. Essas conversas foram possíveis em virtude da observação participante, uma abordagem que permite a imersão no ambiente pesquisado, por meio do contato direto da pesquisadora com envolvidos na temática em estudo. Essa perspectiva enriqueceu o trabalho porque permitiu capturar nuances, esclarecer dúvidas e complementar os dados coletados, principalmente sobre o ciclo do couro em Riachão do Jacuípe.

Alguns dos entrevistados nesta pesquisa, já haviam colaborado em um projeto anterior de temática semelhante, durante o período em que a pesquisadora realizou seu mestrado. Essa prévia interação entre pesquisadora e entrevistados pode ser considerada como um facilitador da abordagem adotada, pois o fato de já haver sido estabelecido um contato anterior, criou um ambiente de familiaridade e confiança, permitindo uma comunicação mais fluida e aberta durante as entrevistas.

Embora o controle dos fatores sociais não tenha seguido o rigor metodológico da Sociolinguística, como número exato de falantes para cada fator social a considerar (sexo, idade, profissão e escolaridade, por exemplo), esta disciplina contribuiu para este estudo na medida em que houve o controle de aspectos sociais como idade, escolaridade e profissão. É importante observar que surgiram dados diferentes para variáveis como a escolaridade e a idade dos colaboradores. Como não havia células fechadas e predeterminadas para escolaridade, por exemplo, o conjunto de colaboradores tem pessoas analfabetas, semianalfabetas e pessoas que concluíram o Ensino Médio.

O Gráfico 2 apresenta a relação dos colaboradores com o acesso à educação formal. Dos entrevistados apenas cinco concluíram o Ensino Médio, sendo o grupo dos vaqueiros o que possui o maior número de não alfabetizados, totalizando oito vaqueiros e um seleiro. Já aqueles que tiveram uma escolarização incompleta, considerados neste estudo como semialfabetizados, somam seis pessoas, sendo três seleiros e dois vaqueiros.

Gráfico 2 - Escolaridade dos colaboradores



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se uma baixa taxa de conclusão do Ensino Médio, que pode estar relacionada a fatores como a necessidade de trabalhar desde cedo para contribuir com a renda familiar e a falta de oportunidades educacionais. Além disso, a cultura do vaqueiro, por ser uma tradição enraizada em aspectos rurais, pode ter influenciado a priorização de habilidades práticas e conhecimentos tradicionais em detrimento da busca por educação formal.

A idade dos entrevistados varia de 20 a 85 anos, não tendo sido previamente estabelecidas rígidas faixas, buscaram-se pessoas jovens e pessoas mais idosas. Dessa forma, em relação à faixa etária dos participantes, não houve um rigoroso controle preliminarmente determinado e organizado, conforme recomendam a Sociolinguística e a Dialetologia Pluridimensional, depois de realizadas as entrevistas foi que se empreendeu a classificação dos colaboradores por idades.

A divisão das faixas etárias neste estudo seguiu os critérios utilizados por Cardoso (2005) no Atlas Linguístico de Sergipe II (ALSII)<sup>71</sup>. Assim como no ALSII, este estudo não estabeleceu uma idade predefinida para os informantes. Após a conclusão do material coletado, buscou-se estratificar os informantes em faixas etárias de forma semelhante ao que foi realizado no ALSII, a fim de permitir uma

<sup>71</sup> Os dados utilizados por Cardoso (2005) são os coletados para o Atlas Linguístico de Sergipe (Ferreira et al, 1987) e não cartografados na época. Os informantes desde a coleta de dados para o ALS não foram estratificados com rigidez em faixas etárias previamente definidas. Foram controlados sistematicamente os dois sexos (em cada ponto de pesquisa houve uma entrevista com um homem e uma mulher).

comparação adequada. Depois de realizadas as entrevistas foi possível observar que eles estão concentrados em determinados intervalos de idade o que permite agrupá-los em três grandes grupos. O Quadro 9 a seguir apresenta uma comparação entre a divisão de faixas etárias adotadas por Cardoso (2005) no ALSII e a abordagem utilizada neste estudo, além de fornecer a distribuição dos informantes conforme as respectivas faixas etárias.

Quadro 9 - Distribuição dos colaboradores por faixa etária

Faixa Etária	CARDOSO (2005)		FREITAS (2025)	
	Padrão de idade	Nº de informantes	Padrão de idade	Nº de colaboradores
I	30 - 39	11	20 - 27	2
II	40 - 48	13	48 - 59	6
III	Acima de 50	6	62 - 85	9

Fonte: Elaborado pela autora.

Desse modo, o agrupamento por faixa etária, neste estudo, ficou definido da seguinte forma: foram considerados pertencentes à faixa I, os informantes de 20 a 27 anos; ficaram no grupo II, informantes com idade entre 48 e 59 anos; e no grupo III, os participantes com mais de 60 anos. Para tal classificação, adotaram-se a recomendação amplamente utilizada no Brasil, onde a partir dos 60 anos uma pessoa é considerada idosa de acordo com os critérios estabelecidos pelo Estatuto do Idoso (2003). A escolha de definir a faixa etária III a partir dos 60 anos baseia-se pelo reconhecimento da idade como um fator determinante na vivência e experiência do indivíduo.

Os 17 colaboradores da pesquisa estão assim concentrados nas três faixas: a faixa I tem o menor número de colaboradores, apenas 2; a faixa II reúne 6 colaboradores, enquanto a maioria dos participantes, 9, enquadra-se na faixa III. O quadro 10 faz uma distribuição dos colaboradores por idade/faixa etária.

Quadro 10 - Faixa etária e idade dos colaboradores (Freitas, 2025)

Faixa etária	Idade	Nº de colaboradores	Codificação dos colaboradores
I	20 anos	1	V04F
	27 anos	1	V02E
II	48 anos	1	V07C
	49 anos	1	V06P
	53 anos	1	V08E
	56 anos	1	S16P

	59 anos	2	V09P
III	62 anos	1	V10N
	63 anos	1	V03G
	67 anos	2	V11R e S14R
	75 anos	1	S15J
	80 anos	1	V01C
	83 anos	1	V05N
	85 anos	2	S13A e S20C

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 10 revela uma lacuna geracional na faixa I entre as pessoas que exercem as profissões de seleiro e de vaqueiro, evidenciando o pequeno número de jovens envolvidos nessas atividades. O que revela uma preocupante realidade para esses ofícios, pois a ausência de sucessores resulta em um declínio dessas profissões e ofícios, afetando a transmissão de conhecimento, a riqueza linguística e a manutenção de tradições.

Ao longo deste estudo, os colaboradores desempenham um papel fundamental ao representarem a Cultura do Vaqueiro em Riachão do Jacuípe. Esses indivíduos estabelecem uma relação direta e significativa com esta cultura, engajando-se e interagindo de diferentes maneiras. Com o intuito de melhor compreender a conexão dessas pessoas com a cultura do vaqueiro, elas foram categorizadas em dois grupos distintos: seleiros e vaqueiros. E cada grupo será descrito individualmente, considerando as características que os definem de acordo com seus próprios relatos. Uma abordagem que ressalta a diversidade e a importância de cada papel desempenhado na manutenção das práticas e das atividades relacionadas a esta cultura.

#### 4.3.1 O perfil dos seleiros

No perfil do grupo dos cinco seleiros, é importante destacar que todos os colaboradores residem na zona urbana do município, mas apenas um deles nasceu na cidade, todos os outros nasceram e viveram na zona rural e se mudaram para zona urbana posteriormente, depois que já estavam adultos. O que de certo modo, também vincula esse grupo à zona rural.

No que diz respeito à escolaridade, os seleiros pouco frequentaram a escola. O colaborador S13A relata ter frequentado apenas dois meses do curso Mobral<sup>72</sup>, enquanto o S20C afirma que sua experiência escolar se resume aos estudos em uma cartilha que ele denomina 'cartilha ABC'. O colaborador S15J mencionou ter realizado um estudo por correspondência, mas prevalece entre eles, de forma geral, a ideia de que a vida escolar se resume a quase nada, mesmo para este que chegou a estudar à distância. Apenas um, declara ter frequentado escola até a conclusão da educação básica. Este é o único que utiliza smartphone e faz uso do *WhatsApp* para se comunicar, os outros seleiros nem mesmo possuem telefone.

Um fato interessante, de ordem sociocultural, é a relação particular estabelecida por um colaborador com o universo da música. Ele se destaca do grupo por sua dedicação a essa arte. Mesmo com a dificuldade para frequentar a escola, encontrou tempo e motivação para as aulas de música, o que culminou em sua integração à fanfarra da Filarmônica Lira 8 de setembro<sup>73</sup>, na qual atuou como tocador de tuba. Uma combinação de habilidades que se destaca no perfil desse grupo, ao mostrar como a arte pode servir como meio de expressão, considerando-se a ausência de vínculo social relacionando a profissão de seleiro ao universo musical.

Ao abordar o núcleo familiar desse grupo, cabe mencionar as dinâmicas que caracterizam as relações entre seus membros. Os colaboradores relatam conviver com seus núcleos familiares incluindo esposa, filhos e netos em algumas situações. Sobre os modos de viver, os seleiros relataram os tempos em que eles mesmos viviam sob a tutela de seus mestres que repassavam ensinamentos da profissão. No entanto, observamos que, diferente das gerações anteriores, eles não têm transmitido a profissão de seleiro a seus descendentes, não há aprendizes em formação pertencentes aos núcleos familiares. Os tempos hoje, segundo eles, são diferentes de outrora quando eles próprios foram aprendizes de familiares ou outros seleiros mais experientes. O colaborador S20C, por exemplo, relata a profissão de seleiro como uma tradição familiar que durou mais de um século, tendo ele e os cinco irmãos aprendido com seu pai, que, por sua vez, aprendeu com o avô. Além disso, a geração seguinte foi marcada por filhos, tios e sobrinhos seus que atuaram como seleiros,

---

<sup>72</sup> Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, um programa do Governo Federal que visava alfabetizar jovens e adultos.

<sup>73</sup> A Sociedade Filarmônica Lyra 08 de setembro é uma Entidade Filantrópica da cidade de Riachão do Jacuípe, ativa desde 1910.

representando, assim, quatro gerações dedicadas à arte do couro. A Figura 19 permite observar a transmissão intergeracional de saberes na família do colaborador S20C:

Figura 19 - Tradição seleira na família do Colaborador S20C



Fonte: elaborado pela autora

No relato do colaborador S20C, observa-se que a prática foi aprendida de forma gradual e sistemática: inicialmente, ele foi aprendiz de seu próprio pai, o qual aprendeu com o avô e passou adiante para S20C e seus irmãos. Posteriormente, S20C se consolidou como mestre, transmitindo a arte do trabalho com o couro para dois de seus filhos. Revelando a importância histórica e social do ofício em que os saberes técnicos se preservam em práticas ancestrais em múltiplas gerações. Entretanto, cabe observar que, infelizmente, não há membros de gerações mais jovens atuando na profissão, seus filhos não chegaram a ter aprendizes a quem repassar os conhecimentos adquiridos ao longo da história familiar. O que leva à conclusão de que a tradição do trabalho com o couro nessa família chega ao fim.

Os seleiros entrevistados afirmam exercer a profissão de forma independente, trabalham por conta própria, conduzindo seus próprios negócios sem apoio de sindicato ou qualquer marco regulatório para o ofício de seleiro no município, que nunca chegou a se organizar em qualquer entidade com membros associados que cuidassem dos direitos da categoria. Ainda assim, declaram que, apesar de toda a limitação da profissão, foi a partir dos trabalhos realizados em suas “tendas” que tiraram o sustento para manutenção de suas famílias. Reconhecem que houve uma época que era mais fácil suprir as necessidades básicas tendo como recurso a atividade artesanal de seleiro, hoje em dia, segundo eles, o couro não dá mais nem mesmo o básico para sobreviver. Os seleiros participantes dessa pesquisa já estão todos aposentados, e, apesar disso, continuam trabalhando e com o dinheiro da

aposentadoria complementam a renda da atividade com o couro que tem se tornado cada vez mais escasso.

Quanto à dinâmica de funcionamento das tendas, enquanto local de trabalho, percebemos que cada uma tem as próprias normas. Apenas em duas tendas, os seleiros contavam com ajudante, nas outras todo o trabalho era executado pelo próprio mestre seleiro. Quanto ao horário de funcionamento, abrem apenas pela manhã, visto que a demanda é muito pouca para funcionar integralmente nos dois turnos. Funcionam pela tarde apenas se houver uma demanda específica.

A faixa etária do grupo, que varia entre 56 e 85 anos, é mais um dado preocupante sobre a continuidade da profissão. Essa ausência de jovens aprendendo e se dedicando a esta arte e a falta de demanda para os atuais profissionais indicam um risco de desaparecimento dessa prática, conforme discutido na Seção 2. A descontinuidade da profissão de seleiro é uma ameaça para este ofício secular de grande importância histórico-social.

A arte de trabalhar o couro entrou na vida desses homens muito cedo. Todos revelam que tiveram um mestre que lhes transmitiu os ensinamentos da profissão. Apesar de terem iniciado cedo na profissão de seleiro e de hoje em dia todos já serem mestres, eles não têm a quem transmitir seus conhecimentos; atualmente poucos são os que estão aprendendo a arte de trabalhar o couro, e de certo modo, a falta de aprendizes se associa à baixa demanda da profissão. Não há serviço para o mestre e o artesão.

#### **4.3.2 O perfil dos vaqueiros**

O grupo dos vaqueiros é composto por homens, com idades entre 20 e 80 anos. Apesar dos colaboradores jovens, é interessante observar que apenas dois dos entrevistados têm menos de 40 anos, indicando que a profissão de vaqueiros é predominantemente constituída de pessoas idosas, é uma profissão com um passado histórico fortemente vinculado a um modo de vida que tem deixado de existir e, por isso tem impactado a não escolha dessa profissão por pessoas mais jovens.

No perfil social, as circunstâncias de moradia revelam que os vaqueiros apresentam condições de vida bem diversas em relação ao local onde moram. Os dois mais jovens vivem ainda com os pais, quatro dos colaboradores residem nas fazendas em que trabalham, ao modo como era antigamente, constituindo, muitas

vezes uma intersecção entre a vida profissional e pessoal, em que o trabalho não tem hora para começar nem para acabar; outros três desempenham a função de vaqueiros, cuidando das terras e do gado do patrão, mas moram em seu próprio pedaço de terra, voltando para o convívio da família no fim do dia de trabalho. Entre os participantes da faixa etária III, há dois que moram sozinhos, sem filhos ou companheiras. Segundo eles não se casaram e não constituíram família porque a própria profissão de vaqueiro não lhes dava condições de estabelecer vínculo afetivo com outras pessoas, pois não tinham paradeiro, passavam muitos dias em viagens com a condução do gado ou no trabalho de campo, cuidando dos animais. O restante convive com a família, incluindo parentes como filhos e netos.

Todos são moradores da zona rural, residindo em fazendas localizadas em áreas geográficas de comunidades, povoados ou distritos, conforme discutido na seção 4.1.3 Rede de Pontos da Pesquisa. O acesso a água encanada, luz elétrica e sinal de internet nessas localidades já é comum, embora nem todos façam uso do sinal de internet. Pelo perfil dos vaqueiros, ficou claro que boa parte deles não conseguiram se adaptar ao uso do aparelho celular em seu cotidiano. Três não usam os recursos dos *smartphones*, dois já tiveram um celular quando o aparelho servia apenas para ligações, mas segundo eles não conseguiram acompanhar a evolução e desistiram do uso, e o outro continua utilizando apenas com a função de fazer e receber chamadas. Houve um deles que relatou orgulhoso que jamais possuiu um aparelho celular. Entre aqueles que declararam utilizar o celular, dois dependem da mediação da esposa para manusear o aparelho, inclusive para uso do aplicativo *WhastApp*. O que mostra que esse grupo ainda está em fase de adaptação às tecnologias, as raízes rurais continuam enraizadas em seus modos de vida, apesar de todas as mudanças ocorridas.

Um dado curioso e revelador de mudanças no estilo de vida é sobre o meio de transporte utilizado no cotidiano. Embora a imagem do vaqueiro seja comumente associada ao cavalo, a moto é o modo de locomoção mais presente no dia a dia desses homens. A maioria deles tem uma motocicleta como veículo. Entretanto, a facilidade da motocicleta agradou a todos, e entre os mais idosos, há dois que preferem o carro, alegam que se sentem mais seguros em veículos de quatro rodas. Ao serem questionados se ainda utilizam o animal como meio de transporte, apenas um afirmou que sempre que precisa frequentar cidade, prefere ir montado a cavalo, em vez de usar um veículo automotivo. Os outros confessaram que utilizam

cotidianamente a moto em seu dia a dia, mesmo para as atividades laborais no campo, sempre que possível, preferem a praticidade da moto em vez da tradição do cavalo, pois a moto não precisa de nenhuma preparação antes do uso, basta ligar e sair pilotando; já o cavalo precisa ser pego no pasto, trazido até a casa para se colocar o arreamento antes de sair para a lida e, na volta do trabalho deve-se tirar os arreios, geralmente, dá-se um banho no animal antes de soltá-lo novamente no pasto que, muitas vezes não fica tão perto do local de moradia do vaqueiro, tornando a atividade da montaria algo muito trabalhoso. Além disso, há outros dois fatores: os arreios precisam de manutenção constante e é preciso vestir-se adequadamente para a montaria, colocando pelo menos uma bota e vestindo uma calça.

Em relação ao índice de escolaridade, esse grupo também apresenta um número significativo de pessoas não alfabetizadas. Dos 12 entrevistados, somente dois concluíram o Ensino Médio e dois são semianalfabetos, enquanto oito são analfabetos. Isso evidencia que o nível de escolaridade entre os vaqueiros entrevistados é bastante baixo, assim como no grupo dos seleiros.

Considerando os dados de faixa etária, escolaridade e moradia podemos concluir que a amostra de vaqueiros é predominantemente exercida por pessoas mais velhas, que residem na zona rural e possuem um baixo nível de escolaridade. Essas características são fundamentais para compreender a forma como eles se relacionam com o léxico, uma vez que a predominância de pessoas mais velhas e com pouca escolaridade pode impactar a forma como se expressam e as escolhas lexicais que fazem no dia a dia.

#### 4.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados coletados, estabeleceu-se o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro como inventário linguístico, para realização de um estudo lexicológico, com ênfase na semântica, desconsiderando as diferenças fonéticas. Ressaltamos que a reprodução da fala dos colaboradores nos exemplos analisados não seguiu uma padronização rigorosa, mas procurou manter o tom da linguagem oral, buscando refletir adequadamente o contexto cultural. Em relação ao lançamento das lexias analisadas, optamos por registrá-las com base nos verbetes dicionarizados e, nos casos em que tais registros não foram localizados, mantivemos a forma apresentada pelos colaboradores.

A análise do campo lexical foi conduzida utilizando uma abordagem qualitativa, sem qualquer tratamento estatísticos dos dados. O enfoque da análise se resumiu ao que foi catalogado pelo questionário e pelas conversas espontâneas dos colaboradores. No intuito da realização da análise, cada item dos dados foi abordado separadamente, mas sem perder de vista sua classificação dentro do campo semântico, seguindo o roteiro da Ficha para análise dos dados (Apêndice C) elaborada para nortear os passos dessa etapa. A referida ficha está dividida em três áreas de estudos - a pesquisa lexicográfica, a pesquisa geolinguística e a pesquisa na literatura com temas afins. Cada uma dessas áreas, foi constituída por cerca de cinco trabalhos. Primeiramente, fizemos uma contextualização da lexia em relação aos instrumentos de coleta de dados, observando se havia variantes lexicais e se foram motivadas pelo questionário ou surgiram de maneira espontânea durante a entrevista semiestruturada. Depois foi feita uma análise comparativa com outros estudos para identificar se a pergunta foi inédita ou se já havia sido aplicada por questionários anteriores.

Definida essa etapa, analisamos o resultado da pesquisa lexicográfica, que consistiu na verificação do registro das unidades lexicais em cinco obras: Silva (1789), Aulete (1948, 2011), Houaiss (2011) e Cunha (1994). Na sequência, analisamos as lexias no escopo geolinguístico, tendo como base os trabalhos: Chofard (2023) sobre tropeiros; Cardoso e Ferreira (2000) que reúnem as formas cartografadas no APFB (1963) e no ALS (1987); Mendes (1992) que analisou 82 cartas sobre o cavalo em Sergipe; mais os repositórios Lexiss e TLPGP. O terceiro campo de estudo foi uma revisão de literatura através de levantamento das lexias em quatro estudos anteriores, a saber: Faria (1969) que descreve o encouramento e os arreios do vaqueiro; Goulart (1965,1966) que analisa aspectos da civilização do couro; Nunes (2018) que desenvolve um estudo dos campos lexicais de vaqueiros no Ceará e, por fim, Peixoto (2007) que faz uma análise da fala dos vaqueiros do sertão baiano. Esse leque de possibilidades embasou a análise, sem limitá-la, de modo que, quando oportuno, o tratamento dos dados foi enriquecido com verificação em material variado, a exemplo de Trigueiros (1977) que documenta a língua da Bacia do São Francisco e Queiroz (1987) que registrou histórias de vaqueiros na Bahia.

Para composição da análise, voltamos às ferramentas de inquérito a fim de observar as perguntas motivadoras. Nesta etapa, fizemos uma varredura em outros estudos com temática semelhante, desenvolvendo uma análise comparativa dos

questionários aplicados com o questionário utilizado neste estudo. A partir daí, elaboramos um quadro comparativo observando perguntas e respostas iguais ou muito semelhantes. Formam parte da análise comparativa de questionários, o Questionário Semântico-Lexical do ALiB (2001) com quatro perguntas semelhantes, o questionário desenvolvido por Figueiredo e Aguilera (2002) totalizando 27 perguntas com ressonância no questionário aplicado neste estudo, e os questionários desenvolvidos e aplicados por Peixoto (2007) com 22 semelhanças, Nunes (2018) com 11 semelhanças e Chofard (2023) com 19 questões iguais ou muito parecidas. Tivemos acesso ao questionário utilizado por Chofard (2023) somente após a conclusão dos inquéritos, mas este material foi muito útil na composição e análise do campo léxico, uma vez que há nesse questionário um número grande de lexias associadas ao tema dessa pesquisa.

Para fins de esquematização textual e para garantir clareza na organização dos dados, as lexias em análise foram destacadas em negrito ao longo do texto. E sempre que houve necessidade de indicar uma variante lexical ou referenciar uma lexia que fundamentasse a análise, optamos por registrá-la entre aspas simples; para os casos de lexias citadas de outras fontes utilizamos aspas duplas.

Os dois grupos de colaboradores, seleiros e vaqueiros, desenvolvem uma relação íntima com a temática, o que buscamos preservar sem contaminar os dados com percepções pessoais. Para garantir a legitimidade da pesquisa, direcionamos os instrumentos especificamente para cada grupo, formulando perguntas que atendiam às particularidades de cada um. Durante a vivência no campo, compreendemos que algumas unidades lexicais estão mais associadas a um grupo do que ao outro, o que justificou essa abordagem diferenciada de algumas questões, enquanto outras foram uniformizadas.

#### **4.4.1 Pesquisa de campo, audições e transcrições**

A pesquisa de campo é uma empreitada desafiadora que exige do pesquisador habilidades para lidar com imprevistos e encontrar soluções adequadas diante de cada nova situação. Esses desafios se intensificam, uma vez que pesquisadores e entrevistados frequentemente transcendem os papéis pré-definidos pela pesquisa, mergulhando em experiências compartilhadas onde suas histórias se entrelaçam e, memórias e afinidades emergem como parte desse processo. Para melhor

compreensão de como ocorreram os procedimentos metodológicos deste estudo, serão descritas aqui cada uma das etapas que constituíram a pesquisa:

**Etapa A** — Observação participante e registro das informações em diário de campo: Esse período teve início juntamente com a pesquisa e se prolongou até o final da escrita deste texto. Os registros no diário não seguiram uma regularidade e aconteceram sempre que houve necessidade de registrar algum fato ou documentar episódio vivenciado com os colaboradores. Além dos inquéritos linguísticos para a coleta dos dados, também ocorreram visitas a exposições, eventos e conversas informais com outras pessoas além dos colaboradores, o que representou uma verdadeira imersão na pesquisa.

**Etapa B** — Entrevistas semiestruturadas e aplicação do questionário: Foram realizadas recolhas orais pelo método da pergunta-resposta, de acordo com o questionário, complementando-se com o recurso da conversa livre pautada sobre o tema, possibilitada pela entrevista semiestruturada. As entrevistas foram conduzidas nas residências dos entrevistados, visando um ambiente mais acolhedor e em conformidade com os requisitos da pesquisa linguística. Inicialmente, foi feito um contato por telefone para agendar o encontro. No entanto, em relação aos entrevistados mais idosos, que não utilizam frequentemente celulares nem redes sociais, a abordagem ocorria pessoalmente, buscando-se um momento oportuno para realização das entrevistas. Com o propósito de garantir rigor metodológico na gravação dos áudios, utilizou-se de um dispositivo de microfone de lapela acoplado ao aparelho celular *Android* Samsung, modelo M31. O objetivo era obter registros de áudios livres de ruídos externos. Entretanto, mesmo com esse recurso algumas interferências persistiram. Isso ocorreu principalmente quando os colaboradores recebiam a pesquisadora na varanda, onde as entrevistas, muitas vezes, se realizavam. Nesse ambiente eram comuns conversas de circunstâncias e até mesmo a transmissão de programas de rádio, caso houvesse um aparelho de rádio por perto que acabavam ficando registradas em meio à conversa da entrevista que acontecia a um só tempo com a aplicação do questionário.

**Etapa C** — Escuta dos áudios e transcrições: A etapa da transcrição dos áudios desempenha um papel fundamental, pois é um recurso complementar e facilitador para a análise. Além disso, a audição das gravações permite esclarecer dúvidas com maior precisão, garantindo confiabilidade aos dados coletados. Esta fase da pesquisa contou com a participação de Giovana Andrade de Jesus Oliveira, bolsista do

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Projeto ALiB da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Giovana desempenhou o papel de assistente de pesquisa, realizando audição e transcrição grafemática de alguns inquiridos, todos devidamente inspecionados pela pesquisadora principal que também ouviu e transcreveu grafematicamente a outra parte das entrevistas. A tarefa de inspecionar as transcrições feitas pela assistente foi fundamental nesta etapa da pesquisa, tanto para elucidar muitos trechos que inicialmente pareciam ininteligíveis, quanto para criar maior familiarização com o léxico em questão. Como o foco do trabalho é uma investigação lexical da cultura, a transcrição não se ocupou de um registro fidedigno das variantes. Aspectos da fala foram preservados, porém buscando-se uma forma aproximada do padrão, sem registros fonéticos ou fonológicos, mas conservando os traços que tornam o léxico representante da cultura do vaqueiro. Quando não foi encontrado registro da lexia nos dicionários, optamos pelo registro de acordo com a informação fornecida pelos colaboradores.

**Etapa D** — Coleta de imagens: As imagens utilizadas foram coletadas em um estúdio improvisado na residência da pesquisadora ou na tenda dos colaboradores seleiros. Para realização dos registros fotográficos, contamos com a colaboração de Rafaela Freitas Carneiro, publicitária, e de Maria Alice Figueredo, fotógrafa, que gentilmente capturaram a maioria das imagens, buscando efetuar o registro fotográfico em vários ângulos dos itens que compõem a análise, o restante das imagens foram registradas durante o trabalho no campo. Os itens utilizados para registro foram cedidos pelos seleiros e vaqueiros colaboradores.

**Etapa E** — Tratamento dos dados: Após a transcrição dos dados, deu-se início à etapa de tratamento dos dados. Primeiramente foram organizadas as informações pessoais dos entrevistados, o que possibilitou traçar os perfis individuais de cada grupo, descritos na seção 4.3. Após esta etapa, passou-se à seleção lexical nos dados recolhidos, o que consistiu em coletar do *corpus*, as respostas dos colaboradores a lexias relacionadas ao couro para formar o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro. Além dessas respostas, também foi dada atenção ao material lexical não sistematizado pelo questionário, mas que foi fornecido espontaneamente pelos colaboradores e que, de um modo ou de outro, relaciona-se com o couro e é, igualmente, fruto dos instrumentos de coleta. As respostas fornecidas pelos vaqueiros e pelos seleiros geraram discussões que foram fundamentais para dar suporte ao processo inicial de análise dos dados. Para análise de cada lexia, foi elaborada uma

planilha que permitiu visualizar as respostas, tomando-se os dois grupos de colaboradores como base para análise e adotando-se o seguinte código:

PNR – pergunta não realizada – Para os casos em que a pergunta não foi realizada.

RNO – Resposta não obtida – Para os casos em que o colaborador não respondeu.

Para elaboração dos resultados, o tratamento dos dados foi realizado em cinco etapas principais: i) observar o quadro comparativo entre o Questionário Semântico Lexical (QSL) elaborado nesta pesquisa e os questionários de quatro estudos anteriores, avaliando o ineditismo das questões e/ou a equivalência semântica entre elas; ii) realizar uma leitura comparativa entre o registro nas obras lexicográficas selecionadas como referência; iii) avaliar a existência da lexia no TLPGP e no Lexiss; iv) conduzir uma busca geolingüística, investigando o registro da lexia nos quatro Atlas Linguísticos escolhidos e v) comparar o tratamento dado à lexia pelos autores catalogados para a discussão.

Na tabulação dos dados, as variantes fônicas foram neutralizadas – a exemplo de “couro” e “côro” e as lexias flexionadas em gênero e ou número foram agrupadas em suas formas não flexionadas – a exemplo de luvas, que ficou luva.



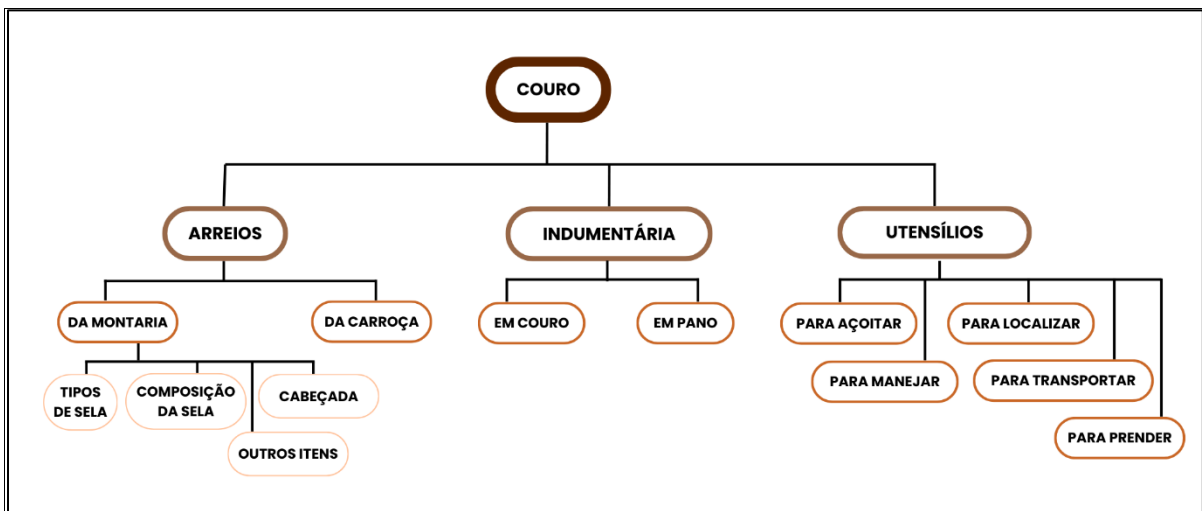
Algumas pessoas, quando veem uma palavra, pensam que a primeira coisa a fazer é defini-la. [...] Mas embora seja possível fazer isso de modo mais ou menos satisfatório [...]. O que importa nelas não é o significado mais adequado, mas a história e a complexidade dos significados: as alterações conscientes ou seus usos conscientemente diversos (Williams, 2011, p.90).

## 5 DOMA LEXICAL: CAMPO LÉXICO DO COURO NA CULTURA DO VAQUEIRO

Para a composição do léxico, selecionamos do material coletado as lexias que têm o couro como matéria-prima, estabelecendo uma relação direta entre esta cultura e o couro como um elemento de sua própria gênese. Foram registrados, a partir da aplicação das ferramentas de inquérito, um total de 437 itens lexicais peculiares à cultura do vaqueiro, dentre os quais 65 foram considerados neste estudo por serem identificados como pertencentes ao campo léxico do couro e serem parte do universo cultural dos entrevistados.

A Figura 20 a seguir ilustra a organização das lexias, cujo agrupamento se fundamenta na teoria dos campos lexicais proposta por Coseriu (1967 *apud* Geckeler, 1976):

Figura 20 - Campos lexicais do couro na cultura do vaqueiro



Fonte: Elaborado pela autora

Essas lexias estão estruturadas em macrocampos, cada um dividido em microcampos, e desses microcampos há um com subcampos. Assim, temos a seguinte estrutura: três macrocampos - indumentária, arreio e utensílio; os quais comportam oito microcampos – estar em couro, estar em pano, arreio da montaria, arreio da carroça, utensílio para transportar, utensílio para manejar, utensílio para localizar e utensílio para açoitar. O microcampo arreio da montaria se subdivide em quatro subcampos: cabeçada, composição da sela, tipos de sela e outros itens.

O Quadro 11 permite observar a organização completa, incluindo todas as 65 lexias do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro, oferecendo uma visão geral da divisão dos campos semânticos para este estudo.

Quadro 11 - Organização do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro

Macrocampos	Microcampos	Subcampos	Lexias documentadas
Indumentária	Estar em couro		chapéu de couro
			gibão
			guarda-peito
			calção
			perneira
			luva
	Estar em pano		sapato
			chapéu
			jaleco
			bota
Arreio	Arreio da montaria	Cabeçada	testeira
			cangoteira
			correia de segurança
			serigola
			correia de cabeção
			focinheira
			cabeção
			barbela
			estrovo
			rédea
		Composição da sela	capa de sela
			cabeçote
			coxim
			lua da sela
			guarda-cação
			correias de garupeira
			arção
			arção da frente

Macrocampos	Microcampos	Subcampos	Lexias documentadas
			prenda
			arção de trás
			loro
			guarda-loro
			cilha
			tope do estribo
			suador
			cheio da sela
		<b>Tipos de sela</b>	sela vaqueira
			vaqueirinha
			sela de pau
			sela mineira
			sela de pista
			sela australiana
	sela de banda		
	selinha de corrida		
	<b>Outros itens</b>	rabicho	
		pelego	
		peiteira	
		xaréu	
<b>Arreio da carroça</b>	tapa-olho		
	pescocinho		
	selinha		
	retranca		
<b>Utensílio</b>	<b>Para transportar</b>	careta	
		alforje	
		bainha	
		mala	
	<b>Para manejar</b>	arriador	

Macrocampos	Microcampos	Subcampos	Lexias documentadas
			buçal
			cabrana
			careta
			corda de laçar
			peia
	<b>Para localizar</b>		lato
	<b>Para açoitar</b>		taca

Fonte: Elaborado pela autora

As três primeiras colunas do quadro agrupam a divisão dos campos semânticos e a última coluna traz um exemplo de lexia extraído dos dados. Os espaços destacados na cor cinza correspondem a subcampos não contemplados com lexias pelas falas dos colaboradores, o que revela que não há uma uniformidade na composição dos campos léxicos, há campos com maior hierarquia, formando categorias até os subcampos e, outros com menos ramificações, não indo além do microcampo. A coluna 'exemplo de lexia' tem função meramente ilustrativa, sem pretensão de explorar todo o campo léxico.

## 5.1 O MACROCAMPO INDUMENTÁRIA E SEUS MICROCAMPOS

No macrocampo indumentária inserem-se todas as lexias que compõem o conjunto de peças em couro, utilizadas pelos vaqueiros como uniforme de trabalho.

Este macrocampo se divide em dois microcampos: **estar em couro** e **estar em pano**. O microcampo **estar em couro** é formado pelo conjunto de peças que o vaqueiro usa quando está completamente trajado com a indumentária. Em contrapartida, o microcampo **estar em pano** refere-se à vestimenta do vaqueiro quando ele não está utilizando seu uniforme completo de couro; nesse caso, o vaqueiro utiliza apenas três peças de couro, que são diferentes daquelas que compõem a indumentária. Na sequência, realizamos as análises dos microcampos separadamente.

### 5.1.1 O microcampo ‘estar em couro’

A composição desse microcampo se deu a partir das respostas dos colaboradores para duas perguntas. A pergunta 12 do QSL dos vaqueiros “o que significa um vaqueiro dizer que está em couro?” e a 20 “quando um vaqueiro está todo trajado, o que ele está usando?”. De acordo com as repostas dos colaboradores, **estar em couro** é uma forma de expressão que resume o uso da indumentária pelos vaqueiros.

A pergunta 20 foi validada por estudos anteriores, estando presente em Aguilera (2002), Peixoto (2007) e Nunes (2018), sendo que Nunes não questiona o que o vaqueiro utiliza, a autora já tem o uso da indumentaria como algo inerente ao vaqueiro, a pergunta é se ele trabalha “encourado”, expressão que é uma forma bastante usual de se referir ao vaqueiro quando ele **está em couro**.

Ao serem indagados sobre o significado de estar em couro as respostas giraram em torno de explicar que se trata do uniforme de couro utilizado pelo vaqueiro. As falas a seguir dão uma amostra do que significa para a comunidade **estar em couro**:

Exemplo 7 – Trechos das entrevistas 02 e 20 – estar em couro

(02)

INF. - Tá todo vestido de couro. Aí diz assim: **tá em côro**. Quando ele tá com a perneira, o gibão, o chapéu de couro... aí ele tá todo fardado, incorado.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

(20)

INF. - Incorado. Ta incorado, ele tá no terno, ele tá com o gibão, pra proteger os braços, as pernas, aí ele **tá in coro**. (S20C)

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semianalfabeto.

As falas apresentadas demonstram que a serventia da indumentária vai muito além da função meramente protetora ou de uniforme de trabalho. Trata-se de uma forte ligação com a identidade cultural, através da questão simbólica de atribuição de valor histórico para o uso do couro, como se o vaqueiro, quando **está em couro** tivesse mais mérito dentro da comunidade. Também há uma representação estética em que o ato de **estar em couro** pode deixá-los mais próximos da imagem idealizada do vaqueiro como se, ao **estar em couro**, ficasse bem vestido, digno de representar a profissão. De acordo com as falas dos colaboradores, percebemos além do uso prático, pela função protetora da indumentária, a utilização com valor cultural, o que

corroborar para ratificar o ideal simbólico que confere ao vaqueiro o status de representante legítimo da cultura.

Além da aplicabilidade utilitária e cultural, a revisão sistemática revelou ainda um uso histórico, que pode ser compreendido pelo episódio em que vaqueiros encourados formaram um batalhão na luta pela independência da Bahia (Madureira, 2015). De acordo com Goulart (1965), o recrutamento desses homens para enfrentar as tropas do General Madeira pode ter decorrido do processo de oficialização da vestimenta de couro como uniforme das Campanhias e Regimentos *da Cavalaria Auxiliar do Certam* e das *Ordenanças do Mato*.

Não há registro nos dicionários consultados da forma lexical **estar em couro**. Por extensão de sentido encontramos “encourar” em Silva (1789) no sentido de “ferrar de couro”. O TLPGP traz o registro da lexia “encouro” no Português Europeu, mas com acepção diferente daquela atribuída na comunidade. O Aulete (2011, 1948) menciona a forma adjetiva “encourado” referindo-se ao vaqueiro na acepção: “que se veste com roupas de couro, como os vaqueiro do sertão”.

Quanto à composição da indumentária analisada neste microcampo, encontram-se as peças citadas que formam a vestimenta do vaqueiro quando **está em couro**. De acordo com as respostas dos entrevistados, a indumentária é composta por sete itens a) chapéu de couro, b) gibão, c) guarda-peito, d) calção e) perneira, f) luva e g) sapato. Os itens estão ilustrados na figura 21<sup>74</sup> e são analisados individualmente ao longo do desenvolvimento desta seção.

---

<sup>74</sup> O calção não está representado na figura, sua ausência é abordada na análise desse item.

Figura 21 - Vaqueiro encourado



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Prado (2022).

Embora **estar em couro** não esteja dicionarizada, é uma lexia importante dentro do campo semântico, pois vai além de descrever a função prática da indumentária. Essa lexia caracteriza o vaqueiro, em seu saber fazer, refletindo a essência de sua identidade cultural. Ao se referirem ao vaqueiro e ao uso de seus couros, os entrevistados não se limitaram a enumerar as peças, eles revelaram uma rica variação semântica, que embora não esteja dentre os objetivos deste estudo, constitui um importante registro das diferentes formas de se referir ao vaqueiro usando sua indumentária: 'encourado', 'trajado', 'no terno', 'fardado', 'couro fechado'.

Conforme evidenciado nas falas dos colaboradores e na análise da lexia, o uso prático da vestimenta quando o vaqueiro **estar em couro** é inseparável do valor que legitima a figura do vaqueiro como representante máximo dessa cultura.

#### 5.1.1.1 *Chapéu de couro*

A lexia **chapéu de couro** denomina o chapéu usado pelos vaqueiros, um dos mais significativos emblemas da identidade cultural do vaqueiro. Trata-se de uma

peça confeccionada em couro, composta por correias para regular o comprimento; carapuça e abas em couro duplo, conforme ilustrado pela Figura 22.

Figura 22 - Chapéu de couro



Fonte: Carneiro (2023).

Esse item lexical é identificado como resposta tanto no questionário dirigido aos seleiros quanto no questionário voltado aos vaqueiros. Para os seleiros aparece como resposta de uma pergunta mais generalizada: “quando um vaqueiro está todo trajado, o que ele está usando?”<sup>75</sup>. Para os vaqueiros, foi formulada também a pergunta 9, mais específica: “O que o vaqueiro usa na cabeça?” Questão elaborada a partir do questionário Léxico do gado bovino do Município de Camapuã (MS), de Figueiredo e Aguilera (2002).

A forma usual entre os entrevistados é **chapéu de couro**, equivalente a maioria das respostas; mas também houve quem respondeu de modo mais genérico apenas ‘chapéu’, conforme atesta o Exemplo 08:

Exemplo 8 - Trecho das entrevistas 01 e 03 – chapéu de couro e chapéu

(01)

INQ. - Agora eu queria que o senhor falasse pra mim como é um vaqueiro todo trajado.

INF. - Todo trajado é assim.

INQ. - Ta usando o quê, fale aí.

INF. - Ele tá todo vestido de couro, o sapato, as esporas, a taca, o **chapéu de couro** aqui...hum... aí ele tá todo pronto.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(03)

<sup>75</sup> Através desta pergunta foram documentadas as respostas dos seleiros para todos as lexias do microcampo em couro.

INF. – Ele tem a calça, depois da calça ele vem veste o short, depois do short, as pernêra o vental aqui de couro e aí agora é a taca, as ispôra, o gibão, o **chapéu** e a perneira.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Chapéu é a forma registrada nas obras lexicográficas consultadas, a lexia complexa **chapéu de couro** não consta. Silva (1789) e Aulete (2011, 1948) fazem referência ao couro dentre os possíveis materiais para a confecção da peça, mas não há uma acepção para **chapéu de couro** ou para o contexto de uso dos vaqueiros. Nos Atlas Linguísticos consultados não encontramos nenhuma carta para o **chapéu de couro**, no TLPGP é um verbete sem menção ao tema do couro.

Goulart (1965 e 1966), embora faça um estudo cuidadoso do ciclo do couro e mencione muitos elementos deste campo léxico, não faz referência ao chapéu, uma ausência que é notada diante da riqueza de detalhes de sua obra.

Localizamos em Faria (1965) o registro do mesmo modo que os colaboradores dessa pesquisa denominam a peça de **chapéu de couro**. Faria (1965) descreve o **chapéu de couro** como um marcador social e geográfico, pois, segundo ele, o modo do vaqueiro quebrar a aba do chapéu servia como uma espécie de código para identificar a qual região o vaqueiro pertencia, transformando esse item em um símbolo cultural que comunicava pertencimento e origem.

O **chapéu de couro** é uma peça da indumentária que acompanha o vaqueiro por muito tempo e continua um item indispensável e versátil, servindo para outros fins além de proteger a cabeça do sol. Faria (1965) destaca que servia até mesmo para os vaqueiros beberem água; “nos campos longe de casa e na falta de uma caneca, afundam a carapuça e nela fazem despejar a água onde a bebem (Faria, 1965, p.26), reforçando a conexão dessa peça como representação simbólica da cultura do vaqueiro.

Dessa forma, a análise desse item, corroborada tanto pela fala dos colaboradores quanto pelos dados encontrados na literatura, em especial em Faria (1965), revela o quanto o **chapéu de couro** está solidificado nessa cultura muito além do que uma peça da indumentária, comportando um notável valor cultural simbólico.

### 5.1.1.2 Gibão

Vaqueiros e seleiros chegaram à lexia **gibão** (Figura 23) a partir questão 14 do questionário - “como é o nome do casaco de couro usado pelo vaqueiro para se proteger de espinhos e galhos na caatinga?”

Figura 23 - Gibão



Fonte: Carneiro (2023).

A triangulação de dados, por meio da análise comparativa entre os questionários, permitiu observar ausência de uma pergunta relacionada ao **gibão** nos instrumentos aplicados anteriormente e que serviram de base para esta pesquisa, embora tal lexia faça parte do escopo lexical daqueles trabalhos. Dessa forma, nota-se uma singularidade deste estudo ao destacar essa peça, que é uma das mais emblemáticas na cultura de identificação do vaqueiro. O **gibão**, enquanto parte constituinte da indumentária, extrapola os limites do utilitarismo e assume um papel cultural relevante, pois é uma peça que dialoga identitariamente com a representação daquilo que significa ser um vaqueiro, demonstrando grande valor simbólico, conforme se pode atestar através do depoimento do colaborador V10N, no Exemplo 09:

Exemplo 9 - Trecho da entrevista 10 – vestir gibão

INQ. – O senhor já trabalhô como vaqueiro nas roça dos outros?

INF. – Já, já. Já tangi gado, só nunca vesti **gibão**, mais pernera eu já vисти, né. Agora **gibão** eu nunca... o côro fechado é só pa.. pa...pa... vaquêro de qualidade.

INQ. – Ô... i o senhô num é de qualidade?

INF: – aí é pa D.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 10 — Colaborador: V10N, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

O Exemplo 9 revela que o vaqueiro coloca o **gibão** em alto patamar, como uma peça que não pode ser vestida por qualquer um e apenas os bons vaqueiros desfrutam da honra de usá-la. Ele próprio não se sente digno de usar essa marca simbólica da profissão, sugerindo o uso por um outro vaqueiro a quem ele considera merecedor de usar um **gibão**. Nesse exemplo, podemos perceber ainda que V10N se refere ao **gibão** como o “couro fechado” no sentido de classificar a indumentária. Para o colaborador, vestir a perneira não representa está em couro, mas vestir o **gibão** sim.

**Gibão** é uma lexia que não apresentou variante na comunidade, e a definição encontrada nas obras lexicográficas equivale ao sentido atribuído no contexto de fala: “casaco de couro usado por vaqueiros” (Aulete, 2011, 1948). Cunha (1994) traz a mesma acepção, esclarecendo a origem árabe e acrescenta uma remissão a “aljuba” um tipo de veste árabe.

Embora não tenha apresentado variante entre os colaboradores, encontramos variação na literatura. Os autores Faria (1969) e Goulart (1965) ao registrarem o **gibão** mencionam ‘vestia’ como um equivalente semântico. Essa lexia também está no registro no Português Europeu, no TLPGP, com sentido de casaco. Faria (1969, p. 27) ao descrever o **gibão** observa: “casaco de couro curtido usado pelos vaqueiros para campear. É também chamado de *véstea* ou *veste*”, lexia que Goulart (1965, p. 117) utiliza em sua definição: “o casaco da vestia de couro do sertanejo”.

Na pesquisa geolinguística realizada para este estudo, aparece apenas no estudo de Mendes (1992), no ponto 60 como uma variante de ‘jaleco’. No entanto, ‘jaleco’ e **gibão** na localidade investigada são duas lexias com valor semântico diferentes, cada uma designa uma peça específica. O **gibão** é um casaco de mangas compridas, enquanto o ‘jaleco’ - detalhado na seção 5.1.2, microcampo “em pano” - é um tipo de bolero, sem mangas.

A fala do colaborador V04F, no Exemplo 10, deixa claro a função do **gibão**:

Exemplo 10 -Trecho da entrevista 04 – função do gibão

INQ. – O que é o vaqueiro ta em couro?

INF. - Ele tá no terno, ele tá cum **gibão**, é o que protege os braço (...) (V04F)

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Dessa forma, a análise da lexia **gibão**, alinhada às fontes dicionarizadas confirma a estabilidade de seu significado, mas também contribui ao estabelecer a distinção semântica com ‘jaleco’.

### 5.1.1.3 Guarda-peito

A documentação da lexia **guarda-peito** se deu a partir da questão 16 do QSL “Como se chama uma espécie de proteção que o vaqueiro usa por baixo do gibão para proteger o peito?” trata-se de uma pergunta não catalogada nos questionários base, mas inspirada no questionário de Figueredo e Aguilera (2002). Resultou em uma forma diversificada de respostas incluindo quatro variantes: ‘guarda-peito’, ‘peitoral’, ‘jaleco’ e ‘aventail’. Entretanto, validamos a forma lexical **guarda-peito** por representar a menção mais contextualizada com os falantes e, portanto, mais usual na comunidade. As lexias ‘peitoral’ e ‘jaleco’, na comunidade em estudo, assumem também outro valor semântico e serão tratadas como itens lexicais separados.

A Figura 24 expõe um guarda-peito:

Figura 24 - Guarda-peito



Fonte: Carneiro (2023).

Conforme já mencionado, o objetivo desta pesquisa foi o de realizar um levantamento do campo léxico, e não o de buscar variantes. Entretanto, à medida que essas variantes surgiram foram incluídas na análise. Dentre as variantes arroladas para esta questão, ‘peitoral’ é uma forma que frequentemente concorre com **guarda-peito**. Nos instrumentos que serviram de base para esta análise, foi comum encontrar as lexias ‘peitoral’ e **guarda-peito** concorrendo entre si.

Nunes (2018) considera a variação uma questão diatópica e explica que, em outros lugares do país, o **guarda-peito** também é chamado de ‘peitoral’. Enquanto Peixoto (2007) aponta uma extensão semântica entre as formas, considerando que as duas peças são usadas para proteger o peito; segundo a autora, o **guarda-peito**

protege o peito do vaqueiro e o ‘peitoral’ protege o peito do cavalo; portanto os dois usos são empregados na comunidade investigada por Peixoto (2007) com essa carga semântica. No entanto, entre os nossos colaboradores trata-se de duas lexias com diferentes significados, de modo que a forma ‘peitoral’ está analisada no item 5.2, no Microcampo Arreio. A seguir, demonstrada pelo Exemplo 11, temos a forma **guarda-peito** em uso:

Exemplo 11 - Trecho das entrevistas 02 e 05 – guarda-peito

(V02C)

INQ. - E por baixo do gibão fica...

INF. - É o **guarda-peito**. Fica no seu peito aqui por dento, é... por dento pra protegê.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(V05N)

INQ. – E como é que se chama eh... a proteção que o vaqueiro usa por baixo do... do gibão pra proteger o peito?

INF. – É **guarda-peito**. Que é de cõro também. Na frente e nas costas. Trançado nas costas.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Os trechos acima são exemplos da fala de dois colaboradores da faixa etária III sobre o **guarda-peito**. É importante destacar que o colaborador V02C proferiu de forma imediata a resposta, antes mesmo que fosse concluída a formulação da pergunta, evidenciando o conhecimento prévio sobre a lexia. Da mesma forma, a resposta enfática de V05N reforça a resposta, explicando o material de que é feito e o modo de uso, demonstrando a familiaridade que os vaqueiros de maior idade têm com a lexia.

#### 5.1.1.4 Calção

Figura 25 - Calção



Fonte: Carneiro (2023).

A pergunta 19 “como se chama uma espécie de short que fica por baixo da perneira?” é mais uma questão sem equivalência com nenhum dos instrumentos que serviram de base para a análise dos dados. Não encontramos correspondência nos questionários, nem nos atlas linguísticos, sendo, portanto, mais uma questão inédita.

Ao analisar as respostas documentadas para a questão 19, observamos uma variação nas lexias, sendo que a variante **calção** se destacou como a mais produtiva, seguida da forma **short**; entretanto obtivemos respostas de colaboradores que conhecem a peça mas não sabem o nome, e também houve quem revelou não ter conhecimento sobre esse item da indumentária. Conforme o Exemplo 12 que atesta as falas dos colaboradores:

Exemplo 12 - Trecho das entrevistas 05, 11 e 02 - calção

(05)

INQ. – O vaqueiro usa o quê?

INF. – O vaqueiro... agora os arreio do vaqueiro: Sapato... sapato, **calção de côro**, perneira, guarda-peito, jaleque, gibão e chapéu de côro. O vaqueiro... o vaqueiro... (inint.) arriado, incorado é assim. Do cavalo ao vaqueiro.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(11)

INQ. – É o short que fica por baixo da perneira como é o nome?

INF. – É por que... as vezes... eu mesmo não uso calça de pano por baixo da...eu uso **short**. Eu uso **short** e visto a perneira por cima. É...

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(02)

INQ. – Como se chama aquele short o vaqueiro usa por baixo da perneira?

INF. – Esse shortinho eu **num tenho muito conhecimento**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Para dar continuidade à análise, averiguamos se os registros das lexias nos dicionários consultados para **calção** e **short** mencionam o couro, em alguma circunstância, como possível matéria-prima para esses itens. No entanto, não encontramos qualquer menção em nenhum deles. Também não foi identificada a peça **calção**, nem **short** na descrição da indumentária feita pelos autores selecionados para esta análise.

Encontramos a inclusão da lexia **calção** como peça da indumentária em dois autores que, a priori, não foram selecionados para esta etapa de análise dos dados, mas consideramos relevante incluí-los, uma vez que a perspectiva geográfica de seus trabalhos abarca a localidade de Riachão do Jacuípe. O **calção** está presente em

Boaventura, ao detalhar “os couros dos vaqueiros – calção, perneiras, gibão, guarda-peito, jaleco, luvas, chapéu” (Boaventura, 1989, p. 31) e em Benevides (2006) que faz um estudo sobre Riachão do Jacuípe e inclui o **calção** ao descrever o couro presente nas casas de fazenda e currais de gado, especialmente na vestimenta do vaqueiro.

A revisão de literatura nos leva a inferir a importância cultural e linguística do item **calção** para a indumentária do vaqueiro na localidade investigada, pois trata-se de uma peça que não é comum em outras regiões, já que não foi identificada na composição da indumentária feita por outros autores, haja vista a Figura 20 representada no início dessa seção, trata-se da fotografia de um vaqueiro usando um traje completo de couro que não inclui o **calção**. Além disso, as respostas dos colaboradores dão sinais que esse item da indumentária sofre uma possível fragilidade diante do desconhecimento de sua nomenclatura, mesmo entre aqueles que a reconhecem como componente dos couros do vaqueiro.

É importante destacar que a resposta **short** pode ter sido influenciada pela própria formulação da pergunta ou, ainda, por uma atualização lexical, já que no uso cotidiano da língua portuguesa, a lexia ‘short’ é mais comum do que **calção**. Outro ponto relevante é considerar a relação desse item lexical com o aspecto diacrônico da língua, uma vez que a forma **calção** se mostrou mais produtiva entre os colaboradores da faixa etária III, evidenciando a dinâmica diacrônica que relaciona a cultura e as preferências linguísticas ao longo do tempo.

#### 5.1.1.5 *Perneira*

Figura 26 - Perneira



Fonte: Carneiro (2023).

A pergunta 18 do questionário “Como é chamado aquele couro que o vaqueiro usa por cima da calça para proteger as pernas?” foi motivada a partir de um item do campo semântico “vestuário” no inquérito aplicado por Figueiredo e Aguilera (2002) e obteve dos colaboradores uma resposta sem variante: **perneira**. A seguir, podemos observar a lexia exemplificada no uso cotidiano, quando o vaqueiro explica como costuma sair para o campo:

Exemplo 13 - Trecho da entrevista 11 – perneira

INF. – É por que... as vezes... eu mesmo não uso calça de pano por baixo da...eu uso short. Eu uso short e visto a **perneira** por cima. Eu mesmo tenho uma **perneira**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O quadro comparativo entre os questionários revelou que esse item sofre variação diatópica, pois Chofard (2023) faz um registro da ‘tira’ ou ‘calça de couro’ usada em volta da cintura dos tropeiros como “tirador” que pode ser uma peça semelhante à perneira do vaqueiro nordestino, evidenciado que em outras regiões recebe outro nome.

A **perneira** é uma peça da indumentária tão basilar quanto o ‘gibão’. Mas podemos dizer que a **perneira** tem se mantido mais ativa que o ‘gibão’, uma vez que não corre risco de entrar em desuso porque acabou sendo remanejada junto com a cultura; e comumente vem sendo adaptada a outros contextos de uso e utilizada em outras esferas da cultura do vaqueiro, a exemplo da vaquejada, dos rodeios, das provas de tambor e até em eventos de moda, enquanto o ‘gibão’ continua sendo uma peça específica do vaqueiro nordestino em seu campo de trabalho.

Nos dicionários consultados, observamos que as acepções mais recentes pontuam o uso no Nordeste do Brasil, e se referem à mesma carga semântica utilizada pelos colaboradores: “calça de couro, bem ajustada ao corpo” (Houaiss, 2011), porém as obras publicadas em edições mais antigas a exemplo de Silva (1789) e Aulete (1948) trazem como acepção doença que acomete os bois. Uma edição mais recente de Aulete (2011) já traz como terceira acepção o sentido discutido aqui. Em relação aos Atlas Linguísticos, há uma menção à lexia **perneira** na carta 78 de Mendes (1992).

Faria (1965) apresenta duas modalidades de calça de couro – a **perneira** e os “guardas”. Segundo o autor, no litoral-agreste os “guardas”, calças de couro de bode curtido, substituem a **perneira**, sendo mais fácil de usar por serem menos apertadas

e mais curtas. Não encontramos outros registros, tampouco a *lexia* foi validada pelos colaboradores. Nunes (2018) cataloga a **perneira** como peça de couro utilizada para proteger as pernas do vaqueiro, Enquanto Goulart (1965) apresenta como uma espécie de bota.

#### 5.1.1.6 Luva

Figura 27 - Luva



Fonte: Carneiro (2023).

Não houve uma pergunta específica para a **luva**. A *lexia* referente a esta peça foi mencionada durante a elaboração da resposta para a pergunta 20 em que os colaboradores deveriam descrever um vaqueiro encourado. Entretanto, não foram todos que se lembraram de incluir a **luva** entre as peças da indumentária quando lhes foi solicitado que descrevesse um vaqueiro encourado. O Exemplo 14 reúne as duas situações mais recorrentes no registro da *lexia* **luva**, apresentando a fala de quem a incluiu e a fala de quem se esqueceu da peça:

Exemplo 14 - Trecho da entrevista 14 – luva

(14)

INQ. – Assim, tu faz tudo de couro, então, tu deve estar por dentro de um vaqueiro quando ele tá trajado, ele tá usando o quê?

INF. – Ah, quando tá trajado?

INQ. – Sim.

INF. – Chapéu de couro, gibão, jaleque, perneira, sapato vaqueiro, **luva**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(02)

INF. – Ó, primêramente, prum vaquêro bem trajado ele tem que ter um cavalo bom, né (risos)? E precisa da sela boa, espora, taca, a pernêra, o gibão, eh... a bota, o chapéu. Tudo isso o vaquêro precisa. E um cachorro campero (risos).

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Ao não incluir a **luva** dentre as peças que compõem a indumentária, o colaboradore V02C dá sinais das mudanças que vêm ocorrendo na cultura, sendo a

não utilização desse item no uso cotidiano uma característica dessas mudanças. A utilidade dessa peça no contexto das práticas culturais é proteger as mãos do vaqueiro da vegetação espinhosa da Caatinga, funcionando também como uma espécie de proteção para os trabalhos em que precisava segurar firmemente cordas e cabrestos na condução dos animais. Atualmente a Caatinga está em extinção e muitos dos trabalhos manuais mais pesados têm sido substituídos por novas técnicas de manuseio e formas de condução dos animais através de transporte automotivo; com isso a **luva** vai perdendo sua função utilitária. O vaqueiro não tem mais razão para colocar a **luva**; por isso é um item que foi tão pouco lembrado, principalmente dentre os mais jovens.

Na literatura de referência, apenas Faria (1969) inclui a **luva** em sua descrição do encouramento do vaqueiro, elaborando a seguinte apresentação: “costuradas em couro de bode curtido [...] abotoam-se em nó-de-rosa, na altura do lado interno da munheca, cobrindo o dorso e deixando nus os dedos e as palmas das mãos” (Faria, 1969, p. 29).

Os dicionários consultados registram a *lexia*, mas não a relacionam com o contexto que interessa a esta pesquisa. Silva (1789) a registra fazendo referência ao couro, porém também não a associa ao vaqueiro. No TLPGP há uma associação semântica ao campo de trabalho, porém do apicultor. De modo que a **luva** do vaqueiro não é citada em nenhuma das fontes lexicográficas e geolingüísticas consultadas.

#### 5.1.1.7 *Sapato*

Figura 28 - Sapato



Fonte: Carneiro (2023).

A pergunta 9 do QSL é equivalente à 165 de Figueiredo e Aguilera (2002), que indagam sobre o que é usado no pé do vaqueiro. Figueiredo e Aguilera (2002) levantaram como resposta “bota/botina”, na comunidade aqui analisada obtivemos a lexia **sapato**.

Exemplo 15 - Trecho da Entrevista 01 - sapato

INQ. - O que é que o vaqueiro usa no pé?

INF. - No pé?

INQ. - É.

INF. - **Sapato**.

INQ. É?

INF. É, já tem o **sapato** do vaqueiro, próprio, hoje em dia que os vaquêro num tá usano mais não, mas já tinha o próprio, o diferente de festa, dessas coisa... o **sapato** do vaqueiro.

INQ. - Num era bota?

INF. - Não, não.

INQ. - Era **sapato**

INF. - Ele era esporte. Feito de couro... bunito, tão andano de bota é hoje in dia.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Embora o depoimento do colaborador faça uma demarcação temporal que os vaqueiros não utilizam mais o **sapato** na atualidade, observamos que a utilização de **sapato** entre os vaqueiros aparenta não ser uma prática muito antiga, é relativamente recente e voltada para uma ocasião especial. Os registros mais antigos dão a entender que eles costumavam usar alpercatas (Faria, 1969) e o ‘tope do estribo’<sup>76</sup> fazia a função de proteger o pé. Koster (1942) ao descrever a indumentária de um vaqueiro no ano de 1810 testemunhou o uso de alpercatas em vez de **sapato**. Do mesmo modo, dois séculos depois, Chofard (2023), ao elaborar um questionário para o projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT), registra como cabeça da pergunta as formas “alpagata”, “alpercata” e “alparga” para a questão 31 sobre o calçado em que a sola é ajustada ao pé por meio de solas de couro.

A carta 81 de Mendes (1992) aponta “roló” como o **sapato** de couro usado pelos vaqueiros, uma forma desconhecida da comunidade pesquisada e não encontrada em outros autores. Quanto à pesquisa lexicográfica, nos dicionários consultados consta o verbete, mas em nenhum há menção ao **sapato** utilizado pelo vaqueiro.

Faria (1969) incorpora a lexia como parte da roupa de couro do vaqueiro, destacando que era manufaturado nas tendas dos seleiros, em couro de bode curtido.

<sup>76</sup> Lexia analisada no subcampo composição da sela, item 5.2.1.2 14.

Já Goulart inclui os “sapatos-de-vaqueiros, quando não as abertas sandálias-de-rabicho, para complementação da indumentária encourada” (Goulart, 1965, p. 66).

O **sapato** representa uma mudança na cultura que tem relação com o conteúdo lexical, havendo uma substituição de um item por outro, da “alpercata” para **sapato**. No entanto, as respostas dos colaboradores revelam que está em curso um processo com vista a acontecer uma nova substituição, dessa vez do **sapato** pela ‘bota’. Esse indicativo é revelado pela faixa etária, já aqueles que responderam ‘bota’ estão entre os mais jovens, ao passo que os colaboradores da faixa etária III responderam **sapato**.

### 5.1.2 O microcampo ‘estar em pano’

Pertencente ao campo semântico da indumentária, a questão 13 – “E quando não está usando os couros, como se diz que o vaqueiro está?” busca esclarecer o sentido atribuído à designação semântica **estar em pano**, que se apresenta como uma forma opositiva a ‘estar em couro’. Foi uma questão produtiva entre os vaqueiros; entre os seleiros a pergunta não foi direcionada, pois entendemos ser peculiar ao vaqueiro.

A triangulação de dados nesta etapa revelou o ineditismo não apenas da questão, mas da lexia em si, pois além de não haver pergunta equivalente nos questionários avaliados, também não encontramos a lexia nos autores utilizados como base. Todos eles investigaram apenas aspectos relacionados à indumentária completa do vaqueiro. Nos dicionários, localizamos ‘estar ao pano’ em Silva (1789), mas é uma acepção não voltada ao referente investigado.

Como discutido anteriormente, ‘estar em couro’ significa que o vaqueiro está trajado com suas vestimentas de couros. Por oposição, somos levados a inferir que **estar em pano** refere-se à circunstância quando o vaqueiro não está usando a roupa de couro. Essa inferência é corroborada pelas próprias palavras dos vaqueiros:

Exemplo 16 - Trecho da entrevista de 09 – estar em pano

INQ. – E quando o vaqueiro tá... ele, ele não tá em couro, ele tá como?

INF. – **Tá em pano**, né.

INQ. – E **tá em pano** significa tá como?

INF. – Eh... não... ele não tá encorado. Às vezes o... os mais velho tem um dizer: “Ah a gente vai buscar um gado ali brabo hoje. Mas a caatinga não é muito fechada, é capoeira **a gente vai em pano** mesmo.” O que queria dizer

que tá em pano? era uma de calça, jaleque, chapéu de couro e o sapato, só. Não precisava as perneira e o gibão.  
 Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Usar os couros mais do que uma proteção na Caatinga, também é demonstração de poder que hierarquiza os vaqueiros. Os encourados estão à frente dos homens que exerciam as atividades da vaqueirice **estando em pano**, pois esses costumavam atuar na função de ajudante, geralmente executando tarefas desafiadoras que os colocavam em situação de risco e grande vulnerabilidade por não contar com a proteção da indumentária, a qual atuava como um instrumento normativo, que marcava uma hierarquia interna definida. O relato do colaborador V03G ilustra a indumentária como esse marcador de identidade:

Exemplo 17 - Trecho da entrevista 03- vulnerabilidade sem os couros

INQ. – E quando ele não tá cum esses... por exemplo, se chamá ele pra fazer um trabalho e ele não tivé cum a rôpa, ele diz que... ele diz o quê?

INF. – **In pano**

INQ. – **Tá em pano?**

INF. – Sim, **ni pano**.

INQ. – E tu já saiu pra pegá boi im pano?

INF. – Hum.

INQ. – Só ia encorado era?

INF. – Si eu num tinha côro.

INQ. – Tu não tinha côro? Tu ia **im pano**.

INF. – Era, saía **im pano** mermo.

INQ. – Tu. E... tu sentia diferença dos outro vaquêro?

INF. – Sintia!

INQ. – Qual é a diferença?

INF. – A diferença é porque a gente... agora não que as catinga acabô agora, mas a gente sintia diferença porque eles num se relava (ralava) e a gente os calumbi lascava os braço tudo (inint.). Aí no Tanque Véi uma vez, aí Santinho inrabô e gritava cum eu “dá no boi, nego disgraçado!” Empurrou o cavalo, o cavalo cai dento de um (inint.) comigo... vortei pra trás, “num vô mais não. Vô mais não, vocês tá incorado. Sai daí, eu vô fazê que disgraça atrás de vocês?”.

INQ. – Ah, porque...

INF. – Eles tudo incorado e eu na frente, **ni pano**, pra levá um diabo de um ferrão.

INQ. – É, intendi.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Através do depoimento, percebemos que vestir os couros não era apenas uma questão de proteção, representava também ser reconhecido pelo grupo como vaqueiro. **Estar em pano** podia também funcionar como um mecanismo de controle, em que os papéis desempenhados pelos vaqueiros dentro do grupo se relacionavam

com a indumentária utilizada por eles. É possível identificar através desse relato uma dimensão implícita que extrapola as relações de poder dentro do grupo. O colaborador V03G ao ser colocado na linha de frente, sem a proteção da indumentária, vivenciava uma fragilidade que ia além da questão técnica de **estar em pano** ou **estar em couro**. Tal situação demonstra que o vaqueiro **em pano**, designado para essa função, tipicamente retrata o racismo estrutural da sociedade brasileira, já que se trata de um homem negro que ficava à frente, como escudo, estando exposto aos maiores riscos do ambiente, funcionando como uma proteção para os outros homens que estavam encourados e só chegavam depois, além de evidenciar a questão do poder aquisitivo, já que 'estar encourado' custava muito caro.

**Estar em pano** significa, estar sem a indumentaria completa. A inclusão desse termo no campo léxico se justifica pela forte relação do vaqueiro com o couro, pois mesmo quando **está em pano**, o couro continua sendo um elemento presente em sua lida. Através da Figura 29, é possível verificar a caracterização de um vaqueiro quando **está em pano**:

Figura 29 - Vaqueiro em pano



Fonte: Figueredo (2023).

A Figura 29 evidencia que **estar em pano** não significa ausência total de couro, há elementos de couro que são utilizados quando o vaqueiro não está encourado. O couro continua presente em elementos essenciais como o ‘chapéu’, o ‘jaleco’ e a ‘bota’. Realizamos, a seguir, a análise dessas três peças que compõem o microcampo **estar em panos**. Salientamos que não houve a elaboração de uma pergunta específica para tais lexias, elas são produtos de conversação livre a partir da entrevista semiestruturada.

### 5.1.2.1 *Chapéu*

O levantamento da lexia **chapéu** é resultado das conversas com os vaqueiros, buscando compreender quais itens compõem o microcampo ‘estar em pano’. Ao explicar a composição desse microcampo, compreendemos que os vaqueiros se referiam a modelos de chapéus que podiam ser uma variação do tradicional ‘chapéu de couro’, analisado no microcampo **estar em couro**, incluindo outros modelos que podem ser utilizados em diferentes contextos dentro da perspectiva da cultura do vaqueiro. É importante notar que os colaboradores foram categóricos ao incluir o **chapéu** como elemento essencial na caracterização do vaqueiro que, estando ‘em couro’ usa sempre o ‘chapéu de couro’, mas quando ‘está em pano’, não há um **chapéu** definido. Quando questionado sobre qual **chapéu** se usa quando se ‘está em pano’, o colaborador V06P explicou que não havia um modelo específico, e que, entre os mais jovens, é comum observar a substituição do **chapéu** pelo boné:

Exemplo 18 - Trecho da entrevista 06- chapéu/boné

INQ. – E quando não tá usando essa farda? Ele diz que ele tá como?

INF. – Só tá no caso com o chapéu, o jaleque. Aí tá im pano. Em pano também.

INQ. – Tá em pano né?

INF. – (inint.) É.

INQ. – Que chapéu é esse que usa quando ta em pano?

INF. – Qualquer **chapéu**. De baeta, de paia, até aquela cuiazinha. A garotada hoje só quer o **boné**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 06 — Colaborador: V06P, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

A fala do colaborador aponta as dinâmicas de mudanças que afetam a cultura, como a substituição de elementos tradicionais de couro por outros de materiais diversos. Como se observa, quando o vaqueiro está em pano, há uma liberdade na

composição da vestimenta que inclui a possibilidade de variados modelos de chapéus; pelas palavras do colaborador V06P, pudemos registrar: ‘chapéu de baeta’, ‘chapéu de palha’, ‘boné’ e ‘cuiinha’. A variedade de chapéus mencionada reflete as preferências de vestuário entre as gerações, sendo que o boné e a cuiinha são os modelos utilizados pela faixa etária mais jovem. O modelo ‘cuiinha’, por exemplo, reflete as mudanças pelas quais têm passado a cultura; ao mesmo tempo que representa modernidade caracterizando-se como uma peça de couro prática e bastante popular, representa também desconexão com as tradições mais antigas.

O item lexical **cuiinha** é forma diminutiva de cuiá que tem sido utilizada pelos vaqueiros para se referir ao ‘chapéu de couro’, com forma semelhante à de uma cuiá, diferenciando-se do chapéu típico do vaqueiro pelo tamanho, pelo tipo de couro utilizado e pela técnica de produção. Essa denominação foi documentada na pergunta 11: “Como é chamado aquele chapeuzinho pequeno feito de couro, redondinho?”. Por meio da Figura 30 podemos observar características como a aba bastante curta e o formato que lembra o de uma cuiá, com um couro que forma uma estrutura bem rígida, o que, possivelmente, explica a motivação semântica para sua nomenclatura. Enquanto o ‘chapéu de couro’ tem abas maiores e é bastante flexível:

Figura 30 - Cuiinha



Fonte: Carneiro (2023).

Na triangulação dos dados, o **chapéu cuiinha**, não foi localizado como um item documentado por nenhum dos instrumentos utilizados como referência para esta análise, seja a pesquisa geolingüística ou a revisão de literatura. Os dicionários consultados também não fazem registro de **cuiinha** no sentido que tem sido utilizado na comunidade, bem como não há uma pergunta que motive a resposta cuiinha nos questionários semânticos base, revelando-se mais uma lexia inédita deste estudo.

Embora venha ganhando adeptos na comunidade investigada e tornando-se bastante popular, esse modelo de chapéu não tem o reconhecimento de toda a classe vaqueira, conforme atesta a fala do colaborador V07C:

## Exemplo 19 - Trecho da entrevista 07 - cuinha

INQ. - Eh... tem um chapéu de couro assim que é ele é bem pequenininho assim, né? Que usa na cabeça. É feito de côro, redondinho. Como é o nome desse chapéu?

INF. - Oxi, oxi .... Mas ali não é de vaqueiro.

INQ. - Ah.

INF. - Chapéu de vaqueiro tem que ter um uma barbela pra trás e o outra aqui na frente. Aquelas cuinha ali é... é improvisada, o povo que inventa.

INQ. - Ah.

INF. - Mas chapéu de vaqueiro mesmo não é aquele não.

INQ. - Não é aquele, né? Aquele ali? aquela cuinha como é o nome daquele ali?

INF. - Eu sei lá como é o nome daquilo. Eu sei mesmo que chapéu de vaquero não é aquele.

INQ. - É chapéu de vaqueiro, né? O que tem a barbela, o que tem aquela (inint.)...

INF. - Redondinho, uma barbela aqui e outra atrás que é pra não cair na hora de sair, do serviço.

INQ. - Hum.

INF. - Aí é chapéu de vaquero, igual aquelas cuinha que tem na rua, assim?.

Aham. Aquilo é de enfeite que o povo inventou.

INQ. - Sim, entendi!

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 07 — Colaborador: V07C, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

A fala de V07C revela que a distinção entre o ‘chapéu de couro’ e os outros modelos é significativa no sentido de reforçar esse tipo como uma peça que marca a identidade do vaqueiro. Percebe-se também na fala do colaborador uma tendência em desvalorização relacionada a outras versões de chapéus, ditas por ele como improvisadas, pois elas refletem mudanças que podem atingir a secular composição da indumentária do vaqueiro. As diferenças entre os dois tipos de chapéu podem ser observadas na Figura 31:

Figura 31 - Chapéu de couro e cuinha



Fonte: Carneiro (2023).

Ainda de acordo com a argumentação e V07C, a menção feita por ele à ‘barbela’, a fita de couro que segura o chapéu na cabeça é um elemento importante para caracterizar o ‘chapéu do vaqueiro’, pois é uma das formas de diferenciá-lo do modelo **cuinha**, já que a barbela do “chapéu de couro” tem um comprimento de aproximadamente 30 cm, enquanto a barbela do ‘cuinha’ fica rente ao queixo, com pouca possibilidade de ajuste. O modo como o colaborador se mostra apegado a uma forma de chapéu específica para identificar o vaqueiro e como as gerações mais jovens vêm se adaptando ao uso do modelo **cuinha**, nos leva a refletir como as lexias são carregadas de significados culturais e como as práticas evoluem e se adaptam às transformações sociais.

### 5.1.2.2 *Jaleco*

A lexia **jaleco** possui a variante fonética ‘jaleque, fortemente utilizada na comunidade, representando a totalidade das respostas obtidas para a pergunta 17 do questionário semântico-lexical: “Como é chamada uma espécie de camisa de couro sem mangas e aberta na frente que o vaqueiro usa no dia a dia?”

#### Exemplo 20 - Trecho da entrevista 03 - jaleco

INQ. – Esse jaleco seria assim uma espécie de uma camisa de côro, sem manga, né? Como seria o jaleco? Fala aí pra mim, descreve aí pra mim o...

INF. – O **jaleque**? O **jaleque** ele é que nem uma camisa de manga pra protegê os braço, protege as costa, protege os abdômi (abdômen).

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A Figura 32 nos permite observar o **jaleco**:

Figura 32 - Jaleco



Fonte: Carneiro (2023).

O **jaleco** é uma peça familiar e significativa para os vaqueiros da pesquisa, por oferecer versatilidade e certa proteção ao vaqueiro durante suas atividades diárias, cobrindo as costas e o peito, sem fechar tanto quanto o ‘gibão’, que pode ser muito quente para o clima local. Além disso, a ausência de caatinga fechada que justifique o uso do ‘gibão’, torna o **jaleco** uma alternativa viável para a lida do vaqueiro, suprimindo a necessidade cotidiana.

A análise revelou que a pergunta sobre o **jaleco** não havia sido aplicada pelos questionários que serviram de base, mas a lexia foi registrada por outros trabalhos. em Mendes (1992) a carta 75 buscou as variantes para: “Espécie de casaco de couros sem mangas, bolero, usado pelos vaqueiros”, dentre as variantes registradas está a forma **jaleco**, também registrada por Peixoto (2007) como uma das peças da indumentária. Cunha (1994) apresenta a estrutura etimológica partindo do turco *ielék* até o espanhol *jaleco* e Houaiss (2011) traz a mesma definição, consoante a que a lexia tem na comunidade em estudo, como casaco curto, geralmente de couro, usado pelos vaqueiros.

Queiroz (1987, apud Peixoto, 2007) apresenta a variante ‘jaleque’ como uma forma usual em Cícero Dantas, localidade há cerca de 180 quilômetros de Riachão do Jacuípe: “uma oração dentro da algibeira do jaleque”. O registro dessa variante não foi localizado nos outros autores e observar o uso da mesma variante, proveniente de região geográfica próxima à localidade estudada, considerando-se a extensão territorial do Brasil, evidencia o quanto as escolhas lexicais refletem identidades regionais.

### 5.1.2.3 Bota

Figura 33 - Bota



Fonte: Carneiro (2023).

O levantamento da lexia **bota** se deu a partir da pesquisa de campo. Embora não tenha sido formulada uma pergunta específica sobre ela no questionário

semântico, sua relevância se mostrou tanto no diálogo com os vaqueiros, quanto na observação participante. Isso se deve ao fato de que os colaboradores trabalham usando **bota** cotidianamente.

As botas, assim como o chapéu, têm um simbolismo em relação à identidade do vaqueiro. É uma peça que costuma ser associada diretamente à profissão. Para o senso comum, apenas alguma caracterização com trajes de couro e já se associa alguém à profissão de vaqueiro, mas ser vaqueiro para os colaboradores é muito mais do que usar **bota** e **chapéu**, conforme se pode observar:

Exemplo 21 - Trecho da entrevista 02 – ser vaqueiro/bota

INF. – Sê vaquêro é dá conta da luta do gado (risos). Sê vaquêro num é... às vezes tem gente que confunde botá uma **bota**, chapéu, aí fala: “eu sô vaquêro”. Num é. Sê vaquêro é, na minha opinião, é vê um boi intrá den’do mato e tê a obrigação de intrá com o cavalo e tirá de lá, né. Vê uma vaca pegano, caí pra dentro (risos) e botá den’do curral, tirá o leite. Isso pra mim que é sê vaquêro.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02E, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

A fala do colaborador deixa evidente que ser vaqueiro vai além de usar uma bota, tem relação com uma identificação na própria formação da personalidade, muito além do uso de acessórios relacionados à profissão.

Nunes (2018) inclui a lexia botas no microcampo indumentárias como “calçado de couro mais resistente que substitui as chinelas no traje de couro do vaqueiro”. A designação de Nunes associa o uso da **bota** à indumentária, sugerindo que o vaqueiro as utilizaria quando **está em couro**, o que, na atualidade, ocorre apenas em situações especiais. No entanto, o que se observou neste estudo é que a bota é, frequentemente, utilizada no dia a dia do vaqueiro de Riachão do Jacuípe, mesmo quando seu traje está à vontade e ele escolhe usar short em vez de calças. A **bota** ainda permanece como parte essencial do vestuário, mesmo nas situações em que o vaqueiro substitui o cavalo pela moto na realização de tarefas diárias, ele calça a **bota** para apartar gado enquanto pilota a moto.

Nos dicionários consultados, encontramos alguns dados no registro da lexia **bota** e fizemos algumas observações: Aulete (2011, 1948) menciona o uso do couro como matéria prima na confecção da bota, o que destaca a importância desse material para a cultura do vaqueiro; Cunha (1994) associa o uso da bota, predominantemente, aos homens, reforçando a aproximação histórica dessa profissão com o gênero

masculino; Houaiss (2011) traz uma designação próxima do sentido adotado na comunidade investigada: um calçado usado para montar a cavalo. Um registro que demonstra como léxico e aspectos culturais estão interligados.

## 5.2 O MACROCAMPO ARREIO, MICROCAMPOS E SUBCAMPOS

As lexias que compõem o macrocampo arreios foram documentadas a partir do campo semântico Instrumentos. O macrocampo foi elaborado com base nas respostas obtidas para as perguntas 21 e 24 do questionário. A pergunta 21 - “Quais são os instrumentos usados pelo vaqueiro durante a montaria? E como se chama esse conjunto de instrumentos?” e a pergunta 24- “O que são arreios? O senhor pode descrever todas as peças, uma por uma? Quais são as partes que compõem os arreios? Os arreios são os mesmos para qualquer animal ou tem diferença se é para uma mula, um cavalo ou outro animal? Se tiver, quais são as diferenças?” Deram as bases para elaboração do macrocampo **arreio** e dos microcampos - **arreio da montaria** e **arreio da carroça**. Cada um deles foi analisado sequencialmente.

**Arreio** é uma lexia presente em quase todo o material que serviu de base para esta análise, não foi localizada apenas em Peixoto (2007). O sentido atribuído pelos dicionários Aulete (2011, 1948) e Houaiss (2011) para a lexia é o mesmo empregado pela comunidade: “conjunto de peças com que se prepara a cavalgadura para a montaria”. Em relação aos questionários, encontramos equivalência na pergunta 19 aplicada por Chofard (2023) a respeito do conjunto de peças da montaria. Embora a pergunta seja equivalente, há divergência nas repostas. A forma esperada naquele estudo foi “tralha”, o que não é uma lexia usual entre os colaboradores desta pesquisa. Entretanto, Chofard (2023) registra ‘apero’, arreio’ e ‘encilha’ como variantes produtivas. Assim, percebemos que **arreio** está presente também em Chofard (2023).

A pesquisa geolingüística revelou cinco cartas do estudo de Mendes (1992) dedicadas às peças do arreio do cavalo; são elas: cartas 36, 37, 38, 39 e 40. Para as quais surgiram respostas dentro do aspecto linguístico da variação que contemplam elementos do **arreio** presente nesse estudo.

A lexia arreio não apresentou variantes no repertório da comunidade investigada, entretanto localizamos em Goulart (1965) o registro das formas “recado” e “apero” e em Chofard (2023), as formas já mencionadas.

O **arreio** é composto por peças confeccionadas em couro e em metal, as duas matérias-primas principais utilizadas na confecção dos itens do arreio que são denominadas encouramento e ferragens, respectivamente. Exemplos de elementos da ferragem são os itens metálicos que integram a parte do **arreio**, e incluem ‘estribo’, ‘espora’ e ‘cabeção’. Neste estudo, nos interessam somente as peças confeccionadas em couro, enquanto as peças de metal foram observadas apenas no contexto de complementação das partes em couro, sendo mencionadas quando necessário para contextualizar a análise.

O **arreio** é um conjunto de itens utilizados de acordo com a finalidade específica de cada item, abrangendo diferentes tipos como o **arreio** para equipar o animal para montaria, o **arreio** para condução de carga, o **arreio** para o trabalho com o campo, entre outros. Aqui, o foco foi o **arreio** para a montaria e aquele utilizado na composição da carroça. A escolha por estes dois tipos de **arreio** justifica-se pelo fato de que o vaqueiro, frequentemente, trabalha montado, necessitando do arreio de montaria e também porque o seleiro em Riachão do Jacuípe se dedica à confecção do arreio de carroça.

### 5.2.1 O microcampo ‘arreio da montaria’

O microcampo **arreio da montaria** se originou a partir das peças utilizadas para equipar os animais, as quais formam uma espécie de indumentária para eles. O conjunto dessas peças possibilita ao vaqueiro exercer controle sobre os animais, permitindo que sejam utilizados a seu serviço. Além disso, o arreio oferece proteção ao animal, evitando que se machuquem enquanto atendem às necessidades do homem.

Nesta pesquisa, focamos em uma divisão que considera três divisões no corpo do animal para a composição do arreio que paramenta a montaria do vaqueiro: a cabeça, o corpo e a anca. Assim, esse microcampo se constitui de três lexias que denominam as partes principais do arreio: **cabeçada**, usada na cabeça do animal, a **sela** usada no corpo e o **rabicho** usada na anca. A análise da sela, foi dividida em duas partes: 1) composição da sela vaqueira e 2) tipos de sela.

### 5.2.1.1 Subcampo: cabeçada

A lexia **cabeçada** surgiu como uma resposta a um desmembramento da pergunta 21 sobre as partes que compõem o arreio. A lexia **cabeçada** é a designação para um conjunto de tiras de couro entrelaçadas e ajustáveis por fivelas de metal que são ajustadas e colocadas na cabeça da montaria para darem suporte ao vaqueiro no controle e condução do animal. Há vários modelos de **cabeçada**, com uma tendência na atualidade a serem cada vez mais leves e confortáveis para os animais, produzidas a partir de materiais diversos, como os sintéticos. Para esse estudo focamos na **cabeçada** da sela vaqueira, conforme representada na Figura 34:

Figura 34 - Cabeçada da sela vaqueira



Fonte: Freitas (2024).

A Figura 34 ilustra uma **cabeçada** de sela vaqueira composta por 10 partes as quais compõem este subcampo: 1) testeira, 2) cangoteira 3) correia de segurança, 4) serigola, 5) correia de cabeção, 6) focinheira, 7) cabeção, 8) barbela, 9) estrovo 10) rédea. Todas essas peças foram validadas pelos colaboradores e, de acordo com eles próprios, estes itens são conectadas e funcionam de forma harmônica na constituição da **cabeçada da sela vaqueira**, uma peça importante do arreamento do

vaqueiro e que hoje em dia, assim como a sela vaqueira, tem entrado em desuso. A fala do colaborador é reveladora nesse sentido:

Exemplo 22 – Trecho da entrevista 02 – desuso da cabeçada

INF. – Aí agora eu dei uma voltada no tempo. Que chega que deu aquela emoção! Quando você uma **cabeçada** dessa aí... lembra as coisas, as cultura, como vai acabano. Hoje praticamente a gente só vê isso mermo ni festa de vaqueiro... essa cultura tá acabano, cada vez mais enfraqueceno. Hoje o pessoal para montar num cavalo com uma cabeçada dessa aí mesmo (refere-se à cabeçada da sela vaqueira) só em festa de vaqueiro, e só mermo aqueles vaqueiro encorado.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

De acordo com o colaborador V02E, a cabeçada da sela vaqueira tem se tornado cada vez mais rara. Podemos inferir a partir dessa fala que este tipo de **cabeçada** não é mais utilizado no cotidiano dos vaqueiros, ficando relegada a um uso cultural pelos vaqueiros encourados durante apresentações em festividades.

A lexia **cabeçada** se mostrou bastante produtiva estando presente em todo o material consultado, exceto Cardoso e Ferreira (2000). Nos dicionários consultados, a acepção é equivalente ao sentido construído na comunidade. O registro de Houaiss (2011) é de 1852 “conjunto de tiras de couro e/ou peças de metal que se coloca em torno da cabeça e do focinho dos cavalos e cavalgaduras”. Cunha (1994) faz uma remissão a partir do verbete cabeça, registrando o século XVII como a provável data para a primeira ocorrência da lexia no Brasil. A seguir, tem-se a análise das lexias que compõem a cabeçada, enumeradas de acordo à Figura 33 com o intuito de facilitar a compreensão:

#### 5.2.1.1.1 Testeira

A lexia **testeira** é usada para designar uma tira de couro de aproximadamente 10 cm de espessura e 30 cm de comprimento que envolve a testa do animal, afivelando-se lateralmente às ‘correias de segurança’ e à ‘cangoteira’ para compor a ‘cabeçada’. É uma das lexias que compõem a carta 40 em Mendes (1992) “Outras peças do arreio do cavalo”. Neste estudo, a lexia faz parte do vocabulário corrente dos vaqueiros, sendo lembrada até mesmo pelos colaboradores mais jovens que costumam ser menos detalhistas nas descrições, conforme o exemplo:

## Exemplo 23 – Trecho da entrevista 02 – testeira

INQ. – Agora fala ai as partes da cabeçada:

INF. – É. tem a **testeira**, as correa do cabeção, o barbicacho. Essas parte tudo ai.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

O registro da lexia **testeira** nos dicionários consultados segue o contexto semântico atribuído pelos colaboradores, conforme o exemplo: “a parte da frente dois arreios” (Aulete, 1948). Silva (1789) faz uma referência ao contexto de guerra ao definir como “armadura da testa dos cavalos”, enquanto as versões mais atualizadas, referem-se como “a parte da cabeçada que circunda a testa da cavalgada” (Aulete, 2011). Na mesma linha semântica, está o registro no TLPGP, do português europeu, como parte do cabresto que cinge a cabeça da cavalgada.

## 5.2.1.1.2 Cangoteira

A lexia **cangoteira** não foi localizada como possível resposta nos questionários analisados, nem nos atlas linguísticos consultados. Nos dicionários, localizamos uma entrada apenas, e com acepção um pouco divergente ao item aqui investigado, Houaiss (2011) se refere à **cangoteira** como uma peça de chapéu de vaqueiro, entretanto os colaboradores enquadraram esta lexia como componente da ‘cabeçada’. Conforme o depoimento de V01C:

## Exemplo 24 – Trecho da entrevista 02 – cangoteira

INQ. - O senhor me fala ai como é a cabeçada? Ela tem uma parte que ... o povo chama cangoteira...

INF. - Ali é uma... é umas correa de coro, tudo é de couro, como a senhora sabe... ai agora...que passa assim por detrás do cangote o nome ja chama cangotera porque pega no cangote do animal.

Fonte: Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Pela fala do colaborador fica evidente que a **cangoteira** refere-se a uma correia que passa pela nuca do animal, afivelada de uma ponta a outra da ‘cabeçada’. Em relação aos autores consultados, a lexia está presente apenas em Faria (1969) que ao descrever a ‘cabeçada’ inclui a **cangoteira** como uma peça que circunda a nuca do animal, trazendo uma definição próxima do emprego observado em Riachão do Jacuípe.

### 5.2.1.1.3 Correia de segurança

A forma lexical **correia de segurança** denomina a peça dupla, formada por duas tiras de couro reguláveis, uma em cada lado da cabeça, afiveladas na parte superior às laterais da testeira e na parte inferior, fica presa nas laterais da ‘focinheira’. Sua função é dar sustentação à ‘cabeçada’, conforme o colaborador V09P:

Exemplo 25 – Trecho da entrevista 09 – correia de segurança

INQ. – E fala outras partes aí da cabeçada:

INF. – Tem a... eu conheço como testeira... é cinta do cabeção é cumprida no meio da cara e do lado é as **correia de segurança**, é quem segura a cabeçada e o cabeção. Eu conheço assim, agora tem gente que conhece de outro jeito, viu?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Como não foi localizada a lexia composta **correia de segurança**, procedemos, então, primeiramente à análise do lema ‘correia<sup>77</sup>’ que foi localizado em larga escala na literatura de apoio a esta análise. Para ‘correia’ Moraes (1789) indica o uso da tira de couro para prender, atar ou para cingir o corpo; Cunha (1994) mantém a acepção de Moraes, mas não mais associada ao corpo, e atribui origem latina ao verbete *corrígia*. Os dicionários da atualidade registram a forma ‘correia’ dentro do mesmo aspecto semântico atribuído pelos colaboradores: “cada uma das peças usadas no arreamento do cavalo” (Houaiss, 2011); “cada uma das tiras do arreio de uma cavalgadura” (Aulete, 2011), mas em nenhuma dessas obras há o verbete em sua forma composta **correia de segurança**.

O TLPGP registra a entrada para correia com menção ao couro, mas associada a outro campo semântico. Nos autores referenciados para análise, encontramos a lexia ‘correia’ em dois deles e em ambos também é atribuído significado diferente do sentido dado pela comunidade. Em Goulart (1965) equivale a um instrumento de castigo e em Nunes (2018) corresponde a um instrumento para sustentar em pé os

<sup>77</sup> “Correia” se constitui como lema de várias lexias compostas no campo léxico do couro na cultura do vaqueiro. As correias de couro são itens versáteis que formam parte de diferentes peças a exemplo dos loros, da correia de cabeção e as correias de garupeira. Tão importante é a importância das correias que Goulart (1965) inclui o corrieiro entre os trabalhadores do couro, como profissionais que trabalhavam especificamente com as correias. Neste estudo, as lexias compostas em que “correia” ou a forma plural ‘correias’ é parte integrante não estão registradas nas obras referenciadas. De modo que a análise da lexia ‘correia’ é esta aqui, contida em correias de segurança para todas as demais lexias que sejam formadas pelas lexias correia(s) e outra lexia.

animais caídos. Entretanto, os dois autores se referem às correias ao longo do texto dando o mesmo sentido que encontramos na localidade investigada.

Em relação à busca nas obras geolinguísticas que serviram para análise também não encontramos a lexia complexa **correia de segurança**, nem o lema ‘correia’ como referência de carta linguística.

#### 5.2.1.1.4 Serigola

**Serigola** foi a lexia documentada para denominar uma tira de couro fixada na lateral direita da ‘correia de cabeçada’, sendo presa de um lado e ajustada por uma fivela do outro, sua função é prender a ‘cabeçada’ no maxilar do animal. Não houve uma pergunta específica, a lexia surgiu na conversa com os colaboradores que a incluíram dentre as partes que compõem a cabeçada, conforme a fala de S20C:

Exemplo 26 – Trecho da entrevista 20 – serigola

INQ. – Eu queria falar um pouco da cabeçada. Assim das parte...

INF. – Nunca fiz, mas já neguciei. Ja neguciei muito e ja consertei.

INQ. – Pro senhor falar pra mim as partes da cabeçada.

INF. – É testeira, é gangoteira, é... é... focinheira é **serigola**...

INQ. – Serigola.... esse nome aí eu nunca ouvi. Serigola, hem?

INF. – É que ajusta assim... pega de um lado a ota assim e abutoa pra segurar a cabeçada, a **serigola**....

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semianalfabeto.

Faria (1969) inclui **serigola** em sua descrição da cabeçada, apresentando o ‘barbicacho’ como uma variante dessa lexia, a qual também foi mencionada pelos colaboradores, que citaram ‘barbicacho’ como outra forma de se referir à serigola, conforme explica V09P ao descrever a cabeçada:

Exemplo 27 – Trecho da entrevista 09 – barbicacho

INF. – Tudo igual. É... tem essa parte que passa debaixo do... da garganta tem esse nome de **barbicacho** também.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Em Mendes (1992), na carta 40, intitulada ‘outras peças do arreio do cavalo’, a lexia **serigola** figura entre outras cinco, sendo mencionada nos pontos 51 e 62. Aulete (1948) registra **serigola** como regionalismo pernambucano, definindo-a como a “correia fina das cabeçadas que passa pelo pescoço das cavalgadas”. No entanto,

a versão atualizada desse dicionário não inclui mais esse registro. Por outro lado, o verbete correspondente ainda é encontrado na versão atualizada de Houaiss (2011), mantendo o mesmo valor semântico que foi apresentado por Aulete em 1948.

#### 5.2.1.1.5 Correia de cabeção

A lexia **correia de cabeção** é a denominação dada a uma peça de couro que conecta a ‘testeira’ e a ‘focinheira’ ao ‘cabeção’. Fica centralizada no meio da cara do animal, em posição vertical, podendo ser ajustada por uma fivela. Não há o verbete nos dicionários consultados para a lexia complexa, encontramos apenas a lexia ‘correia’ que foi analisada no item anterior. Na comunidade, a lexia apresentou a variante ‘cinta do cabeção’, conforme o exemplo 28:

##### Exemplo 28 – Trecho da entrevista 09 – cinta do cabeção

NF. – A **cinta do cabeção** é cumprida no meio da cara e do lado é as correia de segurança, é quem segura a cabeçada e o cabeção. Eu conheço assim, agora tem gente que conhece de outro jeito, viu?!

INQ. – Pera aí... mas tu falou **cinta do cabeção**. É cinta ou é correia? (risos)

INQ. – O povo fala mais é correia do cabeção, mas é tudo uma coisa... a merma coisa.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Apesar do vaqueiro mencionar duas denominações para a lexia, optamos por validar apenas a forma **correia do cabeção**, uma vez que esta foi a única forma reconhecida também entre os seleiros:

##### Exemplo 29 – Trecho da entrevista 14 – correia de cabeção

INF. – **Correa de cabeção** é uma correinha que travessa assim (gesticula da testa ao queixo) a... a cara do animal, prendeno o cabeção. É isso.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Para nenhuma das formas foi encontrado registro nos autores que embasaram a análise, como também não o foi nos Atlas Linguísticos. Apesar da falta de registro lexical, percebemos o uso bastante generalizado entre os colaboradores que ao serem colocados diante da imagem de uma cabeçada, nomearam o item como **correia de cabeção** que se configura como mais uma lexia inédita deste estudo.

### 5.2.1.1.6 Focinheira

O item lexical **focinheira** é utilizado para designar uma tira de couro no mesmo padrão da ‘testeira’, localizada na parte inferior da ‘cabeçada’. É a peça que prende a ‘cabeçada’ na altura do ‘cabeção’, perto da boca do animal. Sua documentação se deu por meio de entrevista complementar, durante a observação participante, quando ao tratar da lexia **focinheira**, o colaborador deu a entender que há mais de um significado para esta lexia na cultura do vaqueiro:

#### Exemplo 30 - Trecho da entrevista 12 - focinheira

INQ. – Eu tava esmiuçando a cabeçada da sela vaqueira e apareceu um bocado de nome que eu não sei o que...O que é focinheira?

INF. – Uma táuba. A **focinheira**, a focinheira....

INQ. – Na cabeçada bota essa tábuia?

INF. – Não. Assim...a...uma tábuia... tem a **focinheira** que é a tauba pra arriar bizzo, que nem uma a tramela que passa por aqui (gesticula circundando o próprio rosto) e... tem... agora tem... você tá falano é a focinheira da cabeçada, é de coro assim de coro, passa aqui (gesticula com a mão no rosto). A focinheira, a focinheira.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 12 — Colaborador: V12D, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Os dicionários consultados registram **focinheira** com o mesmo valor semântico empregado na comunidade, a saber: Moraes (1789) “peça do arreio do cavalo” e faz uma referência a Andrade (1618); Aulete (1948) “correia que atravessa a cabeçada do cavalo por cima das ventas”. Houaiss (2011) registra como um regionalismo do sul do Brasil, “parte do arreamento do cavalo que se prende a sua cabeça e ao pescoço”. A versão atualizada de Aulete (2011) mantém o verbete, mas não o associa semanticamente à cabeçada. Dos autores consultados, consta a lexia **focinheira** apenas em Faria (1969) como parte da cabeçada. Em relação à pesquisa geolingüística, encontramos no TLPGP, como registro do português europeu: “cabeçada, parte dos arreios que cingem a cabeça da cavalagadura” e registro no português do Brasil, como parte do ‘buçal’ no Pantanal Sul-Matogrossense. A lexia ‘buçal’ foi produtiva nesta pesquisa com outra acepção, conforme será discutido no campo semântico ‘utensílio para manejar’.

### 5.2.1.1.7 Cabeção

A lexia **cabeção** se caracteriza por nomear uma parte das ferragens do arreio, e não do encouramento como as outras lexias analisadas. Apesar de ser uma peça de metal, foi muito produtiva, aparecendo nas respostas como parte fundamental da cabeçada da sela vaqueira (pergunta 24) e também figurando entre as respostas da questão 25: ‘como é chamada aquela parte do arreio que para o animal, que se coloca no focinho para frear? Qualquer animal usa o mesmo tipo de freio? Quais as diferenças?’ Como resposta dessa pergunta, **cabeção** aparece neste estudo concorrendo com outros itens lexicais. Na comunidade, foram mencionados ‘breque’, ‘bride’, ‘bucado’ e ‘cortadeira’, esta última é também nomeada por Faria (1969) ao se referir às correias laterais como “correia da cortadeira”. Em Chofard (2023), a pergunta 16 do QSL, tem como provável resposta ‘freio/bridão’, outra forma de denominar o **cabeção**. Desse modo, o item lexical para denominar o freio do arreamento se mostrou bastante variável.

Na lexicografia, encontramos os seguintes registros: Em Houaiss (2011) é um tipo de cabresto por vezes feitos de lã; em Aulete (2011) consta como cabresto com duas rédeas e um arco de ferro; a mesma definição há em Moraes (1789) acrescida da informação que cinge o focinho do cavalo superiormente e assenta quase junto ao fim da cabeça. Na pesquisa geolingüística, consta no TLPGP, com registro em Portugal semelhante ao sentido atribuído pelos colaboradores.

A lexia **cabeção** designa uma parte metálica da cabeçada, em formato curvo, com dentes na superfície inferior, conectada às outras partes de couro e com função de frear o animal ou fazê-lo obedecer virando para um lado ou para o outro, desempenhando o papel de uma peça chave da cabeçada. Isso justifica sua inclusão dentre as lexias do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro, apesar de ser uma peça de metal. No contexto dessa cultura, o freio no estilo **cabeção** é utilizado pelos vaqueiros e acompanha o arreamento da sela vaqueira, para outros tipos de sela, costuma-se utilizar outro tipo de freio, conforme se comprova pelas falas dos colaboradores:

Exemplo 31 - Trecho das entrevistas 09 e 11 - cabeção

(09)

INQ. – Eh o que é que se coloca focinho pra frear o animal?

INF. – Cabeção, de ferro ou então a bride.

INQ. – Qualquer animal usa o mesmo tipo?

INF. – Não, tem animal que não aceita. Nem todo animal aceita o mesmo tipo de ferro, pra o cavalo do campo mesmo, do vaqueiro trabalhar no campo pra lidar com o gado é o **cabeção**. Agora já pra sair montado assim... diferente ni um burro, num animal diferente é a bride.

INQ. – E qual é a diferença do cabeção pra bride?

INF. – É porque o **cabeção** ele pega por fora, na frente do focinho do animal e a bride elas são duas peças que tem um arco por dentro que coloca na... na boca do animal. Uma barbela travano pra dar o freio.

Fonte: Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

(11)

INQ. – Como é chamada aquela parte do arreio que para o animal, que coloca assim no focinho pra frear.

INF. – Um **cabeção**.

INQ. – Qualquer animal usa o mesmo tipo de freio?

INF. – Não. O vaqueiro... o cavalo do vaqueiro só usa o **cabeção** e o cavalo da vaquejada usa o breque.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A fala dos colaboradores, no Exemplo 31, está alinhada com a análise, comprovando a lexia **cabeção** como o freio do arreamento específico da 'sela vaqueira' e, por isso, cada vez tem sido menos utilizado, assim como a própria sela. Entretanto, o **cabeção** está se mostrando uma peça desatualizada hoje, mas já foi uma novidade, conforme destaca Andrade, em 1678, ao instruir os cavaleiros sobre como enfrear bem o animal, classifica o **cabeção** como o instrumento mais eficaz para melhorar o treinamento dos cavalos, alertando que quem não via as vantagens era porque ainda desconhecia esse tipo de freio<sup>78</sup>. Faria (1969) destaca que o **cabeção** podia ser de níquel ou de prata, variando conforme a classe social do cavaleiro, servindo como um marcador social.

#### 5.2.1.1.8 Barbela

Para o item lexical **barbela** não foi formulada uma pergunta no questionário deste estudo, nem consta nos questionários validados que serviram para esta análise um tópico referente à **barbela**. Esse item lexical foi documentado a partir das conversas com os colaboradores durante a entrevista semiestruturada que, mediante a

<sup>78</sup> Por questões técnicas, não foi possível transcrever *ipsis litteris* a citação de Andrade, buscamos reproduzir o mais fielmente possível. Os caracteres que não conseguimos reproduzir, fizemos a substituição pelo equivalente na atualidade: “Digo por maior, que os cabeçoens foi o mais bem introduzido instrumêto em que se podia dar, cõ que os cavallos tivessem melhor liçaõ, os que fallão contra ele, nasce-lhes de não saberem bem o grande fruto que deles nasce” (Andrade, 1678, p.81).

descrição da ‘cabeçada’, incluíram a **barbela** como uma espécie de fechamento na parte inferior.

Nos dicionários há a indicação de que este é um item confeccionado em metal, conforme Morais (1789) que traz como uma peça de ferro que rodeia a barba do cavalo inferiormente e prende de cada lado do freio. O mesmo sentido foi registrado por Houaiss (2011) “cadeia de anéis de ferro que guarnece a barbada do cavalo por baixo”. Entretanto, para os colaboradores, a **barbela** também pode ser de couro. Inclusive a barbela do arreamento da sela vaqueira é preferencialmente confeccionada em couro. No contexto da cultura do vaqueiro em Riachão a barbela é uma tira de couro de aproximadamente 15 cm de comprimento de 5cm de largura, geralmente presa no ‘cabeção’ da ‘sela vaqueira’.

O TLPGP registra o verbete, mas a designação semântica não corresponde com o uso atribuído pelos colaboradores. Já em Mendes (1992) a lexia **barbela** apresenta o mesmo sentido atribuído na comunidade e foi bastante produtiva, dentre as respostas da carta 40 “outras peças do arreio do cavalo”, presente em 05 pontos do Atlas Linguístico.

A fala do colaborador V09P, no Exemplo 32, é assertiva no sentido de detalhar a **barbela** para facilitar a compreensão da lexia:

Exemplo 32 - Trecho da entrevista 09 - barbela

INQ. – Fale um pouco sobre a barbela.

INF. –É... **barbela**, **barbela** é uma corrente que fica é... ou um pedaço de cõro. Da sela vaqueira é um cõro, da zotas selas é uma correntinha, pego na bride ou então no cabeção... é para poder abotoar ela por trás do queixo do animal que é para poder fazer como se fosse o freio, para você ter mão para poder parar o animal, tem a bride aí tem uma corrente por detrás que chama **barbela**[...] Eu me lembro que as veis a gente selava um animal e dizia: ‘Oh a **barbela** de cima ta sem abutuar... aí meu pai dizia: ‘**barbela** é a de baixo, de cima é barbicacho’. Mas a veis tem gente que chamava de **barbela** porque... porque **barbela** é uma coisa que segura. Por imzemplo você tem um chapéu, aí bota uma correa, aí chama de **barbela** que é pra segurar, pois aí é uma forma de segurança, então dá o nome de barbicacho ou **barbela**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Conforme se pode depreender do trecho da entrevista acima, a **barbela** é uma lexia usada para um tipo de abotoadura que tanto pode ser da ‘cabeçada’ quanto do ‘chapéu’, na ‘cabeçada’ pode ser de ferro ou de couro. No contexto deste estudo avaliamos **barbela** no campo semântico da ‘cabeçada’.

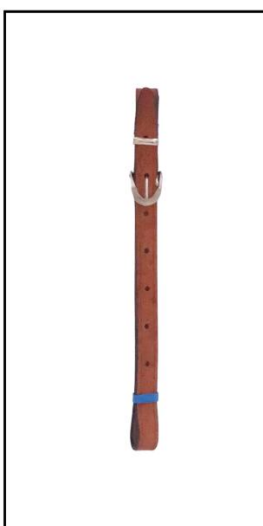
#### 5.2.1.1.9 Estrovo

**Estrovo** é mais uma lexia documentada a partir da conversa livre durante as entrevistas, portanto sem uma pergunta direcionada no questionário aplicado, bem como não há itens nos questionários analisados que pudessem servir de referência. São poucos os registros dessa lexia na literatura consultada, nenhum dos autores referenciados para esta etapa a mencionou, nem mesmo Mendes (1992) ou Faria (1969) que são dois trabalhos bastante alinhados com a temática do couro. No TLPGP há o registro, entretanto a lexia está relacionada ao campo semântico da arte da pesca, sem alusão ao contexto aqui analisado.

O dicionário Aulete (1948) registra “peça da cabeçada do cabresto” como um regionalismo do Estado do Ceará, mas na versão atualizada deste dicionário não consta mais o verbete. O Houaiss (2011) mantém o verbete na versão atual conservando a referência ao regionalismo cearense. Os dicionários Cunha (1994) e Moraes (1789) não trazem o registro.

Encontramos o registro em Trigueiros (1977) como “parte do cabresto situada no nó em que termina a cabeçada” com o mesmo sentido atribuído pelos colaboradores. Na localidade em estudo, a lexia **estrovo** é utilizada para denominar uma peça de couro que pode ser trançada ou não e tem a função de conectar as duas pontas terminais da rédea com o cabeção. A imagem representada na Figura 35 exhibe um estrovo fabricado por um dos seleiros colaboradores:

Figura 35 – Estrovo



Fonte: Carneiro (2023).

O colaborador V09P pormenorizou essa peça da cabeçada no Exemplo 33:

Exemplo 33 - Trecho da entrevista 09 - estrovo

INF. – É o estrovo? É preso na rédea?

INF. – **Estrovo** é, **estrovo** é uma parte... é a parte que abotoa na rédia, a gente coloca... pera...tem a rédea e no final dela tem uma pecinha com uma laçada pra abotoar como se fosse um botão rápido, isso... a diferença que é de couro, ou então às veis... hoje praticamente é quase tudo de nylon... aí chama o **estrovo** que é quem segura a rédea no cabeção ou na bride pra... pra que fique ali... dá uma segurança para rédea, entendeu? Porque a rédea ela não tem como abotoar no cabeção nem na bride e a gente coloca essa parte aí de couro que chama o **estrovo**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

A análise de **estrovo** evidencia a importância da pesquisa de campo para a documentação de lexias de uso restrito. A lexia, embora de significado claro e uso estável na comunidade investigada, apresenta uma documentação escassa e, por vezes, inconsistente na literatura e na lexicografia. A sua identificação e descrição precisa neste trabalho, portanto, não apenas validam um regionalismo específico, mas também contribuem para preencher uma lacuna nos estudos lexicais.

#### 5.2.1.1.10 Rédea

**Rédea** é um item lexical que nomeia a parte da ‘cabeçada’ mais popularmente conhecida pelo público geral. É outra documentação surgida a partir das conversas com os colaboradores, sem pergunta nos questionários analisados que pudesse ser associada a esta lexia. Embora não conste uma pergunta especificamente para a rédea, essa lexia foi largamente registrada dentre o material basilar dessa análise.

Encontra-se dicionarizada com definição condizente com o sentido atribuído na comunidade estudada. Silva (1789) explica que são correias presas no freio do cavalo, levadas na mão pelo cavaleiro para governar o animal. Aulete (1948) define como “correia de couro cujas extremidades prendem nas argolas das cambas do freio e que servem para governar a besta”; Cunha (1994) registra como “correia para guiar cavalgaduras” e Houaiss (2011) traz uma definição alinhada a esse contexto: “correia presa ao freio do animal de tiro ou de montaria e que o cavaleiro segura nas mãos ao cavalgar”, acrescida de uma remissão à ‘brida’, o que torna a sua entrada compatível com o conteúdo apresentado por Nunes (2018) “cordas presas ao bride ou bridão para guiar e direcionar os equinos”. De acordo com a pesquisa geolingüística, identificamos

a lexia **rédea** como resposta em Mendes (1992) para a carta 39, intitulada ‘peças do arreio do cavalo’.

De acordo com Faria (1969), a **rédea** pode ser de duas formas: a rédea da cortadeira e a rédea da brida. São formadas por um par de correias de sola tratada, afiveladas ao cabeção ou mais abaixo nas argolas da brida. O autor explica que, geralmente, quando são usadas pelos vaqueiros para o trabalho de campo, costumam ser bem curtas para facilitar o manuseio com apenas uma das mãos. O colaborador V04F, no Exemplo 34 fez a distinção dos tipos de rédea, confirmando a análise de Faria:

Exemplo 34 - Trecho da entrevista 04 – rédea

INQ. – Tu falô nestante que a gente segura na mão é a rédea.

INF. – A **rédea** é.

INQ. – A **rédea**. Tem mais algum tipo de rédea ô é tudo igual, só rédea?

INF. – Tem a rédea, a **rédea** de côro, tem... as **rédea** são diferente. A **réde** pro... a **réde** pro vaquêro ela é uma réde curta, uma réde curta que você guia com um braço só, já a **réde** de vaquejada ela tem, tem a **réde** conjugada que ela é uma **rede** que pega do breque, às veiz muito vaquêro trabalha com duas **réde**, tem uns que usam duas **réde** que às veiz tem um cavalo que cê pega mais na debaixo, na brida ô pega na cortadêra, ô pega mais na perna debaixo do breque, porque tudo tem uma ciênça (ciência). O cavalo ele precisa você cunhecê o gosto dele, o que ele qué. A **réde** do vaquêro já é uma **réde**, às veiz de côro, às veiz de seda, só que ela é um **réde** curta. Você trabalha com uma mão só

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

O colaborador V04F faz um comentário sobre a importância da adequação da **rédea** ao animal que deixa transparecer a singularidade não apenas dessa peça, mas de um ajuste em conjunto com o ‘cabeção’. É fundamental que a cabeçada proporcione conforto, do contrário, o animal pode não obedecer aos comandos o que pode resultar em situações que deixem o montador em vulnerabilidade.

O relato a seguir, em que o colaborador V11R narra uma situação difícil vivenciada como vaqueiro ao atravessar um rio cheio, explicita a necessidade de o vaqueiro saber encontrar um equilíbrio no uso da **rédea**. O Exemplo 35 mostra que é fundamental que ele não prenda nem solte demais, permitindo que o animal encontre seu próprio ritmo.

Exemplo 35 - Trecho da entrevista 11 – traquejo da rédea

INQ. – Agora eu queria que o senhor puxasse pela memória aí e pensasse em uma lembrança boa ou ou mesmo ruim que marcou sua vida, alguma coisa que aconteceu, que...

INF. – Rapaz, que marcou minha vida. Então...Foi...o dia que eu... que eu passei, eu acho que sim, eu passei no rio estava bem espaiada (a água

espalhada) já fora da cava (fora do leito do rio) e eu passé com o animal nadano. Foi o dia pior.

INQ. – Tava sozinho?

INF. – Não tava eu mais G. G. Ah... pois foi eu e G. Ele falou assim: “que é que faz, que é que faz... o rio tá espaiano já. Vamo cuidar. [...]Aí eu botei o animal [...]aí G: “**não solta a rédea e nem e nem prende a rédea demais** que... deixa o animal se fazer, segure na crina, na rédea assim um pouco folgada, destá que o animal se faz. E se vim... se vim algum pau, algum arame, alguma coisa a gente tem que soltar o animal e pular fora nadano. Senão a gente morre”.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Os depoimentos destacados e os registros nas obras consultadas revelam a **rédea** como uma peça chave do arreamento.

#### 5.2.1.2 *Subcampo: composição da sela vaqueira*

A lexia **sela** denomina um item bastante representativo, do ponto de vista cultural, visto que atua como uma espécie de elemento central, interligando as demais partes que compõem o arreio. Nesse sentido, a ‘cabeçada’ e o ‘rabicho’ são peças da montaria que dependem diretamente da **sela** para cumprirem suas funções de forma eficaz. A **sela** é um componente tão importante do arreamento que Goulart (1965) chega a afirmar que no Nordeste, o arreamento se reduz à **sela** com seu aparelhamento.

A documentação dessa lexia se deu a partir do campo semântico instrumento. Ao descrever o arreio, os colaboradores foram unânimes ao incluir a **sela**, que é uma lexia largamente documentada nos estudos sobre o tema, embora não tenha sido comum encontrar questões formuladas especificamente sobre a sela, sendo localizada apenas no questionário validado por Chofard (2023), pergunta 17 “[...] aquilo que se coloca no animal para montar?”.

Em relação à etimologia da lexia **sela**, Cunha (1994) atribui uma provável origem latina, proveniente do termo “sella” que originalmente designava assento ou cadeira. Essa herança etimológica revela a função primordial dessa peça do arreio, como um assento adaptado ao contexto da montaria, concepção semântica concebida pelos próprios colaboradores, conforme exemplifica o trecho da entrevista 08:

## Exemplo 36 - Trecho da entrevista 08 – a sela é uma cadeira

INF. – Uma sela... eh... como se fosse... sei não, **como se fosse uma cadeira** pra sentar, porque, na verdade, já bota no animal pra sentá, né. Eu acho que seria isso.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 08 — Colaborador: V08E, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Ao associar a **sela** a uma cadeira, o colaborador comunga com a acepção encontrada nas obras lexicográficas para a lexia. Observamos que os dicionários registram uma acepção da lexia que corresponde integralmente ao sentido atribuído na comunidade. No entanto, ao comparar versões mais antigas com as atuais, evidenciamos que os dicionários históricos apresentam definições mais completas e detalhadas, conforme Moraes (1789) que define **sela** como assento de pau, madeira, sola e couro, com arçõs, que se colocam nas costas do cavalo, e sobre o qual o cavaleiro se senta escanchado. Enquanto em Aulete (2011) consta “assento de couro que se coloca sobre o lombo de um animal de montaria”. Essa diferença no tratamento dado à lexia, pode estar associada à relevância social que a sela tinha no passado, em função do contexto de uso atribuído ao cavalo como um meio de transporte primordial de modo que os componentes dos arreios desempenhavam um papel maior na vida das pessoas.

O subcampo ‘sela’ foi estruturado a partir da questão 35 do questionário semântico lexical- “O que é uma sela? Tem mais de um tipo? Descreva cada tipo de sela – A partir das respostas obtidas formamos os subsubcampos ‘composição da sela vaqueira’ e ‘tipos de sela’, compostos pelas lexias que delineiam a constituição da sela vaqueira e as lexias que denominam os diversos tipos de sela.

Optamos por investigar os componentes fundamentais da sela vaqueira e não de outro modelo, em função da importância dessa sela para este estudo, pois além de representar o equipamento essencial utilizado na montaria do vaqueiro, também reflete as técnicas de fabricação empregadas pelos seleiros de Riachão do Jacuípe. Para uma análise mais aprofundada das diferentes partes e características que compõem cada sela, será tomada como representação duas imagens detalhadas da sela vaqueira que servirão como base para a compreensão das próximas selas que serão apresentadas sequencialmente nesta subseção. Embora cada tipo de sela apresente pequenas variações de formato, as partes fundamentais permanecem as mesmas por isso, serão exploradas as particularidades da sela vaqueira, a qual servirá de representação para o detalhamento de cada modelo investigado.

Para fins dessa análise, tomamos como referência a Figuras 35 (Detalhamento da capa da sela vaqueira) que ilustra a sela vaqueira. A Figura 35 retrata a parte que fica por fora, denominada capa da sela, os elementos que a constituem e aqueles próximos a ela; enquanto a parte do suporte da sela, referida como 'arção', e os outros elementos que integram o conjunto, serão analisados separadamente. A escolha por esta organização se deve ao fato de buscar uma forma mais didática de explicar a constituição da sela e pelo fato de estas duas peças, a capa da sela e o arção, serem identificadas como as principais pelos colaboradores. A fala do colaborador V01C, utilizando a variante sela de campo, reafirma a constituição da sela vaqueira nos dois componentes básicos: capa e arção:

Exemplo 37 - Trecho da entrevista 01 – capa e arção

INQ. - Tem mais de um tipo de sela?

INF. - Modelo tem vários. Mas de cabimento só existe uma. Só é um modelo só. De campo.

INQ. - De campo que é aquela aqui? Me diga aí como é a sela de campo?

INF. - A sela de campo tem a sela e o **ação** (arção) agora vem a **capa** por cima bota numa sanca pra gente montar, as duas peça: a **capa** e o **ação**.

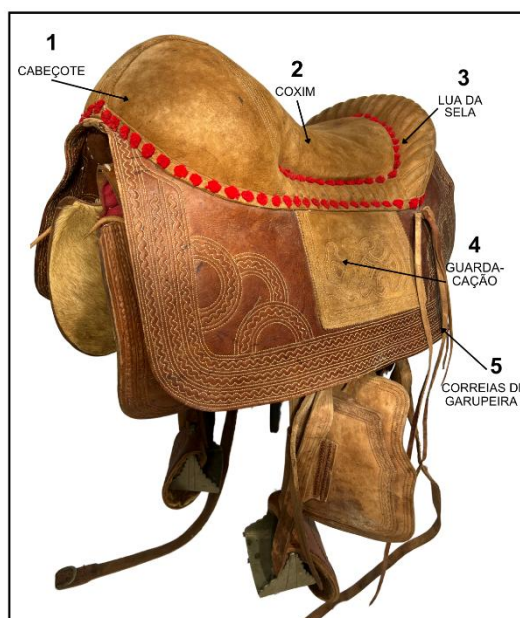
INQ. - A capa é solta?

INF. - É solta, a **capa**, a capa na hora que a gente vai arrochar o animá, tira a **capa**, arrocha o animal, aí vem a **capa**, bota por cima. Aí a pessoa munta.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Assim, as lexias que formam esse subcampo são: capa da sela - cabeçote, coxim, lua da sela, guarda-cação, correia da garupeira, arção, arção da frente, prenda, arção de trás, loro, guarda-loro, cilha, tope do estribo, suador e cheio da sela. Nesse contexto, algumas dessas lexias designam as partes estruturais da peça, enquanto outras referem-se aos detalhes decorativos, o que procuramos foi seguir no rastro do couro, analisando cada parte que compõe a sela e tem como matéria-prima o couro. A análise iniciou pela Figura 36:

Figura 36 - Detalhamento da capa da sela vaqueira



Fonte: Elaborado pela autora

As lexias exibidas na Figura 36 formam o campo léxico relacionado à composição da capa da sela vaqueira. Esse campo lexical surgiu, em sua totalidade, das conversas com vaqueiros e seleiros, por meio das quais foi apresentada a imagem que ilustra a Figura 35 aos participantes para que eles designassem o nome para cada item, além das lexias sinalizadas na Figura, surgiram outras durante a conversa que também foram analisadas. Dessa forma, optamos por validar as lexias que se mostraram mais recorrentes nas descrições fornecidas, as quais foram examinadas, tomando-se como base a Figura 36, obedecendo-se a sequência numérica da ilustração, da seguinte maneira:

#### 5.2.1.2.1 Capa da sela

**Capa da sela** é uma lexia que nomeia um componente estrutural da sela vaqueira, uma peça em couro que encaixa sobre a estrutura do arção, onde se senta o cavaleiro. Forma-se a partir do conjunto das peças: cabeçote, coxim, lua da sela, guarda-cação e correias da garupeira.

A documentação se deu através da descrição da sela na questão 35 do questionário semântico, não houve uma pergunta específica sobre a capa da sela nesta pesquisa, assim como nos outros questionários que serviram de base para a análise. Também não foi localizada a lexia nos Atlas Linguísticos que serviram de

base de dados para a análise. Entretanto, verificamos o uso da lexia de forma espontânea entre os colaboradores, bem como denominaram de capa da sela na imagem exibida.

Embora neste estudo não tenha apresentado variantes, exceto ‘carona’ em uma única menção, verificamos as variantes ‘gualdrapa’, ‘carona’ ‘capa’ e ‘capa grande’ nas obras de apoio a esta análise. Nos dicionários não foi localizada a lexia **capa da sela**, bem como a entrada do verbete capa não faz menção ao sentido atribuído na comunidade. Entretanto, verificamos que há registro das variantes gualdrapa e carona, mas com o emprego que na comunidade se atribui à lexia coxonilho. Gualdrapa, de acordo com Silva (1789), refere-se a ‘uma manta ou pano longo que se põe sobre a sela, geralmente usada pelos Eclesiásticos em suas mulas’. Essa menção sugere que a variante ‘gualdrapa’ podia estar associada a um contexto social específico e evidencia que esse campo léxico pode ter sido influenciado por diferentes grupos sociais.

Com relação à variante ‘carona’, encontra-se, em Houaiss (2011) o registro como regionalismo do Nordeste brasileiro a definição: “peça de couro estofada e trabalhada, com bolsos para guardar roupas e utensílios, usada como forro e cobertura da sela; baiana”. Sobre o uso dessa lexia na comunidade, o colaborador V05N explicou que era utilizada pelos patrões:

Exemplo 38 - Trecho da entrevista 05 - carona

INF. – E tem uma sela aí que eu num sei o nome. Sela do meu senhor. A sela do meu senhor que era fazendêro, Z., que era o avô de Z. (inint.) M usava.

INQ. – Eles usava uma sela diferente, é?

INF. – Usava uma sela diferente. Muito cara, que aquela sela tinha uma capa chamava **carona**. Ali, dento daquela **carona**, fosse possível carregava até uma fêra (feira). Era tipo uma capa de sela, agora com umas bolsa pur dentro. Chamava carona.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Faria (1969, p.52) complementa que a carona é “ricamente almofada por costuras à máquina” e explica, corroborando o exemplo 38, que em grandes distâncias percorridas a cavalo, a carona tanto servia para acolchoar a sela quanto para guardar e transportar alimentos. Faria (1969) ainda apresenta mais três formas: ‘capa-grande’, ‘capa do coxim’ e ‘sobre-capa’, entretanto percebemos o uso dessas formas na

comunidade estudada de forma bastante isolada, de modo que **capa da sela** ressaíu como a forma mais utilizada.

No que se refere ao uso da lexia **capa da sela** destacamos um trecho da narrativa de V11R que relata o desafio de conduzir o gado pelo rio durante uma travessia em condições adversas:

Exemplo 39 - Trecho da entrevista 11 – capa da sela

INF. – [...] Aí a gente viajou, quando chegou na passagem, naquela barragem de C. que tem né? Ali, ali tem uns morro de pedra que a água ficava parada um poço, mas assim os animais passavam dano na **capa da sela** assim, né? E quando a gente chegou tava o... aqueles morro de pedra tudo coberto. Eu falei: “tem muita água mesmo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O trecho demonstra que a lexia **capa da sela** é um item de conhecimento comum e faz parte do repertório linguístico cotidiano dos colaboradores, aparecendo de maneira natural em suas narrativas.

Além de ser um item estrutural, a capa da sela desempenha também um papel estético em que os desenhos e símbolos são característicos de cada mestre. A decoração da **capa da sela** costuma incluir correias trabalhadas em pespontos, formando desenhos decorativos em linhas curvas nas bordas da capa e no centro do guarda-cação. Um trabalho que os artesãos seleiros, muitas vezes, terceirizavam deixando ao encargo de mulheres que trabalhavam como costureiras de sela, elas nunca formavam a peça, apenas faziam os bordados seguindo as linhas traçadas pelo mestre seleiro.

#### 5.2.1.2.2 Cabeçote

**Cabeçote** foi documentada como a lexia que denomina a porção superior proeminente da sela, situada na parte que fica voltada para a frente da pessoa que está montada. Tal característica é bastante acentuada na sela vaqueira, distinguindo dos demais modelos de sela, nos quais o cabeçote apresenta dimensão consideravelmente menor. Goulart (1965, p. 75) ao descrever a sela do vaqueiro nordestino, destaca que o cabeçote se mantém “alto na frente”.

O **cabeçote** foi ponto de questionamento na carta 46 do ALCS (1992), concorrendo com as variantes ‘almofada’, ‘arção da frente’, ‘coxim’, ‘gabirote’ e ‘popa

da sela'. Na comunidade investigada não apresentou variantes. Ainda na pesquisa geolingüística, foi encontrado registro no TLPGP mas com acepção divergente, voltada para os campos semânticos de ferramentas e da pesca.

Em relação ao registro lexicográfico, o verbete é comumente associado à cangalha. Cunha (1994) registra a lexia mas não a define, limitando-se a datá-la de 1899. Apenas Houaiss (2011) menciona a sela em sua descrição: “parte anterior, mais alta e saliente da sela”, sendo esse o registro mais próximo do uso empregado entre os colaboradores, conforme se pode observar em:

Exemplo 40 - Trecho da entrevista 09 - cabeçote

INF. – É, você vê...Esse ano mermo eu fui pra cavalgada da lua, tenho meus neto que é apaixonado pra montar. Eu tenho um netinho que vai fazer vai fazer nove anos é apaixonado por cavalo... quando era menor vivia ni meu **cabeçote**, hoje em dia já munta só. Aí a gente tudo montado na hora do desfile e ele lá apaixonado pra montar, pra ir pro desfile. Eu desci de meu animal [...]Fiquei de pé na rua tomando cachaça só pra eu vê ele muntado... e ele fez o... o percurso todinho.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Na fala do colaborador, além de ficar evidente a dimensão funcional do **cabeçote**, percebemos um valor afetivo. Ele narra como, durante um determinado período, o **cabeçote** funcionou como um elo entre ele e seu neto, indo além do utilitarismo para assumir um significado simbólico, marcando um momento de integração e de memória afetiva.

#### 5.2.1.2.3 Coxim

**Coxim** tem origem etimológica do latim vulgar (Cunha, 1994) e é a lexia que designa a parte da sela que serve para o assento.

Nas obras consultadas, Morais (1789) faz remissão ao **coxim** da sela; Houaiss (2011) e Aulete (2011) também registram o sentido atribuído pelos colaboradores. Nunes (2018) documenta como peça de tecido ou pele de animal utilizada sobre a sela, sentido diferente do verificado no contexto da pesquisa. Já Goulart se aproxima do sentido atribuído pela comunidade, mas acrescenta que “quando trabalhado, é chamado de carona” (Goulart, 1965) variante não aplicável a esta lexia e, sim à capa da sela, conforme veremos adiante. No TLPGP tem acepção diferente, pertencente a outro campo semântico.

Os dados etimológicos apontam origem latina *coxinum*- derivado do latim vulgar, de coxa, do catalão coixí “almofada” com possível primeiro registro na língua portuguesa, de acordo com Cunha (1994), no século VX: “almofada que serve de assento

Em Mendes (1992) coxim está lançada como resposta à carta 48 “Parte côncava da sela onde o cavaleiro se assenta”, concorrendo neste item com ‘acolchoado’, ‘assento’ e ‘seio’, das quais apenas a variante ‘assento’ foi mencionada pela comunidade investigada; coxim foi documentada nos pontos 59, Divina Pastora; 63, Nossa Senhora da Glória e 65, Curralinho.

No contexto da língua em uso, observamos no Exemplo 41 o uso prático da lexia **coxim** na experiência cotidiana vivenciada pelos vaqueiros:

Exemplo 41 - Trecho da entrevista 11 - coxim

INF. – Já corri com o gado, mas é muito perigoso também, né? Muito perigoso!

INQ. – Perigo de quê?

INF. – Ponta de pau... sabe? Um dia aponta de pau vei, estrepou, entrou entre a sela e o cavalo, torou! Ficou aquele toco estrepado.

INQ. – E furou o cavalo?

INF. – Num furou não, só ficou garrada no... da sela, no **coxim** da sela. Já pensou se pega ni minha barriga, né?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O Exemplo 41 ilustra a lexia **coxim** em uso no cotidiano e pode ser complementado pelo Exemplo 42 em que a fala do colaborador S13A descreve as atividades realizadas na tenda do seleiro incluindo o conserto do coxim dentre as partes da sela que podem ser reparadas:

Exemplo 42 - Trecho da entrevista 13 – conserto do coxim

INQ. – Aí tu...mas faz conserto, né?

INF. – Conserto. É. Eu tava fazeno conserto. Mas tô largano.

INQ. – Conserta mais o quê? Chega mais o que pra consertar?

INF. – Sela, rabicho, loro, sia. Tudo é da sela, né? Loro quebrado, sia quebrada, estrivo quebrado, coxim às veis tá lascado bota oto novo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Através da lexia **coxim** é possível observar como os relatos coletados nos exemplos 41 e 42 colocam em evidencia a interconexão entre as atividades dos vaqueiros e dos seleiros. O relato do vaqueiro que enfrentou uma situação desafiadora

(Exemplo 41), resultando no dano do coxim de sua sela dialoga com a experiência do seleiro (Exemplo 42) que recebe, regularmente, coxins rasgados para conserto.

Sob uma perspectiva lexical, percebe-se que a lexia **coxim** revelou a inter-relação entre os desafios enfrentados pelos vaqueiros no campo e as atividades de manutenção desempenhadas pelos seleiros, confirmando que os fenômenos linguísticos se articulam com a cultura, através das práticas cotidianas.

#### 5.2.1.2.4 Lua da sela

A lexia **lua da sela** denomina a parte traseira da sela. Trata-se de uma parte arqueada e com um pouco de elevação para acomodar o cavaleiro sentado. Não consta o registro da lexia complexa nos dicionários consultados. Podemos inferir a ocorrência de uma extensão semântica na atribuição do nome, uma vez que a referida parte da sela é composta por um formato semicircular que lembra a lua no clico lunar crescente.

Diante da imagem da sela apresentada aos colaboradores, obtivemos como resposta **lua da sela**, a designação se deu tanto pelo grupo dos vaqueiros quanto pelos seleiros. No Exemplo 43 a seguir há uma demonstração do uso prático da forma denominada pelos colaboradores.

#### Exemplo 43 - Trecho das entrevistas 08, 11 e 14 – lua da sela

(08)

INQ. – A parte de traz, como é o nome? Essa parte aqui.

INF. – Aí é a **lua da sela** é a parte de traz e aqui nessa sela só ta faltando o rabicho, a parte que fica no ação, depois, atrás. O rabicho e a cia barrigueira.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 08 — Colaborador: V08E, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

(11)

INQ. – Fala aí como é o nome dessa parte aqui.

INF. – Ah... mais é. No ação da sela vem... o ação traz o ação da frente, aonde incaixa o cabeçote, **a lua da sela** que é o de trás. São de pau, é pa fazê o ação da sela, viu? Aí o ação da sela é coberto com couro, leva duas argola, uma de um lado, ota do ota pa botar a cia.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(14)

INQ. – A gente ja ta falando in sela. Como é o nome dessa parte aqui? ( mostra imagem com a lua da sela)

INF. – Aí? Oxi, aí é a lua, não sabe não?

INQ. – Hum?

INF. – A lua, **lua da sela**.

INQ. – Tô vendo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O estudo de Mendes (1992) na carta 47, que busca saber a “parte traseira e elevada da sela” não catalogou essa lexia, mas as formas “traseira da sela” e “arção de trás”. No TLPGLP não consta o registro, já Goulart (1965, 1966) cataloga a lexia “meia lua” como a parte traseira. Houaiss (2011) e Aulete (1948 e 2011) não contemplam a lexia completa, entretanto inserem no verbete ‘lua’ acepção relacionada ao campo semântico referindo-se à **lua** como a parte dianteira e arqueada da sela.

#### 5.2.1.2.5 Guarda-cação

Não foi localizado nenhum registro da lexia **guarda-cação** nas obras utilizadas para esta análise. Os verbetes ‘guarda’ e ‘cação’ constam nos dicionários, porém o sentido atribuído não tem relação semântica com a temática aqui estudada e a forma composta não foi encontrada, tampouco seu uso foi registrado nas obras catalogadas para esta pesquisa, revelando-se uma lexia inédita em estudos da temática da cultura do vaqueiro. Diante da ausência de referências formais, optamos por validar, lexicamente, a forma tal como é empregada na comunidade, ou seja, **guarda-cação**.

A lexia **guarda-cação** é utilizada pelos vaqueiros e seleiros para nomear um item sutil da sela vaqueira. Trata-se de um detalhe localizado nas laterais da capa da sela, um pedaço de couro quadrado de cerca de 30 cm de cada lado, sobreposto como se fosse uma placa, costurado sobre a capa, decorado com costuras e desenhos em baixo relevo.

Conforme as respostas dos seleiros e vaqueiros, não se verificou variantes. Diante da imagem da sela, todos denominaram o item como **guarda-cação**. Entretanto, surgiram divergências quanto à funcionalidade atribuída à peça. Enquanto alguns colaboradores ressaltaram sua função protetiva – afirmando que o guarda-cação serve para proteger as pernas do suor do animal – outros mencionaram que a função é apenas estética, conforme demonstrado no Exemplo 44:

## Exemplo 44 - Trecho das entrevistas 16 e 08 – função do guarda-cação

(16)

INQ. – E o que é uma parte chamada guarda-cação?

INF. – o guarda-cação é porque naquele tempo ali... xô te dizer como é... o povo... se tivesse uma garupeira, se tivesse uma pessoa pra montar na garupeira... o , o... **o suor do animal num passava**, sabe? Num passava pras perna. Por isso que o povo fala guarda-cação... aqueles cação do tempo antigo mermo que o povo usava. Aí se desse alguma garupa a alguma pessoa o suor não passava para roupa da pessoa. Guarda-cação é pra isso mermo, **pra o suor não passar pra roupa** porque o animal é ... quando ele tá andano ele transpira muito, ele soa, aí aquele guarda-cação é só pra isso mesmo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

(08)

INQ. – A parte daqui, como é o nome? (aponta para o guarda-cação)

INF. – Aí é o guarda-cação. (risos)

INQ. – E pra que é que serve?

INF. – Rapaz... Isso aí... fazê igual ao oto. Eu acho que até os seleiro véi num vai nem ter como explicar, porque eles faz tipo... um, um... eles chama guarda-cação é pra segurar mais.... entre o coxinho e a capa, né.... dá uma... um contraste, uma diferença, entendeu?? Que ele é bordado, é costurado **pra enfeitar mais**. Acho que a função mais é essa.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 08 — Colaborador: V08E, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Os depoimentos mostram olhares diferentes para a mesma lexia. No relato de S16P, apoiado na tradição ao fazer referência “ao tempo antigo”, a principal função do **guarda-cação** é impedir que a umidade do suor seja transferida para a roupa; enquanto a explicação de V08E é que a lexia **guarda-cação** denomina um elemento estético, sem traços de utilidade aparente, sendo um espaço onde o mestre seleiro pode expressar sua criatividade livremente.

Dessa forma, procuramos não adentrar em nenhuma das versões apresentadas nas narrativas dos colaboradores, anulando expectativas para lançar um olhar o mais científico possível para a lexia **guarda-cação**, compreendo que essa lexia além de representar uma perspectiva inédita em mapeamento lexical da cultura do vaqueiro, revela o quanto o léxico pode ser dinâmico.

## 5.2.1.2.6 Correias de garupeira

**Correias de garupeira** é a denominação dada pelos colaboradores para tiras de couro atadas à parte posterior da capa da sela, com a função de amarrar objetos para transporte; ou dependurados de um dos lados ou na parte detrás da sela.

A lexia em sua forma complexa **correias de garupeira** não está dicionarizada nas obras consultadas. Encontramos apenas o registro para cada uma das lexias separadamente. A lexia ‘correia’ foi examinada durante a análise do item ‘correia de segurança’ no campo semântico da cabeçada, procedemos à análise apenas de garupeira.

Para a lexia garupeira, identificamos que os dicionários fornecem o mesmo significado atribuído pelos colaboradores à lexia em sua forma composta **correias de garupeira**. De acordo com Cunha (1994), garupeira vem de garupa, com primeiro registro do século XVII e etimologia do gótico. No registro dos dicionários garupeira é o “conjunto de tiras de couro cru presas à parte traseira da sela, para amarrar objeto a ser transportado sobre o xairel ou pendurado na lateral” (Houaiss, 2011). O dicionário Aulete (1948, 2011) apresenta definição semelhante e classifica a lexia como um regionalismo baiano.

Nos estudos geolinguísticos consultados não foram localizadas menções a nenhuma das formas de análise dessa lexia nem a correia, nem a garupeira, nem a correias de garupeira.

#### 5.2.1.2.7 Arção

**Arção** é a denominação para a lexia que designa a parte da armação da sela; no caso aqui investigado, da sela vaqueira. O **arção** da ‘sela vaqueira’ é uma peça separada, responsável pela sustentação de toda a estrutura da sela.

A denominação da lexia **arção** se deu a partir da conversação livre com os colaboradores. Por se tratar de uma lexia amplamente utilizada, surgiu de forma espontânea em momentos diferentes do inquérito. Por isso, tratar-se de um item não interrogado diretamente pelos questionários aqui aplicados. O foco desta pesquisa está no âmbito lexical e, por esta razão, optamos por não realizar análise da variante fônica ‘ação’, forma bastante comum na fala de vaqueiros e seleiros que a utilizaram na totalidade das ocorrências, não havendo outras variantes para a lexia.

De forma geral, **arção** está dicionarizada como “armação da sela de montaria, revestida de couro, formada por uma arcada na dianteira e outra na traseira” (Houaiss, 2011), registro correspondente ao sentido atribuído pela comunidade. A fala do colaborador S16P ao detalhar a produção do item, pormenoriza sua estrutura:

## Exemplo 45 - Trecho da entrevista 16 - arção

INF. – O **arção** é o que... o que monta, porque tem assim... o a... **arção** a gente faz o arção pra botar a sela em cima, pra vim o coxinho (coxim) pra vim com o arção que é feito de madêra. Quem faz o **arção** não inerva ele, não porque tem que inervar ele todo de couro pra deixar de do jeitinho da sela. Quem eneva não aprega o coxinho. Quem aprega do coxinho não levanta a sela. Então, depende de muita gente. Hoje mesmo, quasemente, essa sela vaqueira hoje nem existe. Nem não tem nem quem faça mais. Acabou.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

O exemplo 45 é importante para referendar o **arção** como uma peça principal da ‘sela vaqueira’, segundo a concepção dos colaboradores. De acordo com os depoimentos coletados ficou evidente que a parte da ‘capa da sela’ poderia ser executada por qualquer seleiro, no entanto a parte do ‘arção’ exigia uma habilidade especial e nem todos os seleiros estavam aptos a produzir a peça, sendo esse um fator decisivo para que a ‘sela vaqueira’ deixasse de ser produzida. Observe-se o exemplo 46:

## Exemplo 46 - Trecho da entrevista 13 - acabaram os fazedores de arção

INQ. – E o seleiro mesmo ele não faz o arção?

INF. – Não. Só tinha dois seleiro aqui que fazia arção, era meu tio D. sabia fazê mas largô de fazê, mas sabia, né?

INQ. – Hum.

INF. – E J. V, meu sogro. Os outros seleiros nenhum sabia fazer arção. Tudo só fazia a sela e hoje... E ôta: pra costurar também as mulher largaram tudo. Acabou. Ninguém costura mais uma sela. Acabou, ninguém faz não. Inda agora eu tava conversano mais... mais o fio de Z.: se um der vinte mil numa sela de Riachão nova, original de Riachão, não acha, não tem quem faça. Só... a não ser que pegue um arção véi.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

A literatura consultada legitima a importância e a ciência na confecção do **arção** como peça chave para a ‘sela vaqueira. Goulart (1965,1966) explica que o **arção** é formado por três partes de madeira: o ‘arção da frente’, o ‘arção de trás’ e duas “espendas”<sup>79</sup> que são as traves laterais, medindo cerca de 40cm cada uma, ligando aquelas duas partes. Os colaboradores seleiros explicaram que a madeira para fabricar o **arção** precisava ser bem escolhida, de modo que fosse possível esculpi-la para o trabalho artesanal; segundo eles, os fazedores de **arção** costumavam utilizar ‘pau de colher’ (Maytenus rígida) ou ‘farinha seca’ (Albizia niopoides) duas árvores

<sup>79</sup> Os colaboradores denominaram as traves laterais como ‘prenda’. O que será analisado no item 5.2.1.2.9

nativa da região de Caatinga, que davam condições de trabalho por serem leves e macias para a lapidação. Feito o esqueleto com essas três peças, o **arção** era enervado. O que consistia em grosar bem o couro e banhá-lo em óleo de mamona para o enervamento, uma parte delicada do processo que se dava revestindo a madeira com o couro.

Quanto à análise geolinguística, a lexia **arção** foi localizada apenas em Mendes (1992), em sete pontos da carta 45 – “peça de madeira, arqueada e revestida de couro cru, na parte anterior e posterior da sela”,

Durante as entrevistas com os seleiros, foi interessante observar que eles possuem uma definição própria e mais detalhada para o **arção** que os vaqueiros. Para os seleiros, o **arção** não se resume apenas à sua forma física, mas também carrega um significado simbólico e funcional dentro do contexto da cultura. Eles descrevem o **arção** como uma parte essencial da sela, funcionando como uma espécie de espinha dorsal responsável por verificar a estabilidade e segurança ao cavaleiro durante suas atividades no campo, pois os acessórios do arreio que fazem parte da sela ficam presos ao **arção** como a ‘cilha’ e o ‘loro’ que seguram os estribos:

Exemplo 47 - Trechos das entrevistas 16 e 12 – a estabilidade do arção

(16)

INQ. – O que é o arção?

INF. – **O arção** é o que... **o que monta**, porque tem assim... o arção... a gente faz o arção pra botar a sela em cima, pra vim o cuxinho (coxim) pra vim com o arção que é feito de madeira.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária III, ensino médio.

(12)

INF. – [...] Se tem uma sela é feita toda de couro, o arção é de pau de culé ou... ou de farinha seca. Que é feita. Agora tem o chei (cheio) por baixo, que é chei de monzê pra não pisar no lombo do animal

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 12 — Colaborador: V12D, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Através dos Exemplo 47 proporcionado pelos colaboradores S16P e V12D, compreende-se a importância central do **arção** na construção da sela vaqueira. Nesta circunstância, o colaborador destaca que o **arção** é o elemento que monta a sela, ressaltando sua afinidade estrutural como peça fundante da montagem da sela. Afirmação corroborada pelo trecho da entrevista 12 (Exemplo 47), na qual o vaqueiro V12D menciona os materiais utilizados na fabricação da parte de madeira do **arção**,

o Pau de Colher e a Farinha-seca, ambos originários de árvores abundantes na Região, típicas do Nordeste brasileiro, essenciais para preparar a estrutura da peça.

No entanto, é preocupante observar que essas espécies arbóreas estão se tornando cada vez mais raras devido à extinção da Caatinga. Esse processo de restrição das árvores tem um impacto em cadeia, pois dificulta a produção das selas pelos seleiros, como também contribui com a extinção da caatinga, o que diminui a necessidade do vaqueiro de usar esse tipo de sela para adentrar na mata, uma vez que essa paisagem está desaparecendo.

Para fins dessa análise, nos guiamos pela Figura 37 que exhibe um **arção** da sela vaqueira, a qual foi apresentada aos colaboradores seleiros que identificaram as partes principais do **arção** dessa sela. Os itens que o constituem estão enumerados em sentido horário juntamente com outras partes da sela, sendo os itens 1, 2 e 3 componentes do arção, e o restante partes da sela: 1) arção da frente, 2) prenda, 3) arção de trás, 4) loro, 5) guarda-loro, 6) cilha, 7) tope do estribo, 8) suador e 9) cheio da sela.

Figura 37 - Arção da sela vaqueira



Fonte: Carneiro (2023).

#### 5.2.1.2.8 Arção da frente

A lexia composta **arção da frente** denomina a peça saliente de madeira, coberta de couro e projetada para o encaixe do ‘cabeçote’. Seu registro não está dicionarizado, ele foi legitimado durante as entrevistas, conforme podemos observar no trecho a seguir:

Exemplo 48 - Trecho da entrevista 11 – partes do arção

INQ. – E a parte do arção?

INF. – Ah... mais é. No ação da sela vem... o ação traz o **ação da frente**, aonde incaixa o cabeçote, a lua da sela e o de trás. São de pau[...].

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Em Mendes (1992) há registro geolinguístico dessa lexia, no ponto 64 (Gararu) da carta 46 – parte dianteira e elevada da sela. Também consta em Faria (1969) como a parte dianteira do arção, a que forma “a maçaneta, Santo Antônio ou lua da sela”. Em Goulart (1965) também encontramos a denominação do arção da frente como ‘lua da sela’, entretanto essa forma foi utilizada colaboradores para denominar a parte de trás. Na comunidade investigada a lexia **arção da frente** apresentou a variante lexical ‘cabeçote do arção’. Nos dicionários consultados não foi localizado registro.

#### 5.2.1.2.9 Prenda

A lexia **prenda** é a forma como os colaboradores seleiros denominam a parte central do ‘arção’, situada entre o ‘arção da frente’ e o ‘arção de trás’. A lexia não consta no repertório lexical dos vaqueiros, apenas os seleiros a reconhecem. Trata-se de uma espécie de tábua de madeira, geralmente confeccionada em imburana (*commiphora leptophloeos*), sempre enervada, ou seja, revestida de couro, que apoia a parte do ‘coxim’ e serve de ponto de fixação na sela para o ‘loro’ e o ‘rabicho’.

O exemplo 49 mostra a lexia em uso:

Exemplo 49 - Trecho da entrevista 13 - prenda

INQ. – Ah... entendi. A, tem uma parte da sela que eu tô me bateno pra entender ... que é essa parte aqui do arção (a parte é sinalizada em uma ilustração)

INF. – Aí é... é a **prenda**.

INQ. – Como assim, explica aí pra eu entender melhor que eu não achei esse nome em lugar nenhum.

INF. – Prenda... Prenda, menina, é uma... um taco de madeira, assim ó (demonstra com as mãos um retângulo de cerca de 30cm), aí... ineva ele e bota no... no... pa fazê o ação.

INQ. – E essa prana é chamada de espenda?

INF. – Eu cunheço por **prenda**, né? Aí eu num sei dizê. Nós prende o loro, né? as correa de loro, né?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Na literatura consultada, percebemos denominações diferentes para a lexia **prenda**. Em Faria (1969) localizamos o registro da variante “ressafra - peça de madeira dupla que une a parte dianteira à traseira do arção da sela. Esendras ou alpendras no Ceará”. Goulart (1965), por sua vez, registra o termo ‘espendas’ para se referir às traves laterais que ligam as duas outras partes do ‘arção’. Entretanto os colaboradores não reconhecem tais formas, de modo que optamos por validar apenas a lexia **prenda** que foi a forma validada pela comunidade.

Uma investigação nos dicionários pelas formas **prenda**, ‘ressafra’ e ‘espenda’, revelou que a variante ‘espenda’ encontra-se com maior número de registros lexicográficos. A lexia **prenda** consta apenas um registro, como regionalismo do Nordeste, em Aulete (1948, 2011): definida como “cada uma das peças de madeira que prendem entre si as forquetas das cangalhas”. E não está associada diretamente à sela, mas à cangalha. Já a lexia ‘espenda’, está registrada tanto nos dicionários mais antigos, Silva (1789) quanto nas obras mais atualizados como Aulete (2011) e Houaiss (2011): como ‘parte da sela que se apoia a coxa do cavaleiro’, e seu sentido está diretamente relacionado à sela. A forma ‘ressafra’ não foi localizada nos dicionários de referência.

Durante a investigação geolinguística, foi localizada, com a mesma acepção da lexia ‘prenda’, a forma ‘prana’. O registro está em Mendes (1992) nas notas da carta 45 - peça de madeira, arqueada e revestida de couro cru, na parte anterior e posterior da sela – no ponto 58 (Simão Dias) - o informante ao explicar como o arção é formado menciona a ‘prana’: “quer dizer que o ---- são quatro parte: tem os lado que fica do lado das [ p r â n a ] e tem o ---- da frente e o ---- de trás. Quer dizer que ali encobre e faz a sela” (Mendes, 1992, nota da carta 45).

### 5.2.1.2.10 Arção de trás

Como denominação para a estrutura da parte posterior do arção, onde encaixa a lua da sela, registramos a forma **arção de trás**. A lexia não está dicionarizada, no entanto foi validada pelos colaboradores, conforme exemplo:

Exemplo 50 - Trecho da entrevista 11 - arção de trás

INQ. – E a parte do arção?

INF. – Ah... mais é. No arção da sela vem... o **arção** traz o arção da frente, aonde incaixa o cabeçote, a lua da sela e o **de trás**. São de pau[...].

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A lexia está presente em Mendes (1992) na nota da carta 45 em que o informante menciona “tem o ---- da frente e o ---- de trás”. Está presente também em Faria (1969) como “arção traseiro”. Em Goulart (1965) localizamos o registro da lexia ‘meia lua’.

Na fase de verificação com a imagem houve seleiros colaboradores que mencionaram ‘lua da sela’ forma homônima à parte posterior da capa da sela, já analisada aqui.

### 5.2.1.2.11 Loro

**Loro** é uma lexia simples de amplo conhecimento entre os colaboradores, que não apresentou variante e se encontra registrada na literatura com o mesmo significado documentado na comunidade investigada: a correia que segura o estribo. Trata-se, portanto, de uma parte estrutural da sela. A Figura 38 ilustra a correia do **loro** de uma sela vaqueira:

Figura 38 - Loro



Fonte: Carneiro (2023).

De acordo com Cunha (1994), a primeira ocorrência desse vocábulo foi no século XVI, do latim *lōrum -i* ‘correia’. Os dicionários consultados apresentam a definição “correia dupla afivelada à sela ou ao selim, para sustentar o estribo (Houaiss, 2011).

Dentre as obras geolinguísticas que embasam esta pesquisa, a lexia **loro** está presente em *O léxico rural*, de Cardoso e Ferreira (2000), extraídas das cartas linguísticas 146 do APFB (1963) e 151 do ALS (1987) como parte integrante da sela, o mesmo sentido dado pela comunidade, conforme exemplifica a descrição do arreio feita pelo informante V04F:

Exemplo 51 - Trecho da entrevista 04 – loro

INQ. – Agora fala... diz aí como são os arreios, assim, é.... dano detale [detalhe]:

INF. – tem a cabeçada, né? Que tem a testêra, as fivelas segurano as correa e o ferro do cabeção. É isso aí, aí vem a sela com **loro** com tudo e o rabicho.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Faria (1969) avança na descrição da lexia **loro** trazendo detalhes que não foram revelados por outros autores como as dimensões da peça, que segundo ele mede cerca de seis palmos de comprimento por dois dedos de largura, ajustáveis por uma fivela. O ajuste correto do loro garante o conforto e a segurança durante a montaria. Faria ainda explica a utilidade prática da peça quando, durante os trabalhos na caatinga, em que o vaqueiro precisa de malabarismos e em qualquer situação de perigo o ato reflexo é o de se firmar nos estribos, e o peso de todo esforço que se faz está nas correias dos loros.

Encontramos em Nunes (2018) uma descrição dessa peça que se mostra uma informação importante para compreender seu uso - que as tiras de sola que formam os loros, pois são dois um de cada lado, são fixadas ao arção e saem por baixo da ‘capa da sela’, passando pelo ‘guarda-loro’ e mantendo os estribos pendurados nas extremidades.

Goulart (1966) define o **loro** como uma tira de ‘guasca’, termo também usado por Chofard (2023 apud Cunha, 2010, p.174) na elaboração do Projeto ALRT, com o sentido de “tira ou correia de couro cru” sendo derivada do quíchua *uáskha*. Entretanto, notamos que o uso da variante ‘guasca’ não ocorre na comunidade e optamos por não registrá-la, uma vez que não foi reconhecida pelos colaboradores.

## 5.2.1.2.12 Guarda-loro

Figura 39 - Guarda-loro



Fonte: Carneiro (2023).

A Figura 39 que ilustra o **guarda-loro** do lado direito da sela. Essa que mais uma lexia complexa, que denomina uma parte do encouramento do arreio da sela vaqueira. Apesar de não constar registro dicionarizado dessa lexia nas obras consultadas, trata-se de uma peça amplamente reconhecida pelos colaboradores, que não apresenta variantes, e designa cada uma das peças laterais da sela responsável por acomodar cada uma ‘correia de loro’.

Nas obras lexicográficas o verbete ‘guarda’ não faz nenhuma menção à lexia aqui estudada, bem como as entradas da lexia **loro** não se estendem a uma explicação que envolva **guarda-loro**. Cardoso e Ferreira (2000) dão entrada no verbete **guarda-loro**, através da carta 146 do APFB (1963), a mesma carta utilizada para identificação da lexia ‘loro’, com o seguinte conceito: “peça do arreio, correia dupla afivelada à sela ou ao selim para sustentar o estribo”.

Dessa forma, optamos por validar as informações disponibilizadas pelos colaboradores que mencionaram a lexia durante a elocução nas entrevistas e a reconheceram diante da imagem que lhes foi apresentada. O exemplo 52 mostra o surgimento da lexia na conversa de forma livre, sem motivação direcionada, durante a descrição da sela vaqueira:

Exemplo 52 - Trecho da entrevista 05 – guarda-loro

INF. – É. E na, na, na sela atrás, no rabicho chamado tinha o... como é que chama aquilo? ...**Guarda-loro** não. É... Me esqueci o nome daquilo, onde bota na garupa pa amarrá a corda de côro em cima, né?

INQ. – Eu não sei...

INF. – Agora ali embaixo desce loro, **guarda-loro** e estrivo. O estrivo é onde pisa pra montar.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Observamos uma dimensão diatópica caracterizando a lexia, que se mostrou um item de conhecimento geral entre os colaboradores, tendo em vista que todos nomearam da mesma forma, respondendo **guarda-loro** diante da ilustração. Entretanto, são muito poucos os registros na documentação que serviu de base para esta análise. Há uma menção em Faria (1969) à “casa-do-loro” que atribuímos ser a forma de denominar **guarda-loro** no Rio Grande do Norte.

#### 5.2.1.2.13 Cilha

A lexia **cilha** foi documentada através da questão 35, quando os colaboradores descreveram a sela vaqueira e também pelas conversas livres durante a observação participante. Trata-se de uma lexia que denomina uma parte estrutural de qualquer sela, não apenas da sela vaqueira e, por isso foi bastante frequente na fala dos colaboradores, apresentando as variantes semânticas ‘barrigueira’ e ‘chinha’ e a variante fonética ‘cia’, sendo essa a forma mais usual na comunidade, conforme observa-se no exemplo a seguir:

##### Exemplo 53 - Trecho da entrevista 11 - cilha

INQ. – E as partes da sela?

INF. – É estrivo, **guarda-loro** aqui do lado e o rabicho. E a cia [cilha] que marra por baixo da barriga, né? É porque a gente até esquece assim... né?

INQ. – É. É, mas é isso mesmo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A forma lexical **cilha** denomina as correias de couro que passam de um lado a outro da barriga do animal, prendendo a sela. De acordo com Cunha (1994), tem origem latina *cīngŭla*, cinta - apresentando ao longo do tempo diferentes registros, Cunha registra que a forma aparece documentada na língua portuguesa desde o século XIV, cinha e no século XV, çilha. Já em Silva (1789) encontramos o registro “silha”, Aulete (2011) documenta a forma “cincha” e a variante “chinha”. Observamos que enquanto a forma ortográfica variou ao longo do tempo, a semântica se manteve sem alterações. O que significa que localizamos, nos dicionários históricos e nos

atuais, acepção semelhante à empregada pelos colaboradores, que é o mesmo significado registrado por Nunes (2018): “cinta de couro que abarca a barriga do equino para prender a sela ao ser montado”.

Com relação à análise nos Atlas linguísticos ficaram constatados os itens lexicais ‘**cilha**’ e a variante ‘cincha’, através do registro de Cardoso e Ferreira (2000) no APFB, carta 145 e no ALS, cartas 149 e 150. Além disso, está também documentada a forma “chinchá” na carta 64 em Mendes (1992): “Couro que passa por baixo do cavalo e vem prender a sela por cima da garupa”, nos pontos 55 e 56, Itaporanga D’ajuda e São Cristóvão, respectivamente. Importante mencionar que nos modelos de sela atuais a cilha não passa por cima da sela ou da garupa, mas se prende através de argolas na parte interna da sela, através do ‘suador’ ou pela ‘prenda’.

Embora seja comum na literatura encontrar as formas **cilha** e ‘chinchá’ como concorrentes semânticas, os colaboradores desse estudo pontuam que há usos com significados diferentes entre esses itens dos arreios. Ficou evidente que o material utilizado na confecção é o couro, mas, enquanto a **cilha** é uma correia para prender a sela no animal, a ‘chinchá’<sup>80</sup> tanto pode significar um tipo de cilha para a sela vaqueira, quanto uma amarração feita em uma corda de laçar, com a finalidade de um animal puxar o outro, neste caso é o cavalo que ajuda no manejo puxando o gado.

As correias da **cilha** costumam medir aproximadamente 2,20m de comprimento por 10cm de largura e exercem um papel importante na segurança do cavaleiro, são por elas que se firma a sela no lombo do animal, por isso precisam ser resistentes. Apesar de sua função sustentadora, pode também conter elementos decorativos, sobre os quais Faria (1965) explica que na sela de campo a **cilha** é singela e forte sem qualquer enfeite, já nas selas de passeio costuma se embelezada com tranças e outros adornos.

#### 5.2.1.2.14 Tope do estribo

A documentação desse item se deu de duas maneiras. Inicialmente a partir da questão 40 do questionário semântico lexical aplicado com os vaqueiros: “Como se chama a proteção de couro que recobre o estribo?” e depois buscamos a confirmação

---

<sup>80</sup> A lexia chinchá está discutida no macrocampo utensílios- microcampo para manejar, item 5.3.2.5 corda de laçar

através da imagem ilustrativa da sela, apresentada aos colaboradores, para identificação das peças. Ressaltamos que esta é mais uma questão inédita, não englobada pelos questionários tomados como base, o que impossibilita uma análise comparativa, mas representa um avanço nos estudos da área por explorar um item até então não registrado.

**Tope** é a forma lexical empregada localmente para designar a proteção de couro que recobre o estribo<sup>81</sup> na sela vaqueira. Nas obras consultadas não se localiza referência a essa lexia com o sentido aqui estudado; enquanto os dicionários apresentam outros significados e os atlas linguísticos não contemplam uma carta correspondente; os autores consultados também não fazem menção, com exceção de Faria (1969). Esse autor reporta, ao descrever o estribo, uma “armação de madeira revestida de couro e o rosto coberto de sola”, mas sem denominá-la. Localizamos também uma entrada no *Diccionario de la Real Academia Española* (RAE) com valor semântico semelhante ao atribuído na comunidade: “refuerzo interno, a modo de armadura, en la punta de un zapato o de una bota”, certificando a influência da língua espanhola sobre o campo léxico do couro na Cultura do vaqueiro.

A Figura 40 ilustra um **tope do estribo**, confeccionado por um dos seleiros colaboradores. A peça está aplicada a um estribo metálico de uma sela vaqueira:

Figura 40 - Tope do estribo



Fonte: Figueredo, 2023

---

<sup>81</sup> O estribo é um componente das ferragens da montaria, constituído por uma peça de metal pendurada dos dois lados da sela, com a função de oferecer apoio para o pé durante a condução do animal. Esse item não foi incluso na análise, visto que o foco desse estudo recai sobre os elementos confeccionados em couro.

A denominação do **tope do estribo** foi limitada, até mesmo entre a comunidade. Observamos que os vaqueiros mais jovens, em sua falta de familiaridade com a lexia, muitas vezes afirmaram não saber o nome específico da peça e, até mesmo, o desconhecimento os levou a afirmar que não havia um nome para este item do arreio. Observe-se no trecho destacado:

Exemplo 54 - Trecho da entrevista 07 – ausência de nome para o tope

INQ. - Como se chama proteção de couro que fica por cima do estribo? aquelas selas mais antiga ela tem uma coisa de couro assim por cima?

INF. - **Tem nome aquilo? eu acho que aquilo não tem nome não**, eu sei o que é que a senhora está falando, vinha até aqui em cima mesmo hoje em dia não tem mais não.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 07 — Colaborador: V07C, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

No trecho destacado da entrevista 07, o colaborador V07C da faixa etária II, afirma a ausência de uma designação específica para o item. Entretanto, os colaboradores da faixa etária III responderam prontamente com **tope** para a pergunta. Notamos que o colaborador V01C demonstrou evidente empolgação ao perceber que o questionário incluía itens não muito usuais como o **tope do estribo**, respondendo de imediato - antes mesmo da conclusão da pergunta - e explicando o contexto de uso da lexia, conforme se pode atestar pelo Exemplo 55:

Exemplo 55 - Trecho da entrevista 01 - tope

INQ. - E assim... o vaqueiro quando ele usa o estribo tem um... um couro aqui na frente...

INF. - Oh, (risos) ela sabe de tudo aí.... Chama **tope**.

INQ. - Como é o nome daquilo?

INF. - Tope, tope, o **tope do estribo**. Ninguém num usava ir a... pro campo sem o tope não porque ali é uma proteção do pé.

INQ. - Mas se o pé já tava com couro, no sapato?

INF. - Sim. Mas o pé tava com couro mas podia vim uma lasca de pau de lá pra cá e acertava dentro do estribo aonde tava o pé. Aí podia furar o, a, o sapato, né? Aí tinha o **tope do estribo** que era pra proteger. A gente naquela época falava invitar (evitar), mas hoje é proteger. Proteger o.. o pé, dentro do estribo. A senhora conhece o estribo num conhece?

INQ. - Conheço. Estribo eu conheço.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Essa divergência entre as respostas dos colaboradores evidencia níveis diferenciados de familiaridade com a lexia, sinalizando a diacronia através da dimensão diageracional, uma vez que os colaboradores de mais idade reconhecem e

utilizam a lexia mais que os mais jovens. De maneira geral, notamos uma tendência de generalização nas faixas etárias I e II, eles olham com menos detalhe para os itens.

#### 5.2.1.2.15 Suador

Em grande parte das obras consultadas, percebemos que **suador** está registrado com o mesmo sentido que o ‘cheio da sela’, entretanto no contato com a comunidade notamos que há uma percepção diferente para essas peças, o cheio da sela é uma parte que compõe o suador. Por isso tratamos de separá-las; e para fins dessa análise, discutiremos o **suador** e na sequência o ‘cheio da sela’.

**Suador** foi a lexia empregada pelos colaboradores para denominar uma espécie de capa de couro presa por baixo da sela. Essa peça desempenha a dupla função de evitar que o suor do animal passe para a sela e a função de acomodar o ‘cheio da sela’, conforma atesta a fala do informante V09P:

Exemplo 56 - Trecho da entrevista 09 – suador

INQ. – E a parte que fica entre eh... o pelo do animal e a sela?

INF. – O **suador**. Que é feito do couro de bode. Eu pego o couro de bode, aí mato o bode pega, curte, aí faz o **suador**, aí agora tem a parte do cabelo e tem a parte do pelo. E a outra parte que fica pra cima que é pra não... o suor não passar pro cheio da sela.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Em Trigueiros (1977) localizamos um regionalismo de Minas Gerais que o sentido se aproxima do sentido atribuído na comunidade: “manta de que se põe sob a sela dos animais”. A lexia aparece também em Chofard (2023), em resposta à pergunta QSL14 “manta de lã ou de algodão que se põe sob a sela”.

Nas bases de dados geolinguísticos, suador aparece em Mendes (1992) dentre as respostas para a carta 49 – manta de lã ou de outro material, que se põe sobre o corpo do animal para não o molestar e sobre o qual se assenta a sela. **Suador** está registrado em três pontos desse estudo: 59 (Divina pastora), 61 (Brejo Grande) e 64 (Gararu).

A lexia **suador** apresentou a variante lexical **talabardão** que foi mencionada na fala de dois colaboradores vaqueiros, ambos da faixa etária III, e comprovada diante da imagem da sela vaqueira por colaboradores seleiros da mesma faixa etária, reforçando a percepção de haver um uso da língua marcado pelo fator diageracional.

O exemplo 57 mostra a lexia **talabardão** em uso, surgida na conversa de forma natural, sem motivação imediata:

Exemplo 57 - Trecho da entrevista 09 – suador

INF. – Uma sela vaqueira ela tem: rabicho, loro, guarda-loro, **talabardão** e o cheio.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Nas obras utilizadas para essa análise, encontramos **talabardão** no inquérito aplicado por Chofard (2023) na questão 23<sup>82</sup>, no sentido de instrumento que vai junto com a cangalha e serve para proteger as cargas da chuva, o mesmo sentido atribuído por Nunes (2018). Apenas Cardoso e Ferreira (2000) registram uma acepção mais próxima do significado aplicado na comunidade, as autoras apontam **talabardão** no APFB, carta 147, com acepção de parte interna da sela que se põe sobre a cangalha. Nos dicionários, a acepção está voltada para outro campo semântico. Apenas Houaiss (2011) menciona a armação de madeira coberta de couro cru.

#### 5.2.1.2.16 Cheio da sela

A lexia **cheio da sela** designa uma parte que fica na porção interna da sela, que é fixada ao suador. Essa peça consiste em duas espécies de almofadas<sup>83</sup>, uma em cada lado, confeccionadas em tecido, tipo flanela, preenchidas geralmente de folhas secas. Após a montagem dessa estrutura, o **cheio da sela** é acoplado ao ‘suador’; juntos, o ‘suador’ e o ‘cheio da sela’, cumprem as funções tanto de contenção quanto de absorção de impacto e umidade. A Figura 41 exhibe a parte interna da sela, em que duas almofadas vermelhas, feitas de flanela, costuradas à mão formam o **cheio da sela**:

<sup>82</sup> Chofard (2023) não obteve resposta para esta questão, de modo que não será cartografada no atlas da autora.

<sup>83</sup> Embora o **cheio da sela** não seja confeccionado em couro e, portanto, não se enquadre no recorte dessa pesquisa que segue o ‘rastros do couro’, sua inclusão é justificada porque durante o campo, observamos uma singularidade no uso dessa lexia entre os colaboradores. Observamos na literatura o registro da lexia ‘suador’ no sentido de **cheio da sela**, entretanto no *corpus* dessa pesquisa são duas partes complementares, mas distintas.

Figura 41 - Cheio da sela



Fonte: Carneiro (2023).

**Cheiro da sela** é uma lexia complexa, não documentada em nenhuma das obras que serviram de base para essa análise. Mas na comunidade investigada foi validada pela totalidade dos informantes. A fala do colaborador reforça a importância do cheiro da sela para o conforto do animal:

Exemplo 58 - Trecho da entrevista 12 – cheiro da sela

INF. – Agora tem o **chei** [cheio] por baixo, que é **chei** de monzê pra não pisar no lombo do animal.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 12 — Colaborador: V12D, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

O colaborador destaca o uso do ‘monzê’, forma popular para a árvore *Albizia polycephala*, funcionando como um acolchoamento. Esse preenchimento evita que a pressão da sela incida diretamente sobre o lombo do animal, prevenindo desconfortos e possíveis lesões. Quanto ao material de enchimento ouvimos dos colaboradores que nem sempre se enche com folhas de ‘monzê’, também pode ser de sambambaia (samambaia -Tracheofhyta) e lã da barriguda (*Ceiba glaziovii*). O importante é que seja um material macio, que conserve sua textura mesmo quando umedecido com o suor do animal e que a costura esteja bastante reforçada para não abrir com o movimento.

### 5.2.1.3 *Subcampo: tipos de sela*

É importante dizer que tão rica quanto as manifestações da cultura do vaqueiro é a variedade de equipamentos. E a sela é uma das peças que refletem essa riqueza, são modelos que carregam histórias e tradições. Ao analisar as diferentes modalidades de selas e suas associações culturais, é possível obter uma visão ampla e enriquecedora sobre as nuances e particularidades para uma compreensão mais completa da relação entre a sociedade, a cultura e a língua.

Neste estudo são tratados apenas os tipos de sela que correspondem às respostas dadas pelos seleiros e pelos vaqueiros durante as entrevistas, considerando-se o contexto histórico e cultural específico do município de Riachão do Jacuípe-Bahia. As formas lexicais que denominam o subcampo tipos de sela são respostas para a pergunta 35: “Quais são os tipos de sela que o senhor conhece?” e resultam em um total de oito lexias, com 15 variantes distribuídas entre elas. A descrição dos tipos de sela realizada neste subcampo é apenas uma tentativa de catalogar as selas percebendo as particularidades de cada modelo, respeitando o quanto cada tipo de sela é importante e se inscreve na cultura a seu modo. As variedades de modelo ocorrem de acordo com a funcionalidade de uso adquirida na prática cultural.

Na literatura basilar dessa análise, foi localizada em Chofard (2023) a pergunta 17 – aquilo que se coloca no lombo do animal para montar – relacionada à sela. Nas demais obras, a sela também está inclusa, sendo que foi observado menções a formas lexicais variadas, relacionando diferentes modelos.

Os oito modelos descritos nessa análise foram escolhidos a partir das denominações dos colaboradores e da observação participante; são lexias regularmente presentes nas respostas com maior ou menor grau de variação, evidenciando que são peças de montaria comuns na comunidade de Riachão do Jacuípe. É importante ressaltar que este estudo possui uma abordagem qualitativa, por isso não foi uma preocupação determinar a frequência com que ocorreu cada denominação, e sim perceber a riqueza da variedade. O Quadro 12 apresenta os itens lexicais que denominam as selas catalogadas para esse estudo; os itens estão agrupados em suas formas variantes.

Quadro 12 - As denominações para sela e suas variantes

Item lexical	Agrupamento lexical das variantes
Sela vaqueira	sela de campo, vaqueirona, sela de Riachão
Vaqueirinha	selinha, casquinho
Sela de pau	sela de gancho, ganchinho
Sela mineira	sela de cigano
Sela de pista	selim, selim de vaquejada
Sela australiana	sela de passeio
Sela de banda	selote
Selinha de corrida	*não apresentou variante

Fonte: Elaborado pela autora

No geral, foram citados outros tipos de sela<sup>84</sup>, revelando a diversidade dessa cultura. No entanto, optamos por selecionar as oito lexias que formam o quadro 12, uma escolha justificada pelo fato de que os oito modelos são os mais comuns na região da pesquisa e refletem a adaptação da cultura do vaqueiro aos contextos e necessidades locais.

#### 5.2.1.3.1 Sela vaqueira

Para denominar a sela utilizada pelos vaqueiros no trabalho de campo foi registrada a lexia complexa '**sela vaqueira**' e suas variantes 'sela de campo', 'vaqueirona' e 'sela de Riachão'. Trata-se de formas lexicais não registradas nos dicionários consultados, bem como as designações nas obras de referência não são correspondentes às formas catalogadas na localidade, mas apresentam variantes que conservam o traço semântico, com pequenas alterações na denominação. O quadro a seguir (QUADRO 13) reúne as formas variantes localizadas nos autores para a lexia que designa a sela de trabalho dos vaqueiros, conforme dados extraídos das fontes utilizadas nessa análise:

<sup>84</sup> Um colaborador mencionou, de forma isolada, outros tipos de sela – a saber, sela mexicana, quarto de milha, cutiana, sela de Curaçá, pantaneira e americana – entretanto, optamos por não validar essas respostas, pois se trata de uma enumeração apresentada sem informações adicionais ou contexto aprofundado. Ademais, observou-se que o uso desses modelos não é comum na comunidade investigada.

Quadro 13 - Análise comparativa das designações para “sela vaqueira”

<b>Autor/obra, ano</b>	<b>Agrupamento lexical das variantes para ‘sela vaqueira’</b>
Freitas, 2025	sela de campo, vaqueirona, sela de Riachão
Nunes, 2018	sela de campeiro, sela de campear, sela masculina
Faria, 1969	ginete, roladeira
Goulart, 1965	sela do vaqueiro
Mendes, 1992	sela de vaqueiro, campeira

Fonte: Elaborado pela autora

Através do Quadro 13, pode-se observar na literatura de base uma variedade de designações para a sela utilizada pelo vaqueiro. Essa variação ressalta não apenas a riqueza desse campo lexical, como revela a estreita relação do léxico com a cultura, uma vez que cada uma dessas designações está relacionada a traços culturais marcados por uma época e um local.

Dentre as obras analisadas, Faria (1969) apresenta a sela dos vaqueiros, com a denominação “roladeira”, como uma evolução da “sela gineta”<sup>85</sup>. O dicionário Aulete (1948) registra para o verbete “roladeira” um regionalismo nordestino, a mesma acepção apresentada por Faria. Entretanto, observamos que a versão mais recente desse dicionário não atualizou o registro. Goulart (1965) a denomina como a “sela do vaqueiro nordestino” e explica que esse é um modelo com feições de sela militar, o que comunga com a ideia do vaqueiro encourado está usando uma armadura. Já Nunes (2018) utiliza uma denominação diferente. A autora utiliza a forma “sela de campeiro” para se referir à sela utilizada para o trabalho do vaqueiro. Formas diferentes para denominar uma das peças mais emblemáticas dessa cultura, certamente há fatores sociais e históricos na motivação para cada uma dessas denominações, mas que não coube neste estudo avaliá-las.

Em relação à base de dados geolinguísticos, encontramos ressonância na nomenclatura dessa sela apenas em Mendes (1992), na carta 44 – Tipos de sela – para a qual observou-se dois registros pertinentes: a forma “campeira”, registrada no

<sup>85</sup> A Península Ibérica foi palco de disputa de duas escolas de equitação, a gineta e a estardiota. A monta ‘à gineta’ foi introduzida no território que hoje corresponde a Andaluzia a partir da chegada de berberes (grupo étnico nômade do Norte da África) para participarem do exército mulçumano. E a estardiota ou monta “à brida’ pertencia ao exército cristão Nortenho. A gineta saiu vitoriosa, influenciando o tipo de sela usada pelos nossos colonizadores. Informação disponível em: [https://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_35901/artigo\\_sobre\\_sela-portuguesa](https://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_35901/artigo_sobre_sela-portuguesa). Acesso em: 26 abr. 2025.

ponto 56 (Itaporanga D`ajuda) e a forma lexical “sela de vaqueiro” presente em dois pontos, 53 (Estância) e 61 (Brejo Grande).

Durante a observação participante, percebemos o quanto a **sela vaqueira** possui um valor significativo para a história cultural da comunidade. Entre os diversos modelos de selas mencionados pelos colaboradores, a **sela vaqueira** foi o único modelo citado por todos eles. Essa unanimidade revela a conexão existente entre a comunidade local e essa sela; percebemos que uma das razões de sua importância se deve ao fato de que, durante um período de sua história, Riachão do Jacuípe foi reconhecido pela fabricação da **sela vaqueira**, o que inclusive chegou a originar a variante ‘sela de Riachão’.

O processo de lexicalização do modelo de sela a partir do topônimo, não é exclusivo de Riachão do Jacuípe, observamos lexias denominando modelos de selas a partir da origem de fabricação em outros lugares. Assim como a variante ‘sela de Riachão’, localizamos em Fonseca (2017) a variante ‘sela vaqueira do Malhador’ em referência à sela produzida na localidade de Malhador, distrito de Ipirá-Bahia. Outras formas variantes com topônimos foram mencionadas pelos colaboradores seleiros ao se referirem à “sela vaqueira de Ipirá” e à “sela de Curaçá” como uma forma de estabelecer diferenças entre esses modelos e a ‘sela de Riachão’.

Figura 42 - Sela vaqueira<sup>86</sup>



Fonte: Carneiro (2023).

<sup>86</sup> Esta e as outras selas do ensaio fotográfico foram cedidas por um dos seleiros. O registro foi realizado considerando-se ser uma sela fabricada em Riachão do Jacuípe, mas em entrevista complementar com os demais seleiros foi esclarecido que se trata de uma sela fabricada em Ipirá (BA). Infelizmente não conseguimos uma sela vaqueira completa para o registro fotográfico.

A imagem da **sela vaqueira** retrata uma peça de arreio confeccionada em couro curtido, a capa da sela é produzida em couro de boi e o coxim em couro de bode, mais flexível e delicado que o couro de boi. O contraste das tonalidades dos couros realça o trabalho artesanal do seleiros que adornam a peça com desenhos em rebaixo e costura decorativa. Uma peça que vem entrando em declínio ao ser gradualmente substituída por outros tipos de sela. As declarações dos colaboradores do grupo dos seleiros confirmam o declínio da sela vaqueira:

Exemplo 59 - Trecho das entrevistas 13, 15, 16 e 20 – declínio da sela vaqueira

(13)

INF. – [...] é **sela vaqueira ninguém... Ninguém fabrica mais aqui**. Ninguém faz uma mais por dinheiro nenhum.

INQ. – Por quê?

INF. – Porque acabou, os seleiro mais veio morreu... o... ficou no mais velho largou de fazer, então acabou, **não tem mais...** não tem quem... tinha quatro fazedor de ação [arção] morreram todos quatro nenhum ficou.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(15)

INQ. – O senhor continua fabricando as mesmas coisas, tendo as mesmas procura?

INF. – Não, tem coisa que já saiu do... do... **tem sela que já saiu do esquema**, inda tá... é como eu falei pro... pra uma competição. **Hoje ninguém usa mais uma sela vaqueira**. Só pra uma competição.

INQ. – O senhor tem alguma dela aqui?

INF. – Não.

INQ. – Nem tem mais assim, né? Pra mostrar. E o senhor acha que por que as pessoas pararam de usar a sela vaqueira?

INF. – Porque ninguém quer! Só quer saber de coisa de passeio.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(16)

INQ. – E tu acha assim que estão deixando de usar a sela vaqueira por quê?

INF. – Olha, a **sela vaqueira hoje eles não usa mais** é.. é porque não tem quem faça, porque é uma sela vaqueira hoje envolve... pro cara fazer uma sela vaqueira hoje envolve umas cinco ou seis pessoas pra fazer ela, uma pessoa só não faz [...] Então, depende de muita gente. Hoje mesmo, quasemente, essa sela vaqueira hoje nem existe. Nem não tem nem quem faça mais. Acabou.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, Seleiro, Faixa Etária III, Alfabetizado.

(20)

INQ. – E o senhor acha que... que o povo tá deixando de usar porque a sela vaqueira?

INF. – Porque a **sela vaqueira fica uma sela pesada e... e meia cara** também a mão de obra.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

De acordo com os colaboradores seleiros, a produção da sela vaqueira tem decaído por algumas razões, duas são as principais: a escassez de profissionais capacitados para a confecção e a diminuição da demanda por esse produto. Essa constatação evidencia a estreita relação entre o ofício do seleiro e o do vaqueiro, uma vez que, se o vaqueiro deixa de utilizar a sela vaqueira, torna-se inviável a continuidade na produção desse material, e têm-se assim o fim de uma tradição. Outro fator é a falta da transmissão do conhecimento na preparação da sela vaqueira, que não ocorreu de forma contínua ao longo das gerações no município de Riachão do Jacuípe, para que ela se tornasse um elemento central da identidade cultural da comunidade. Conforme o depoimento do colaborador S16P, no Exemplo 60, a sela vaqueira chegou ao fim porque não teve quem continuasse a produção:

Exemplo 60 - Trecho da entrevista 16 – fim da sela vaqueira

INF. – Antigamente era vaqueira. A vaqueira com... com o pessoal com... com o **aquele pessoal foram morrendo, os filho não ficaram na profissão** praticamente e acabou.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa Etária III, Ensino Médio.

Como se pode atestar pela fala do entrevistado S16P, a 'sela de Riachão' representou a herança cultural e o legado dos seleiros. Infelizmente, a produção dessa sela não existe mais na localidade chegando ao ponto de não ser possível encontrar uma sela vaqueira nova fabricada no município. Essa ausência é significativa e cria uma lacuna da história cultural de Riachão do Jacuípe com a perda de um importante símbolo de sua história e tradição.

Um ponto notável é que durante as entrevistas foi possível observar diferenças na relação dos grupos de colaboradores com a sela vaqueira. Enquanto os seleiros encaravam o fim da produção da sela vaqueira de forma prática e menos sentimental, substituindo-a por outro modelo de sela, os vaqueiros argumentavam que as selas mais modernas não possuem a mesma aceitação e não podem ser consideradas "selas de verdade". Para eles, a sela vaqueira continua a ser a única e verdadeira representante da cultura do vaqueiro.

### 5.2.1.3.2 Vaqueirinha

**Vaqueirinha** refere-se à denominação do modelo de sela que vem sendo adotado de forma crescente nas situações anteriormente atendidas pela ‘sela vaqueira’. Apresentou na comunidade as variantes ‘selinha’ e ‘casquinho’. As denominações para este modelo de sela constituem três formas lexicais inéditas, pois não se encontrou qualquer menção ou registro correspondente em nível semântico na literatura de referência utilizada neste estudo. A ausência de documentação em dicionários, atlas linguísticos e obras especializadas corrobora a originalidade do processo de lexicalização, enquanto designação específica de um modelo de sela que está em processo de adaptação.

O agrupamento lexical **vaqueirinha**, com as suas variantes ‘selinha’ e ‘casquinho’, se origina a partir de um processo de derivação morfológica pelo acréscimo do sufixo diminutivo ‘inho/a’. Nesse sentido, o processo de formação reflete uma modulação semântica que busca remeter a uma versão menor da sela vaqueira. Conforme discutido no tópico 5.2.1.3.1, observa-se um declínio no uso da ‘sela vaqueira’, que tem sido substituído progressivamente pelo modelo **vaqueirinha**, conforme observado na pesquisa de campo e nos depoimentos dos colaboradores. O trecho da entrevista 61 exemplifica:

Exemplo 61 - Trecho da entrevista 13 – a vaqueirinha

INF. – É a vaqueirinha. **Ficou no lugar da sela vaqueira**, é sela vaqueira ninguém... Ninguém fabrica mais aqui. Ninguém faz uma mais por dinheiro nenhum.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Ao serem questionados sobre quais as vantagens da **vaqueirinha**, os seleiros justificam que esse tipo é menos custoso e laborioso de se produzir que a ‘sela vaqueira’ além de ser um modelo mais leve:

Exemplo 62 - Trecho da entrevista 20 – vantagens da vaqueirinha

INF. – [...] Essa [a vaqueirinha] ficou uma sela **mais manêra**. Aí foi mudano as coisa. Mais **fácil de fazer**, melhor pra labutar. Aí o povo mudô mais pra essa vaqueirinha.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A imagem da Figura 43 mostra uma sela **vaqueirinha** fabricada por um dos colaboradores seleiros que permite observar como se caracteriza esse tipo de sela:

Figura 43 - Vaqueirinha

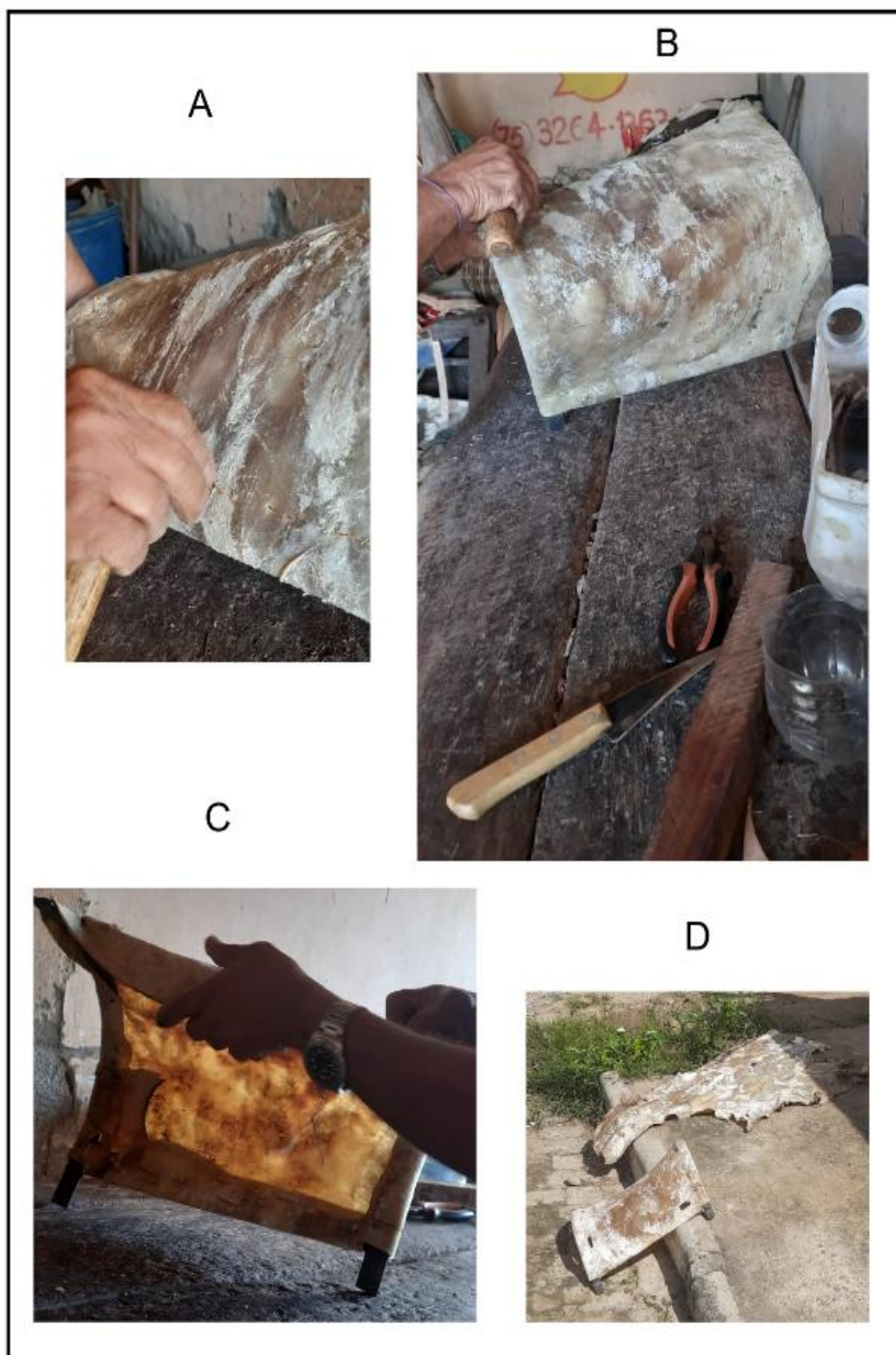


Fonte: Carneiro (2023).

A Figura deixa evidente que a sela **vaqueirinha** é um modelo com linhas simples e *design* pouco ornamentado; a ‘capa da sela’ é uma peça sem robustez, com ‘coxim’ relativamente plano, o ‘cabecote’ e ‘lua da sela’ são pouco proeminentes, sem muitos detalhes decorativos; percebemos ausência do ‘guarda-cação’ e da ‘correia de garupeira’; o ‘loro’ é de sola azul, um tipo de couro diferente do restante da sela e o ‘guarda-loro’, em tamanho menor que o da sela vaqueira, tem se tornado um item que os compradores ou dispensam no ato da compra ou tiram no momento de usar a sela. Todos esses detalhes sugerem a funcionalidade desse modelo de sela que é fabricada para atender a requisitos de leveza, praticidade e economia.

Dentre as características de praticidade que caracterizam a **vaqueirinha**, está a estrutura simplificada de seu ‘arção’, que é uma armação de couro de carneiro – no lugar da ‘prenda’ - com duas pequenas barras de ferro nas extremidades, substituindo o ‘arção da frente’ e o ‘arção de trás’; sem enervação e sem madeira esculpida, sendo uma estrutura mais simples, que até os seleiros iniciantes conseguem montar. As imagens na Figura 44 ilustram o processo de produção de um arção para a **vaqueirinha** sendo executado por um dos seleiros colaboradores, durante a entrevista para essa pesquisa:

Figura 44 - Produção do arção da vaqueirinha



Fonte: Acervo pessoal da autora, capturada em 30/06/2023

A Figura 44 é composta por quatro imagens que ilustram diferentes etapas da produção do arção da **vaqueirinha**, coletadas durante a pesquisa de campo. Nas imagens A e B, é possível observar o seleiro montando o que seria a prenda, ele costura um couro de carneiro em vez de recorrer ao couro de boi, utilizando sovela<sup>87</sup>,

<sup>87</sup> Instrumento de trabalho do seleiro, espécie de agulha com uma ponta de ferro ou aço e o cabo de madeira usado para furar o couro.

linha e agulha para fixá-lo às pequenas barras de ferro. A imagem C oferece uma visão do processo de costura a partir de um ângulo da parte de baixo do arção. Por fim, na imagem D, podem ser observados, sob o sol, o arção já confeccionado ao lado de um couro de carneiro em processo de secagem para a fabricação de um novo arção. Essas etapas demonstram como a produção da **vaqueirinha** é mais simples do que a da sela vaqueira.

A sela **vaqueirinha** vem sendo confeccionada como resposta às demandas por um equipamento mais prático para os vaqueiros, levando os seleiros a agir em função da funcionalidade e produzir uma sela que seja prática para as novas configurações do trabalho do vaqueiro. O depoimento do colaborador ilustra essa transformação:

Exemplo 63 - Trecho da entrevista 15 – da sela vaqueira para a vaqueirinha

INQ. – E o senhor faz a sela vaqueira aqui?

INF. – Não faço porque... Deus me livre! Foi a primeira que eu aprendi fazer foi ela. Mas é muito trabalho.

INQ. – Qual é o tipo de sela que o senhor faz? Que não é mais a sela vaqueira, né? O senhor faz qual sela?

INF. – **Nós improvisamos a... a... a vaqueirinha no lugar da vaqueira.**

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A fala do seleiro no Exemplo 62 ao afirmar que improvisou um modelo de sela, revela uma tensão por demonstrar alívio na redução do sofrimento provocado na confecção da 'sela vaqueira', que segundo ele é muito trabalhosa, mas por outro lado deixa entender que a sela improvisada tolhe sua capacidade criativa. O processo de migração da 'sela vaqueira' para a **vaqueirinha** nos leva a concluir que não se trata apenas de adaptação aos novos contextos de trabalho, mas perpassa também pela identidade cultural do seleiro e do próprio vaqueiro.

A condição da vaqueirinha como substituta da sela vaqueira é uma evidência das transformações em curso na cultura, em que elementos tradicionais são gradualmente substituídos por outros que priorizam praticidade e economia, uma vez que a produção da sela vaqueira é bem mais trabalhosa e custosa. Essas mudanças são inerentes à evolução cultural e social, portanto é natural que transformações aconteçam. Diante desse cenário, torna-se fundamental documentar e registrar os elementos culturais para que não se percam ao longo da história.

### 5.2.1.3.3 Sela de pau

Para a realização do trabalho da fazer a monta inicial em animais, os vaqueiros utilizam a sela comumente chamada de **sela de pau**, desenvolvida pelos seleiros para garantir segurança ao vaqueiro na atividade de amansar animais bravos. A **sela de pau**, também denominada pelos entrevistados pelas variantes lexicais 'sela de gancho' e 'ganchinho', é uma variação da 'vaqueirinha'. Através da Figura 45 é possível ter uma noção da estrutura da **sela de pau**:

Figura 45 - Sela de pau



Fonte: Carneiro (2023).

O *design* da **sela de pau** mantém o mesmo formato e tamanho da 'vaqueirinha', diferenciando-se pela estrutura de madeira fixada ao cabeçote da **sela de pau**, responsável pela motivação de sua nomenclatura. A estrutura que dá nome à sela é um pedaço de madeira, que pode ficar ao natural ou ser revestida de couro, como a sela da Figura 45. Esse item costuma medir cerca de 30cm de comprimento, e fica atravessado no coxim, nas imediações do cabeçote, formando uma espécie de trava para as pernas do montador durante os pulos do animal, bem como serve de apoio para as mãos.

No que se refere à análise dessa peça, não foi localizado registro dessa lexia nos dicionários consultados, nem encontrada menção nas obras consultadas. Nos dicionários, encontramos a forma 'albardela', registrada no dicionário da RAE (2014)

como *'silla para domar potros'*, fazendo remissão a 'albarda' de origem árabe hispânica *albárda'ah*. Cunha (1994), Aulete (1948, 2011) e Houaiss(2011) registram 'albarda' como 'sela grosseira para bestas de carga'. Uma lexia similar à encontrada neste estudo, entretanto a forma 'albarda' não foi reconhecida pelos colaboradores dessa pesquisa.

Conforme mencionado, a função dessa estrutura é dar mais segurança para o vaqueiro, como se fosse uma espécie de gancho em que ele possa se apoiar durante o trabalho de amansar animais bravios, como se pode verificar nos depoimentos do colaborador V04F, no Exemplo 64:

Exemplo 64 - Trecho da entrevista 04 – o gancho da sela de pau

INQ. – E os tipo de sela?

INF. – A sela tem [...] tem a **sela de pau pra muntá em brabo**, aquela que tem...

INQ. – Aquele negócio...

INF. – O **gancho**. É. **Aquele pau pra você num caí**. É essas.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Os depoimentos coletados, em especial o de V04F, nos levam a inferir que a motivação latente para as variantes 'ganchinho' e 'sela de gancho' também está relacionada com a estrutura desse modelo de sela. Torna-se imperativo pontuar que a **sela de pau**, assim como a 'vaqueirinha', possuem uma estrutura semelhante, são modelos novos, emergentes à tradicional 'sela vaqueira'. Enquanto no passado, os vaqueiros da região utilizavam a 'sela vaqueira' para diferentes trabalhos da lida, na atualidade observamos a adoção desses dois novos modelos, ainda em processo de implementação, sendo utilizados em substituição da 'sela vaqueira'.

Observa-se que ambos os modelos estão em processo de lexicalização. Conseqüentemente, os falantes recorrem a designações generalizadas, por vezes empregando indistintamente a mesma lexia para se referirem aos dois modelos de sela. Observe-se o exposto no exemplo 65:

Exemplo 65 - Trecho da entrevista 15 – mesma lexia para diferentes modelos de sela

INQ. – Sela de pau e casquinho. É tudo a mesma?

INF. – Não, **a vaqueirinha é uma e o casquinho já é outro**.

INQ. – Ah... e sela de pau?

INF. – É essa daqui [sinaliza uma foto no celular].

INQ. – Agora a de pau é diferente da casquinho ou é a mesma?

INF. – É diferente também.

[...]

INQ. – A casquinho é igual a qual?

INF. – A vaqueirinha. **A casquinho é sem o pau.**

[...]

INQ. – E a ganchinho de pau é a mesma sela de pau?

INF. – É. Vou mudar pra ôta sela aí pra você vê.

INQ. – E uma que o povo chama de selinha? É o selim de vaquejada ou é a vaqueirinha?

INF. – É. Ainda falta a sela aí pra você botar? Essa você não tem não. Essa aí você só vai achar ne grupo.

INQ. – Qual?

INF. – A sela de banda.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

É interessante destacar que o colaborador S15J apresenta um conjunto de informações que, de certa forma, revelam o processo de ambivalência lexical aqui discutido. Inicialmente, S15J confirma a informação validada nessa pesquisa que a **sela de pau** e a ‘casquinho’ são modelos diferentes. Entretanto, vai de encontro à classificação adotada aqui de que a ‘casquinho’ é uma variante da ‘vaqueirinha’. Posteriormente, ele explica que a sela vaqueirinha é a mesma ‘casquinho’ sem o pau, o que sugere que ele reconsidera e admite a ‘casquinho’ como uma variante da ‘vaqueirinha’; por fim, o colaborador demonstra impaciência com o assunto e sugere a mudança de contexto da conversa para outro tipo de sela, mencionando a ‘sela de banda’ que não havia sido ponderada.

Durante as entrevistas, foi muito difícil classificar as variantes das selas do tipo **sela de pau** e ‘vaqueirinha’, que muitas vezes se confundiam sem critérios claros. Após exame criterioso, identificamos que a diferenciação básica é a presença ou a ausência da estrutura de madeira na parte do ‘cabeçote’, e validamos, de acordo com os depoimentos que, quando há a estrutura de madeira é denominada **sela de pau**, ‘ganchinho’ ou ‘sela de gancho’.

É importante observar que os modelos de sela que vem substituindo a ‘sela vaqueira’, a **sela de pau** e a ‘vaqueirinha’, são confeccionados com elementos mais acessíveis em termos de custo e produção, de modo que, geralmente, são utilizados em partes como o coxim, materiais sintéticos semelhantes ao couro. Essas mudanças evidenciam como o couro vem se tornando uma matéria-prima escassa, bem como refletem a busca por soluções mais práticas, sem perder de vista a funcionalidade da sela.

Com base nas informações coletadas, fica evidente que o processo de lexicalização da **sela de pau** reflete mudanças na língua e na cultura. É importante

ressaltar que o mapeamento dessa imprecisão lexical permite compreender determinados elementos culturais, tornando-se fundamental para que não se percam na história, e sejam documentados como parte integrante de uma identidade cultural e linguística.

#### 5.2.1.3.4 Sela mineira

Para os colaboradores da pesquisa, a **sela mineira** apresentou a variante lexical “sela de cigano” e corresponde ao modelo de sela em que seu formato característico de cabeçote se assemelha a um guidão de motocicleta, tendo uma madeira no cabeçote, na mesma imediação da ‘sela de pau’, assemelhando-se a esse tipo de sela. Através da Figura 46 é possível verificar as características da sela mineira:

Figura 46 - Sela mineira



Fonte: Carneiro (2023).

Nesta representação visual ilustrada na imagem da Figura 45, é possível notar o formato da parte dianteira que caracteriza a sela mineira com detalhes ornamentais em rebaixo no couro revestindo o suporte, além do coxim forrado com um couro camurçado em tom marrom, criando um contraste com o tom claro da sela.

Não foi localizado registro da lexia **sela vaqueira** nos dicionários, nem nas obras com temas afins que dão suporte a essa análise. Em relação à pesquisa geolinguística, identificamos a lexia em Mendes (1992), em quatro pontos da carta 44

-Tipos de sela – nos pontos: 54 (Pedrinhas), 56 (Itaporanga D’Ajuda), 58 Simão Dias e 59 (Divina Pastora).

A lexia foi mencionada por grande parte dos colaboradores, estabelecendo-se como a segunda sela mais citada na pesquisa, sendo menos citada apenas que a ‘sela vaqueira’. Essa alta taxa de menções indica uma presença significativa da sela mineira na cultura de Riachão do Jacuípe, sendo um modelo já enraizado, diferente da ‘sela de pau’ e da ‘vaqueirinha’, a **sela mineira** foi apresentada e descrita pelos colaboradores sem traços de ambivalência lexical.

É interessante notar que não localizamos a origem dessa sela, apenas que podemos considerar a **sela mineira** um modelo antigo, assim como a ‘sela vaqueira’, pois ela faz parte do repertório linguístico dos entrevistados de mais idade, como mencionado pelo colaborador V05N e ilustrado no Exemplo 66:

Exemplo 66 - Trecho da entrevista 05 – a sela mineira é antiga

INQ. – A gente tava falano nestante. O sinhô falô da sela. Como é que montava, que tinha capa da sela, mas, assim, existe mais de um tipo de sela, né?

INF. – Tem. Tem a sela vaquêra, que é o do vaquêro, **tem a minêra**, tem o selegote... agora... **Esses antigo que eu sei, né?** A de hoje... essas sela de hoje num pergunte o nome que eu num chamo. Eu num chamo aquilo de sela. Aquilo é um taco de côro.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Outro traço característico da sela mineira que ficou evidente é a sua utilização em termos culturais, sendo mais comumente utilizada em momentos de lazer e para a montaria em muares, conforme declaram os colaboradores V09P e V03G:

Exemplo 67 - Trecho das Entrevistas 09 e 03 – a sela mineira é para muares

(09)

INQ. – Os arreios são os mesmo pra qualquer animal ou tem diferença?

INF. – Diferença só de tamanho, mas o... qualquer arreio você bota ni qualquer animal.

INQ. – Tanto faz se é mula ou se é cavalo?

INF. – É. Agora específico no **caso pra pôr o burro mesmo**, antigamente **tinha sela mineira** e tem a sela de campo aqui é a sela do vaqueiro mesmo trabalhar no campo. Agora já se o vaqueiro, que ele quisesse sair, às vezes, um dia de domingo, ali montado em um animal diferente, que nem um burro o negócio... aí ele já usava uma sela mineira já, uma sela diferente.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

(03)

INQ. – E qual a diferença? Por exemplo, qual é a diferença de uma sela de vaquejada pra uma sela minêra?

INF. – Pra gente muntá?

INQ. – Pra gente olhá assim e dizê a diferença.

INF. – A diferença purque, eu acho que uma, uma sela de vaquejada pra mim é mais bunita que uma sela minêra. Uma **sela minêra é feita pra burro**, certo? Num assenta pa um cavalo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Nos trechos citados, é apontado o uso da **sela mineira** especificamente para montaria em burros e não em cavalos, nesse caso há uma certa variação no arreamento, principalmente, em relação à quantidade de couro presente nas peças. Os arreios dos muares costumam ter mais ferragens que couro; as argolas são um ponto alto desse arreamento. O colaborador menciona ainda a **sela mineira** como uma opção para o vaqueiro em um momento que quisesse sair da rotina do dia a dia em que utilizava a ‘sela vaqueira’.

No que diz respeito à variante ‘sela de cigano’, observe-se o modo como o colaborador a menciona enquanto detalha a classificação dos tipos de sela no Exemplo 68:

Exemplo 68 - Trecho da entrevista 05 – sela de cigano

INF. – [...] Tinha a sela minêra (mineira). A senhora sabe como era a sela minêra (mineira), aquela **sela de cigano** chamada. Sela muito confortável.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A declaração do colaborador, leva à hipótese que a designação ‘sela de cigano’ possa ter se originado por sua associação com os ciganos que passavam por Riachão do Jacuípe. Essa hipótese encontra respaldo no estudo de Silva (2023) que relata registros em Minas Gerais, no século XIX, de trupes de ciganos - geralmente saltimbancos e circenses - que realizavam acrobacias sobre cavalos, revelando uma possível origem para a variante a partir de influência do grupo de ciganos.

Além disso, o colaborador V09P fornece uma descrição minuciosa e detalhada da sela mineira, abordando cuidadosamente suas características e componentes, observe-se o Exemplo 69:

Exemplo 69 - Trecho da entrevista 09 – características da sela mineira

INQ. – Tem como descrever assim a diferença de uma pra outra. Eu, por exemplo, eu que não sei. Como é que eu vou saber se é uma sela é mineira ou se é...

INF. – A sela mineira ela é uma sela... ela é mais **alta, a frente dela** tem uma espécie assim como se fosse **duas pontas de pau com o tamanho de um metro... de um palmo e meio de um lado pra outro agora todo cobertinho de couro artesanal, muito bem feito e ela é mais alta de que as outra**, o

estribo [estribo] dela que é o lugar que coloca o pé é diferente **ela não tem aquela capa** que a sela vaqueira tem que você desce tira a capa fica só o açã, entendeu?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado

Com base nas informações fornecidas pelos colaboradores, é possível concluir que a **sela mineira** se diferencia das outras pelo formato e uso. Perceber e registrar as características distintivas de cada tipo mostra a importância de se explorar a diversidade das selas, uma vez que são partes da cultura e formam um léxico que reflete a tradição e os costumes da cultura do vaqueiro.

#### 5.2.1.3.5 Sela de pista

A **sela de pista** é outro tipo de sela bastante comum para os colaboradores da pesquisa, aparecendo de maneira recorrente nos depoimentos. Trata-se de uma lexia complexa que não se encontra dicionarizada. No entanto, as lexias simples que a formam estão registradas. Em Houaiss (2011) a lexia ‘pista’, dentre outros registros, está como “caminho especialmente preparado com demarcações, sinais, etc; para a realização de corridas de cavalos” o que converge para a designação apresentada pelos colaboradores que nomeiam como **sela de pista** o modelo utilizado na prática da vaquejada esportiva, com motivação nominal para a pista de correr vaquejada. Veja-se o exemplo 70:

Exemplo 70 - Trecho da entrevista 11 – sela de pista

INQ. – Ótimo. Agora vamos falar dos tipo de sela:

INF. – [...] Tem a **sela de pista** de correr vaquejada, que num tem coxim, ela é baixinha... tem vários tipos de sela. É porque nessas hora assim, tem hora que a gente esquece das coisas...

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O depoimento do colaborador V11R enfatiza a funcionalidade da **sela de pista**, definindo-a como o modelo ideal para a prática esportiva da vaquejada e descreve traços das características dessa sela. Ao classificá-la como “sem coxim” e “baixinha”, ele se refere a uma estrutura menos robusta que permite que o montador se posicione com o tronco inclinado para a frente, favorecendo a agilidade necessária para, por exemplo, agarrar o rabo do boi enquanto o cavalo corre em grande velocidade. A imagem de uma **sela de pista** na Figura 47, permite verificar as características desse tipo de sela:

Figura 47 - Sela de pista



Fonte: Carneiro (2023).

A imagem da **sela de pista** permite observar características que a tornam eficaz para o desempenho nas competições de vaquejada, a capa da sela tem dimensões bem pequenas e o coxim, quase inexistente, evita peso desnecessário e facilita a agilidade do animal e do montador. Outro detalhe que chama atenção são os estribos pequenos e leves. De acordo com o colaborador V02E (Exemplo 71) há preocupação por parte dos seleiros em colocar neste tipo de sela estribos mais leves e pequenos:

Exemplo 71 - Trecho da entrevista 02 – estribo da sela de pista

INF. – O estribo da sela vaquêra ele... tem um formato, assim, muito grande. Parecendo uma boca de um sapato [risos].

INQ. – Sei, sei como é [risos].

INF. – O **estribo** hoje mesmo **da sela de pista**, de vaquejada é um **estrivinho mais fino**. Uma coisa, tipo assim, mais delicada. Coisa que **só cabe mesmo a bota do vaquêro** ali, e é confortável.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02E, vaqueiro, faixa etária I, ensino médio.

A lexia **sela de pista** apresentou as variantes lexicais 'selim' e 'selim de vaquejada'. Conforme atesta os depoimentos a seguir:

Exemplo 72 - Trecho da entrevista 02 – selim e selim de vaquejada

(15)

INQ. – O senhor faz a [sela] de vaquejada?

INF. – Que é chamada **selim de vaquejada**? Qualquer um tipo de sela que você pensar eu sei fazer.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(13)

INF. – Ó... aqui é um **silim** [sela de pista] o **silim** ainda tem o lugar se quiser botar rabicho bota, inda tem. Agora essas australiana nenhuma tem o rabicho.  
 Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A forma lexical 'selim' está registrada em boa parte das obras que serviram de base para esta análise com o significado de uma sela pequena. Tal identificação coaduna com a realidade do tipo de sela analisado aqui, uma vez que a **sela de pista** é bem menor que o padrão das selas analisadas. Mas também aparece como sela usada pelas mulheres (Chofard, 2023).

Em Mendes (1992), a forma lexical 'selim' está presente no ponto 56 (Itaporanga D'ajuda) dentre os tipos de sela da carta 44. No que tange ao registro nos dicionários, localizamos a forma 'selim', dentre outros, em Houaiss (2011) com o significado de "sela para montaria, pequena e sem arção". Entretanto, há nas obras lexicográficas registros de 'selim' associado à sela feminina. Aulete (2011,1948) registra como 'sela pequena e rasa' e, na versão mais antiga, exemplifica o verbete com o trecho de uma obra literária fazendo alusão à montaria feminina. Em Cardoso (2000), encontra-se com a seguinte acepção: "é uma sela pequenininha. Dá-se o nome de **selim**, porque mulher monta-se também." Fica evidente a ampla presença da variante 'selim' na literatura de referência, registrada com variação semântica, mas com conotação que reforça a aplicação de sentido atribuída pela comunidade estudada.

Assim, a sela de pista emerge, com base nos depoimentos dos colaboradores e na análise do campo léxico, como uma contribuição linguística deste estudo, visto que sua ocorrência não foi localizada em pesquisas anteriores. Ademais sua análise representa uma contribuição à cultura, ao apresentá-la como um modelo vinculado à prática esportiva da vaquejada.

#### 5.2.1.3.6 Sela australiana

A **sela australiana** desempenha um papel diferente das selas tratadas para o trabalho no campo. Seu uso convencional é destinado a passeios e torneios de

competição de marcha. Geralmente é utilizada com uma manta colorida,<sup>88</sup> acolchoada para proporcionar conforto tanto para o animal quanto para o cavaleiro, os estribos são leves de plástico resistente e a sela apresenta uma curvatura adequada para se ajustar ao dorso do animal. As correias de loro não são acompanhadas de guarda-loro e saem diretamente da capa da sela, que ganha um destaque ao ficar mais visível. A Figura 48 ilustra uma sela australiana:

Figura 48 - Sela australiana



Fonte: Carneiro (2023).

A lexia **sela australiana** apresentou a variante lexical ‘sela de passeio’, ambas não se encontram dicionarizada e apenas a forma variante foi localizada na literatura referenciada nessa análise. Em Mendes (1992), a cartografia dos dados apontou na carta 44 – tipos de sela – o registro da variante ‘sela de passeio’ no ponto 61 (Brejo Grande).

Nunes (2018) explica que a ‘sela de passeio’ é uma peça “para montaria feita em couro e madeira, de acabamento mais robusto, trabalhado e com mais acessórios”. A autora abona com a fala de um informante que admite o conforto da sela e ao mesmo tempo reconhece os limites dessa peça: “a sela de passeio é mais confortável mesmo, mas não dá pra fazer os manejos que a gente faz no mato” (Nunes, 2018, p. 228), ou seja, não é sela para o trabalho no campo.

---

<sup>88</sup> A manta é uma proteção acolchoada de lã ou espuma que se coloca entre a sela e o dorso do animal para proteger o pelo e evitar que a sela machuque o animal. Não foi analisada aqui por não ter o couro como matéria-prima. Na Figura 48 a manta é a peça vermelha embaixo da sela.

Faria (1969) registra a denominação “suzana” que segundo ele é um modelo de sela, tipicamente, para uso em passeio, assemelhando-se a um “ginete” com almofadas, denominação de outro tipo de sela não registrado no inquérito. O autor esclarece que “o ginete é a sela dos vaqueiros” (Faria, 1969, p. 37). O que nos leva à hipótese que a sela australiana pode ser uma versão da sela vaqueira voltada para momentos recreativos ou de viagem.

Sobre a origem da *lexia* e sua etimologia, não encontramos dados lexicográficos nem geolinguísticos. Entretanto, de acordo com Greca (2025) a utilização da sela australiana no Brasil remonta ao final do século XX, impulsionada pela exibição do filme australiano *The man from snowy river*<sup>89</sup>, 1982, que teria desempenhado um papel importante na popularização da sela no país. Ainda de acordo ao autor, a origem dessa sela está relacionada à colonização inglesa na Austrália, em 1788, quando os equipamentos dos colonizadores foram adaptados às práticas e condições ambientais dos nativos.

Não foram encontradas outras fontes, além de Greca (2025), para atestar conclusivamente a origem da **sela australiana** e sua relação com a obra cinematográfica. No entanto, é pertinente observar que se trata de um fenômeno verossímil, em que um elemento tradicional da vida rural – a sela - sofre influência direta de um produto tipicamente urbano – o cinema; evidenciando como as práticas e estéticas da urbanidade vão moldando, gradualmente, os costumes e tradições do campo.

A **sela australiana** não é costumeiramente utilizada pelos vaqueiros, a pesquisa de campo e a análise realizada pela pesquisa comprova essa afirmação. Veja-se o exemplo 73 com trecho das conversas com três colaboradores, que são unânimes em afirmar que a sela australiana é para a montaria por lazer, geralmente realizada em cavalos de caminhada:

Exemplo 73 - Trecho das entrevistas 03, 12 e 16– a sela australiana é para lazer

(03)

INF. – Uma sela **istaliane** [australiana] é bom prum [para um] **cavalo de caminhada**, como vocês têm. Certo? Uma sela **istaliane** é pra cavalo machadô.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

<sup>89</sup> O título do filme em português é “O homem do vale nevado”. A adesão a este modelo de sela entre os apreciadores da equitação foi atribuída ao impacto que a exibição do filme provocou, uma vez que as cenas foram integralmente rodadas utilizando essa peça.

(12)

INQ. – E a australiana?

INF. – A **australiana pra cavalo machador**...o ganchinho é pra mansador de brabo. E a sela do campo é a sela do vaqueiro é a tradição do vaqueiro mesmo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 12 — Colaborador: V12D, seleiro, faixa etária II, não alfabetizado.

(16)

INF. – [...] a que eu mais conserto hoje é a **australiana**. Mas essa aí é uma sela mais de... de... pa montaria. **Pra cavalgada**, pra essas festa que eles fazem.

INQ. – Não é sela de ir pra catinga não. Né?

INF. – Não, não, não.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

A fala dos colaboradores deixa latente que quem usa esse tipo de sela são pessoas da cidade que cultivam o campo como *hobby*, especialmente aqueles envolvidos na criação da raça Mangalarga, que tipicamente são animais machadores, de marcha suave e confortável, próprios para a equitação de lazer. Como também é importante destacar que a prática de montar a cavalo da raça Mangalarga, está associada a um senso de privilégio, em que mudanças socioeconômicas e culturais tornaram a montaria uma atividade para poucos. Atualmente, possuir um cavalo e ter acesso a uma propriedade rural para criar e cuidar dos animais é um luxo para aqueles que têm os recursos financeiros e as condições necessárias para sustentar essa prática, pois o uso desses animais representa um símbolo de status e prestígio, refletindo não apenas a possibilidade financeira para adquirir um cavalo dessa raça, mas também simbolizando a entrada em um círculo social. A elite tem acesso a eventos e atividades onde a montaria em cavalos machadores é valorizada, como cavalgadas, desfiles e competições. Eventos que acabam se distanciando da tradição da cultura do vaqueiro, intrinsecamente ligada ao trabalho no campo e às habilidades para lidar com os animais.

Devido ao caráter mais elitizado da **sela australiana**, ela não costuma ser produzida pelos seleiros jacuipenses, e sim fabricada a nível industrial. Sendo que as pessoas de classe menos favorecida participam das festas e cavalgadas em animais que não são da raça Mangalarga e costumam utilizar modelos de sela mais simples como a sela vaqueirinha.

### 5.2.1.3.7 Sela de banda

A **sela de banda** é a denominação utilizada pelos colaboradores da pesquisa para designar a sela tradicionalmente fabricada para a montaria feminina. É uma lexia que apresentou na comunidade apenas a variante ‘selote’. E embora os colaboradores tenham utilizado exclusivamente **sela de banda** e ‘selote’, a literatura de referência consultada reuniu formas variantes diversas associadas ao mesmo tipo de sela.

As formas lexicais validadas pelos colaboradores - **sela e banda** e ‘selote’ - foram registradas também por Cardoso e Ferreira (2000), que identificam, além dessas, as variantes: “arreio de banda”, “cabecinha”, “selim”, “selim de banda”, “selegote” e “silhão” como denominações para a sela de mulher, conforme respostas associadas às cartas 144 do APFB (1963) e 148 do ALS (1987). Ainda de acordo com a pesquisa geolinguística, Mendes (1992) registra as formas **sela de banda** e “silhão” nas notas da carta 44. Destaca-se que a lexia “silhão” é a designação mais frequente nos dicionários para a sela de mulher, enquanto as demais formas são geralmente apresentadas como sela pequena, sem explicitar a característica de serem especialmente confeccionadas para as mulheres.

A observação dos dados levantados conduziu à hipótese de que a motivação semântica para a designação **sela de banda** pode estar diretamente relacionada com as características estruturais que moldam o formato dessa sela, a qual apresenta um arção semicircular, com uma única correia de loro, enquanto nas selas tradicionais são duas correias de loro, uma de cada lado; e um estribo posicionado de forma lateral, projetada especificamente para o uso de mulheres, a fim de atender demandas sociais de uma época em que não era comum o uso de calças por mulheres, possibilitando que a montaria feminina fosse realizada com a mulher sentada de lado. Dessa forma a terminologia empregada reflete uma associação entre o formato da sela e a prática de sua utilização, evidenciando a relação entre a forma e a função.

Pela imagem ilustrada na Figura 49 podemos observar uma **sela de banda** na cor preta com um estribo dourado, bastante representativa de um momento histórico em que as mulheres utilizavam uma sela diferente dos modelos masculinos:

Figura 49 - Sela de banda



Fonte: Carneiro (2023).

A **sela de banda** é uma peça que já caiu em desuso, não tendo sido substituída por um modelo alternativo voltado para o público feminino. Ao contrário da sela vaqueira que passa por um processo de substituição gradual, a **sela de banda** deixou de ser utilizada porque perdeu sua funcionalidade. Nunes (2018) explica que “a sela feminina” impunha às mulheres a obrigação de se sentarem lateralmente, em virtude das restrições do vestuário da época, quando o uso de calças não era comum - o que inviabilizava a postura com as pernas separadas durante a montaria, uma prática socialmente desaprovada até as primeiras décadas do século XX.

As falas dos informantes no Exemplo 74, ao se referirem à **sela de banda**, evidenciam o caráter diacrônico dessa lexia, através do uso do marcador temporal “antigamente”, um registro que aponta a obsolescência desse tipo de sela:

Exemplo 74 - Trecho das entrevistas 15 e 08 – a sela de banda é antiga

(15)

INF. – É. Ainda falta sela aí pra você botar, essa você não tem não. Essa aí você só vai achar ne grupo.

INQ. – Qual?

INF. – A **sela de banda**.

INQ. – Sim... **sela de banda** que é o quê? De mulher né?

INF. – É. Antigamente. Antigamente quando casamento era de cavalo... hum a noiva vinha na **sela de banda**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(08)

INQ. – Fala aí os tipos.

INF. – Tem a sela de vaqueiro, tem a sela de gancho chamado, tem a sela de... como é que chama... minera, tem a **sela de banda** antigamente.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 08 — Colaborador: V08E, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

A partir dos depoimentos analisados, constata-se que a **sela de banda** é identificada como um equipamento característico de um passado que já não se integra às práticas atuais. O uso contínuo do marcador "antigamente" pelos colaboradores ressalta que essa lexia descreve uma peça de montagem da cultura do vaqueiro, cuja função e forma perderam relevância com a transformação das práticas atuais, em termos linguísticos podemos inferir que se trata de um arcaísmo motivado pelo desaparecimento do referente.

#### 5.2.1.3.8 Selinha de corrida

A lexia **selinha de corrida** não apresentou variante lexical, trata-se de forma não dicionarizada de denominar o tipo de sela utilizada para corrida de cavalos. A lexia também não consta nos trabalhos que fundamentaram essa pesquisa. No entanto, no registro do verbete “corrida” em Aulete (2011) há uma menção à corrida de cavalo, que de certo modo se aproxima do significado atribuído na comunidade.

O tipo de sela em questão difere totalmente das selas analisadas nesta pesquisa. Caracteriza-se por ser um modelo bem pequeno, de dimensões bastante reduzidas, semelhante a um selim de bicicleta, marcada pela ausência de arção e da estrutura da capa da sela, sendo projetada para facilitar a movimentação do cavaleiro e não pesar sobre o animal, mantém apenas um pequeno coxim, as correias de loro e a cilha: A Figura 50 possibilita verificar as características dessa peça:

Figura 50 - Selinha de corrida



Fonte: Freitas (2024)

A **selinha de corrida**, ilustrada na Figura 50, foi fabricada por um dos colaboradores que a destaca como um diferencial de sua produção, diferenciando a sua tenda das demais na comunidade:

Exemplo 75 - Trecho da entrevista 15 – a selinha de corrida

INF. - E ele só faz um tipo. E eu, o tipo que aparecê né? como você está vendo.

INQ. - Ah rã Hã!

INF. - Ninguém faz ela aqui. Nunca vi em lugar nenhum e ninguém nem falar. Você já assistiu corrida de cavalo na televisão? que o jóquei chega vai assim encoído? Apois é nessa **selinha** aí, a **selinha de corrida**.

INQ. - Agora o pessoal que corre por aqui, ni D. do J., corre ni sela de pista ou ni uma dessa aí?

INF. - Não, por ser mais barata corre com uma manta. Agora a manta já vem preparada com uma... e aquela fita pra substituir o estrivo.

INQ. - Ah.. eu não sabia que tinha isso.

INF. - É... tem uma manta, é manta de corrida.

INQ. - Ah... é uma variação de sela? É isso?

INF. - É.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O depoimento do colaborador no Exemplo 75 indica que este modelo de sela apresenta baixa incidência na comunidade, tanto em termos de produção - sendo ele o único seleiro a fabricar a **selinha de corrida** - quanto em termos de utilização, já que ele afirma que os praticantes da atividade optam por usar uma manta de corrida como alternativa.

Outro aspecto identificado a partir do levantamento de dados e da análise deste tipo de sela refere-se à sua aplicação do uso da **selinha de corrida**, trata-se de mais um modelo de sela que não é utilizada pelo vaqueiro, nem nas práticas cotidianas nem em outras circunstâncias, e sim reservada aos praticantes de corrida de cavalos. O que os permite constatar que a cultura associada à figura do vaqueiro se estende para além de sua representação; embora o vaqueiro continue sendo um símbolo central, a prática e a produção de equipamentos demonstram a presença de outros atores.

#### 5.2.1.4 *Subcampo: outros itens*

O campo léxico **outros itens** está constituído dos elementos complementares dos arreios de montaria. São peças que compõem os arreios, confeccionadas a partir

do couro e seu uso é complementar na composição do arreamento. No presente estudo, este campo abrange as lexias: rabicho, pelego, peiteira e xaréu.

#### 5.2.1.4.1 Rabicho

**Rabicho** é a forma de denominar a lexia constituinte da peça do arreamento que prende a sela pela parte traseira. Sua documentação se deu a partir da descrição dos arreios feita pelos colaboradores, no campo semântico instrumentos, conforme evidenciado na fala de V10N:

##### Exemplo 76 - Trecho da entrevista 10 – o rabicho nos arreios

INQ. – E o que são os arreios? Se uma pessoa falá assim: “tem os arreo”. O que são os arreios?

INF. – A sela. A sela, né.

INQ. – Eu queria que o sinhô descrevesse, como o sinhô falô do vaquêro peça por peça, que o sinhô falasse doa arreo parte por parte [inint.].

INF. – Tem a sela, tem o **rabicho**, tem o pelego, tem a peitêra, os estrivo, tem o cabeção.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 10 — Colaborador: V10N, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

**Rabicho** é a designação de uma peça de couro utilizada na parte posterior dos arreios, com função de assegurar a estabilidade da sela durante a montaria. As partes que compõem um rabicho, conforme ilustrado pela Figura 51, são: 1 – correias do rabicho; 2 e 3 – forro do rabicho e 4 – boneca do rabicho.

Figura 51 - Rabicho



Fonte: Carneiro (2023).

As lexias equivalentes às partes do rabicho, não estão dicionarizadas na sua forma complexa; encontramos os lemas ‘correias’, ‘forro’, ‘boneca’ e ‘rabicho’, mas sem associação entre si. No TLPGP, boneca está registrada, no Pantanal sul-matogrosense do Brasil, com acepção relacionada ao couro, mas sem menção ao rabicho. A lexia **boneca do rabicho** apresentou a variante ‘chouriço’, forma também registrada por Faria (1969). Nesta pesquisa, a conversa com S13A registra tal variante:

Exemplo 77 - Trecho da entrevista 13 – a variante chouriço

INQ. – Me explica ai como é um rabicho. O nome dessas parte:

INF. – Aqui é as correa, aqui é o forro e aqui é [risos] uns chama boneca otos chama **choriço** [risos] ... boneca! o nome mais certo é boneca!... boneca de rabicho. A sela já vem com o lugar de colocar o rabicho.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Na descrição da variante ‘chouriço’, Faria (1969) explica que essa é uma parte que precisa de cuidados em sua produção, para evitar que machuque o animal, por isso deve ser roliça e livre de bordos. Logo, torna-se deduzível que a denominação dessa parte pode ser por extensão semântica da forma circular e comprida semelhante à linguiça.

É comum que, em decorrência dos movimentos do animal e do suor gerado pelo esforço físico, a sela se desloque para a frente. O rabicho evita que a sela se mova, garantindo a segurança do vaqueiro e o conforto do animal durante a montaria. É uma peça confeccionada à mão pelos seleiros que se ajusta ao corpo do animal, como assegura o colaborador da entrevista 11, no Exemplo 78:

Exemplo 78 - Trecho da entrevista 11 – o rabicho é ajustável

INQ. – Tem diferença dos arreios de uma animal para o outro?

INF. – Tem diferença? Como?

INQ. – Pra uma mula usa uma coisa, pra um cavalo usa outra... Como é?

INF. – É... tem um que usa o mesmo, mas tem animal que é maior **é obrigado encurtar mais aquelas correa**, né? Otos [outros], né? Tem animal menor, otos maior ás vezes se for usar fica grande **é obrigado a encurtar o rabicho** ou a cia que não dá pra arrochar.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A lexia **rabicho** está dicionarizada com o mesmo sentido que se documentou na comunidade investigada. Aulete (1948) detalha o verbete ao defini-lo como “parte do aparelho do cavalo que passa por baixo da cauda e vem prender-se à sela ou selim, passando por cima da garupa”. Houaiss (2011) o identifica como tira de couro

que passa por baixo da cauda. Esses dois autores fazem remissão à lexia ‘retranca’. No entanto, percebemos no contexto de uso dos colaboradores que essas lexias não concorrem entre si, há sentidos diferentes transitando entre uma e outra. O rabicho é utilizado no arreamento da montaria, enquanto a retranca compõe o arreamento da carroça, conforme analisado no campo semântico dos arreios da carroça.

Em relação à análise geolingüística, verificamos o registro no TLPGP, no português europeu com o mesmo valor semântico atribuído na comunidade investigada. Em Mendes (1992), carta 63 pergunta sobre a “tira de couro larga que passa por trás das pernas do animal e sustenta a carga ou se prende à sela” a resposta rabicho e suas variantes ‘rabichola’ e ‘retranca’ concorrem com a lexia ‘chinha’ que será discutida em outro campo semântico. No ALS (1987) observamos a extensão semântica rabichola como cauda do animal.

O rabicho tem se tornado um item opcional que não integra todos os modelos de sela, é um componente da sela vaqueira, conforme assinalam os exemplos a seguir:

Exemplo 79 - Trecho das entrevistas 05 e 13 – rabicho é da sela vaqueira

(05)

INQ. – Como é a sela agora?

INF. – Essa sela de agora tá uma **selinha curta. Ela não tem um rabicho**, que é aquela sela de vaquêro tem um rabicho com duas corrêa [correia], né, de botá no cedém do animal.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(13)

INQ. – Ah... me explica aí o que é rabicho?

INF. – Oxi... Rabicho é pa segurar a sela. Bota na sela que é pa sustentar a sela. Uns usa rabicho e otos num quer mais. Os rabicho que ainda usa hoje, **só usa rabicho nessas sela [aponta para a sela vaqueira]**. Sela australiana, sela de .... a de pista antigamente tinha... caiu... tudo é por moda. Largaro agora. Agora o que segura a sela é a cia. Aí ó [aponta para uma sela australiana] num vem... nem lugar de rabicho num tem. Ó... aqui é um silim [mostra uma sela de vaquejada] o silim ainda tem o lugar se quiser botar rabicho bota, inda tem. Agora essas australiana nenhuma tem o rabicho. Essas.... ficou no lugar da sela vaqueira, dá o nome vaqueirinha... tem o lugar do rabicho, se quisé bota. Agora **a vaquerona [sela vaqueira] tem que ter o rabicho, o rabicho é dela**, só que num tão usano mais.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Por ser uma parte integrante do modelo de sela do vaqueiro, o rabicho vem entrando em desuso, seguindo o padrão da própria sela vaqueira. O colaborador S14R é assertivo ao pontuar transformações na cultura que afetam diretamente a produção de peças como o rabicho:

## Exemplo 80 - Trecho da entrevista 14 – produção do rabicho

INQ. – Isso hoje, e antigamente? Tu disse que tu começou com doze anos, fazia o que antigamente?

INF. – Antigamente fazia sela vaqueira, **fazia rabicho por fora**, cia, esse negócio tudo assim.

INQ. – Hum é... E hoje não faz mais por que?

INF. – É... a procura é pouca demais. Até quando o cara compra uma sela num quer tudo, num quer rabicho. As cabeçada é fininha e intê de *nylon*.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Dessa forma, a análise da lexia **rabicho** revela sua importância funcional e semântica no contexto do arreamento da montaria. A pesquisa não apenas confirmou seu sentido já dicionarizado como também aprofundou o conhecimento sobre suas partes constituintes, além de distinguir o uso entre **rabicho** e ‘retranca’ entre os falantes da comunidade investigada.

## 5.2.1.4.2 Pelego

**Pelego** é uma lexia que foi documentada a partir da questão 38 do QSL, pertencente ao campo semântico Instrumentos: “Como se chama aquela parte dos arreios que fica entre o pelo do animal e a sela?” Foi uma questão direcionada aos vaqueiros, para a qual foram obtidas quase a totalidade de respostas, apenas uma RNO, pois o colaborador, faixa etária II, afirma ter esquecido o nome. Como respostas válidas surgem o **pelego** e a ‘manta’.

Na comunidade investigada, o **pelego** é um tipo de proteção que se coloca sobre a anca do animal antes de acomodar a sela. É confeccionado a partir de couro de bode, curtido apenas do lado que fica em contato com o animal; enquanto o outro, preservando o pelo, serve de suporte para a sela.

É uma lexia dicionarizada, entretanto o sentido atribuído pelos dicionários difere no aspecto da forma de uso na comunidade. Os dicionários registram que o pelego é uma peça que se utiliza sobre a sela, conforme se pode observar em Aulete (2011): “pele de carneiro com a lâ, usada sobre a montaria”. Em Cardoso e Ferreira (2000) a lexia pelego também está registrada como uma peça dos arreios que se utiliza sobre a sela, como em toda literatura de referência.

Goulart (1965) apresenta o pelego, sem direcionar o uso da peça, descrevendo-a apenas: “pele de carneiro, quadrada e com lâ. Essa é a uma definição mais próxima do pelego documentado nesta análise. O pelego é uma peça que vem

entrando em desuso, pois atualmente desenvolveu-se a ‘manta’ - uma espécie de colchonete - que é uma alternativa mais confortável para o animal e mais prática para o montador. Diferente do **pelego**, a ‘manta’ não é produzida em couro e, sim confeccionada a partir de uma espuma forrada, não sendo inclusa nos itens dessa análise.

A ilustração da Figura 52 retrata um pelego de pele de carneiro acomodado em um suporte à maneira como fica sobre a anca do animal.

Figura 52 - Pelego



Fonte: Carneiro (2023).

Para demonstrar a discussão sobre os usos do **pelego** e da ‘manta’, apresentamos trechos de conversas em que essas lexias são utilizadas na língua cotidiana, através dos quais foi possível observar que a lexia ‘manta’ foi mencionada por colaboradores da faixa etária I. Já a lexia **pelego** destaca-se no relato do colaborador V01C, pessoa da faixa etária III, para quem o **pelego** foi um instrumento de uso diário enquanto atuava como vaqueiro. Sua fala, no Exemplo 81, evidencia as diferenças de material e de época de utilização de cada um:

Exemplo 81 - Trecho da entrevista 01 – pelego e manta

INQ. - E como é o nome daquela parte dos arreios que fica entre o pelo do animal e a sela?

INF. - **Pelego**.

INQ. - O **pelego**.

INF. - É, isto. Num se usa a sela sem o **pelego**.

INQ. - Pelego é a mesma coisa de manta?

INF. - A mesma coisa. Tanto faz um como o outro. Que é pra não machucar o animal.

INQ. - Ah.

INF. - Hoje em dia aí tudo mudou, naquela época era **pelego** que era pra gente ir pro campo, hoje é a manta.

INQ. - A manta, o pelego é sempre feito com couro de outro animal?

INF. - **Pelego** é de côro e manta de espuma é... de tudo quanto é coisa.

INQ. - Antigamente tudo era de couro, nera?

INF. - Tudo era de couro. Tudo! Num tinha uma manta... hoje é manta tipo assim um crochê, uma coisa assim.  
 INQ. - É. É.  
 INF. - Tinha outra coisa também aí.  
 INQ. - Hum.  
 INF. - Tinha o colxonilo (curtume de couro). Aí esse não, não usava no campo não. No caso: eu vou no Coité hoje, eu vou no Riachão hoje eu tinha aquele colxonilo pra botar em cima da sela.  
 Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Além das distinções sobre o **pelego** e a ‘manta’, a fala do colaborador menciona o ‘coxinilho’, outro item que também funciona como proteção, neste caso, aplicado sobre a sela. A análise revelou que, na literatura de referência, as três lexias – ‘coxinilho’, ‘manta’ e ‘pelego’ - podem ser utilizadas de forma intercambiável, como variantes. Em contraste, a comunidade investigada distingue semanticamente as três formas, atribuindo a cada lexia uma designação específica. Observe-se os significados atribuídos pelos colaboradores para cada uma dessas três lexias:

Exemplo 82 - Trecho das entrevistas 03, 06 e 12 – pelego, manta e coxinilho

(03)

INQ. – Antes da gente botar a sela, bota um negócio de couro em cima do cavalo pra depois botar a sela.

INF. – O **pelego**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(06)

INQ. – E assim, pra o animal não se ferir, antes de botá a sela, o povo bota, costuma botar um, uma proteção acolchoada. Como é o nome dessa proteção? Fica assim: entre a sela e o lombo do animal.

INF. – Aí você ta falano é da **manta**, bota uma **manta**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 06 — Colaborador: V06P, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

(12)

INQ. – Como é o nome daquela proteção de lã usada pra não esquentar a sela, pra não esquentar o acento?

INF. – **Coxinilho**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 12 — Colaborador: V12D, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

A partir da análise das falas dos colaboradores, motivadas por diferentes itens do QSL, evidenciamos distinções semânticas na denominação dos elementos protetores utilizados na montagem das selas. Observamos que o **pelego** e a ‘manta’ são posicionados sob a sela, enquanto o ‘coxinilho’ é utilizado na parte superior da sela, sobre o coxim. A principal diferença entre eles está na composição material, sendo o **pelego** o único fabricado integralmente em couro. Neste estudo cada uma

dessas três lexias recebeu uma abordagem específica. - o ‘coxinilho’ foi abordado na questão 36, que questiona a designação da proteção utilizada para evitar o aquecimento do assento da sela; o **pelego**, discutido como parte dos arreios, de couro, entre o pelo do animal e a sela, foi contemplado na questão 38; e a ‘manta’, objeto da questão 41, se refere à proteção acolchoada que se posiciona entre o lombo do cavalo e a sela.

Por fim, concluímos que a substituição do **pelego** pela ‘manta’ indica uma transformação nos hábitos culturais, em que elementos confeccionados tradicionalmente em couro, estão sendo gradualmente substituídos por itens produzidos com materiais diversos. Essa transição reflete alteração tanto nas práticas cotidianas quanto no campo lexical, revelando a influência da cultura sobre os aspectos linguísticos.

#### 5.2.1.4.3 Peiteira

Em resposta à questão 42 do questionário semântico lexical: “Como se chama a proteção de couro usada na frente do cavalo, no peito?”. Foram arroladas as lexias **peiteira** e ‘peitoral’. Ambas as formas são compostas pelo substantivo peito acrescido dos sufixos -eira e -al, respectivamente, derivados do latim *pectorāle -is*. Cunha(1992). Observamos que a lexia **peiteira** foi a forma predominante na comunidade, enquanto ‘peitoral’ configurou-se como uma variante. Trata-se de duas lexias que se encontram dicionarizadas com a mesma acepção documentada na comunidade: peça dos arreios que cinge o peito do cavalo (Aulete, 1948).

Na pesquisa geolinguística, a forma **peiteira** não foi identificada. Enquanto a variante ‘peitoral’ foi localizada, em duas cartas de Mendes (1992) a carta 60, intitulada “correia que cinge o peito do cavalo, presa à parte dianteira da sela para sustentá-la” a forma ‘peitoral’ foi registrada em 10 pontos do mapa, abrangendo as localidades sergipanas de Tomar do Geru, São Cristóvão, Itaporanga D’ajuda, Simão Dias, Divina Pastora, Ribeirópolis, Brejo, Propriá, Nossa Senhora da Glória e Gararu). Da mesma forma, a carta 62, definida como “peça de couro que se põe no peito do animal para protegê-lo dos espinhos”, apresentou a forma ‘peitoral’ em 11 pontos do mapa, deixando de ocorrer apenas em Pedrinhas, Propriá e Gararu.

Em relação à literatura de referência, ambas as formas foram localizadas. Queiroz (1987) registra a variante fonética “peitchera”, enquanto Goulart (1965) define

a **peiteira** como uma faixa de couro presa à sela, cuja função é impedir seu deslocamento para a frente ou para trás. Registro similar àquele oferecido por Faria (1969) para a forma ‘peitoral’ “tira de sola tratada, cujas pontas se afivelam na sela, passando pelo peito da montaria. Serve para evitar que a sela se desloque”. Na fala do colaborador, no Exemplo 83, percebemos o uso intercambiável das lexias **peiteira** e ‘peitoral’ empregadas no mesmo contexto semântico:

Exemplo 83 - Trecho da entrevista 03 – peiteira e peitoral

INQ. – E aquela proteção que fica frente do cavalo ali?

INF. – É o... o **peiturá** [peitoral].

INQ. – Pra que é que serve mermo?

INF. – Pa sela num...

INQ. – É só pra enfeitar?

INF. – Não, ali é pa sela nem vim pa trás, nem vim pra frente, porque o cavalo... tem um cavalo que você tá andano sem aquilo, ali ele joga a sela toda pa trás e aquilo ali num dêxa vim. Ela fica apoiadinha na frente.

INQ. – Apoiadinha na frente. E no caso do vaquêro também serve pa o animal num se estrepá em ponta de coisa, né?

INF. – Certo.

INQ. – Que tem aqueles parecendo umas saia cumprida, né? A diferença do **peitoral** do vaquero pro de vaquejada também tem, né?

INF. – É, é a **peitêra**. É a peitêra um grandona que fica na frente.

INQ. – Ah, a **peitêra** é de vaquêro.

INF. – É, que bota na sela, certo?

INQ. – E na vaquejada é peitoral.

INF. – É **peiturá** [peitoral]. É uma largona que fica nos cavalo na festa de vaquêro, porque ali é uma proteção do cavalo.

INQ. – Ali é a peitêra?

INF. – É a **peitêra**. Se o boi vim ali pa pegá... se o boi fô vim pra furá ele só pega o côro, num pega o peito do cavalo. Certo?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

O depoimento do colaborador revela as formas **peiteira** e ‘peitoral’ sendo empregadas de maneira concorrente para designar uma peça dos arreios que possui uma função essencial na proteção do animal, aplicada na parte frontal do cavalo. A partir do relato, é possível inferir que, embora ambos os termos designem essencialmente o mesmo objeto, há uma diferenciação entre o modelo utilizado pelos vaqueiros e o empregado na vaquejada. A Figura 53 ilustra uma **peiteira** de vaqueiro:

Figura 53 - Peiteira



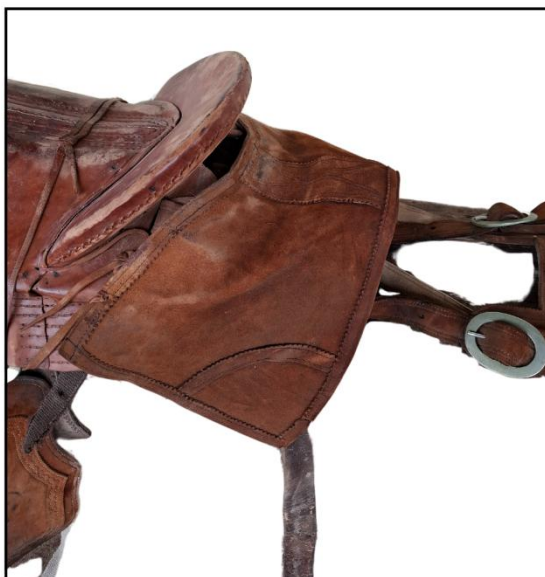
Fonte: Carneiro (2023).

No contexto tradicional dos vaqueiros, a **peiteira** adota uma forma que se assemelha a um avental, proporcionando uma camada de proteção que impede o animal de lesionar-se durante as atividades cotidianas, atuando como um amortecedor contra espinhos e garranchos. Em contrapartida, na vaquejada, o modelo – embora também designado como **peiteira** ou a variante ‘peitoral’ – apresenta características adaptadas à prática esportiva, constituindo-se em um modelo mais compacto, confeccionado com materiais alternativos ao couro, como o *nylon* buscando enfatizar leveza e liberdade de movimento para otimizar o desempenho durante as competições. Essa distinção entre as versões da **peiteira** ilustra as transformações nas práticas culturais e a adaptação dos equipamentos às demandas específicas de cada contexto.

#### 5.2.1.4.4 Xaréu

Na composição dos arreios, o **xaréu** é uma peça de couro que fica alojada sobre a anca do animal de montaria, posicionada imediatamente depois da ‘sela’ e antes do ‘rabicho’. Foi documentada a partir da questão 37: “Como se chama a parte do arreio que fica entre a sela e o rabicho e tem a função proteger a garupa do suor do animal? A Figura 54 ilustra um **xaréu** em uso, posicionado entre o ‘arçãõ’ da sela e o ‘rabicho’.

Figura 54 - Xaréu



Fonte: Carneiro (2023).

Diante da questão 37, observou-se uma considerável variabilidade nas respostas. A lexia **xaréu** foi mencionada apenas por uma minoria de colaboradores, havendo registros classificados em PNR e RNO, configurando-se situação em que o colaborador não recordou o nome da peça, justificando a omissão pelo fato de a mesma não ser de uso comum em sua experiência prática, conforme se pode verificar no Exemplo 84:

Exemplo 84 - Trecho da entrevista 06 – o xaréu não é comum

INQ. – Como é que se chama, eh... aquela parte do arreio que fica entre a sela e o rabicho? Assim, da sela pro rabicho, muitas vezes se usa também uma proteção de côro.

INF. – Tem que sê a corrêa do rabicho.

INQ. – Ah, sim. Pur cima do rabicho, às vezes num tem não?

INF. – Tem a... **isquici agora**, que é um... tipo um funil, né? [seria xaréu].

INQ. – Sim.

INF. – **Eu isquici o nome. Deixa eu lembrá.** Tem... eu já lhe digo o que é [risos].

INQ. – É, vá lembrando.

INF. – Num tem? Ô, meu Deus, eu isquici. **Eu nunca usei não, mas eu sei que tem.**

INQ. – Sim.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 06 — Colaborador: V06P, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Os dados coletados indicam que o **xaréu** é uma peça de uso pouco frequente, o que pode explicar a variabilidade observada nas respostas dos colaboradores. Entre as respostas válidas, observamos a ocorrência exclusiva da variante fonológica 'xaré'. Entretanto optamos por adotar o registro **xaréu**, conforme a entrada do verbete em

Aulete (1948; 2011) que define o termo fazendo uma referência direta ao tema desse estudo “capa de couro com que os vaqueiros cobrem as ancas dos cavalos”. Adicionalmente, identificamos nos dicionários de referência, variações como “xairêl” e “xarel”, mantendo o mesmo sentido atribuído na comunidade; Houaiss (2011) apresenta ainda as variantes “baixeiro” e “xabraque”. Por outro lado, Cunha (1994) e o TLPGP registram o termo sem associá-lo ao contexto da cultura do vaqueiro. Em contrapartida, autores que se dedicaram ao estudo de temáticas afins, como Nunes (2018), Goulart (1965) e Faria (1969) não mencionam a forma **xaréu** em seus trabalhos.

Contatamos que, dentre as fontes catalogadas, apenas Mendes (1992) traz o registro de **xaréu** a partir da carta 50 – “Aba de couro, presa à parte posterior da sela, para o cavaleiro por sua capa ou outro pequeno volume” registrada em cinco pontos do mapa linguístico, sendo: 56 - Itaporanga D`ajuda; 58 – Simão Dias; 59 - Divina Pastora; 64 – Gararu e 65 – Currálinho. Uma distribuição diatópica não ampla, o que reforça a importância de se registrar os processos lexicológicos em suas especificidades regionais.

No depoimento do colaborador V09P, Exemplo 85, a função do xaréu é explicitada de maneira prática, o que permite-nos contextualizar seu papel funcional:

Exemplo 85 - Trecho da entrevista 09 - xaréu

INQ. – E que... a parte que fica entre a sela e o rabicho? E tem uma função de proteger a garupa do suor do animal?

INF. – Ali é o **xaré**, é o da sela. **Xaré**... É tem o **xaré**, **xaré** é uma parte de couro que fica depois da sela, é... em cima da rabicheira é como se fosse uma proteção para você colocar qualquer coisa na garupa do animal aí o suor não passar para não melar de suor, é uma parte de couro que fica separado da sela, aí se a pessoa quiser usar, usa... se não quiser, fica sem, mas normalmente é usado pra quando a gente vai colocar qualquer coisa na garupa do animal que é para ficar ali de proteção para o suor não passar pra não sujar.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Através do depoimento de V09P fica evidente que embora o uso do xaréu seja opcional sua presença era estratégica durante o transporte de cargas ou objetos sobre o animal. Entretanto, com a modernização dos modos de transporte e a diminuição das longas viagens montadas a cavalo, a necessidade de proteger itens transportados do suor do animal tem se reduzido. Assim, levantamos a hipótese que, tal componente, revela-se cada vez menos necessário no contexto atual.

De modo que o **xaréu** se configura como um marcador de práticas tradicionais que, diante das transformações sociais e das novas formas de mobilidade, perde gradualmente sua funcionalidade.

### 5.2.2 O microcampo ‘arreio da carroça’

Este microcampo surgiu a partir das discussões com os seleiros. A pesquisa de campo e as entrevistas indicaram que, diante da significativa redução das demandas por arreios destinados aos vaqueiros, os seleiros passaram a concentrar sua produção nos arreios para carroça. Contudo, constatamos que a procura por esses itens também vem diminuindo gradualmente. O depoimento do colaborador S16P sintetiza a composição do arreio da carroça:

Exemplo 86 - Trecho da entrevista 16 – arreio da carroça

INQ. – E quais são as partes que compõe o arreio da carroça?

INF. – É... é quatro parte tem o **peitoral**, tem a **retranca** que bota por trás, tem a **selinha** que vai por cima do lombo que é pra ele ter um confortozinho, e tem o **tapa-olho** que é pro animal enxergar só a frente, ele não pode... porque o burro, diz o pessoal mais velho que o burro, ele tem que andar olhando pra só pra frente, ele não pode olhar pros lado, que se olhar pros lado ele... ele disparava. aí não... vai esse tipo de tapa-olho aqui ó (mostra o objeto) assim que é pra quando bota essa viseira aqui é pra tapar. Na frente tem o peitoral, que vai no peito dele.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

Dessa forma, o microcampo está constituído pelas lexias que nomeiam os itens dos arreios da carroça: ‘tapa-olho’, ‘pescocinho’, ‘selinha’ e ‘retranca’.

#### 5.2.2.1 Tapa-olho

Um tipo de máscara utilizada nos arreios da carroça é o **tapa-olho**, um instrumento que tem a função de limitar a visão lateral do animal de tração, evitando que ele se assuste com situações periféricas, que estejam acontecendo em suas percepções laterais e orientando-o a seguir em linha reta. Conforme atestam os depoimentos dos colaboradores:

## Exemplo 87 - Trecho das entrevistas 14 e 16 – tapa-olho

(14)

A gente chama de **tapa-olho** que é pra ele ver só a frente, que o bicho é cismado.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(16)

INF. – Quando bota isso aqui nele [o **tapa-olho**] aqui, é **pra tapar ó...** ele só tem que olhar pra frente, do lado ele não pode olhar, porque se ele se assustar qualquer coisa ele já foi embora.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

Nos depoimentos colhidos, o item lexical **tapa-olho** apresentou registro uniforme, não havendo variantes lexicais apontadas pelos colaboradores, que foram enfáticos ao distinguir semanticamente o **tapa-olho** da lexia ‘carea’, que designa um item distinto, abordado no macrocampo utensílio – microcampo para manejar. Essa diferenciação fica evidente na fala do colaborador S13A:

## Exemplo 88 - Trecho da entrevista 13 – tapa-olho é diferente de careta

INQ. – Que isso aí é diferente de careta ou é igual?

INF. – É (diferente), é... a **carea** tapa, a gente chama, uns chama de careta, otos chama de **tapa-olho**, mas o certo mesmo é o **tapa-olho** que tapa do lado. A **carea** é outra coisa.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A imagem da Figura 55 ilustra um **tapa-olho** que contribui para o entendimento dessa peça:

Figura 55 - Tapa-olho



Fonte: Carneiro (2023).

A lexia complexa **tapa-olho** está dicionarizada com o significado de “venda para o olho, presa com tira de pano ou couro” (Aulete, 2011), mas no registro do verbete não foi localizada menção ao tema. Levantamos a hipótese que a atribuição do nome pode ter ocorrido por extensão semântica, já que o **tapa-olho** do arreio executa a mesma função da lexia registrada nos dicionários.

Não foram encontradas notas na literatura de referência para esse item da análise.

#### 5.2.2.2 *Pescocinho*

A lexia **pescocinho** designa uma peça do arreio da carroça bastante popularizada entre os seleiros, sua confecção é comum nas tendas, sendo um item produzido pelos tanto pelo seleiros renomados quanto pelos menos habilidosos. Trata-se de uma lexia composta que se origina a partir do sufixo diminutivo -inho adicionado ao substantivo pescoço. Entretanto a forma **pescocinho** como é empregada na comunidade não tem registro nos dicionários gerais e etimológicos, também não foi localizada menção nos autores referendados nesta análise. O termo pescocinho apresentou a variante lexical ‘peitoral’; uma lexia que pelo recurso da extensão semântica também serve de variante para outras lexias desse campo léxico, conforme discutido nos macrocampos indumentária e arreios da montaria.

Trata-se de um item que os colaboradores identificam e denominam com naturalidade, conforme exemplificado no depoimento a seguir, em que ao ser questionado sobre um **pescocinho** presente em sua tenda, o seleiro respondeu sem hesitar, evidenciando total segurança na designação do item:

Exemplo 89 - Trecho da entrevista 14 – pescocinho

INQ. – Isso aqui é o quê?

INF. – Aí é o **pescocinho** do arreio.

INQ. – Do arreio?

INF. – É do arreio da carroça.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

A imagem a seguir mostra um **pescocinho**. Trata-se de uma espécie de suporte feito de couro e preenchido com algodão ou sisal, que se coloca no pescoço do animal para impulsionar a força de tração na puxada da carroça:

Figura 56 - Pescocinho



Fonte: Carneiro (2023).

O depoimento do colaborador S16P explica a funcionalidade do item:

Exemplo 90 - Trecho da entrevista 16 – funcionalidade do pescocinho

INQ. – E como é o **pescocinho**?

INF. – O **pescocinho** é que segura os varão da carroça no peito do burro, que é feito pra segurar os varão no peito do burro na carroça. Isso aí a gente enche com lã, com a bucha do sisal, porque por cima pega um... porque na verdade esse **pescocinho** ai é só pra amaciar o peito do burro, porque **vem outro processo por cima dele**, um pau que chama o sanzir, é quem pega as correntes da... da carroça, aí amortece o peso, o **pescocinho** a gente enche pra ficar macio pra amortecer o peso mesmo.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

### 5.2.2.3 Selinha

O arreio da carroça tem uma sela diferente do arreio da montaria. Os colaboradores designaram este modelo de sela como **selinha**, é uma peça pequena, não confeccionada para a montaria, mas para acomodar a carroça no arreio. Embora não seja igual à sela de montaria mantém alguns elementos da sela de montaria, há duas bases de madeira, semelhante à prenda, forrada de couro em um lado e no outro com o mesmo sistema de enchimento que há na sela, denominado cheio da sela<sup>90</sup>.

<sup>90</sup> A análise dos itens 'prenda' e 'cheio da sela' constam no Microcampo arreios da montaria –Subcampo composição da sela 5.2.1.2.

Figura 57 - Selinha do arreio de carroça



Fonte: Carneiro (2023).

Os depoimentos dos colaboradores direcionam o uso da **selinha** para o sistema da carroça, sendo enfáticos ao afirmarem a importância da **selinha** para montar a estrutura do arreio:

Exemplo 91 - Trechos das entrevistas 16 e 14 – selinha

(16)

INF. – É uma sela apropriada pra montar a carroça. A carroça só sai se tiver a sela, a sela apropriada. A gente chama de arreio. É o arreio da carroça. Se não tiver a carroça não vai pra canto nenhum.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

(14)

INF. - Os arreio da carroça é assim tem a **selinha** que fica no lombo do burro, a gente faz macia quem levanta a carroça, que a gente levanta a carroça e pega na **selinha**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

As fontes consultadas não registram a lexia **selinha** com o sentido atribuído pela comunidade, em Houaiss está registrado como diminutivo de sela, mas menção ao arreio da carroça. Também não foi localizada carta que tratasse do tema nos atlas linguísticos consultados. A lexia não apresentou variante.

#### 5.2.2.4 *Retranca*

A lexia **retranca** é a denominação dada a um conjunto de correias de couro que circundam a parte traseira do animal e as extremidades se prendem na engrenagem do arreio da carroça, sua função é ajudar nas manobras da carroça, funcionando como um sistema de marcha ré e de freio para o animal.

A lexia não apresentou variante na comunidade. Na literatura basilar observamos flutuação de sentido entre **retranca** e ‘rabicho’. Nos dicionários Houaiss (2011) e Aulete (2011, 1948) o verbete **retranca** remete a ‘rabicho’ “no sentido de correia que passa sob a cauda” (Houaiss, 2011), entretanto na comunidade correspondem a dois objetos distintos. Enquanto a **retranca** é utilizada em animais de carga, o ‘rabicho’ faz parte dos arreios de animais da montaria. O depoimento do colaborador S13A, delimita o uso da **retranca** em animais de carga.

Exemplo 92 - Trecho da entrevista 13 – **retranca** ou **rabicho**?

INQ. – E **rabicho** é a merma coisa que **retranca**?

INF. – Não! **Retranca** é de cangaia e de carroça.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A carta 63 em Mendes (1992) intitulada “tira de couro, larga, que passa por trás das pernas do animal e sustenta a carga ou se prende à sela” não faz distinção entre a **retranca** e o ‘rabicho’, tanto é que obtém como respostas um leque de 5 opções - dentre elas, ‘rabicho’, no ponto 52 - Tomar do Geru e **retranca** no ponto 58, Simão Dias. Entretanto nas notas dessa carta, o informante do ponto 58 explica que “em sela dá o nome de rabicho”, o que se verifica que esse uso se aproxima do emprego observado em Riachão do Jacuípe.

### 5.3.0 MACROCAMPO UTENSÍLIO E SEUS MICROCAMPOS

O macrocampo ‘utensílios’ abrange as lexias que nomeiam diversos utensílios usados pelos vaqueiros e confeccionados pelos seleiros. Organizamos esses termos em microcampos, categorizando-os de acordo com a função que desempenham na prática vaqueira. A partir da pesquisa de campo e da aplicação dos instrumentos de coleta, identificamos quatro microcampos de utensílios que servem: para transportar, para manejar, para localizar e para açoitar.

#### 5.3.1 O microcampo ‘para transportar’

No microcampo dos utensílios **para transportar**, agrupamos três objetos utilizados pelos vaqueiros que servem para o transporte de itens ou mantimentos durante sua jornada de trabalho. Essa categoria contém as lexias alforje, bainha e

mala. Cada uma corresponde a um item de uso específico cuja utilização reflete aspectos culturais da tradição vaqueira.

### 5.3.1.1 Alforje

A documentação da lexia **alforje** se deu a partir da questão 22 do questionário semântico: “Como é chamada a bolsa de couro que o vaqueiro usa para transportar alimento?”. A pergunta encontra ressonância em dois questionários: no QSL do ALiB, questão 58 – campo semântico atividades agropastoris: “E quando se usam objetos de couro com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura*”; e no QSL aplicado por Chofard, 2023, em que a mesma pergunta foi replicada na questão 21. Nesses questionários a resposta esperada eram as lexias “bolsa/bruaca”. Entretanto, tais lexias não foram registradas nesse estudo, cujas formas documentadas foram **alforje** e ‘aió’, conforme os depoimentos:

Exemplo 93 - Trechos das entrevistas 06 e 03 – alforje e aió

(06)

INF. – No **alfojo**. É. Leva no **alfójo**, leva no **aió**.

INQ. – Qual a diferença de **aió** pra **alforje**?

INF. – Porque o **alfojo** é feito de côro e o **aió** é de sisal.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 06 — Colaborador: V06P, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

(03)

INQ. – O que é o **aió**?

INF. – (inint.) esses **aió** agora. Uns mulambo que não guenta pueira.

INQ. – Aió é a sacola, é? Tu falou assim: “**aió** de pano”. **Aió** é uma sacola, é?

INF. – É, uma sacolinha que eles vão fazeno negócio de pano.

INQ. – Hã... antigamente era de côro ô toda vida foi de pano?

INF. – Tinha os **alfoje** (alforje). Os **alfoje** era aquele de côro que botava do lado. Certo? Num tinha os **alfoje** (inint.)? [...]. Aí botava o litro de cachaça, botava o pão, a farofa dentro e tocava o gado.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A fala do colaborador V03G, aliada ao que se pode perceber durante a observação participante, revela que o utensílio ‘aió’ tem sido mais utilizado que o **alforje** atualmente, configurando assim uma mudança na cultura que se projeta na língua pela substituição da lexia **alforje** pela lexia ‘aió’. Entretanto a lexia ‘aió’ não se encontra no escopo dessa investigação por se tratar de um item confeccionado a partir de tecido ou da fibra de sisal, e não do couro. No dicionário Aulete (2011) ‘aió’ está

assinalado como verbete novo, associado à área semântica da caça, já **alforje**, apesar do pouco uso na atualidade, foi uma lexia mencionada por todos os colaboradores em suas falas, demonstrando que esse é um item enraizado na cultura.

A pesquisa lexicográfica revelou que a lexia **alforje** está largamente registrada na literatura consultada, tanto nos dicionários mais antigos quanto nos dicionários mais atuais, com sentido semelhante ao observado na comunidade. Em Silva (1789) consta como ‘dois sacos ou bolsões pegados em que se leva provisão de roupa ou comida para a jornada. De acordo com Cunha (1994), a origem de **alforje** vem do árabe *hurǧ*, Houiass (2011) complementa com o “sentido de sacola dupla”, documentada na língua portuguesa em 1661 na forma “alforja”, tendo novo registro em 1899 como “alforge”.

Ainda no âmbito da lexicografia, encontramos o registro da lexia **alforje** no TLPGP e no Lexxis<sup>91</sup> como a “capanga do vaqueiro, um tipo de mochila de dois lados, feita de couro”, uma forma que favorece a definição encontrada na comunidade. Ao ter que nomear a bolsa de couro utilizada pelo vaqueiro, o colaborador inicialmente refere-se a uma ‘mochila’ que é uma peça mais presente na contemporaneidade e só posteriormente menciona a designação **alforje**:

Exemplo 94 - Trecho da entrevista 10 – alforje e mochila

INQ. – E como é chamada a bolsa de couro que o vaquêro ele leva os alimento?

INF. – Bolsa de côro?

INQ. – É.

INF. – Eh... chamada **mochila**, que marra aqui na garupa do cavalo chamado.

INQ. – Tem algum ôtro nome? O snhô lembra de algum ôtro nome?

INF. – Não. **Afoiz. Afoiz.** (alforje)

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 10 — Colaborador: V10N, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Em relação aos autores que embasaram a análise, a lexia encontra-se documentada em Nunes (2018) e em Faria (1969) com o mesmo sentido atribuído pela comunidade. No campo da Geolinguística, **alforje** foi documentada em Mendes (1992) através da carta semântica 60 “par de sacos conjugados que se usa sobre os animais, um de cada lado para equilibrar o peso da carga” concorrendo com ‘mala’ e ‘caçuá’, entretanto **alforje** teve maior ocorrência, sendo documentada em 5 pontos

<sup>91</sup> Na página do Lexxis é possível verificar a imagem do alforje: <https://lexiss.uefs.br/a/> Acesso em 08 maio 2025.

das 15 localidades da pesquisa, com distribuição geográfica em Santa Luzia, Itaporanga D´Ajuda, Simão Dias, Gararu e Curralinho.

### 5.3.1.2 *Bainha*

A lexia **bainha** foi levantada a partir da conversa livre com os colaboradores que a mencionaram como parte integrante dos utensílios transportados durante a lida. Essa lexia não foi objeto de uma pergunta específica no QSL aplicado neste estudo, nem foi localizada uma pergunta nos questionários utilizados como referência, bem como seu registro não foi identificado nos autores selecionados para esta análise.

A figura 58 ilustra uma **bainha**, com o facão alojado, presa a um cinto de couro, em conformidade o registro do verbete nos dicionários:

Figura 58 - Bainha de facão



Fonte: Carneiro (2023).

É uma lexia dicionarizada com o mesmo sentido aplicado pelos colaboradores. Nos dicionários consultados o verbete está como um “estojo geralmente preso ao cinto, onde se guarda a lâmina de uma arma branca para que não se embote ou oxide (Aulete, 2011). A origem etimológica de acordo com Houaiss está associada, no latim à *vagina-ae*, pelas formas divergentes *bagem/vagem* no sentido de bainha de espada, estojo.

A presença da **bainha** no dia a dia dos vaqueiros e dos seleiros reflete a diversidade das atividades na prática cotidiana. No contexto desta pesquisa, a arma branca mais utilizada na **bainha** é o facão, usado tanto pelo vaqueiro quanto pelo seleiro em suas lidas diárias. O exemplo 95 ilustra de que modo o facão está inserido na rotina dos colaboradores:

## Exemplo 95 - Trechos das entrevistas 04, 05, 10 e 13 – facção

(04)

INQ. – Eh... o que é casquear mesmo?

INF. – Casquear você vai tirar aquelas, as [inint.] que ele tem no casco, eles... que ele vai ficando, vai caminhano aí cresce.

INQ. – Como se fosse cortar uma unha?

INF. – O casco cresce por dentro. É. Aí cê vai usar a grosa, você vai cortar cum **facção** o que tiver grande, o que tiver passando, aí cê usa a grosa pra acertar.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

(05)

INF. – Um dia na seca de... num me lembro o ano agora, eu saí pra trazer água pras ovelha. Uma hora dessa, mais ou menos, eu ainda não tinha chegado lá na minação. É aqui perto de Casa Nova. Aí, cheguei lá, derrubei o coxo pra encher, derrubei o coxo, depois que encheu os vaso e vortei. Os boi fraco. Num passá de um riacho, tinha um toco desse lado [inint.] boi pa ir no toco, é difícil. No toco... o boi embarçou, o carro [carro de boi] bateu no toco e eu virei. O carro virô pur cima de mim.

INQ. – O carro virou?

INF. – E essa pipa pur cima e a valença é que ela virou e destampou. Quando eu levantei doido, atordoado, o boi tava morreno na broxa enforcado, aí meti o **facção**... essas coisa foi... é tudo Deus. Cortei, o boi zonzo arquejano e o véi chegô, achou eu chorano. “O que é?” eu digo “acabei com tudo”, “Tem nada não”. Você teve alguma coisa?” Eu digo: “Não. Tô todo molhado, mas num tive nada”. Aí o boi levantô, vumbora.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(10)

INF. – O vaqueiro pra ele tá completo ele tem que tá com uma corda, com a careta, **facção**, tudo isso ele tem que tá.

INQ. – O facção pra quê?

INF. – Ele tá lidando ali, de repente, engancha uma coisa, precisa de cortar um galho de pau, um negócio.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 10 — Colaborador: V10N, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

(13)

INF. – A ferramenta de seleiro é isso: Faca, suvela, vazador, comparso. É, faca amolada, **facção** amolado pra grosar a sola, escopo, vazador.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Os depoimentos sugerem que o facção costuma ser utilizado tanto para as atividades de cuidado com o animal, como casquear (entrevista 04); quanto para situações emergenciais, a exemplo do resgate do animal relatado por V05N. Além disso, é considerado um item no conjunto de ferramentas do vaqueiro, sendo necessário para resolver imprevistos durante a lida, conforme a fala de V10N. Para o seleiro, o facção também integra o arsenal de instrumentos de trabalho, no preparo e ajuste das peças de couro (entrevista 13).

Em relação à aplicabilidade da **bainha** no cotidiano dos colaboradores. Destacamos os seguintes depoimentos através do exemplo 96:

Exemplo 96 - Trechos das entrevistas 03, 15 e 16 – bainha

(03)

INF. – Eu cum dois ferrão, óia. Eu cum dois ferrão, tudo **embainhado**, aí “tira a **bainha**”, tirei a **bainha** e botei na mochila, aí, eu cum medo de botar meu animal no marruá grande, uma pontona [chifre], óia. E eu cum medo de botar no bichão. Rum, se esse boi desviar daqueles homem vai me matar, vai me pegar aqui e vai me matar [...].

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(15)

INF. – Se a pessoa trazer um canivete eu tiro a... a medida... eu faço a **bainha** dele e deixo certinha. Uma, uma faca, um facão. Tudo que ele trazer se ele coisar, eu meço e trabalho e deixo bonitinho.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 15 — Colaborador: S15J, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

(16)

INF. – Hoje eu trabalho mais porque eu mexo com muita coisa é **bainha** de faca, é... é **bainha** de canivete, é cinto. É um bocado de coisa. Mas se for só pelo arreio eu já tinha parado já.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

Observamos pelos depoimentos a lexia **bainha** sendo utilizada pelos colaboradores. A fala de V03G revela mais uma situação de risco enfrentada pelos vaqueiros, neste caso a bainha não está sendo utilizada no facão, mas no ferrão, uma vara de pau, de aproximadamente 150 cm, com uma ponta de ferro para espetar os bois a certa distância. Enquanto os relatos das entrevistas 15 e 16 mostram que é a peça costuma ser produzida pelos seleiros de Riachão do Jacuípe, sendo confeccionada sob medida conforme destaca S15J, sendo parte da produção e da atividade do seleiro, já que a procura pelo arreio tem diminuído como disse S16P.

Para encerrar a análise da lexia **bainha**, ressaltamos que se trata de um item consolidado tanto no campo léxico quanto nas práticas culturais. Entretanto, do ponto de vista linguístico, observamos um padrão documental apenas nos dicionários, não havendo um destaque nos estudos prévios sobre a cultura do vaqueiro, o que reforça a necessidade de sua documentação.

### 5.3.1.3 Mala

A lexia **mala**, na cultura do vaqueiro, designa uma espécie de caixote de couro, em formato retangular, com uma alça central na parte superior; e duas correias laterais, que saem da parte superior para a frontal sendo afiveladas e funcionando como fecho. A utilidade da **mala** no contexto da cultura do vaqueiro é funcionar como uma caixa de ferramenta. A Figura 59 expõe uma **mala**, permitindo que se tenha uma ideia da peça:

Figura 59 - Mala



Fonte: Carneiro (2023).

A lexia surgiu durante a documentação da primeira parte da pergunta 21 do QSL – Quais os instrumentos usados pelos vaqueiros durante a montaria? Dentre os itens relacionados em listagem consta a **mala**, conforme o depoimento do informante V07C:

Exemplo 97 - Trecho da entrevista 07 – a mala é um dos itens do vaqueiro

INF. – Na montaria, no caso no serviço do vaqueiro. No serviço do vaqueiro ele tem que ter uma **mala**, todo vaqueiro tem um um arfojezinho ali do lado, de couro. Aí ele carrega dentro: um alicate, carrega um... um prego. Chama de prego. Sim Aí carrega também... Xô vê mais, xô lembrar até porque foge da memória assim. É corda. Tudo o vaqueiro tem que ter.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 07 — Colaborador: V07C, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Observamos na fala do colaborador o uso da lexia **mala** como uma forma de sentido amplo para designar genericamente um objeto para carregar pertences. No entanto, ao perceber que essa palavra poderia gerar ambiguidade, ele especifica que seria um 'alforje'.

A lexia **mala** é amplamente documentada, embora poucos verbetes tenham registro de associação semântica direta com o couro ou com a cultura do vaqueiro. Observamos que as edições mais antigas dos dicionários consultados tendem a

referenciar a **mala** com o couro com maior frequência que as edições atuais; uma tendência, de certo modo previsível, considerando a substituição progressiva do couro por outras matérias-primas ao longo da história. Silva (1789) e a versão de 1948 do Aulete apontam **mala** como saco de couro, enquanto a versão mais atualizada do Aulete (2011) registra “espécie de caixa feita de diversos materiais” sem mais fazer referência ao couro.

Na pesquisa geolinguística, localizamos a lexia **mala** como uma das respostas para a carta 60 de Mendes (1992) concorrendo com as lexias “alforje” e “caçua”. Tendo sua ocorrência registrada em 4 pontos do atlas linguístico (55, São Cristóvão; 60, Ribeirópolis; 62, Propiá e 64, Gararu).

No que concerne à investigação nos autores selecionados, os resultados se revelaram bastante heterogêneos. Goulart (1965) introduz a forma “pessuelos” para descrever a **mala** de couro carregada na garupa do cavalo, uma variante desconhecida pelos colaboradores. Por outro lado, Faria (1969) não menciona a **mala** entre os apetrechos do vaqueiro, referindo-se apenas à “borracha” utilizada para transportar água, um item que, segundo o autor, já estava em desuso entre os vaqueiros no início da segunda metade do século XX. Nunes (2018), por sua vez, oferece a definição que mais se aproxima do uso empregado na comunidade, descrevendo a **mala** como uma peça de couro utilizada para transportar objetos e ferramentas de trabalho.

Na comunidade pesquisada, apesar das transformações que implicaram em mudanças na cultura – principalmente nas práticas de transporte - a **mala** continua a ser um item comum. Os vaqueiros, embora não mais a carreguem na garupa do cavalo, geralmente, mantêm uma **mala** em seu armazém ou mesmo no curral onde guardam objetos de trabalho ou medicamentos. Além disso, a confecção da **mala** está dentre as habilidades descritas pelos seleiros locais, como exemplificado pelo depoimento de S16P, que destaca a produção de **malas** de couro como parte de suas competências artesanais:

Exemplo 98 - Trecho da entrevista 16 – produção da mala

INF. – Eu pego a sola, eu corto, tenho os modelo, tenho os modelo, eu faço, é assim, se a pessoa trazer uma **mala**, eu faço igual. Se a pessoa trazer um canivete eu tiro a... a eu faço a bainha dele e deixo certinha. Uma um uma faca, um facão. Tudo que ele trazer se ele coisar, eu meço e trabalho e deixo bonitinho. Uma **malinha** de couro pra botar ferramenta. Tudo isso.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

Por fim, é pertinente destacar que a lexia **mala** designa um item com aspecto tanto utilitário quanto cultural. E embora a mala de couro esteja sendo, gradualmente, substituída por outras de materiais alternativos, a **mala** utilizada pelo vaqueiro permanece um símbolo da tradição vaqueira e da habilidade artesanal dos seleiros.

### 5.3.2 O microcampo ‘para manejar’

O microcampo **para manejar** inclui tanto lexias que denominam objetos como ‘buçal’ e ‘careta’ quanto por lexias que designam práticas como ‘arriador’ e ‘cabrana’, que são formas de se referir às ações desempenhadas a partir de determinada amarração feita com uma corda. Assim, esse microcampo é composto por seis lexias, sendo elas: arriador, buçal, cabrana, careta, corda de laçar e peia.

#### 5.3.2.1 *Arriador*

Chegamos à lexia **arriador** através da questão 23 do SQL – “Como é chamada a corda em que se amarra o bezerro na vaca para tirar o leite? Pergunta correlacionada com a questão 94 aplicada por Peixoto (2007), cuja resposta não apresentou variantes lexicais, registrando apenas algumas variantes fônicas, como riadô e arriadô, as quais foram neutralizadas, uma vez que esse estudo é de caráter lexical. Diante disso, optamos por validar a forma **arriador**, consolidando-a como a prática utilizada para prender o bezerro à vaca durante a ordenha.

No trecho extraído da entrevista 11, o depoimento do colaborador V11R diferencia o **arriador** de outra prática de manejo utilizada pelo vaqueiro na lida diária. Ele explica que o **arriador** se refere à corda que prende o bezerro, enquanto o ‘piador’ designa a corda que prende a vaca:

Exemplo 99 - Trecho da entrevista 11 – piador e arriador

INQ. – Como é chamada a corda que se amarra o bezerro na vaca pra tirar o leite?

INF. – **Arriador**, e do pé da vaca, o **piador**. Tem o **piador** das vaca e o **arriador** dos bezerro.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 11 — Colaborador: V11R, vaqueiro, faixa etária III, semialfabetizado.

Enquanto o colaborador V11R distingue essas duas práticas, o colaborador V12D esclarece que o **arriador** não designa um objeto material, mas sim uma técnica específica de amarração, realizada com uma corda:

Exemplo 100 - Trecho da entrevista 11 – o arriador é uma técnica

INQ. – O que é que usa pra amarrar as pata de um animal, pra curar, pra tirar leite? Bota assim amarrar de um pra outro.

INF. –Aqui usa corda mesmo.

INQ. – Mas tem um nome essa amarração?

INF. – Arriador.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 14 — Colaborador: S14R, seleiro, faixa etária III, semialfabetizado.

O colaborador V09P descreve de forma detalhada o processo de amarração feito para o **arriador**:

Exemplo 101 - Trecho da entrevista 09 – descrição do arriador

INQ. – Explica detalhadamente o arreador, por favor.

INF. – O arriador, ele é um **pedaço de corda**, de acordo o tamanho que a pessoa queira fazer. Hoje em dia, normalmente, ele é feito de corda ou de sisal ou de nylon, normalmente; **de couro faz também**, mas é mais difícil né? Já se fez muito...Se quiser fazer, faz também, mas normalmente o forte do arreador hoje ele é de corda de nylon, ele tem uns nó nas duas pontas que é para poder dar apoio o lugar de amarrar que ele não pode ser um laço difícil de soltar; ele tem um nó no final que é para que você pegue, perte, enrole ali e faça a laçada e tem aquela (aquele tipo) que alguém gosta de fazer ele maior, outro menor, cada um tem um tamanho adequado. Às vezes o do bezerro é maior, porque às vezes o bezerro dá trabalho de arriar aí precisa de uma focinheira, um negócio assim. A focinheira é uma volta que dá no focinho pro bezerro ficar mais adomado.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Nos dicionários consultados, a forma lexical ‘arreador’ mostrou-se mais abundante. Apenas em Houaiss (2011) foram localizados tanto o verbete **arriador** quanto “arreador”; o significado desse último está relacionado com uma espécie de chicote, enquanto **arriador** significa “o que arria” no sentido de fazer descer, abaixar. Ambas as acepções se aproximam do sentido empregado pelos vaqueiros, entretanto decidimos legitimar **arriador** uma vez que identificamos uma relação semântica mais direta com o tema, já que o bezerro quando está preso à mão da vaca, fica em uma posição mais abaixada.

Em termos de geolinguística, a forma **arriador** foi localizada apenas na paginada internet do dicionário do Sertão do semiárido (Lexiss), que faz um recorte

linguístico de região bem próxima à da pesquisa, o que comprova que a forma lexical é, de fato usual, neste espaço geográfico.

### 5.3.2.2 *Buçal*

Nas investigações realizadas com o QSL, identificamos a lexia **buçal**, que se configura como um tipo de cabresto dos arreios, a partir da questão 43 do QSL - “Como se chama a corda colocada na cabeça do animal para puxá-lo de um lugar para outro?”, cuja formulação foi baseada no tópico 188 do questionário aplicado por Figueredo e Aguilera (2002); também é parte dos inquéritos de Chofard (2023) e de Peixoto (2007), demonstrando ampla documentação. As respostas a esta pergunta evidenciaram a presença das lexias **buçal** e ‘cabresto’.

Os achados relativos à lexia **buçal** revelam que essa designação não corresponde à hipótese inicial de resultado para a pergunta, que previa a resposta ‘cabresto’; conforme evidenciado no trecho do diálogo em que o colaborador responde à pergunta 43 diferente do esperado, que seria ‘cabresto’ a forma mais usual. Entretanto, o colaborador dá **buçal** como resposta:

#### Exemplo 102 - Trecho da entrevista 05 – buçal

INQ. – Como se chama a corda colocada na cabeça do animal para puxá-lo de um lugar para outro?

INF. – Buçá.

INQ. – Como?

INF. – A senhora num conhece o **buçá** não? (risos) **buçá** é um cabresto de côro.

INQ. – Esse eu não conheço.

INF. – Ah, é? Um cabresto de côro, bota um cabeção. Faz que nem um cabestro, agora tem duas argola embaixo, chama o buçá, aquela ali bota uma corda, se derrubá o boi, tira aquela corda e amarra o boi com a corda e o buçá. E na garupa tem a corda de laçar.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

No entanto, optamos por validar **buçal** como a forma principal a ser analisada e registrar ‘cabresto’ como a variante, uma vez que os dados revelaram que a lexia **buçal** designa um item tradicionalmente confeccionado em couro, enquanto o ‘cabresto’, na atualidade, frequentemente, é fabricado com cordas de materiais sintéticos como o *nylon*. Além disso, consideramos a relativa escassez de registros específicos para **buçal**, comparado com a predominante documentação da lexia ‘cabresto’.

Os dados demonstram que, entre os vaqueiros mais antigos, **buçal** é um item incorporado como uma parte integrante do arreio. No Exemplo 103, há dois trechos em que o **buçal** é citado como elemento essencial para o arreamento adequado:

Exemplo 103 - Trechos das entrevistas 01 e 09 – o buçal é parte dos arreios

(01)

INF. – Se o cavalo só tivé somente cum a sela, ele num tá arriado, ele num tá todo arriado. (inint.) arriado pa ir pegá gado é sela, peitchêra, **buçá** e cabeção.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(09)

INF. – [narra cenas que presenciava na prática vaqueira do próprio pai] Aí dava o banho ali deixava o animal enxugar. E agora vinha a parte do **buçá** que era como se fosse o cabresto. Aí vinha o **buçá**, depois do **buçá** vinha o cabeção, a peiteira, o pelego pra forrar a sela, pra forrar o lombo dele e por cima do pelego a sela.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

No trecho extraído da entrevista 01, o **buçal** é citado como parte funcional no conjunto dos arreios, enquanto na entrevista 09, o colaborador fez um relato das práticas de seu pai - um vaqueiro de gerações anteriores – que reforça a ideia de uma época em que esse item era componente constitutivo do arreio, sendo descrito pelo colaborador V09P da seguinte forma:

Exemplo 104 - Trecho da entrevista 05 – descrição do buçal

INQ. – Fale um pouquinho desse... como é o nome? desse bu... **buçá**.

INF. – O **buçá** é uma cabeçada de côro e, embaixo, ela tem duas argolas - uma letra êsse, que dá o nome de êsse ou de oito, que é para botar no cavalo como se fosse um cabresto. É como se fosse assim uma tradição de efeito para aquela argola, ela bate uma na outra e fica trincando entendeu?

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

O colaborador V09P associa o **buçal** ao ‘cabresto’, indicando uma interligação semântica e cultural entre esses itens, o que nos permite classificá-los como marcadores históricos distintos, em que cada lexia remete a períodos específicos.

Na pesquisa lexicográfica, localizamos a lexia **buçal** apenas em Houaiss (2011) e na versão mais antiga do Aulete (1948) como um regionalismo do Sul do Brasil, designando o arreio que cobre a cabeça e o pescoço do cavalo; foi observado que a edição atualizada do dicionário não mantém esse registro. Por sua vez, em Houaiss (2011), a análise etimológica associa **buçal** ao castelhano “bozal como uma derivação

da forma antiga “*bozo*” (c.1250) que significava “buço, parte exterior da boca”, e sua origem remanescente remete ao latim “*bŭcca,ae*”, no sentido de boca.

A revisão da literatura que fundamentou esta análise, apontou a lexia ‘cabresto’ predominante nos estudos anteriores sobre o tema, constando em quase todas as fontes consultadas – com exceção de Cardoso e Ferreira (2000) que não registram nenhuma das formas. Enquanto a lexia **buçal** aparece de modo esporádico; Peixoto (2007) a menciona brevemente ao descrever o ‘cabresto’; o TLPGP registra reiterando o aspecto regional sulista da lexia; e, por fim, averiguamos que trata-se de uma das respostas esperadas para a questão 15 de Chofard (2023), tendo, inclusive, possibilidade de compor o ALRT.

Notamos que a lexia **buçal** apresentou maior produtividade entre os colaboradores da faixa etária III, enquanto o cabresto se mostrou popular entre todas as gerações. Deduzimos que isso acontece pelo fato de o ‘cabresto’ ser um item consolidado na cultura vaqueira, por outro lado o **buçal** tem indícios de ser uma designação preservada predominantemente pelos colaboradores de faixas etárias mais avançadas, o que sugere que esta lexia pode estar vinculada apenas à memória de práticas tradicionais, enquanto as gerações mais jovens tendem a adotar o ‘cabresto’ como a nomenclatura mais usual.

### 5.3.2.3 *Cabrana*

A pergunta 51 do questionário aplicado com os vaqueiros – “Como se chama a amarração que é feita do chifre para a mão do boi? E para que serve?” se revelou inédita, não havendo correspondência exata em nenhum dos questionários previamente analisados. Através dessa pergunta foi documentada a forma lexical **cabrana**, cujo registro indica uma lexia consolidada entre os vaqueiros, mencionada por todos os colaboradores sem apresentar qualquer variante.

A lexia **cabrana** não se encontra dicionarizada no material consultado. Entretanto, nas obras lexicográficas, foi localizada a forma “cabramo” com significado próximo ao atribuído pela comunidade para **cabrana**. De acordo com Houaiss (2011), “cabramo” tem origem no latim *\*capulamīne-*, como uma forma diminuta de *caput,ītis* no sentido de cabeça, o que possivelmente tenha relação com a amarração feita na cabeça do animal. Cunha (1994) aponta o século XV como primeiro registro de “cabramo” na língua portuguesa e Aulete (1948, 2011) segue a mesma linha, definindo

“cabramo” como “peia com que se prende um dos cornos ao pé dos bois, das cabras e de outros quadrúpedes ou com que se prendem estes a algum poste, estaca, etc., para que não fujam” (Aulete, 2011), sentido equivalente ao atribuído na comunidade para a lexia **cabrana**, conforme se pode verificar nos depoimentos dos colaboradores V02E e V03G:

Exemplo 105 - Trechos das entrevistas 02 e 03 – cabrana

(02)

INF. – Eu sei, é a **cabrana**.

INQ. – E pra que é que serve a **cabrana**?

INF. – Ali serve pra... pra gente transportá um boi de um lugá pra ôtro. Às vezes tá pulano cerca, às vezes tá pegano. A gente utiliza a **cabrana** pra adomá ele.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

(03)

INF. – A **cabrana** é do... do... da cabeça pra mão. Pra ela sair assim. [Faz o gesto similar ao caminhado do animal].

INQ. – E por que amarra?

INF. – Hein?

INQ. – E pra que amarra a **cabrana**?

INF. – Se ela fô ladrona ela num passa, ela num salta. É pra grado ladrão, que num tem cerca pra ele. Você bota num pasto, ele come onde qué, certo? Aí você marra da ponta, aí chega na mão, na junta, aí bate. Dá um nó aqui. Pronto, ela sai... [gesticula imitando o animal].

INQ. – Hã, aí só vai cumê naquele pasto.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Em estudos com temas semelhantes, a forma **cabrana** foi identificada em uma única ocorrência, em um registro feito por Peixoto (2007), no qual a lexia surge no campo semântico “para controlar e conduzir o gado” e mantém a mesma designação dada pelos vaqueiros de Riachão do Jacuípe. Vale ressaltar que a pesquisa conduzida por Peixoto (2007) foi realizada em uma região situada a aproximadamente 180 km do local abordado nesta pesquisa, indicando certa proximidade geográfica, ao se considerar a extensão do país, o que reforça diatopicamente a pertinência do dado.

Observando a lexia **cabrana** na fala cotidiana, percebemos que está manifestada na expressão dos vaqueiros de forma corriqueira, chegando a apresentar outras formas de uso, conforme se pode observar no depoimento em que o colaborador transforma a lexia **cabrana** em verbo, ao nomear a ação de aplicar os procedimentos para conter o animal:

## Exemplo 106 - Trecho da entrevista 08 – verbo encabranar

INF. – Bota careta, cabrana. Encaretá e **encabraná**. Tudo no mesmo momento, que é pra ele num vê de onde ele vem.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 08 — Colaborador: V08E, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

Linguística e culturalmente, essa verbalização nos leva à hipótese de uma consolidação da lexia na língua, de modo que transformar a lexia **cabrana** no verbo ‘encabranar’ pode ser um indício da continuidade linguística dessa lexia e também pode sinalizar a uma possível permanência dessa prática cultural, diante das transformações pelas quais tem passado a cultura e a língua.

Além da **cabrana**, os dados coletados indicam a existência de outras técnicas empregadas no manejo dos animais. Por exemplo, o colaborador V05N menciona as lexias ‘cambão’ e ‘tamanco’ em seu relato, fornecendo evidências de procedimentos distintos, utilizados na estabilização dos animais:

## Exemplo 107 - Trecho da entrevista 05 – cambão e tamanco

INF. – E existe ôtra coisa também. A que marra no pescoço do boi brabo. Cambão. Tem o **cambão** no pescoço, e tem o **tamanco** no pé. Ele marra um taco de pau...

INQ. – Tamanco?

INF. – Isso. Chama... marra um taco de pau desse tamanho na mão do boi pra ele num corrê muito. Chama **tamanco**.

INQ. – É a merma coisa de pêa?

INF. – Não, a pêa é nos pé. E esse... num tem o **cambão** que marra no pescoço? Já viu um **cambão**?

INQ. – Não.

INF. – Panha (apanha) um taco de pau, fura e marra no pescoço. Ele é dispindurado, né. Agora um **cambão** é um pau desse tamain (tamanho) pa amarrá na mão do boi pa ele num corrê. Aquele pau vai atrapaiano (atrapalhando), ele num corre.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 05 — Colaborador: V05N, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

De acordo com o depoimento, a lexia ‘cambão’ designa uma técnica aplicada ao pescoço, enquanto a lexia ‘tamanco’ refere-se a um método empregado no pé do animal, ambos são procedimentos de manejo do mesmo modo que a **cabrana**. No entanto, a característica definidora das técnicas ‘cambão’ e ‘tamanco’ não está associada ao uso do couro, mas sim à madeira, fato pelo qual tais lexias não foram analisadas, pois não se enquadram no recorte deste estudo que se concentra especificamente na terminologia relacionada ao couro.

### 5.3.2.4 Careta

A lexia **careta** designa uma máscara que os vaqueiros colocavam nos animais bravios para facilitar o manejo. Foi documentada a partir da questão 28 do QSL – “Como se chama a máscara de couro que se coloca em vacas bravas? Ainda se usa?” Não foi localizada correspondência desta pergunta nos questionários analisados, e a lexia não apresentou formas variantes. A Figura 60 representa um boi usando a careta:

Figura 60 - Boi de careta



Fonte: Rezende (2018).

A pergunta integra o questionário dirigido aos vaqueiros, mas a lexia surgiu espontaneamente em diferentes momentos das entrevistas com ambos os grupos de colaboradores, o que resultou em um volume considerável de registros, com mais de 80 menções no total do *corpus*. Isso demonstra que a **careta** é uma peça reconhecida e popularizada entre os participantes, refletindo seu uso comum nas práticas tradicionais. No entanto, as respostas dos colaboradores indicam que a careta, embora seja amplamente conhecida, seu uso tem diminuído, tornando-se uma peça cada vez mais em desuso nos dias atuais. Essa tendência pode ser atribuída a mudanças nas técnicas de manejo que acabam por dispensar o uso da tradicional máscara de couro, conforme se pode verificar pelas respostas ao serem indagados se a careta ainda tem sido utilizada:

Exemplo 108 - Trechos das entrevistas 03, 09 e 20 – uso da careta

(03)

INF. – Nunca mais eu vi. Aquilo cabô.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(09)

INF. – Hoje em dia nem pode mais. Até porque... hoje em dia ficou difícil você ir buscar uma rês em... um... um boi, uma vaca o que seja e ela sendo brava e você botar uma **careta** pra andar na estrada. Naquele tempo você podia, por quê? Porque era tudo... aí aquele deserto, você andava o dia todinho numa estrada tangeno [tangendo] gado, você não encontrava... pra você encontrar uma bicicleta era difícil. Hoje em dia, você sai, você viaja duas três léguas, o que for, se for... se você for tanger um animal, toda hora você encontra um carro, você encontra uma moto na estrada, aí o animal de **careta** ali, ele tá praticamente cego aí corre o risco de acontecer até um acidente.  
 Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

(20)

INF. – Não, hoje quase que não usa mais não. É muito pouco. Porque naquele tempo que o vaqueiro tangia o boi amontado. E hoje em dia tá transportano tudo em carro. Talvez tenha na fazenda tem uma vaca lá pra vender ou um boi. Aí o cara vai lá e bota no carro e traz pro matador. E de primeiro tinha que trazer com a **careta** do boi, mas hoje mudou o mundo.  
 Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 20 — Colaborador: S20C, seleiro, faixa etária III, semianalfabeto.

Os trechos das entrevistas 03, 09 e 20 comprovam que a careta está em processo de desuso. O colaborador V03G indica a percepção de que a prática já não é mais comum na lida vaqueira e pelos depoimentos de V09P e S20C entendemos que a causa do desaparecimento está vinculada a mudanças nas condições do transporte e manejo dos animais, em que o uso da careta se tornou impraticável e até perigoso, devido ao aumento de tráfego nas estradas, elevando o risco de acidentes.

Em termos de registro lexical, observamos que a lexia **careta** frequentemente concorre com 'máscara', sendo esta última mais comumente registrada. Nos dicionários consultados, careta foi localizada na versão de 1948 do Aulete, onde é descrita como um regionalismo do Nordeste com o significado equivalente ao atribuído pela comunidade: "tapume de couro aplicado a reses bravias" (Aulete, 1948). Na versão atualizada desse dicionário (Aulete, 2011), o verbete é mantido, mas a descrição é ajustada passando a ser considerada um brasileirismo, sem a especificação de um caráter regional nordestino.

Através da consulta geolinguística encontramos o registro da lexia no Lexiss, onde é descrita como uma peça utilizada, na cultura do vaqueiro, para tampar a cara do boi brabo. Esse achado evidencia o caráter diatópico da lexia, revelador que a língua registrada no Lexiss reflete, em muitos aspectos, a língua falada pelos vaqueiros e seleiros colaboradores, visto que Riachão do Jacuípe está situado no semiárido baiano, área coberta pela pesquisa do Lexiss. Peixoto (2007) é outro estudo

com proximidade geográfica que também apresenta a lexia **careta** como forma de controle e condução do gado.

Já outros autores que investigaram áreas geográficas mais distantes do local desta pesquisa registram a forma ‘máscara’. Faria (1969) descreve o léxico da cultura do vaqueiro no Rio Grande do Norte e não menciona a lexia **careta**; apresenta ‘máscara’ como “um pedaço de sola, pouco maior que um prato que o vaqueiro prende à parte anterior da cabeça da rês, impedindo assim a sua visão frontal, mesmo sentido atribuído pela comunidade estudada para a lexia **careta**. O Exemplo 109 traz a descrição da careta feita pelo colaborador V01C:

Exemplo 109 - Trecho da entrevista 01 – descrição da careta

INF. - Se a minha tivesse fácil, eu ia lhe mostrar. **Careta** é um pedaço de couro que a gente bota, quando pega a rês bota na testa, marra toda pra nois traquejar a rês pra levar pra na onde a gente quer, quer dizer que ela num enxerga de frente, só vai enxergano dos lado.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Em Nunes (2018) encontramos a observação, de caráter diatópico, “tem local que a máscara é careta”, apontando careta como uma variação lexical de ‘máscara’, segundo ela, forma de expressão usada pelos vaqueiros do Sul do Vale do rio Jaguaribe, Ceará.

Quanto à confecção da **careta**, pelas informações colhidas com os seleiros, levantamos a hipótese que seu processo de desuso já começou há certo tempo. Observe-se o depoimento no trecho da entrevista 16:

Exemplo 110 - Trecho da entrevista 16 – a produção da careta

INQ. – O senhor já fez aqui?

INF. – Já... já, mas hoje a procura caiu. Quase ninguém procura. Olha no tempo que eu trabalho, há quase trinta anos, parece que eu **fiz umas três ou quatro careta**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 16 — Colaborador: S16P, seleiro, faixa etária II, Ensino Médio.

Diante da análise da lexia **careta**, constatamos uma transformação cultural nas práticas de manejo, em que a careta, embora reconhecida como parte do patrimônio tradicional, está sendo substituída por métodos mais modernos e seguros, refletindo uma adaptação às novas realidades sociais e logísticas no campo.

### 5.3.2.5 *Corda de laçar*

A lexia complexa **corda de laçar** está presente no vocabulário cotidiano de seleiros e vaqueiros. Neste estudo, foi documentada a partir da questão 31 do QSL – “Como se chama a corda de couro que o vaqueiro leva presa na sela? Para que ela serve?”. Esta pergunta foi formulada com base no item 179 do Questionário de Figueredo e Aguilera (2002) que buscavam identificar o nome do objeto de couro que o peão leva no cavalo e é utilizado para capturar, derrubar ou arrastar um animal. A lexia “laço” era a resposta esperada por Figueredo e Aguilera (2000). Aqui obtivemos **corda de laçar** e as variantes lexicais ‘corda’, ‘corda de laço’, ‘corda de couro’, ‘corda chincha’ e ‘chincha’, conforme o depoimento do colaborador V03G:

Exemplo 111 - Trecho da entrevista 03 – corda de laçar e corda chincha

INQ. – E, ó, o vaqueiro tem na sela que o senhor falou nestante, uma... uma corda que ele usa presa na sela.

INF. – É.

INQ. – Como é o nome dessa corda?

INF. – **Corda de laçar**.

INQ. – É aquela corda que usa pra... fica no rabicho da sela, é, G.?

INF. – É, que fica aqui na capa de sela. É a corda. É a **corda de laçar** é aquela, a merma **corda chincha** que o povo fala.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 03 — Colaborador: V03G, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A variante ‘corda chincha’ foi a mais produtiva e se revelou versátil no campo léxico da cultura do vaqueiro, pois identificamos algumas situações em que se utiliza a lexia ‘chincha’: (i) concorrendo semanticamente com a lexia **corda de laçar**, (ii) concorrendo com a cilha da sela vaqueira<sup>92</sup> e (iii) usada na forma do verbo ‘chinchar’ com o sentido de puxar ou arrastar o animal. O depoimento do colaborador V09P é bastante elucidativo quanto a esta questão da lexia ‘chincha’; ao ser interrogado na tentativa de elucidar esta questão:

Exemplo 112 - Trecho da entrevista 09 – explicação sobre a chincha

INF. – A **chincha** é o seguinte: Existe dois tipo de chincha, com uma maneira de falar. Tem a **chincha** que é uma cia separada da cia da barrigueira, chamada, cia de traz. Aí dá o nome de **chincha** que é uma cia solta, ela é de trança com a fivela, diferente da outra que tem duas fivela com as ponteira.

INQ. – E essa **chincha** é a mesma corda de laçar?

INF. – Aí é uma corda que é usada pra **chinchar** o boi. Faz uma amarração com a corda de laçar pra **chinchar** o boi. **Chinchar** o boi é, por exemplo, a pessoa pega um boi e o boi não quer ir, aí bota a corda no chifre ou no

<sup>92</sup> Este tópico está discutido no macrocampo arreios, subcampo sela, item 5.2.1.2.13 cilha.

pescoço, onde for, aí marra na barriga do cavalo e puxa. então a corda serve de **chinha** nessa hora. E tem a **chinha** que é da sela vaqueira, só a sela vaqueira que tem **chinha** as otras não tem. E tem a parte da **chinha** que é feita com a corda na hora de **chincar** o boi quando o boi não quer andar, e é muito brabo, aí marra no cavalo e bota uma corda pra puxar que dá o nome que tá **chinchano** o boi, aí nesse momento a corda serve de chinha.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

A explicação do colaborador V09P, no Exemplo 112, ilustra o quanto o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro pode ser complexo. No caso da ‘chinha’, fica demonstrado que o valor semântico desse item lexical depende do contexto de uso. Primeiramente a ‘chinha’ é descrita como um componente do arreio da sela vaqueira; e em seguida o colaborador explica que a ‘chinha’ pode ser também uma técnica de manejo, realizada com a **corda de laçar**, que serve para controlar o boi em situações em que o animal é resistente ao comando do vaqueiro: A Fala de V03G, ilustrada no Exemplo 113, mostra a ‘chinha’ sendo utilizada no processo do manejo, como uma prática de manuseio e não um objeto:

Exemplo 113 - Trecho da entrevista 03 – a ação de chincar

INQ. – E o que é **chincar**?

INF. – **Chincar é laçar o boi**, chega embaixo do... Laça o boi, lá vem cum a ponta dela [da corda] e passa embaixo do cavalo aqui, na subaquera do cavalo aqui, bota debaixo do guarda-loro, o cavalo sai arrastano. O ôtro de lá tangeno [um vaqueiro] e arrastano assim, sai arrastano.

INQ. – É tipo como se fosse um carro puxando outro?

INF. – Sim, a merma coisa. Passa até numa rua dessa aí. Se ele for valente, Ele num vai pa trás nunca [o boi].

INQ. – E aí, amarra é no pescoço do boi a corda?

INF. – É... e vem cum a ponta e passa debaixo do sovaco do cavalo.

INQ. – Quer dizer então que o cavalo é mais forte do que um boi? Tem mais força do que o boi pra puxá um boi.

INF. – É. É mais forte. Tem. Tem. Tu já viu algum cavalo covarde ter medo de ir no boi? Tinha? Tem?

INQ. – Tem uns que tem, né não? [risos].

INF. – Que você tá botano ele pra ir e ele tá acuado [risos]. Se der o lado aí o boi fura qualquer hora. De frente num fura não, mas se der o lado assim e o boi entrá debaixo, ele joga pa tu voar lá em cima daquela casa.

INQ. – Ave-maria.

INF. – O cavalo quando o boi tá valente... que o boi papoca, ele toma aquele choque, aí caminha de lado, aí o boi vem aqui e panha debaixo. Não é pra dá o lado [inint.]. Eles de vez em quando tomava uma rebombada de frente [o cavalo], mas o perigo é o boi entrar e pegar na barriga. É cabá de bater, matar.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

O uso da **corda de laçar** para formar a ‘chinha’, conforme descrito pelo colaborador V03G, exemplifica a engenhosidade e da adaptabilidade dos vaqueiros

que utilizam recursos limitados de forma estratégica. Essa técnica de manejo requer conhecimento empírico e habilidade na execução, configurando-se como uma prática perigosa, pois envolve riscos tanto para o vaqueiro quanto para os animais, em especial para o cavalo, que desempenha um papel central na execução da manobra.

A utilização da chincha na prática vaqueira tem se tornado cada vez menos comum; em parte, devido à redução das áreas de caatinga, que tradicionalmente exigiam técnicas específicas de manejo. Além disso, o uso de caminhões boiadeiros para transporte de gado e o fim das práticas de pega de boi no mato são fatores que também alteram os métodos dos vaqueiros. Outro fator é a mudança no comportamento dos animais, que, com o contato mais direto com a civilização, tornaram-se menos bravos, e portanto, mais fáceis de manejar. Transformações que refletem adaptação das práticas às novas formas de interação entre humanos e animais e a novos modos de ser do contexto rural.

Nos dicionários consultados não foi localizada a lexia **corda de laçar** como uma entrada única, apenas as lexias “corda” e “laçar” foram localizadas, ambas mantendo o mesmo significado atribuído pelos colaboradores. Nas obras de referência para esta análise, Nunes (2018) registra a lexia com um sentido equivalente ao empregado na comunidade pesquisada. Peixoto (2007) menciona variantes como “corda de couro”, “corda de garupa” e “laço”. Ao analisar a lexia laço, Peixoto (2007) relaciona-a à ação de chinchar, descrevendo-a como um instrumento tanto para capturar e amarrar o gado, como também corresponde também a uma corda de reserva para eventuais necessidades. Descrição alinhada com o uso relatado pelos colaboradores deste estudo.

Por fim, é importante destacar a importância da **corda de laçar** na cultura do vaqueiro, tanto como um instrumento funcional quanto como um símbolo de tradição. Apesar da falta de documentação nos dicionários convencionais, seu uso e significado são bem compreendidos e preservados pela comunidade vaqueira.

#### 5.3.2.6 *Peia*

A questão 45 do QSL – “o que se usa para amarrar as patas de um animal para curar, tirar leite ou evitar que ele debande?” foi formulada com base no item 180 do questionário de Aguilera e Figueiredo (2002) e o item 94 de Peixoto (2007), acrescentamos à nossa questão o tópico sobre evitar que o animal debande, pois

notamos a falta desse aspecto nas questões anteriores. Como resposta obtivemos a forma **peia**, que não apresentou variantes lexicais.

A lexia **peia** designa mais um mecanismo de controle do vaqueiro sobre os animais, podendo ser utilizada tanto em bovinos quanto em outras espécies como os equinos. O Exemplo 114 traz o depoimento do colaborador V04F, que pontua a serventia da peia:

Exemplo 114 - Trecho da entrevista 04 – para que serve a peia

INF. – Não. **A pêa serve pa ele não saí**, o animal quando você vai pegá ele é veaco, num dexta você pegá, aí **a pêa num dexta ele corrê**, que ela fica sigurada nos dois pé, ele num corre.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Trata-se de uma lexia dicionarizada com o mesmo sentido atribuído pela comunidade, como um laço feito de corda de couro que se coloca nos pés dos animais para limitar a locomoção. De acordo com Cunha (1994), **peia** tem origem do latim *pedīca,ae*, no sentido de laço que prende os pés. O verbete de entrada em Silva (1789) está registrado da mesma forma como é pronunciado pelos colaboradores “pea” e assinala o couro como matéria-prima da **peia** - “laço de corda de couro que prende os pés das bestas” (Silva, 1789); nos dicionários mais atuais já consta o registro da forma ditongada **peia** e não há mais a associação com o couro na descrição do verbete, apenas à corda, sem especificar o material; em Houaiss (2011) assinala-se ainda a peça de ferro na designação da **peia**. A omissão do couro como material da peia, explicita as transformações históricas e culturais em curso.

No material geolinguístico consultado, Cardoso e Ferreira (2000) registram a forma “peador” na carta 63 do APFB (1963) como “tornozelo”, o que não corresponde a uma equivalência total de sentido, embora haja possibilidade de associação semântica.

Com relação à literatura regional, a lexia **peia** está amplamente documentada. Encontramos tanto registros que mantêm o sentido encontrado neste estudo, quanto usos de peia com significado diferente. Faria (1969) e Nunes (2018) registram dois tipos de **peia**: “a peia de mão”, para amarrar as patas dianteiras e a “peia de pé e mão” que fica amarrada a uma pata dianteira e a uma traseira. Os colaboradores não especificaram qual tipo eles costumam usar. Queiroz (1987) registra a variante fônica “pea” com sentido de chicote ao reproduzir a narrativa do vaqueiro José Vitalino, 84

anos, Valente -Bahia: “E aí, incurriê, toquê a pea no bicho, no cavalo.” Já Peixoto (2007) Goulart e Goulart (1965) descrevem a colocação da peia com registro bem próximo do sentido atribuído pela comunidade, significando o ato de prender o animal com a corda pelos pés.

A **peia**, portanto, é uma lexia com ampla documentação e um recurso de uso regular na cultura do vaqueiro, consolidando-se como um elemento estabilizado nas práticas de manejo, que historicamente era confeccionada em couro. No entanto, observamos uma transformação no material utilizado para sua confecção, sendo cada vez produzida a partir de cordas sintéticas; mudanças que refletem adaptações das práticas culturais às demandas contemporâneas.

### 5.3.3 O microcampo ‘para localizar’

O microcampo para localizar é composto pela lexia que denomina o acessório utilizado para prender o objeto de localização. Nesta pesquisa, identificamos um único item lexical pertencente a este microcampo: *lato*.

#### 5.3.3.1 *Lato*

A documentação do item lexical **lato** ocorreu a partir da pergunta 34 do QSL – “Como se chama a tira de couro em que se amarra o chocalho no pescoço do animal?” Trata-se de uma questão inédita, para a qual um conjunto de variantes fonéticas foi registrado: ‘lacre’, ‘lacro’, ‘lático’, ‘latio’, ‘lato’. Optamos por validar a forma **lato** por ser a variante mais recorrente no *corpus*; além disso, observamos que os colaboradores demonstraram maior espontaneidade ao empregar essa lexia e que as outras variantes refletiam uma linguagem mais monitorada. No trecho a seguir, através do Exemplo 115, é possível verificar a expressão do colaborador V09P:

Exemplo 115 - Trecho da entrevista 09 – *lato*, *lático*

INQ. – O chocalho ele é amarrado numa tira de couro que fica no pescoço. Como é o nome dessa tira?

INF. – **Lato**. A gente chama **lato**, é **lático** do chocalho.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

Embora a forma **lato** esteja dicionarizada, o significado do verbete não se alinha exatamente ao sentido atribuído pela comunidade. Através da pesquisa lexicográfica chegamos até a forma 'látigo' através de Aulete (1948) que registra **lato** em sua segunda acepção com o sentido de “corda ou laço para enforcamento, utilizado na região do Algarve, em Portugal, familiarizado por látigo”. Silva (1789) define 'látigo' como a “corda da silha”, atribuindo-lhe um sentido diferente do uso na comunidade, porém compatível com o contexto da cultura do vaqueiro.

A imagem da Figura 61 é um lato para gado bovino produzida por um dos seleiros colaboradores:

Figura 61 - Lato



Fonte: Carneiro (2023).

O uso da lexia **lato** entre os seleiros foi unanimidade visto que é uma peça incorporada rotineiramente em suas práticas, uma vez que todos eles costumam produzir o **lato** em suas tendas.

Quanto à etimologia, Cunha (1994) aponta que a origem de 'látigo' é obscura; Houaiss (2011) marca a datação de látigo em 1659 e corrobora com a ideia de uma etimologia controversa, apresentando dois possíveis étimos: um derivado do espanhol -“latigo” do século XV, conforme sugerido por Nascimento, e outra possível derivação do gótico *laitug*, cognato do anglo-saxão *lâtteh*, no sentido de correia.

Faria (1969) designa tira de couro em que se prende o chocalho no pescoço do animal como 'amarra', forma não mencionada entre os colaboradores. Andrade (1678) menciona a forma 'latego' na descrição da cilha, proporcionando um olhar diacrônico para o item, o que ratifica a pesquisa lexicográfica ao associar o 'latego' à

cilha, entretanto os dados coletados sugerem que esse mesmo componente pode ter sido reconfigurado ao longo do tempo, adquirindo nova função e sendo utilizado no chocalho. No que diz respeito ao aspecto linguístico, observamos a supressão de fonemas, resultando na forma condensada **lato**.

Em relação aos vaqueiros, esses demonstraram menor familiaridade com o termo, apresentando respostas que variam entre o esquecimento do nome e a percepção de que não existe uma designação específica para o item destinado a prender o chocalho. Conforme os depoimentos do Exemplo 105:

Exemplo 116 - Trechos das entrevistas 04 e 02 – esquecimento do nome do lato

(04)

INQ. – E o chocalho ele é amarrado numa tira. Aquela tira de cõro tem um nome?

INF. – **Tem um nome, agora... ô, rapaiz**, ela tem um nome. Ela é uma chinha de cõro. Né todo mundo que sabe dá o nó nela, ela tem um nó específico.

INQ. – É, G. me falou isso também. Tem um nó específico, o nome é.... girô, girassol?

INF. – Não. É um nó. Eu mesmo num sei dá esse nó, não. Já vi meu padastro dando, mas... **ela tem um nome, rapaiz... mas no momento eu esqueci**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

(02)

INQ. – Aí o chocalho... assim, pra ele ficá preso ele precisa tá amarrado numa corda, né? Numa alguma coisa no pescoço. Tem um nome específico, tem?

INF. – A gente **coloca qualquer pedaço de correia** (risos).

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

O uso da lexia não ser comum entre os mais jovens alimenta a hipótese de que as mudanças e as transições na cultura contribuem para a fragmentação dos costumes e a dificuldade na manutenção do repertório lexical.

#### 5.3.4 O microcampo ‘para açoitar’

O microcampo para açoitar está constituído pelas lexias utilizadas para denominar os instrumentos de açoites. Organizamos duas lexias neste microcampo: taca e pirata.

### 5.3.4.1 Taca

A lexia **taca** foi documentada a partir da pergunta 30 do SQSL – “Com o que é que se bate no animal? o senhor pode descrever os tipos que o senhor conhece?” Pergunta inspirada no item 149 de Figueiredo e Aguilera (2002): “Como é chamado aquele trançado de couro que serve para bater no cavalo para andar mais rápido, ou no boi?” Para os seleiros foi adicionada a questão: “Aqui em sua tenda o senhor faz algum tipo?” Enquanto Figueiredo e Aguilera (2002) obtiveram “chicote” e “relho” como respostas, neste estudo, obtivemos a lexia **taca** e as variantes lexicais ‘taca vaqueira’, ‘chicote’ e ‘chiquita’. Chofard (2023) no item 65<sup>93</sup> elabora uma questão bastante detalhada sobre o tema, que possivelmente permite uma discussão ampla dos instrumentos de açoite.

Nos trechos dos depoimentos, fica evidente a presença da lexia ‘taca vaqueira’, como uma forma de delimitar o instrumento de açoite:

Exemplo 117 - Trechos das entrevistas 04 e 07 e 13 – a taca vaqueira

(04)

INF. – Tem a taca, a **taca vaqueira**, do vaqueiro, a taca que ela tem quatro perna, às vez três perna, ela é toda de côro, é côro que dó. E já a taca de... de... do cavalo de festa ela é uma taquinha fina que ela só faz cortá.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

(07)

INF. - Bom, antigamente o povo usava taca de couro, quatro pé e quatro rei que era **a taca vaqueira**. A taca. Hoje ninguém usa mais, porque é proibido.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 07 — Colaborador: V07C, vaqueiro, faixa etária II, não alfabetizado.

(13)

INQ. – E assim pra bater o animal o vaqueiro usa o quê?

INF. – Taca, **taca vaqueira**.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

Nestes trechos observamos que a **taca**, mostra-se um item relevante entre os colaboradores de diferentes faixas etárias, demonstrando historicamente a importância dessa peça na cultura. No entanto, o depoimento do colaborador V07C também reflete as mudanças nas práticas culturais, à medida que a comunidade tem

<sup>93</sup> RELHO/ REIO: [...] instrumento de couro, com cabo de madeira utilizado para aticar os animais que estão sendo montados? [indagar se tem outro nome se for de tamanho menor (rebenque/ guaxita/ chicote) e se é o mesmo nome para quando tem a tira de couro mais longa e é usado para chamar atenção do animal]. (O tema é acompanhado por uma imagem com 8 tipos diferentes de açoite).

buscado se adequar às leis de proteção, que proíbem o uso de instrumentos que possam causar dano aos animais.

A lexia **taca** refere-se a uma peça de couro composta por 4 relhos, que são os pedaços de couro cru pendurados a uma argola de aro grande que realça a peça, trançada de sola na parte onde fica apoiada na mão e uma correia fina de sola que fica presa ao pulso, conforme o Exemplo 118:

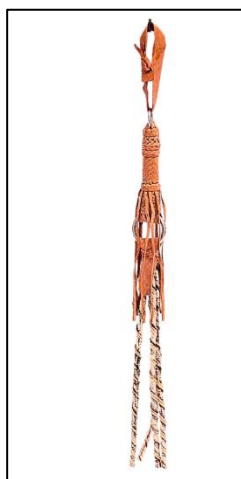
Exemplo 118 - Trecho da entrevista 13 – descrição da **taca**

INF. - A **taca**, ela é uma parte de couro, com duas argolas, quatro reinho de couro fino, couro cru, (inint).

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A Figura 62 ilustra a configuração tradicional de uma ‘**taca vaqueira**’, servindo de testemunho visual de um modelo de **taca** cada vez menos comum. A imagem coincide com a descrição dessa peça feita por S13A no Exemplo 118 mencionado anteriormente:

Figura 62 - **Taca vaqueira**



Fonte: Carneiro (2023).

A distinção entre os diferentes tipos de instrumentos de açoites foi desafiadora. Notamos que os estudos utilizados como base para esta análise, frequentemente, não fazem essa diferenciação, tratando os instrumentos de maneira generalizada como “açoite para animais”, com a forma “chicote” sendo a mais registrada. Entretanto, optamos por focar na análise da lexia **taca**, forma mais recorrente entre os colaboradores que, em seus depoimentos, ainda fizeram distinção dessa lexia com a pirata (analisada na sequência desse texto).

A lexia **Taca** é dicionarizada, e seu registro nas obras lexicográficas se aproxima do sentido empregado na comunidade, sendo descrita como uma correia de couro. No entanto, os dicionários não associam a lexia à cultura vaqueira. Apenas em obras mais direcionadas ao estudo dessa cultura, encontramos referências específicas a esse contexto. Peixoto (2007) descreve a *taca* como instrumento para impulsionar o gado; Cardoso e Ferreira (2000) registram um grande número de lexias para designar “açoite para animais”, sendo que a forma **taca** está registrada na carta 155 do APFB. O ALS apresenta as formas “chibata”, “chicote”, “corrião”, “mangual”, e “relho” para Sergipe e na Bahia estão registradas: “bacalhau”, “chilepa”, “mangual” e “relho”.

Entre os seleiros, a lexia **taca** é um item comum, embora não esteja dentre os itens fabricados nas tendas, apenas como peça de revenda, conforme o Exemplo 119:

Exemplo 119 - Trecho da entrevista 13 - a *taca* entre os seleiros

INQ. – E assim pra bater o animal o vaqueiro usa o quê?

INF. – **Taca**, *taca* vaqueira.

INQ. – O senhor já fez ou faz ainda algum tipo de *taca* aqui na tenda?

INF. – **Taca** é fabricada em Feira, a gente compra e revende.

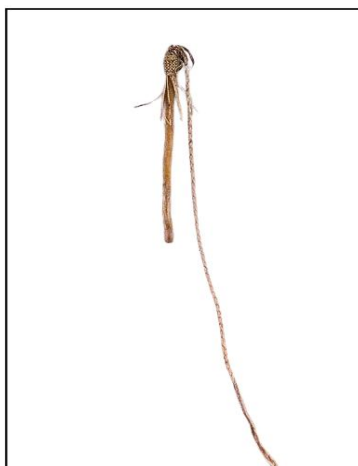
Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

A análise da lexia **taca** evidencia sua relevância como denominação específica para um instrumento de açoite utilizado na cultura do vaqueiro, destacando-se a variante ‘*taca vaqueira*’, como a forma de delimitação do objeto dentro do contexto local. Embora outros estudos já tenham registrado lexias equivalentes como ‘chicote’ e ‘relho’, a presente pesquisa amplia o panorama lexical ao identificar variantes que refletem particularidades da cultura local.

#### 5.3.4.2 *Pirata*

A lexia simples **pirata** designa instrumento de açoite formado por um pedaço de aproximadamente 50 cm de madeira presa em uma tira de couro comprida, cerca de 1 metro, de couro cru, geralmente retorcida. Conforme ilustra a Figura 63:

Figura 63 - Pirata



Fonte: Carneiro (2023).

A lexia **pirata** foi documentada através da questão 30 do QSL, juntamente com ‘taca’, quando os colaboradores elencaram os tipos instrumento de açoite que conheciam, apresentando as variantes lexicais ‘mangual’, ‘taca de relho’ e ‘chibata’. Em relação à descrição e o uso dessa peça, se pode observar no exemplo 120:

Exemplo 120 - Trechos das entrevistas 04 e 02 – uso da pirata

(04)

INQ. – Tem umas que é um pedaço de madeira assim cum cabão cumprido. Como é o nome? Aquilo ali é taca também?

INF. – É a **pirata**.

INQ. – Hã.

INF. – Ali se usa mais em carroça.

INQ. – Hm... só **batê em boi**.

INF. – É. Na... no burro. Na **carroça ali se usa mais**. Às veiz **num curral com boi**, cê vai apartá uma vaca cê leva ela.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 04 — Colaborador: V04F, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

(02)

INF. – Às veze o pessoal gosta de **usá mais a pirata em burro**, que a pirata ela é mais cruel (risos).

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 02 — Colaborador: V02C, vaqueiro, faixa etária I, Ensino Médio.

Observamos que esse valor semântico da lexia **pirata** apresenta caráter bem pontual, não sendo localizada com o mesmo sentido atribuído pela comunidade em nenhum dos materiais de referência usados para esta análise. Nos dicionários, a lexia **pirata** aparece como um verbete sem menção ao tema da cultura do vaqueiro. Nos autores consultados, a lexia não é mencionada, constando o registro apenas de formas variantes. A exemplo de ‘mangual’, ocorrida na forma da variante fônica ‘manguá’, que foi uma forma lexical coletada por Cardoso e Ferreira (2000), constando

na carta 150 do APFB e carta 154 do ALS e revelando-se bastante comum entre os colaboradores, presente no repertório lexical de vaqueiros e de seleiros, conforme se pode atestar pelo Exemplo 121:

Exemplo 121 - Trechos das entrevistas 01 e 13 – o manguá

(01)

INQ. - Tem tipo diferentes de taca?

INF. Tem. Tem a taca e tem a pirata, o **manguá**. Tem o **manguá**. O **manguá** é aquele tipo, aí pega um pedaço de pau, bota ele assim e bota o rei.

INQ. -E bota o pedaço de couro, né?

INF. - Uhum. Um rei é um couro de boi.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 01 — Colaborador: V01C, vaqueiro, faixa etária III, não alfabetizado.

(13)

INF. – É... o **manguá** é a mesma pirata.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 13 — Colaborador: S13A, seleiro, faixa etária III, não alfabetizado.

O depoimento de V09P, a seguir, oferece uma perspectiva rica e detalhada sobre a lexia **pirata**, elucidando sua designação, funcionalidade e constituição da **pirata** no contexto da cultura do vaqueiro:

Exemplo 122 - Trecho da entrevista 09 - explicação sobre a pirata

INF. – A **pirata** é um instrumento de manejo de açoite, aí ela tem essa parte aí é... do pau, o cabo chamado, cabo da **pirata** e tem o rei. No meu conhecimento **pirata** e manguá é tudo a mesma coisa, só muda o nome. A taca, essa aí de quatro peça é a taca vaqueira chamada, aí tem aquela outra taca fina, que é a taca esporte. Aí a taca normalmente ela é feita de reio; tem o reio de couro cru, tem o reio tecido (traçado) mas é tudo reio, aí é tudo tirado do couro do boi, como tu sabe.... aí faz, tem uns que faz de trança, faz normal, faz torcido; serve pra burro, serve pra andar com carroça, serve pra tanger boiada esses negócio, assim: a **pirata** e a taca é pra bater o animal ali pra o manejo durante o dia.

Fonte: Informação verbal — Entrevista nº 09 — Colaborador: V09P, vaqueiro, faixa etária II, semialfabetizado.

A descrição fornecida pelo colaborador destaca a pirata como um instrumento de açoite composto pelo cabo e o relho. A observação que **pirata** e ‘manguá’ são denominações concorrentes para o mesmo item revela a diversidade lexical da cultura do vaqueiro.

## 5.4 RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Esta seção apresenta os principais achados desta pesquisa, destacando as contribuições mais significativas para o entendimento do léxico do couro na cultura do

vaqueiro. Além de sintetizar os dados coletados e analisados, esta seção também aporta caminhos para futuras investigações e possíveis aplicações práticas, buscando abrir novas perspectivas para o aprofundamento dos estudos sobre a cultura do vaqueiro.

#### **5.4.1 Resultados**

Esta seção apresenta uma discussão sobre os resultados obtidos na análise do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro. Durante a pesquisa, algumas das lexias analisadas apresentaram características que possibilitaram a sistematização dos resultados encontrados, os quais estão apresentados aqui, acompanhados de exemplos ilustrativos. É importante destacar que os exemplos não têm a intenção de esgotar toda a relação de lexias discutidas, visto que essa etapa foi realizada na seção de análise dos dados. O objetivo dessa seção é destacar os resultados para a ciência.

A pesquisa resultou no levantamento de lexias que não foram abordadas em estudos anteriores, revelando-se, portanto, inéditas nas investigações sobre a cultura do vaqueiro. Exemplos dessas lexias incluem “estar em pano”, “cuinha”, “tope” e “lato”. Além do ineditismo das lexias, foram formuladas perguntas também inéditas no QSL aplicado, como a questão 14, que aborda sobre o “gibão”. Embora essa seja uma peça muito comum na cultura do vaqueiro, não encontramos em questionários já validados uma pergunta que contemplasse o “gibão” especificamente como parte da indumentária. Houve outras questões inéditas do QSL, como a 19 que permitiu analisar o “calção”; a questão 40, que abordou o “tope” e a 51 que se referiu à lexia “cabrana”, contribuindo para ampliação do conhecimento sobre o léxico do couro na cultura do vaqueiro.

Outro resultado significativo que foi encontrado diz respeito às lexias marcadas pela dimensão diageracional, que se referem às escolhas lexicais de diferentes faixas etárias. Observamos que os falantes mais velhos tendem a usar a forma “talabardão”, enquanto os mais jovens se referem à parte da sela que acomoda o suor do animal como “suador”. Além disso, a lexia “sela de campo” é utilizada como variante da “sela vaqueira” exclusivamente pelos vaqueiros da faixa etária III. Diferenças também foram identificadas em lexias relacionadas à indumentária: a forma “short” é comum no repertório linguístico dos vaqueiros da faixa etária I e II, enquanto a lexia “calção” é

utilizada pelos mais velhos. São variações reveladoras das transformações da língua e da cultura ao longo do tempo.

Um aspecto relevante dos resultados encontrados diz respeito ao registro nas obras lexicográficas. Foi observado que algumas lexias estão presentes nas versões mais antigas dos dicionários, frequentemente apresentando definições mais completas e detalhadas, mas não constam nas versões atualizadas. Um exemplo ilustrativo é o dicionário Aulete, que em sua edição de 1948 inclui os verbetes, “serigola”, “focinheira” e “estrovo”, fazendo referência em todos eles à cultura do vaqueiro. No entanto, na versão de 2011, apenas a lexia “focinheira” é mantida, mas o contexto cultural relacionado à cultura do vaqueiro é omitido. As mudanças observadas evidenciam uma tendência dos dicionários de registrar apenas o que é comum a todos. Historicamente, a cultura do vaqueiro foi marcada por uma vivência intensa do cavalo no cotidiano das pessoas, com o uso frequente dos arreios e outros itens relacionados; na atualidade, o uso desses itens tem se restringido a um grupo menor, o que torna essas lexias menos comuns no uso da língua contemporânea.

Os resultados também revelam mudanças culturais que se refletem na língua, evidenciando peças que estão entrando ou já entraram em desuso e se tornando arcaísmos linguísticos, como “guarda-loro”, “sela de banda”, “buçal” e “xaréu”. Além disso, foi observada a substituição de itens tradicionais por novas referências; por exemplo, a “manta” tem sido utilizada no lugar do “pelego”, a “sela vaqueira” tem sido trocada pela “vaqueirinha” e a substituição do “cabeção” por outros tipos de freio como a “bride” e o “breque”. Mudanças que apontam adaptação da cultura do vaqueiro às novas realidades da vida contemporânea.

Esses resultados foram sistematizados no Quadro 14, a fim de facilitar a compreensão das características que delineiam o campo léxico do couro na cultura do vaqueiro:

Quadro 14 - Síntese dos resultados da análise lexical

Resultados encontrados	Exemplo lexical
Levantamento de lexias inéditas	estar em pano, estar em couro, tope, vaqueirinha sela de pista, lato, pirata, cheio da sela, suador.
Aplicação de perguntas inéditas	14-gibão, 19- calção, 40- tope, 51- cabrana.
Lexias marcadas pelo fator diageracional	calção, sela de campo, serigola, tope, talabardão.

Observação dos registros em dicionários	serigola, focinheira e estrovo estão no Aulete 1948, mas não constam na versão 2011.
Traços de arcaísmos	serigola, focinheira, estrovo.
Itens em desuso	Sela vaqueira, cabeçada da sela vaqueira, cabeção, rabicho, arção, guarda-loro, sela de banda, guarda-cação, xaréu, alforje, buçal.
Transformações culturais em curso	substituição da sela vaqueira pela vaqueirinha, mudança na peiteira do vaqueiro e da vaquejada, a troca do pelego pela manta.

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados encontrados apontam também para as limitações da pesquisa. Uma das principais limitações foi o tamanho da amostra que se revelou pequena em comparação com a quantidade de pessoas que representam essa cultura. A falta de recursos impediu a inclusão de outros possíveis colaboradores que residem em localidades do município de Riachão do Jacuípe mais distantes da cidade. Além disso, alguns nomes relevantes só foram indicados durante a visita ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o que ocorreu após a realização dos inquéritos.

Outro ponto que se destaca foi a aplicação do questionário, em que a ocorrência de desvios no roteiro das perguntas, decorrentes da necessidade de improvisação diante de situações concretas próprias da pesquisa com seres humanos, resultou em muitas PNR. O imprevisto, longe de ser um problema, faz parte da natureza orgânica da investigação qualitativa, permitindo que a pesquisa se adapta às particularidades do contexto e dos colaboradores.

A sistematização dos resultados encontrados, incluindo reflexões sobre as limitações da pesquisa, contribui para um maior entendimento da dinâmica do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro, ao mesmo tempo que favorece o reconhecimento da importância da língua como reflexo das vivências dos falantes. Além disso, abre espaço para outras pesquisas que possam explorar ainda mais as nuances e transformações desse campo léxico.

#### 5.4.2 Perspectivas

Ao seguir no rastro do couro esta pesquisa contribuiu com uma análise significativa do léxico do couro na cultura do vaqueiro, mas também foi revelado que

ainda há muito a ser explorado sobre essa cultura. Ao focar no campo léxico do couro, diversos aspectos relevantes dos dados coletados foram deixados de fora, o que mostra que a pesquisa não está completa, ela oferece oportunidades em diversas áreas, permitindo que novos estudos explorem aspectos que não foram suficientemente analisados.

Dentre as áreas que merecem investigação adicional destaca-se a análise de lexias não abordadas nesta pesquisa. Também é relevante estudar as transformações nas práticas cotidianas que impactam a linguagem e a cultura do vaqueiro. Além disso, a apuração das festividades e dos rituais associados à cultura do vaqueiro, pode enriquecer ainda mais o entendimento desse contexto. É importante também considerar outros atores, a exemplo dos aboiadores, que já foram incluídos na coleta de dados.

A fonte de dados coletados é bastante rica, com perguntas relacionadas a outros campos como a vaquejada, as festividades e as características dos animais. Diante disso, reconhecemos a importância de compartilhar esse instrumento, contribuindo para o avanço da ciência. Considera-se, portanto, a possibilidade de disponibilizar esse material em uma página da internet, permitindo seu alcance de forma acessível e facilitando a utilização por parte de outros pesquisadores.

Além disso, há a possibilidade de dar continuidade a esse estudo no âmbito da educação básica, envolvendo estudantes do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos, em projetos vinculados ao Núcleo Territorial de Educação, NTE 15, com o suporte da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Dentre os possíveis desdobramentos estão a possibilidade de criação de um museu virtual que reúna as imagens capturadas nessa etapa, a produção de um vocabulário do vaqueiro e a publicação de um livro de memórias que compile relatos de seleiros, vaqueiros, aboiadores e outros atores sociais.

Esta pesquisa, portanto, contribui não apenas para o entendimento do léxico do couro, como também estabelece uma base para futuras investigações que poderão ampliar o olhar sobre a cultura do vaqueiro, favorecendo tanto os estudos linguísticos quanto para as bases culturais.



Minha mãe os Revoltosos estão chegando  
bem pertinho de Pé de Serra,  
já passaram o Riacho do Boqueirão.  
Arrume minha malota,  
bote meu galopim da minha Primeira Comunhão,  
minha camisa volta ao mundo,  
minha gaiola com meu azulão.  
O capitão com seu lenço vermelho  
-cor de paixão-  
são estandartes de mandacaru de facho  
Hasteados pelo sertão.  
Minha mãe eu vou me embora,  
vou fazer revolução. (Carneiro, 2002, p.21).

## 6 HORA DA APARTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rastro do couro trilhado ao longo desta pesquisa permitiu que se percorresse por diversos caminhos da memória, nos quais a poeira do tempo parecia se dissipar a cada história relatada. Ora era o som de toadas nas rádios das tendas que embalavam as conversas, ora era a batida do martelo e o cheiro inconfundível do couro que despertavam essas memórias afetivas, enquanto se buscava desvendar como o campo léxico do couro reflete a riqueza da cultura do vaqueiro.

Esta pesquisa, realizada no período de 2020 a 2025, por meio de um estudo descritivo interpretativo da cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe – Bahia com foco no repertório do campo léxico do couro, catalogou dados através de entrevista e questionário que revelaram aspectos importantes da língua e da cultura.

Conforme observado por Aguilera (1998), na pesquisa linguística, nem sempre é possível estabelecer de maneira precisa todos os objetivos e os métodos para alcançá-los, uma vez que, à medida que o trabalho progride, os dados revelados podem indicar caminhos muitas vezes não programados. Inicialmente, o objetivo era entrevistar exclusivamente os vaqueiros; porém, a jornada pouco a pouco foi revelando a necessidade de dar voz a outros sujeitos igualmente invisibilizados, que também desempenham um papel fundamental na representação da cultura do vaqueiro, então pensamos em incluir aboiadores e seleiros, ampliando a coleta de dados. Entretanto, durante o Exame de Qualificação foi orientada a inclusão apenas dos seleiros como colaboradores nesta tese, podendo os dados com os aboiadores ser utilizados em outro momento.

Através da vivência no campo, o percurso foi ganhando forma e guiando a investigação lexical em direção aos resultados encontrados. Para alcançar os objetivos desta pesquisa – que consistiu em realizar uma investigação descritivo-interpretativa do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe – adotamos uma abordagem qualitativa que integrou análise semântica e contexto cultural. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, questionários e observação participante, permitindo captar as denominações e o uso cotidiano das lexias associadas ao couro. Esses dados foram triangulados com registro em dicionários, atlas linguísticos e literatura especializada no tema evidenciando aspectos culturais e linguísticos e refletindo dinâmicas sociais.

Os resultados evidenciam que o foco da pesquisa esteve no registro e descrição das formas lexicais do campo léxico do couro em uso na comunidade, mais do que na busca por variações lexicais. Essa abordagem permitiu uma análise descritiva e interpretativa consistente, destacando lexias emblemáticas que refletem a cultura do vaqueiro.

De acordo com Isquierdo (1998) na “nomeação de novos referentes percebe-se a manifestação da interação entre elementos linguísticos e não linguísticos que acaba por gerar o significado contextual”, nesse sentido, a nomeação de diversos itens do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro reflete a dinâmica da interação entre a linguagem e o contexto social e cultural, manifestando-se a interação entre elementos linguísticos e não linguísticos.

A análise do campo léxico do couro na cultura do vaqueiro revelou o papel significativo de elementos culturais como um dado importante na pesquisa linguística. Um exemplo é o vínculo afetivo estabelecido pelos vaqueiros, principalmente aqueles de maior idade com a sela vaqueira, revelando-se uma manifestação do valor atribuído à tradição na construção da identidade cultural. Embora a sela vaqueira tenha caído em desuso, ainda permanece viva na memória afetiva desses homens que expressaram um sentimento de perda mais profundo em relação a essa sela em comparação com os próprios seleiros.

Através da análise linguística do “Microcampo arreios da montaria” foi possível compreender as diferentes perspectivas e atitudes dos vaqueiros e seleiros diante da transição de um modelo de sela para outro, o que mostra que a língua não se configura apenas como um código, ela carrega significado nos processos de nomeação, refletindo a identidade cultural e linguística dos falantes.

Além do arreio da montaria, a pesquisa direcionou seu foco de análise para outras peças do arreamento que também desempenham um papel significativo nessa cultura. Itens emblemáticos como o gibão, a taca e o chapéu de couro, incluindo aqueles que estão sendo deixados de lado a exemplo da careta e do alforje, foram alvo de análise. Outro ponto importante de ressaltar são as festividades, as quais desempenham um papel central na expressão cultural do vaqueiro, não sendo contempladas nesse trabalho também por orientação da banca de qualificação visto que nosso interesse se concentrou por seguir no rastro do couro. Mas durante a coleta de dados foi levantado material em entrevistas que pode ser utilizado futuramente para se analisar os rituais festivos dessa cultura.

No que se refere ao *corpus* coletado, é relevante destacar que foi gerada uma grande quantidade de dados, totalizando aproximadamente 13 horas de gravação e 683 páginas de texto, após a transcrição. Diante dessa ampla quantidade de informações, adotamos uma organização cuidadosa, visando colocar em evidência os instrumentais da pesquisa para reunir e catalogar os dados de forma eficiente e, no futuro, disponibilizá-los na rede<sup>94</sup> de modo a facilitar o acesso de outros pesquisadores. É válido destacar que a base de dados coletada proporciona uma visão do léxico como patrimônio cultural e sócio-histórico da língua, o que pode ser de grande utilidade para pesquisas em outras áreas da linguística e dos estudos culturais.

Outro ponto importante é que, futuramente, pretendemos ampliar a investigação para um estudo analítico sobre a conexão entre Riachão do Jacuípe, na Bahia, e Cachoeirinha, em Pernambuco, local onde são fabricados muitos dos itens de arreios comercializados pelos seleiros locais. Durante o percurso dessa pesquisa houve uma tentativa em realizar essa conexão entre os dois Estados, através da submissão de um projeto à chamada 32/2023 do CNPq para Bolsas no país o que nos foi negado segundo a alegação que faltam recursos para apoio à pesquisa.

Por fim, cabe destacar que este trabalho ultrapassa o âmbito da investigação acadêmica. A fusão do campo léxico do couro com a cultura do vaqueiro remonta à historiografia do município de Riachão do Jacuípe-BA e também à própria história de vida de muitos jacuipenses, incluindo a nossa própria história, com um avô seleiro e o outro vaqueiro. Esse reconhecimento reforça a conexão pessoal e motivadora que impulsionou essa pesquisa desde o início. Assim, este trabalho se torna além de uma contribuição acadêmica, uma forma de homenagear e perpetuar um legado das profissões de seleiros e vaqueiros, além de reconhecer a importância do couro para a cultura do vaqueiro.

---

<sup>94</sup> Os dados coletados nesta pesquisa serão integrados ao acervo digital na página “Blog Tenda de Pensar”, disponível em <https://tendadepensar.blogspot.com/>. Espaço virtual criado no âmbito da pesquisa de mestrado e já conta com outros materiais relacionados à temática, como uma lista de todas e um vocabulário.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**: o livro de cozinha da Infanta D. Maria. Salvador: Quarteto, 2009.
- ABCC, Campolina. **Selas e mazelas**. Belo Horizonte: Benta.digital, [2023?]. Disponível em: <<https://www.campolina.org.br/selas-e-mazelas/>>. Acesso em: 26 maio 2023.
- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial**: 1500-1800. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil**: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014. v. 1, p. 95-111.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia**. 2005. 222p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1603044. Acesso em: 28 jul. 2025.
- Álvarez, Rosario (coord.): **Tesouro do léxico patrimonial galego e português**. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. Disponível em: <https://ilg.usc.gal/tesouro>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- ANDRADE, Antônio Galvão de. **Arte da cavallaria de gineta a estardiota, bom primor de ferrar, & alveitaria**: dividida em três tratados. Lisboa: Oficina de Joam da Costa, 1678. disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/10180>> acesso em: 04 maio. 2024.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Sociedade Industrial de tipografia Limitada, 1948.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete**: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. [Organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAHIA, SEPLAN. Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. **Abordagem Territorial na Bahia**. Disponível em: <<https://www.seplan.ba.gov.br/politica-territorial/#codeter>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Evanice Ramos Lima. **Artes da pesca na ilha de Itaparica: estudo léxico semântico e sociodialetal**. 2015. 360f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27258>>. Acesso em: 07 jul. 2024.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Poética Popular do Nordeste: literatura popular em versos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENEVIDES, Nete. **A louvação das prostitutas de Riachão do Jacuípe ao glorioso São Roque**. Funcultura Fundo de Cultura Da Bahia Governo Da Bahia Secret, 2006.

BENINCASA, Vladimir. **Seleiros e trançadores: Antigos ofícios no sertão do rio Pardo**. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, [2008?].

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Coleção Humanitas).

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do Léxico. *In*: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Alfa**, São Paulo. n. 40, p. 27-46. 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. **Estudos de filologia e de linguística: homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo, p. 131-145, 1981.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**: aulico, anatomico, architectonico, [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. v. 8. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e Vaqueiros**. Salvador: EDUFBA, 1989.

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRANCO, R. P. Castello. **A civilização do couro**. Teresina: D. E. I. P., 1942.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações**: Profissionais da Informação. 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Todos os estados e 5.568 municípios aderem à Adir Blanc**: Brasil vive maior mobilização cultural da história. Disponível em: <<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/todos-os-estados-e-5-568-municipios-aderem-a-aldir-blanc-brasil-vive-maior-mobilizacao-cultural-da-historia>>. Acesso em: 27 maio. 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso**. 2 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <[https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto\\_idoso2edicao.pdf](https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/estatuto_idoso2edicao.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL, IBGE. **Divisão regional do Brasil**: em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias. Brasília: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>>. Acesso em 10 abri. 2023.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à Língua Portuguesa. 15.ed. Petrópolis, Vozes, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARNEIRO, Miguel Antônio. **Boca do tempo**. Salvador: Edições maracujá de vez, 2002.

CARNEIRO, Rafaela Freitas. **Acervo cultura do vaqueiro**. Riachão do Jacuípe, 2023.

CARVALHO, José Jorge de. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. *In: Revista Antropológica*. v.21(1). 39-70. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/360249329/Jose-Jorge-Carvalho-espetacularizacao-e-canibalizacao-pdf>. Acesso em 06 jun. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores para jovens**. 2.ed. São Paulo: Gaia, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. Amadeu Amaral e a dialetologia no Brasil. *In: AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola, 2020.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOFARD, Amanda. **Contatos intervaretais das variedades sul-rio grandense e paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/252290>> Acesso em: 26 set 2023.

CLIMATEMPO. **Climatologia e histórico de previsão do tempo em Riachão do Jacuípe Bahia, BR**. Disponível em: <<https://www.climatepo.com.br/climatologia/3404/riachaodojacuipe-ba>> Acesso em: 18 maio 2023.

COELHO, Izete et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 2ª reimpresión, 1991.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: SciELO - Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 516 p. Edição do kindle. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788579820076>. Acesso: 12 jul. 2024.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DE SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. Língua, cultura, léxico. *In: SOBRAL, Gilberto Nazareno. Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DIAS, Denise Gomes. Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística. *In: Estudos Ibéricos*. v. 9. 67-75. 2010. Disponível em: <https://journals.akademicka.pl/si>. Acesso: 27. Fev. 2025.

DODT, Liana Cristina Vilar. Espedito seleiro: tradição do artesanato cearense. *In: Revista eletrônica da pós-graduação da Cásper Líbero*. São Paulo, v.7, n. 3, set/dez, 2015. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-comtempo/espedito-seleiro-tradicao-artesanato-cearense/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia Linguística**. Tradução Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução Sofia Rodrigues. 1. ed. Lisboa: Actividades Editoriais, 2003.

EL CAMPO Léxico, ¿**talón de Aquiles de la lexicología**? Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos. Universidad de Madrid. 2003, Anejo I p. 71-84. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CFCL/issue/view/1009> Acesso em: 05 ago. 2025.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/ Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, Maria Beatriz Tozetti; AGUILERA, Vanderci de Andrade. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. **Signum**: Estudos da Linguagem, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 9-47, jul. 2004. ISSN 2237-4876. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3536>>. Acesso em: 11 out. 2021.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar, nem tanto à terra**: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888. Dissertação (Mestrado). Mestrado em História Social. Salvador: Universidade Estadual de Feira Santana, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11381>> Acesso em 18 nov. 2023.

FREITAS, Gilmara Carneiro da Silva. **De repente, o improviso**: uma proposta de letramento ao som de aboios e toadas. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

FREITAS, Gilmara Carneiro da Silva. **De repente, escritores**: narrativas e outras matutações. Curitiba: Editorial Casa, 2023.

GECKELER, Horst. **Semántica Estructural y teoría del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1976.

GRECA, Marcelo. **A verdadeira sela australiana**. Disponível em: <[https://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_31935/artigo\\_sobre\\_a-verdadeira-sela-australiana](https://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_31935/artigo_sobre_a-verdadeira-sela-australiana)>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GOMES, Raimundo. **Estradas e cancelas**. Ibicaraí, Bahia: Via Litterarum editorial, 2018.

GOULART, José Alípio. **Brasil do boi e do couro**. Rio de Janeiro: GRD, 1965. (Coleção Ensaios Brasileiros – Homens e fatos).

GOULART, José Alípio. **O ciclo do couro no Nordeste**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola/ Ministério de Agricultura, 1966.

GUÉROIS, Rozenn. **Memórias e identidades sertanejas na arte de Juraci Dórea**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. USP, São Paulo, 2008.

GUSTAVII, Björn. **Como escrever e ilustrar um artigo científico**. Tradução: Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. (leitura e Produção de textos técnicos e acadêmicos, v. 5).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 12. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

IBGE, Cidades. **Dados da divisão Territorial**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/panorama>>. Acesso em: 13 abri. 2023.

IBGE, **Regiões geográficas da Bahia mapa**. Disponível em: <[https://geofpt.ibge.gov.br/organizacao\\_do\\_territorio/divisao\\_regional/divisao\\_regional\\_do\\_brasil/divisao\\_regional\\_do\\_brasil\\_em\\_regioes\\_geograficas\\_2017/mapas/29\\_regioes\\_geograficas\\_bahia\\_20190523.pdf](https://geofpt.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/29_regioes_geograficas_bahia_20190523.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2023.

IPAC, **Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia**. Dossiê referente ao Processo nº 06071000011990 – CEC. Wanderley, Ligia maria Alcântara; Jonas, Sônia Maria de Couto; Queiroz, Washington. Registro do Ofício de Vaqueiro, BA. 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 2. Campo Grande: UFMS, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 3. Campo Grande: UFMS, 2007.

JUCÁ ACÁCIO, Mara Sílvia. **Um estudo etnolinguístico centrado na variedade de português vernacular dos També do rio Gumá (PA)**. Tese (Doutorado).

Doutorado em Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2020, 306f.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1948.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: Impactos necessários. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 6. Campo Grande: UFMS, 2010. p. 161-175.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEXISS: **Lexicografia Intercultural do Sertão do semiárido**. UEFs/ Fapesb. Disponível em: <https://lexiss.uefs.br/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 2. Campo Grande: UFMS, 2004.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALIB. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, p.49-70, 2010.

MADUREIRA, Wellington de Souza. **Memórias e narrativas**: a representação dos encourados pelos vaqueiros de Pedrão-BA. 2015. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Departamento de Educação, Universidade Estadual da Bahia- Campus II, Alagoinhas, 2015. Disponível em <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/5384> >. Acesso em: 7 mar. 2024.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDRADO, Joana. **Terra de vaqueiros**: relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880 - 1900. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MELLO, Linalda de Arruda (Org.). **Sociedade, Cultura e Língua**: Ensaios de Sócio e Etnolinguística. João Pessoa: Shorin, 1990.

MENDES, Maria Eline de Campos. **O cavalo em Sergipe**: um estudo Geolinguístico. 1992. 96 f. v. 1, Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana (Org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 213-219, abr./jun. 1955.

NEVES, Erivaldo Fagundes (Org.). **Sertões da Bahia: formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural**. Salvador: Arcádia, 2011.

NUNES, Ticiane Rodrigues. **Língua(gem) e cultura: Um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

NUNES, Ticiane Rodrigues; XIMENES, Expedito Eloísio. Estudo das denominações étnico-sociais nos autos de querela do século XIX. In: XIMENES, Expedito Eloísio; NUNES, Ticiane Rodrigues (Orgs.). **Estudos filológicos e linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 51-74.

O ACORDAR do sertanejo. Intérpretes e compositores: Vavá Machado e Marcolino. In: **Os bridões de ouro**. São Paulo: Continental, 1979. Vinil, LP, faixa A1.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PACHECO, José Wagner Faria. **Guia técnico ambiental de curtumes**. São Paulo: CETESB, 2015. (Série P+L) Disponível em: <https://repositorio.cetesb.sp.gov.br/handle/123456789/2393> Acesso em: 22 nov. 2024.

PEIXOTO, Lilian Marilac Cornélio de Freitas. **A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10818>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

PERALTA, José Jorge. **Estrutura linguística e análise do texto literário: elementos para um modelo linguístico-matemático de análise estilística**. 1979. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979. V.2. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.1979.tde-16032023-190738>. Acesso em 19 jun. 2024.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. **As ruínas da tradição: A casa da torre de Garcia d'Ávila- família e propriedade no nordeste colonial**. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.8.2006.tde-03102005-103312>>. Acesso em 05 mar. 2025.

PINHEIRO, Pablo Borges. **A fotografia e o vaqueiro de gibão: a imagem criando sentido na pesquisa de campo.** 2023. 190 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54666>. Acesso em: 11 jun. 2024.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais.** São Paulo: Contexto, 2018.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição.** Trad. Walmirio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.

PRADO, Ricardo. **Vaqueirama.** Salvador: Fundação Pierre Verger, 2022.

QUEIROZ, Dau. **O Inc[o]rado e o marruá: um estudo sobre masculinidade.** São Paulo: Lisbon International, 2021. *E-book*.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze.** Rio de Janeiro. Cameron, 2018.

QUEIROZ, Washington. Ofício de Vaqueiro Patrimônio Cultural da Bahia: Breve Histórico. **Culturas dos Sertões.** Salvador: EDUFBA, p. 245-256, 2010.

QUEIROZ, Washington. Bahia e vaqueiros: Um débito. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade, [S. l.]**, n. 17, 2011. DOI: 10.9771/2317-1219f.v0i17.4872. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4872>>. Acesso em: 6 maio 2023.

QUEIROZ, Washington. **Histórias de vaqueiros: vivências e mitologia.** Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1987. v.1.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem e cultura: algumas reflexões preliminares. *In*: ALENCAR, Claudiana Nogueira de; FERREIRA, Dina Maria Martins; RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Interstícios entre linguagem e cultura.** 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2021. Disponível em: <<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/51272/intersticios-uece.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2025.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** São Paulo: Martins, 1973.

REIS, Camila dos Santos; MARENCO, Sandro Marcío Drumond Alves. A variação do léxico dos vaqueiros em Fátima-Bahia. **Revista de Estudos de Cultura.** São Cristóvão, v. 5, n. 13, p. 125–136, 2020. DOI: 10.32748/revec.v5i13.13138. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/13138>. Acesso em: 28 jul. 2025.

REZENDE, Rui. **Vaqueiros do Raso da Catarina.** Salvador: P55 Edição, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. v. 1, 2 e 3. 2012. 752 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROSSI, Nelson. **A Dialectologia**. ALFA, Marília, n. 11, p.89-116, 1967.

ROSSI, Nelson *et al.* **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: MEC/ Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANCHES, Romário Duarte. Da dialetologia geral à dialetologia contatual. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, v.1 n. 23, 2022. p. 16-37. DOI. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/75436>> Acesso em 25 fev 2025. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e75436>

SANTOS, E. M. C.; SILVA, O. A. Da. SISAL NA BAHIA - BRASIL. **Mercator (Fortaleza)**, v. 16, 2017. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/mercator/a/zgv6pRK4ZhTzNhh7jy6KpH/?lang=pt&format=pdf> >. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANTOS, L. A. dos; RIBEIRO, S. S. C. A mulher na dialetologia brasileira: tinha Nascentes razão? **A cor das letras**, [S.l.] v. 22, n. Esp., p. 88-110, 2021. DOI 10.13102/cl.v22iEsp.7473. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/7473>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SANTOS, L. A. dos; RIBEIRO, S.S. C. De Norte a sul, as áreas dialetais do Brasil: jogando “bolinha de gude”. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, v.1 n. 23, 2022. p. 229-254. DOI. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/75436> Acesso em: 25 fev. 2025. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e77898>.

SAUSSURE, Ferdinand [1916]. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEREJO, Vicente; VIANA, Graco Aurélio Melo; MACEDO, Helton Rubiano de (Org.). **O sertão de Oswaldo Lamartine**: EDUFERN, Natal, 2022.

SILVA, Antonio de Moraes. Bluteau, Rafael. **Diccionario da lingua portuguesa** composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Rio de Janeiro. 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p.

SILVA, Eliane Santos Leite da. **O campo léxico do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao Barão de Jeremoabo**. 2011. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia., Campus I, Salvador, 2011. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/server/api/core/bitstreams/4c6d3147-c756-44f2-832c-58a4e0151eb9/content>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SILVA, Geysa Andrade da. Os objetos para transportar coisas na vida nômade. *In*: SAMPAIO, Angelo de Souza; SILVA, Geysa Andrade da (Org.). **Lexikón: léxicos, línguas e culturas em homenagem a Silvana Ribeiro**. Salvador: EDUFBA, 2023.

SILVA, Gladston. **Riachão Recente**: Um panorama atual da política, economia e sociedade jacuipense. Riachão do Jacuípe: [s.n], [2003].

SILVA, Jacionira Coêlho. **Arqueologia do Médio São Francisco**: indígenas, vaqueiros e missionários. 2003. 460f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000176.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2024.

SILVA, Lécia de Almeida Pena; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Sambambá. Conhece sambambá?: O estudo do léxico nas comunidades de Bananal e Barra dos Negros (Rio de Contas-BA). *In*: SANTOS, Cosme Batista dos; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). **As palavras e as culturas**: estudo da relação entre léxico e cultura na realidade baiana. Salvador: Eduneb, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11896/1396>> Acesso em: 9 jul. 2024.

SILVA, Marinélia Sousa da. **Memórias em conflito ou Padre não deve se meter em política**. São Paulo: Nelpa, 2010.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação**. Brasília: Salto para o futuro, TV escola, SEED, MEC, 2008.

SILVA, Rosa Virgínia Matos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVA-COVARLÁN, Carmem. **Sociolinguística**: teoria y analisis. Madrid: Alhambra, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando @ cultura**: a comunicação e seus produtos. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, Wesley Cerqueira. **A indicação geográfica dos artefatos de couro em Ipirá/Bahia**: Instrumento possível de desenvolvimento territorial. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20997>. Acesso em: 11 set. 2024.

TAVARES, Helenita Bezerra de Carvalho. **O léxico do ciclo do gado de Garanhuns**. 2013. 176f. Dissertação (Dissertação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6227>>. Acesso em: 9 jul. 2024.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11 ed. São Paulo: Unesp; Salvador: Edufba, 2008.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 485 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2018.

TRIGUEIROS, Edilberto. **A língua e o folclore da Bacia do São Francisco**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

VALDEVINO, Antonio Messias; BRANDÃO, Halana Adelino; SANTOS, Ítalo Anderson Taumaturgo do; CARNEIRO, Jailson Santana. Espedito Seleiro: Da Chinela de Lampião à Sandália de Maria Bonita. **Revista REGEPE de Empreendedorismo e Pequenas Empresas**. 2019, 8(2), 392-409. ISSN: . Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=561566630008>. Acesso em: 14 mar. De 2025.

VASCONCELOS, Ana Cecília Feitosa de, et al. Vulnerabilidade ambiental em curtumes artesanais: um estudo sobre o município de cabaceiras/PB, Brasil. *In: Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego*. Rio de Janeiro, v.12, n. 2, p. 260-274 jul/dez 2018. Edição Kindle.

VASCONCELOS, Celciane Alves; AGUILERA, Vanderci de Andrade. As variantes lexicais para a montaria feminina: Um estudo semântico-lexical em *corpora* Geolinguísticos. **Revista do GELNE**. [S.l.], v.14, n. 1/2, p. 347-356, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9377>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

VASCONCELOS, José Henrique Assad; PÁSCOLI, Lucas de arruda. **Valoração do tratamento de efluentes de um curtume**. 2011. 110 f. v. 1, TCC (Graduação) - Curso de Engenharia Ambiental. Departamento de planejamento, urbanismo e ambiente. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/121672>. Acesso em: 23 ago. 2024.

VISVANATHAN, Shiv. Encontros culturais e o Oriente: um estudo das políticas e conhecimento. P. 487 a 505. *In: Epistemologias do Sul*. SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados - seleiro

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- A.** Conversar informalmente — Informações básicas de identificação: nome, apelido, data e local de nascimento, onde vive, como é a família. Estudou até que ano?
- B.** Conversar sobre a profissão: O que é ser seleiro? O que influenciou na escolha da profissão? É com esta profissão que leva o sustento para casa? Como é a profissão hoje em dia comparando com antigamente? Conte uma lembrança boa e outra ruim que marcou sua vida na profissão de seleiro.
- C.** Conversar sobre a regularização ou não da profissão. Pedir que explique o papel de quem trabalha como seleiro, como se chama o local onde o seleiro trabalha? Qual a atividade que o senhor mais faz aqui em sua tenda?
- D.** Quais são as festas de Riachão que são da cultura do vaqueiro? Como são estas festas? Tem outras festas em outras regiões que não acontecem em Riachão? O Senhor já participou? Como foi? Tem diferenças para o modo como estas festas aconteciam antigamente e como acontecem hoje?

(Iniciar questões mais diretas, tipo questionário.)

---

#### QUESTIONÁRIO

##### **E. INDUMENTÁRIA**

- 1. Quando um vaqueiro está todo trajado o que ele está usando. Diga pra mim de cima até em baixo.
- 2. Quais são as peças do vestuário do vaqueiro que o senhor costuma fazer?
- 3. O gibão, a sela, o alforje tem uns desenhos. O senhor faz esses desenhos? Tem nomes específicos para cada tipo de desenho? (Fotografar) quais são os instrumentos usados para fazer esses desenhos?

##### **F. INSTRUMENTOS**

- 4. Quais são os instrumentos de trabalho que o senhor usa em sua tenda?
- 5. Quais são os instrumentos usados pelo vaqueiro durante a montaria?
- 6. O que são os arreios do vaqueiro?
- 7. Como se chama a máscara de couro que se coloca em vacas bravas? Ainda se fabrica? O Senhor faz ou já fez?
- 8. Com o que é que se bate no animal? O senhor pode descrever os tipos que o senhor conhece? Aqui em sua tenda o senhor faz algum tipo?

9. Como se chama a corda de couro que o vaqueiro usa presa na sela? O senhor faz?
10. Como é o nome da tira de couro que se amarra no chocalho? O senhor faz? Pode me mostrar? Tem diferença para a corda que se coloca no boi e a que se coloca em carneiro?
11. O que é uma sela? Tem mais de um tipo? Descreva cada tipo de sela.
12. O senhor fabrica ou conserta qual? Qual é a mais comum, a que mais chega aqui para consertar?
13. Por que estão deixando de usar a sela vaqueira?
14. O que mudou na profissão? Tem coisas que antes você fazia e hoje não faz mais? E por que isso está acontecendo?
15. Esta cultura do vaqueiro, as cavalgadas e as festas, influenciam a cultura local? Como assim?

## APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados - vaqueiro

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- A. Conversar informalmente — informações básicas de identificação como nome, apelido, data e local de nascimento, onde vive, como é a família.
- B. Conversar sobre a profissão: O que é ser vaqueiro? O que o influenciou na escolha da profissão? Como é a profissão hoje em dia comparando com antigamente, mudou alguma coisa com o passar do tempo, o quê? Conte uma lembrança boa e outra ruim que marcou sua vida na profissão de vaqueiro.
- C. Conversar sobre a regularização da profissão: Já trabalhou com a carteira assinada como vaqueiro? Pedir que explique quais são os papéis de quem trabalha com o gado, se são todos vaqueiros ou se há funções diferentes.
- D. Conversar sobre a cultura: Quais são as festas de Riachão que são da cultura do vaqueiro? Como são estas festas? Tem outras festas em outras regiões e que não acontecem em Riachão? O senhor já participou? Como foi? Tem diferenças para o modo como estas festas aconteciam antigamente e como acontecem hoje?  
(Iniciar questões mais diretas, tipo questionário.)

---

### QUESTIONÁRIO

#### E. FESTAS E CELEBRAÇÕES

1. O senhor já correu vaquejada? Como é que funciona uma vaquejada? Hoje em dia é diferente de antigamente?
2. Como se diz quando o boi corre mais do que o vaqueiro e deixa o vaqueiro para trás?
3. Como é o nome do compartimento em que o boi fica preso antes da partida nas vaquejadas? Tem outro nome?
4. Como é o nome do canto que os vaqueiros entoam para guiar a boiada? Esses cantos são feitos de improviso? E quando os cantos não são de improviso?
5. O senhor faz esses cantos? Faça um para a gente.
6. Como se chama esse canto que o senhor acabou de fazer?
7. O senhor pode me explicar como é um aboio e como é uma toada? Qual é a diferença de um para o outro?
8. O que é uma festa de apartação?

#### F. INDUMENTÁRIA

9. O que o vaqueiro usa no pé?
10. O que o vaqueiro usa na cabeça?

11. Como é chamado aquele chapeuzinho pequeno feito de couro, redondinho?
12. O que significa um vaqueiro dizer que está em couro?
13. E quando não está usando os couros, como se diz que o vaqueiro está?
14. Como é o nome do casaco de couro usado pelo vaqueiro para se proteger de espinhos e galhos na caatinga?
15. Como é o nome do bolso do gibão?
16. Como se chama uma espécie de proteção que o vaqueiro usa por baixo do gibão para proteger o peito?
17. Como é chamado uma espécie de camisa de couro, sem manga e aberta na frente que o vaqueiro usa no dia a dia?
18. Como é chamado aquele couro que o vaqueiro usa por cima da calça para proteger as pernas?
19. Como se chama uma espécie de short que fica por baixo da perneira?
20. Quando um vaqueiro está todo trajado, o que ele está usando? O senhor pode descrever para mim como é, quais são as peças da indumentária e se tem algum detalhe para diferenciar uma da outra?

## **G. INSTRUMENTOS**

21. Quais são os instrumentos usados pelo vaqueiro durante a montaria? E como se chama esse conjunto de instrumentos?
22. Como é chamada a bolsa de couro em que o vaqueiro transporta alimentos?
23. Como é chamada a corda com que se amarra o bezerro na vaca para tirar o leite?
24. O que são os arreios? O senhor pode descrever todas as peças, uma por uma, quais são as partes que compõem os arreios? Os arreios são os mesmos para qualquer animal ou tem diferença se é para uma mula, um cavalo ou outro animal? Quais são as diferenças?
25. Como é chamada aquela parte do arreio que para o animal, que se coloca no focinho do cavalo para frear? Qualquer animal usa o mesmo tipo de freio? Quais as diferenças?
26. E aquela parte do arreio que se coloca na cabeça do cavalo prendendo a rédea? Tem mais de um tipo ou é tudo igual?
27. Como se chama a forquilha de madeira colocada nos animais para evitar que passem para outros pastos?
28. Como se chama a máscara de couro que se coloca em vacas bravas? Ainda se usa?
29. Como se chama aquela espécie de alicate/turquês que se prende no nariz do animal para ele obedecer? Antes desse tipo de alicate o que se usava?

30. Com o que é que se bate no animal? Tem outro nome? O senhor pode descrever os tipos que conhece?
31. Como se chama a corda de couro que o vaqueiro leva presa na sela? E para que ela serve?
32. O que é chinchar o boi?
33. Como se chama o sino colocado no pescoço do animal para localizá-lo no mato?
34. Como se chama a tira de couro que em que se amarra o chocalho no pescoço do animal?
35. O que é uma sela? Tem mais de um tipo? Descreva cada tipo sela.
36. Como se chama aquela proteção de lã usada para não esquentar o assento da sela?
37. Como se chama a parte do arreio que fica entre a sela e o rabicho do animal?
38. Como se chama aquela parte dos arreios que fica entre o pelo do animal e a sela?
39. Fale um pouco sobre a peça de metal onde o vaqueiro apoia o pé quando está montado. Como se chama, de que material é feito, como era antigamente e como é hoje?
40. Como se chama a proteção de couro que recobre o estribo?
41. Como se chama a proteção acolchoada que fica entre o lombo do cavalo e a sela?
42. Como se chama a proteção de couro usada na frente do cavalo, no peito?
43. Como se chama a corda colocada na cabeça do animal para puxá-lo de um lugar para outro?
44. Como é o nome do instrumento que se usa para castrar o touro ou o cavalo sem precisar fazer corte?
45. O que se usa para amarrar as patas de um animal para curar, tirar leite ou evitar que ele debande?
46. Como é chamado aquele ferro redondo que se coloca nas ventas do animal para levá-lo de um lugar para outro?
47. Como se chama o instrumento usado para cutucar o gado para ele entrar, por exemplo, no caminhão?
48. Como se chama a tábua que se coloca no pescoço do bezerro quando se quer fazer o desmame?

## **H. PROFISSÃO**

49. Como é chamado o ato de amansar o animal?
50. Como é que se chama um boi criado solto no mato?
51. Como se chama a amarração feita do chifre para a mão do boi? E para que ela serve?
52. Como se chama a ação de cortar os cascos do cavalo?

53. Como se chama a ação de colocar a ferradura nos cascos? É costume do vaqueiro colocar ferradura nos cascos de seu animal? Para que é que serve?
54. Como se chama a chapa de ferro que protege os cascos do cavalo?
55. O que é correr boi na madeira? O senhor já correu? Conte como é ou como era.
56. O Sr. pode me dizer que é um boi caruado? (Pedir descrição)
57. Como é chamado o processo de tirar o chifre do boi?
58. Como se chama quando o vaqueiro monta no cavalo sem os arreios?

## **I. LOCAIS / LUGARES**

59. O que um grutilhão? Aqui nessa região tem?
60. Como se chama o local onde se coloca ração para os animais comerem?

## **J. ANIMAIS: BOIS E CAVALOS/CACHORROS**

61. Quais são os animais companheiros do vaqueiro na lida diária? O senhor tinha algum que foi seu companheiro que lhe ajudava mesmo na luta com o gado? Conte um pouco desta história.
62. Como se chama um boi novo?
63. . Como é chamado o macho quando não é novo nem adulto? (Pode- se dizer que tem entre 12 e 30 meses)
64. E se for fêmea nessa idade quando não é novo nem adulto? (Pode- se dizer que tem entre 12 e 30 meses).
65. Qual a diferença entre novilha e vaca?
66. Quais são tipos de boi que o senhor conhece? (Descreva cada um, como é a pelagem, e quais as partes de um boi)
67. Tem diferença do boi para a vaca? Quais são as diferenças?
68. E o animal da montaria do vaqueiro? Quais são as pelagens e as raças que o senhor conhece?
69. Quais são as partes do corpo do animal de montaria do vaqueiro?
70. Qual é o tipo de montaria mais comum entre os vaqueiros aqui em Riachão do Jacuípe?

**APÊNDICE C – Ficha para análise dos dados**

Universidade Federal da Bahia/PPGLinC

NO RASTRO DO COURO: UMA INVESTIGAÇÃO DO CAMPO LÉXICO DO COURO  
NA CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO JACUIPE-BAHIA**FICHA PARA ANÁLISE DOS DADOS**

Lexia em análise -

variante(s) lexical(is) -

Nº da questão do QSL -

A pergunta já foi realizada  
em outro questionário? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual(is) ?

**Pesquisa nos dicionários**

Silva (1789)

Aulete (1948)

Cunha ( 1994)

Aulete (2011)

Houaiss (2011)

**Pesquisa geolinguística**

TLPGP (2014)

Chofard (2023)

Mendes (1992)

Cardoso e Ferreira (2000)

Lexiss

**Pesquisa em autores que trabalharam a mesma temática**

Nunes (2018)

Goulart (1965, 1966)

Peixoto (2007)

Faria (1969)

**Abonações**

## APÊNDICE D – Índice remissivo

### A

aió .....293  
 alforje....92, 292, 293, 294, 299, 323, 327, 341, 349  
 alpercata.....197  
 angico .....25, 72, 93, 101, 102, 106, 107  
 arção....16, 65, 118, 181, 223, 224, 225, 227, 230,  
 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 252,  
 256, 257, 268, 272, 274, 284, 323, 348  
 arção da frente....118, 224, 227, 234, 236, 237, 256,  
 348  
 arção de trás....224, 230, 234, 236, 237, 238, 256,  
 348  
 argola.....162, 230, 302, 303, 317  
 argolinha.....56, 161  
 arreamento....68, 173, 209, 212, 215, 216, 217, 218,  
 221, 222, 264, 275, 278, 302, 327, 361  
 arreio....16, 141, 142, 181, 191, 207, 208, 210, 212,  
 213, 215, 217, 218, 220, 222, 234, 240, 241, 244,  
 252, 264, 272, 276, 284, 285, 287, 289, 290, 291,  
 297, 302, 303, 310, 344, 345  
 arreio de carroça .....16, 208, 290  
 arreios....5, 25, 29, 45, 54, 55, 56, 63, 64, 66, 68, 73,  
 82, 85, 88, 95, 97, 100, 101, 105, 109, 142, 157,  
 173, 175, 181, 207, 210, 215, 223, 240, 243, 264,  
 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284,  
 287, 289, 290, 292, 301, 302, 303, 310, 322, 327,  
 328, 333, 341, 344, 345, 346  
 arriador .....300, 301, 349

### B

bainha .....61, 292, 295, 296, 297, 299, 349  
 barbela .....203, 209, 216, 217, 218, 347  
 barbicacho.....210, 213, 218  
 barrigueira .....230, 242, 310  
 bota....142, 173, 194, 195, 196, 197, 201, 205, 206,  
 215, 218, 222, 224, 229, 237, 241, 244, 264, 267,  
 268, 278, 281, 283, 287, 288, 302, 305, 308, 309,  
 310, 311, 320, 347  
 breque.....216, 217, 221, 322  
 bride.....216, 218, 219, 220, 221, 322  
 bucado .....216  
 buçal....7, 8, 9, 215, 301, 302, 303, 304, 322, 323,  
 349

### C

cabeçada....142, 181, 208, 209, 210, 211, 212, 213,  
 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 232,  
 240, 279, 303, 323  
 cabeção....207, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217,  
 218, 219, 220, 221, 240, 276, 302, 303, 322, 323,  
 347  
 cabeçote....224, 225, 227, 230, 236, 237, 238, 255,  
 259, 261, 262, 348  
 cabrana .....304, 305, 306, 321, 323, 349  
 cabresto.....24, 211, 216, 219, 301, 302, 303, 304  
 calção7, 8, 9, 184, 191, 192, 193, 321, 322, 323, 347

cangalha .....227, 238, 246  
 cangoteira.....209, 210, 211, 347  
 capa da sela....16, 25, 80, 118, 223, 224, 225, 226,  
 228, 230, 232, 233, 239, 240, 252, 255, 264, 267,  
 269, 274  
 careta....16, 81, 92, 181, 288, 296, 305, 306, 307,  
 308, 309, 327, 349, 350  
 carona .....225, 226, 228  
 casquinho.....249, 254, 261

### Ch

chapéu...43, 64, 142, 183, 184, 185, 186, 187, 191,  
 192, 195, 198, 201, 202, 203, 206, 211, 218, 327,  
 347  
 chapéu de couro....43, 183, 184, 185, 186, 187,  
 198, 201, 202, 203, 327, 347  
 cheio da sela....25, 224, 236, 245, 246, 247, 248,  
 290, 323, 348  
 chicote .....301, 313, 316, 318  
 chinha .....242, 243, 278, 310, 311, 315  
 chinchar.....310, 311, 312, 345

### C

cilha....67, 224, 234, 236, 242, 243, 274, 310, 314,  
 348  
 corda....53, 241, 243, 296, 298, 300, 301, 302, 309,  
 310, 311, 312, 313, 314, 316, 342, 344, 345, 350  
 corda chinha.....310  
 corda de couro .....309, 312, 313, 342, 345  
 corda de laçar....243, 302, 309, 310, 311, 312, 350  
 correia....209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 220,  
 224, 232, 239, 240, 241, 243, 255, 272, 278, 282,  
 292, 314, 316, 317, 318, 347  
 correia de cabeção.....209, 212, 214, 347  
 correia de couro .....220, 318  
 correia de garupeira.....255  
 correia de loro .....240, 272  
 correia de segurança 209, 211, 212, 214, 232, 347  
 cortadeira .....216, 220  
 couro....4, 7, 15, 18, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 36,  
 43, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63,  
 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 79, 81, 82,  
 85, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100,  
 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111,  
 113, 115, 117, 118, 119, 122, 138, 142, 143, 144,  
 146, 151, 157, 162, 163, 165, 170, 171, 174, 175,  
 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189,  
 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201,  
 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212,  
 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224, 225,  
 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 242,  
 243, 244, 245, 246, 247, 252, 255, 256, 257, 262,  
 263, 264, 265, 268, 269, 275, 276, 277, 278, 279,  
 280, 281, 282, 284, 286, 289, 290, 291, 292, 293,  
 294, 295, 296, 297, 298, 299, 301, 302, 306, 307,  
 308, 309, 310, 312, 313, 314, 316, 317, 318, 319,  
 320, 321, 322, 323, 324, 326, 327, 328, 331, 334,  
 339, 341, 342, 344, 345, 347

**coxim**....63, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 234, 237, 252, 255, 259, 262, 263, 266, 267, 274, 281, 348  
**coxinilho** .....281  
**cuinha** ..... 15, 202, 203, 321  
**curtimento**....89, 90, 93, 94, 95, 101, 102, 103, 106, 107  
**curtume**....92, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 281, 340

**E**

**em pano**....15, 181, 182, 189, 198, 199, 200, 201, 321, 323  
**embainhado** .....297  
**encabranar**.....305  
**encourado**....15, 79, 117, 118, 183, 184, 195, 200, 251  
**encourar** ..... 184  
**enervação** .....256  
**enervado** .....234  
**enervamento**.....234  
**espenda** .....237, 238  
**estar em couro**82, 118, 181, 182, 183, 184, 198, 199, 201, 323  
**estar em pano**....7, 8, 181, 198, 199, 200, 201, 321, 323  
**estrovo** .....209, 219, 322, 323, 347

**F**

**facão** ..... 16, 60, 61, 62, 295, 296, 297, 299  
**fardado** ..... 183, 184  
**focinheira**....209, 211, 213, 214, 215, 301, 322, 323, 347

**G**

**ganchinho** .....249, 259, 260, 261, 270  
**gibão**....142, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 204, 321, 323, 327, 336, 341, 344, 347  
**gineta** ..... 45, 250, 329  
**gorda** ..... 101, 102  
**grosa** .....296  
**guarda-cação**....224, 225, 226, 230, 231, 255, 323, 348  
**guarda-loro**....224, 236, 240, 241, 242, 246, 255, 269, 311, 322, 323, 348  
**guarda-peito** ..... 117, 184, 189, 190, 191, 192, 347

**I**

**indumentária**....7, 43, 45, 55, 56, 71, 82, 97, 142, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 192, 194, 195, 197, 198, 199, 203, 205, 206, 208, 289, 321, 322, 344

**J**

**jaleco**..... 144, 181, 189, 192, 201, 204, 205, 347  
**jaleque** ..... 144, 191, 195, 198, 201, 204, 205

**L**

**lático** .....314

**lato** ..... 7, 8, 9, 182, 314, 315, 321, 323, 350  
**loro**....16, 224, 229, 234, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 246, 255, 269, 272, 274, 311, 322, 323, 348  
**lua da sela**224, 225, 229, 230, 236, 237, 238, 239, 255, 348  
**luva** ..... 117, 178, 184, 195, 196, 347

**M**

**mala** ..... 61, 181, 292, 294, 297, 298, 299, 349  
**malinha de couro** ..... 61, 299  
**manguá** ..... 320, 321  
**manta**....7, 8, 9, 225, 246, 268, 275, 279, 280, 281, 282, 322, 323  
**missa de vaqueiro** .....56  
**muada** ..... 101, 102, 105

**P**

**peia** .....92, 182, 304, 312, 313, 350  
**peiteira** ..... 275, 282, 283, 284, 303, 323, 349  
**peitoral** ..... 189, 190, 282, 283, 284, 287, 289  
**pele** ..... 4, 55, 93, 94, 102, 103, 228, 279, 280  
**pelego**....7, 8, 9, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 303, 322, 323, 349  
**perneira**....117, 183, 184, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 344, 347  
**pesocinho** .....287, 289, 290, 349  
**piador** .....300  
**pirata** ..... 316, 318, 319, 320, 321, 323, 350  
**prenda**....221, 224, 234, 236, 237, 238, 243, 256, 257, 290, 348

**R**

**rabicho**....197, 208, 222, 229, 230, 237, 240, 241, 242, 246, 268, 275, 276, 277, 278, 279, 284, 285, 286, 291, 292, 310, 323, 345, 349  
**rebaixo** ..... 252, 263  
**rédea** ..... 80, 181, 209, 219, 220, 221, 344, 348  
**ressafra** ..... 237, 238  
**retranca** ..... 181, 277, 278, 287, 291, 292, 349  
**roladeira** .....250  
**roló** ..... 197

**S**

**salgadeira** ..... 15, 101, 104, 106, 109  
**sapato**....184, 186, 191, 195, 196, 197, 198, 245, 267, 347  
**sapato vaqueiro** ..... 195  
**sela**....7, 8, 9, 16, 18, 25, 26, 29, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 80, 82, 93, 100, 105, 117, 118, 141, 157, 181, 195, 208, 209, 210, 215, 216, 217, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 290, 291, 292, 302, 303, 309, 310, 322, 323, 327, 334, 341, 342, 345, 348, 349  
**sela australiana**....268, 269, 270, 271, 278, 334, 349  
**sela de banda** .... 261, 271, 272, 273, 322, 323, 349

**sela de campo**....223, 224, 243, 249, 250, 264, 322, 323  
**sela de cigano** ..... 249, 262, 265  
**sela de gancho** .....249, 259, 260, 261, 273  
**sela de passeio**..... 249, 269  
**sela de pau** ..... 258, 259, 260, 261, 262, 263, 348  
**sela de pista** ..... 266, 267, 268, 275, 323, 349  
**sela de vaqueiro** ..... 250, 251  
**sela de vaquejada** ..... 264, 278  
**sela feminina** ..... 268, 273  
**sela mexicana**..... 249  
**sela mineira** .....262, 263, 264, 265, 349  
**sela vaqueira**....7, 8, 9, 16, 18, 25, 26, 67, 82, 100, 105, 118, 157, 181, 208, 209, 210, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 230, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 270, 273, 278, 279, 310, 322, 323, 327, 342, 348  
**seleiro**....15, 25, 31, 36, 44, 46, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 103, 155, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 183, 195, 208, 213, 214, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 237, 252, 253, 255, 257, 258, 261, 267, 268, 271, 273, 275, 277, 278, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 297, 299, 301, 308, 309, 317, 319, 320, 328, 332, 341  
**selim**....239, 241, 249, 261, 267, 268, 272, 274, 277  
**selim de vaquejada** ..... 249, 261, 267  
**selinha**....249, 254, 261, 274, 275, 278, 287, 290, 291, 349  
**selinha de corrida** ..... 274, 275, 349  
**selote** ..... 249, 271, 272  
**serigola** .....209, 213, 322, 323, 347  
**soa** .....231  
**sola**....25, 59, 61, 67, 95, 97, 100, 101, 103, 105, 197, 220, 222, 240, 244, 255, 282, 296, 299, 308, 317  
**sovela**..... 4, 60, 257  
**suador**.224, 236, 243, 245, 246, 247, 322, 323, 348

## T

**tá em couro**.....198  
**taca**....182, 186, 195, 316, 317, 318, 319, 320, 327, 350  
**taca vaqueira**..... 316, 317, 319, 320

**talabardão**.....236, 246, 322, 323  
**tamanco** ..... 306  
**tapa-olho**..... 287, 288, 289, 349  
**tenda**6, 25, 31, 59, 63, 101, 106, 146, 177, 229, 274, 289, 316, 319, 341  
**testeira**..... 209, 210, 211, 212, 213, 214, 347  
**tope**.....7, 8, 9, 224, 236, 244, 245, 321, 323, 348  
**trança**..... 66, 67, 310, 321

## V

**vaqueirinha**....7, 8, 9, 16, 29, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 278, 322, 323, 348  
**vaqueiro**....5, 7, 17, 18, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 92, 93, 97, 103, 113, 115, 118, 119, 122, 129, 138, 141, 142, 143, 144, 146, 152, 153, 154, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 238, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 248, 250, 251, 253, 254, 258, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 270, 271, 273, 275, 276, 277, 278, 280, 281, 283, 285, 286, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 331, 333, 336, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 359  
**vaquejada**....5, 39, 41, 43, 53, 56, 57, 76, 80, 83, 84, 161, 194, 217, 221, 249, 261, 264, 266, 267, 268, 278, 283, 284, 323, 324, 343

## X

**xaréu**....7, 8, 9, 275, 284, 285, 286, 287, 322, 323, 349

## ANEXOS

## ANEXO A — Parecer consubstanciado do CEP

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA - UFBA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** MATUTAÇÕES LEXICOLÓGICAS DA CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO JACUIPE -BA

**Pesquisador:** GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 54435821.0.0000.5531

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.239.245

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de protocolo de pesquisa MATUTAÇÕES LEXICOLÓGICAS DA CULTURA DO VAQUEIRO EM RIACHÃO DO JACUIPE -BA que abordará: o léxico da cultura do vaqueiro através de um posicionamento que considera língua e cultura como um patrimônio que pode sofrer transformações a partir de contextos geopolíticos que tornem o léxico deste grupo obsoleto ou que o substitua por outras palavras comprometendo e culturalmente a profissão do vaqueiro. Diante disso, objetiva documentar o repertório lexical da cultura do vaqueiro em Riachão do Jacuípe-Ba, a fim de identificar a realidade vigente que ameaça este léxico com as transformações na profissão e na cultura e propor formas de salvaguardá-lo. Para atingir os objetivos, a metodologia consistirá em uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico com coleta de dados através fontes documentais e entrevistas semiestruturadas. Os resultados esperados estão no campo da linguística e da cultura, uma vez que pretende-se salvaguardar a última usando mecanismos da primeira. Esses resultados contribuem para fomentar o reconhecimento dos vaqueiros e da sua cultura como protagonistas de saberes não legitimados pela sociedade e guardiões de um patrimônio cultural. As bases teóricas para os estudos do léxico estão fundamentadas em Basílio (2004), Biderman (1998), Cardoso (2010), Ribeiro (2012), Mota (2006) e Aguilera (1998); enquanto o panorama para os estudos culturais será alicerçado em dois grandes pilares. Um sustentado pelas ideias teóricas de Thompson (2007) e Williams (2007) e o outro cujas bases serão compartilhadas por Hall (2015) e por Bauman (2013).

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar  
**Bairro:** Canela **CEP:** 41.110-060  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.239.245

Número de participantes: 16 participantes

Período de início da pesquisa: 01/03/2022

Período de encerramento da pesquisa: 18/12/2024

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram anexados 12 documentos ao protocolo de pesquisa na Plataforma Brasil. Não foram identificadas inadequações em tais documentos.

Checklist - ok;

Equipe - ok;

Encaminhamento - ok;

Entrevista - ok;

Folha - ok;

PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1861292.pdf - ok;

Projeto Brochura - ok;

TCLE - OK;

Termo de compromisso - ok

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ - ok.

**Recomendações:**

Apresentar, como notificação, via Plataforma Brasil, os relatórios parciais semestrais e final do projeto, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa, conforme a Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Protocolo de pesquisa atende aos preceitos éticos emanados das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, sugere-se parecer de aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Colegiado homologa parecer de aprovação emitido pelo parecerista.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1861292.pdf	15/12/2021 22:28:42		Aceito

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.239.245

Folha de Rosto	FOLHADEROSTOESSA3.pdf	15/12/2021 22:28:21	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	EQUIPE.pdf	10/12/2021 09:39:10	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMOCOMPROMISSO.pdf	10/12/2021 09:37:27	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	ENCAMINHAMENTO.pdf	10/12/2021 09:35:26	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	ENTREVISTA.pdf	09/12/2021 23:24:20	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	09/12/2021 23:13:40	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	IMAGEMVOZ.pdf	03/12/2021 09:53:14	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	03/12/2021 09:51:01	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	checklist.pdf	30/11/2021 17:59:38	ELISABETH FREITAS DOS	Aceito
Outros	submeter3.docx	30/11/2021 17:59:16	ELISABETH FREITAS DOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INFRAESTRUTURA.pdf	18/11/2021 21:24:39	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 11 de Fevereiro de 2022

Assinado por:

**DANIELA GOMES DOS SANTOS BISCARDE**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.239.245

Folha de Rosto	FOLHADEROSTOESSA3.pdf	15/12/2021 22:28:21	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	EQUIPE.pdf	10/12/2021 09:39:10	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMOCOMPROMISSO.pdf	10/12/2021 09:37:27	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	ENCAMINHAMENTO.pdf	10/12/2021 09:35:26	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	ENTREVISTA.pdf	09/12/2021 23:24:20	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	09/12/2021 23:13:40	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	IMAGEMVOZ.pdf	03/12/2021 09:53:14	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	03/12/2021 09:51:01	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito
Outros	checklist.pdf	30/11/2021 17:59:38	ELISABETH FREITAS DOS	Aceito
Outros	submeter3.docx	30/11/2021 17:59:16	ELISABETH FREITAS DOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INFRAESTRUTURA.pdf	18/11/2021 21:24:39	GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 11 de Fevereiro de 2022

Assinado por:  
**DANIELA GOMES DOS SANTOS BISCARDE**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar  
**Bairro:** Canela **CEP:** 41.110-060  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

**ANEXO B** — Decreto do registro de ofício de vaqueiro como patrimônio imaterial da Bahia.



PUBLICADO NO D. O. E.  
DE 10/08/2011

*[Assinatura]*  
Fornecedores

**DECRETO Nº 13.150 DE 09 DE AGOSTO DE 2011**

Promove o registro do bem de valor cultural que indica e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições, à vista do disposto na Lei nº 8.895, de 16 de dezembro de 2003, regulamentada pelo Decreto nº 10.039, de 03 de julho de 2006, e considerando os elementos constantes do Processo nº 0607100011990, especialmente as propostas formuladas e devidamente aprovadas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC e pelo Conselho Estadual de Cultura,

**DECRETA**

**Art. 1º** - Fica registrado no Livro de Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer o Ofício de Vaqueiro, como bem cultural de natureza imaterial do Estado da Bahia.

**Art. 2º** - Fica o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC, autarquia vinculada à Secretaria de Cultura, autorizado a adotar as providências previstas em Lei, visando à execução deste Decreto.

**Art. 3º** - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, em 09 de agosto de 2011.

*[Assinatura]*  
**JAQUES WAGNER**  
Governador

Eva Maria Cella Dal Chiavon  
Secretário da Casa Civil

Antônio Albino Canelas Rubim  
Secretário de Cultura

**ANEXO C — Cartão de identificação da Indústria de Couros Ferreira**

Senhor Contribuinte,

Confira os dados de Identificação da Pessoa Jurídica e, se houver qualquer pendência que não esteja apresentada no quadro abaixo, a mesma deve ser regularizada em local específico do endereço [www.receita.fazenda.gov.br](http://www.receita.fazenda.gov.br) (INFORMAÇÕES CNPJ).

Por ocasião da emissão do Cartão CNPJ foram constatadas as pendências discriminadas abaixo:

Pendências Relativas
A PESSOA FÍSICA RESPONSÁVEL PERANTE O CNPJ, QUE SERÃO ENCAMINHADAS A MESMA PARA REGULARIZAÇÃO

A especificação das pendências (relacionadas no quadro acima) e orientação de regularização estão disponíveis no site da Secretaria da Receita Federal, na INTERNET, no endereço [www.receita.fazenda.gov.br](http://www.receita.fazenda.gov.br) (SERVIÇOS, ITEM PROGRAMA DE AUTO-REGULARIZAÇÃO DE SITUAÇÃO FISCAL - PAR, EXTRATO PESSOA JURÍDICA).


Número do Extrato: 010.625.206-09

Atenção: O número acima deve ser utilizado para consulta das pendências disponíveis na Internet.

Data de Referência: 29/10/2001

00037261

SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL

 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA - CNPJ			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 16.111.684/0001-39	CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA JURÍDICA		VALIDADE DO CARTÃO 31/10/2003
NOME EMPRESARIAL CECILIO FERREIRA DA SILVA			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) INDUSTRIA DE COUROS FERREIRA			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 19.10-0-00 - Curtimento e outras preparacoes de couro			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 213-5 - FIRMA MERCANTIL INDIVIDUAL			
LOGRADOURO RUA ANA NERI	NÚMERO S/N	COMPLEMENTO	
CEP 44640-000	BAIRRO/DISTRITO RANCHINHO	MUNICÍPIO RIACHÃO DO JACUIPE	UF BA
CAIXA POSTAL/FAX/CORREIO ELETRÔNICO/TELEFONE			
CPF DO RESPONSÁVEL 080.673.255-53	SITUAÇÃO ESPECIAL		

APROVADO PELA IN/SRF NO. 2/2001

VALIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

**ANEXO D — Arreamento completo e identificação de cada parte**

Fonte: Rezende, 2018



Fonte: Rezende, 2018



Fonte: Rezende, 2018

1 - rabicho	11 - estribo	21 - guarda-peito
2 - corda de laçar	12 - peia	22 - chapéu
3 - careta	13 - cilha	23 - gibão
4 - chocalho	14 - peiteira	24 - taca
5 - garrafa	15 - rédea	25 - perneira
6 - prego do ferrão	16 - cabeçada	26 - espora
7 - garrafa	17 - cabresto	27 - bota
8 - corda chinha	18 - cabeção	28 - canivete
9 - alforge	19 - luvas	29 - jaleco
10 - sela	20 - corda	30 - punhal
		31- ferrão